

GRACE MCCLEEN



de
MENINA
que fazia
nevar



“Transbordante de tensão
e ternura, este romance é
em si um pequeno milagre.”

DAILY MAIL



G R A C E M C C L E E N

A
MENINA
que fazia
nevar

Tradução
RENATO PRELORENTZOU

pa
ra
le
la

Para o anjo

Eis o que me disse o Senhor: No dia em que escolhi Israel, eu também levantei minha mão para abençoar a estirpe deles, revelei-me a eles na terra da escravidão. Sim, levantei minha mão para eles e disse: “Eu sou o Senhor, vosso Deus”. Naquele dia levantei minha mão para eles com o juramento de fazê-los sair da terra da escravidão em busca de uma terra que eu explorara para eles, terra que mana leite e mel, a terra gloriosa.

Ezequiel 20, 5-6

LIVRO I
INSTRUMENTO DE DEUS

O quarto vazio

No princípio, era um quarto vazio, um pouquinho de espaço, um pouquinho de luz, um pouquinho de tempo.

Eu disse: “Vou fazer campos”, e os fiz com toalhas de mesa, carpete, veludo marrom e feltro. Depois, fiz rios de papel crepom, filme plástico e papel-alumínio brilhante, montanhas com papel machê e cascas de árvore. E olhei para os campos e olhei para os rios e olhei para as montanhas e vi que isso era bom.

Eu disse: “Agora um pouco de luz”, e fiz um sol com uma gaiola de metal envolta em colares de contas pendurados, fiz uma lua crescente, estrelas luminosas e, na beirada do mundo, um mar com um espelho, refletindo o céu, os barcos, os pássaros e a terra (onde se tocavam). E olhei para o sol e olhei para a lua e olhei para o mar e vi que isso era bom.

Eu disse: “Que tal umas casas?”. E fiz uma de capim seco, outra com um tronco de árvore oco e mais uma com um pote onde tinham vindo balas de caramelo, e coloquei nela linha de pesca e uma vela, arrumei espaço para um cobertor, uma escova de dente em um copo e um forno, pus uma gaivota no alto do mastro (que na verdade era um cabo de vassoura) e a lancei ao mar (que na verdade era um espelho).

Fiz casas com embalagens de biscoitos feitos para mergulhar no chocolate: o potinho de plástico onde ficava o chocolate era o quarto, a parte redonda logo abaixo, onde ficavam os biscoitos, era a sala de estar. Fiz casas com caixa de fósforos e ninho de passarinho e vagem de ervilha e conchas. E olhei para as casas e vi que isso era bom.

Eu disse: “Agora precisamos de animais”, e fiz pássaros de papel, coelhos de lã, gatos e cachorros de feltro. Fiz ursos peludos, leopardos listrados e dragões que tinham carapaças e cuspiam fogo. Fiz peixes reluzentes e caranguejos cascudos e pássaros pendurados em fios muito finos.

Por fim, eu disse: “Precisamos de pessoas”, e modelei rostos e mãos, lábios, dentes e línguas. Vesti as pessoas com roupas e perucas e soprei em seus pulmões.

E olhei para as pessoas e olhei para os animais e olhei para a terra. E vi que isso era bom.

O chão visto do ar

Se você está no chão e olha para a terra, ela parece muito grande. Se está no parquinho e se abaixa, com o rosto perto do chão, como se estivesse procurando alguma coisa bem pequena, ela parece maior ainda. Há quilômetros de concreto indo para a frente e quilômetros de céu indo para cima e quilômetros de nada indo para lugar nenhum no meio. Os meninos jogando futebol são gigantes, a bola é um planeta, as meninas pulando são árvores arrancando as raízes e a cada giro da corda a terra treme. Mas se você olha do céu, os meninos e as meninas e a bola e a corda parecem menores que moscas.

Fico vendo os meninos e as meninas. Sei como se chamam, mas não falo com eles. Quando percebem minha presença, eu olho para o outro lado. Pego um papel de bala bem perto do meu pé. Com ele vou fazer flores ou um arco-íris, ou talvez uma coroa. Guardo o papel em uma sacola e sigo em frente.

As ervas daninhas crescem pelo concreto. Nos cantos dos prédios elas estão forçando a passagem, abrindo caminho para a luz. Eu liberto algumas e as ponho com um pouco de terra em uma latinha de chocolate e em um canudo de doces. Elas vão ser plantadas de novo e aí serão carvalhos, palmeiras, umbus e faias. Pego um cadarço jogado em uma poça d'água. "Isso aqui

vai ser uma mangueira”, eu digo. “Ou um riacho. Ou uma serpente. Ou talvez uma trepadeira.” E fico feliz, porque em poucas horas estarei de novo no meu quarto, criando coisas.

Então, de repente, estou caindo, o chão se apressa para me encontrar e a areia morde meus joelhos. Um menino de pé em cima de mim. Ele é alto. Tem o pescoço largo. Olhos azuis, sardas, pele branca e nariz de porco. Ele tem cabelo amarelo, cílios claros e um topete de lambida de vaca. Mas acho que ninguém gostaria de lambar o cabelo dele, nem mesmo as vacas, que lambem o próprio nariz. Dois garotos ao seu lado. Um deles pega a sacola que estou carregando. Vira a sacola e papéis de bala, fitas e tampas de garrafa se espalham.

O garoto de cabelo amarelo me puxa. Ele diz: “O que a gente vai fazer com ela?”.

“Pendurar nas grades.”

“Abaixar as calças dela.”

Mas o garoto de cabelo amarelo sorri. Ele diz: “Você já viu uma privada por dentro, sua estranha?”.

O sino toca e as crianças de todo o parquinho correm para fazer fila diante das portas duplas. O menino de cabelo amarelo diz: “Merda”. Para mim ele fala: “Espera só até segunda”, me empurra e sai correndo junto com os outros.

Quando já se afastaram um pouco, ele se vira. Tem uma expressão de sono nos olhos, como se estivesse sonhando e gostando do sonho. Ele passa o dedo pela garganta e depois dá risada.

Fecho os olhos e me encosto nas lixeiras. Abro os olhos, limpo as pedrinhas dos joelhos e cuspo neles. Eu deixo os dois bem esticados para que não ardam mais. Começo a andar para o prédio da escola. Estou triste porque, no fim das contas, não vou mais poder fazer flores, nem um riacho, nem um carvalho. Mas o pior é que, na segunda-feira, Neil Lewis vai botar minha cabeça na privada e, se eu morrer, quem vai *me* fazer de novo?

O sino parou de tocar agora e o parquinho está vazio. O céu vai baixando. Parece que vai chover. Então uma rajada de vento

sobe do nada. Ela açoita meus cabelos, infla meu casaco e me carrega. E caindo e batendo e esvoaçando em volta de mim vão embrulhos e papéis e fitas e tampinhas.

Prendendo a respiração

Meu nome é Judith McPherson. Tenho dez anos de idade. Na segunda-feira aconteceu um milagre. É assim que vou chamá-lo. E fui eu que fiz tudo. Foi por causa do que Neil Lewis tinha falado sobre enfiar minha cabeça na privada. Foi porque eu estava com medo. Mas também foi porque eu tive fé.

Tudo começou na sexta à noite. O Pai e eu estávamos comendo cordeiro e ervas amargas na cozinha. Cordeiro e ervas amargas são Coisas Necessárias. Nossas vidas estão cheias de Coisas Necessárias porque estamos vivendo nos Últimos Dias, mas Coisas Necessárias quase sempre são difíceis, que nem rezar. Rezar é necessário porque o Armagedom está próximo, mas a maioria das pessoas não quer ouvir pregações e às vezes grita com a gente.

O cordeiro representa os primogênitos que Deus matou no Egito e também representa Cristo, que morreu pela humanidade. As ervas amargas lembravam aos israelitas a amargura da escravidão e como era bom estar na Terra Prometida. O Pai diz que são ricas em ferro. Mas gosto de pensar nos cordeiros em um campo, não no meu prato, e quando tento engolir as verduras amargas, minha garganta fecha. Naquela sexta à noite, eu estava com mais dificuldade

para comer do que o normal, por causa do que Neil Lewis tinha falado. Depois de um tempo, desisti e soltei o garfo. Eu disse: “Como será que é morrer?”.

O Pai ainda estava com o macacão da fábrica. A luz da cozinha fazia buracos em volta dos seus olhos. Ele disse: “O quê?”.

“Como será que é morrer?”

“Que tipo de pergunta é essa?”

“Estou só pensando.”

Seu rosto estava sombrio. “Coma logo.”

Enchi o garfo com as verduras amargas e fechei os olhos. Queria ter tapado o nariz, mas o Pai iria ver. Contei e engoli. Depois de um instante, eu disse: “Quanto tempo uma pessoa consegue sobreviver com a cabeça enfiada debaixo d’água?”.

“Quê?”

“Quanto tempo alguém sobrevive debaixo d’água?”, perguntei. “Sei lá, acho que essa pessoa vai durar mais se já estiver acostumada. Pelo menos até alguém encontrar ela. Mas e se for a primeira vez? Se quem estiver empurrando quiser que essa pessoa morra — e eles querem —, sei lá, se estiverem segurando a cabeça dela debaixo d’água?”

O Pai disse: “Do que você está *falando*?”.

Olhei para baixo. “Quanto tempo alguém sobrevive debaixo d’água?”

Ele disse: “Eu não tenho a menor ideia!”.

Engoli o resto das ervas amargas sem mastigar, depois o Pai tirou os pratos e trouxe as Bíblias.

Nós lemos a Bíblia todos os dias e depois ponderamos sobre o que acabamos de ler. Ler a Bíblia e ponderar também são Coisas Necessárias. Ponderar é necessário porque é o único jeito de descobrirmos o que pensamos a respeito de Deus. Mas os caminhos de Deus são inescrutáveis. Isso significa que você pode passar a vida ponderando e, mesmo assim, não saber o que pensar. Quando tento ponderar, minha mente escorrega para outras coisas, como um jeito de fazer uma piscina e

degraus com um bastidor de bordado para a maquete de mundo no meu quarto, ou quantas balas de pera posso comprar com as moedas que tenho no bolso, ou quanta ponderação ainda falta fazer. Mas depois nós sempre conversamos sobre o que ponderamos, então não dá para fingir que você ponderou quando, na verdade, não ponderou nada.

Estava escurecendo do lado de fora da janela. Dava para ouvir os garotos andando de bicicleta na ruela de trás. Subiam uma rampa e, toda vez que desciam, a tábua retumbava. Olhei para o Pai. Eu sabia, só pela forma como suas sobranceiras saltavam, que devia prestar atenção. Sabia, pelo modo como seus óculos brilhavam, que não devia interrompê-lo. Olhei para baixo, enchi o peito e segurei o ar.

“No nono ano, no décimo mês, no décimo dia do mês, a voz do Senhor me foi dirigida: ‘Filho do homem, anota este dia, este dia exatamente, porque o rei da Babilônia atacou Jerusalém...’.”

Depois de vinte e cinco segundos, a sala começou a pulsar e minha respiração escapou em sopros curtos. Esperei um minuto e prendi o fôlego novamente.

Um cachorro latiu. Uma tampa de lixeira bateu. Os segundos pingavam do relógio sobre a estante da lareira. Depois de vinte e cinco segundos, a sala começou a pulsar de novo e soltei o ar mais uma vez. Deve ter sido um movimento brusco, porque o Pai levantou os olhos e disse: “Você está bem?”.

Abri bem os olhos e fiz que sim com a cabeça.

“Está acompanhando?”

Fiz que sim outra vez e abri ainda mais os olhos. Ele me olhou com as sobranceiras baixas e recomeçou a leitura.

“Suas impurezas são uma infâmia. Porque tentei purificar-te, mas tu não quiseste ficar livre das tuas impurezas, e agora não ficarás pura até que se acalme minha cólera contra ti. Eu, o Senhor, o disse.”

Esperei dois minutos inteiros e prendi o fôlego.

Segurei. Continuei segurando.

Eu disse: “Vou conseguir. Não vou me afogar”.

Eu me agarrei aos braços da cadeira. Firmei os pés no chão.

Afundi o traseiro no assento. Estava nos vinte e quatro segundos quando o Pai disse: “O que você está fazendo?”.

“Ponderando!”, respondi e minha respiração saiu de uma vez só.

Uma veia se agitou na têmpora do Pai. “Você está muito vermelha.”

“É que é um trabalho duro.”

“Isso não é brincadeira.”

“Eu sei.”

“Você está acompanhando?”

“Estou!”

O Pai soltou um pouco de ar pelo nariz e começou a ler de novo.

Esperei três minutos inteiros. Depois prendi o fôlego mais uma vez.

Enchi cada pedacinho do meu corpo com ar: meu estômago, meus pulmões, meus braços e minhas pernas. Meu peito doía. Minha cabeça martelava. Minhas pernas saltitavam.

Não percebi que o Pai tinha parado de ler. Não vi que estava olhando para mim até ele dizer: “*Mas o que é que está acontecendo aqui?*”.

“Não estou me sentindo muito bem.”

Ele pôs a Bíblia de lado. “Vamos deixar uma coisa bem clara. Eu não estou lendo isso para divertir você. Não estou lendo isso para o meu bem. Estou lendo porque isso vai salvar a sua vida. *Então trate de se sentar direito, pare de se remexer e comece a prestar atenção!*”

“Certo”, eu disse.

Ele esperou um minuto e depois começou a ler de novo. “*“Chegou a hora. Eu agirei, não desistirei, não terei dó nem me arrependerei. Os teus caminhos e as tuas ações te julgarão”, declara o Senhor.*”

Eu tentava acompanhar, mas só conseguia pensar na privada, só conseguia ouvir a descarga, só conseguia sentir as mãos me empurrando para baixo.

“Então me perguntaram: ‘Porventura não nos vais explicar o que significam estas coisas?’. A isso respondi: ‘Eis o que me falou o Senhor: Isto dirás à casa de Israel’... Judith!”

O Pai leu essa parte de qualquer jeito, sem parar, nem olhar para cima.

“Quê?” Meu coração se enroscou no pulôver.

“Continue a leitura, por favor.”

“Oh.”

Olhei para a página que fervilhava de formigas. Eu me virei e meu rosto ficou quente. Eu me virei de novo e meu rosto ficou mais quente ainda.

O Pai fechou sua Bíblia. Ele disse: “Vá para o seu quarto”.

“Eu vou ler!”, rebati.

“Não, você obviamente tem coisa melhor para fazer.”

“Eu estava escutando!”

O Pai disse: “Judith”.

Eu me levantei.

Minha cabeça estava muito quente, como se estivessem passando coisas demais por ela. Estava confusa também, parecia que tinha sido chacoalhada. Fui até a porta. Pus a mão na maçaneta e disse: “Não é justo”.

O Pai levantou os olhos. “O que foi?”

“Nada.”

Seus olhos flamejaram. “Melhor assim.”

Como será que é morrer?

Há um mundo no meu quarto. É feito das coisas que ninguém quis mais e das coisas que eram da minha mãe, que ela deixou para mim, e passei boa parte da vida fazendo esse mundo.

O mundo se estende da segunda tábua do assoalho depois da porta e vai até o aquecedor embaixo da janela. Tem montanhas junto à parede, onde o quarto é mais escuro, e imensos penhascos e cavernas. Tem rios descendo das montanhas pelas encostas e para as pastagens, e é aqui que ficam as primeiras casas. Então há um vale, campos e a cidade e, depois da cidade, mais algumas fazendas, e logo a seguir fica a praia e a estrada da praia, uma floresta de pinheiros, a baía e o píer e, finalmente, bem perto do aquecedor debaixo da janela, o mar, com umas pedras e o farol, alguns barcos e criaturas marítimas. Pendurados no teto, em fios bem curtos, ficam os planetas e as estrelas; em fios um pouco mais compridos, o sol e a lua, e nos fios mais compridos de todos, nuvens e aviões, e a luminária é um balão de ar quente.

O mundo se chama a Terra Gloriosa. O Livro de Ezequiel diz que Deus jurou tirar os israelitas da escravidão e trazê-los para uma terra maravilhosa. De onde manariam leite e mel.

Onde não faltaria nada, era um milagre, um paraíso. Era tão diferente de tudo que iria se destacar como uma joia e era chamada de “a mais gloriosa de todas as terras”. Quando fecho a porta do meu quarto, as paredes se afastam e surgem planetas, arco-íris e sóis. O chão se abre e aparecem campos e estradas a meus pés, centenas de pessoas pequeninas. Se estendo a mão, posso tocar o topo de uma montanha; se eu sopro, agito o mar. Levanto a cabeça e olho direto para o sol. Fico feliz quando entro no meu quarto. Mas, naquela noite de sexta-feira, não senti nenhuma dessas coisas.

Fechei a porta e me encostei nela. Fiquei pensando se não deveria descer de novo e contar ao Pai por que estava prendendo a respiração. Mas, se eu contasse, ele só iria dizer: “Você falou para o professor?”, e eu diria: “Falei”, e o sr. Davies teria dito: “Ninguém vai enfiar a cabeça de ninguém na privada”, e o Pai diria: “Então está tudo bem”. Mas eu sabia que Neil iria enfiar minha cabeça na privada de qualquer jeito. E fiquei me perguntando por que o Pai nunca acreditava em mim.

Eu me sentei no chão. Um tatu-bola saiu rastejando debaixo dos meus joelhos, balançando as antenas, as patas arranhando o assoalho. Parecia um tatu normal, só que bem pequenininho. Fiquei vendo o tatu escalar as dunas de areia da Terra Gloriosa e me perguntei se ele conseguiria achar o caminho de volta. Fizemos um experimento com tatuzinhos na escola. Construímos um labirinto de massinha e contamos o número de vezes que eles viravam para a esquerda ou para a direita. Eles quase sempre viravam para a esquerda. É por isso que não conseguem pensar sozinhos. Eu me perguntei se isso significava que o tatu-bola iria sair um dia ou se ficaria lá dando voltas até morrer na forma de uma bolinha crocante.

A escuridão se fechava sobre o vale feito um livro entre capas pretas. Foi caindo sobre as ruas esburacadas, sobre telhados e antenas, ruelas, lojas, lixeiras e postes, sobre os trilhos do trem e as imensas chaminés da fábrica. Em breve a escuridão apagaria as luzes. Por um momento, elas brilhariam

como nunca, mas seriam tragadas por fim. Se você olhasse para o céu, veria seu brilho por um instante. Depois, nada. Eu me perguntava como seria morrer. Era que nem dormir ou que nem acordar? Era o fim do tempo? Ou o tempo continuava para sempre?

Talvez tudo o que eu pensava que era de verdade se revelasse de mentira, e tudo o que não era de verdade, fosse. Não sei por que comecei a procurar o tatu-bola. De repente parecia muito importante encontrá-lo, mas eu não conseguia, embora ele estivesse ali poucos segundos antes, e não tinha ar suficiente no quarto, era como se alguém riscasse um fósforo e todo o oxigênio fosse queimando.

Eu me sentei e encostei na parede, meu coração começou a bater forte. Alguma coisa vinha na minha direção, rolando que nem uma nuvem baixa no horizonte. A nuvem chegou. Ela encheu minha boca e meus olhos, de repente ouvi um rugido e as coisas aconteceram muito rápido e ao mesmo tempo, e aí eu estava sentada com as costas na parede e o suor corria dos meus cabelos e me senti mais estranha do que jamais tinha me sentido na vida.

E se eu tivesse que descrever como me senti, diria que era como uma caixa virada de cabeça para baixo. E a caixa ficou surpresa porque estava vazia.

Por que não vou viver muito tempo

Não tenho expectativa de viver muito nesse mundo. Não é por ter alguma doença ou porque alguém vai me matar (apesar de que Neil Lewis talvez me mate). É porque muito em breve Deus trará o Armagedom.

No Armagedom haverá paredes rochosas se abrindo, edifícios desmoronando e estradas se rompendo. O mar vai se erguer e virão trovões, relâmpagos, terremotos e bolas de fogo rolando pelas ruas. O sol ficará negro e a lua não irradiará sua luz. As árvores serão arrancadas, as montanhas tombarão e as casas vão ficar em pedaços sobre a terra. As estrelas cairão, os céus serão partidos e os planetas, derrubados. As estrelas vão se estilhaçar e o mar vai fazer um barulho de pratos caindo e o ar vai ficar denso e, no fim, não restará nada além de um monte de lixo.

Sabemos que o Armagedom está próximo porque vivemos em um Antro de Iniquidades e o Pai diz que não há lugar para o Justo pôr os pés, às vezes literalmente mesmo. Também sabemos que estamos perto do fim porque há guerras, terremotos, penúrias e pessoas que não têm “afeto no coração”, então elas prendem explosivos nelas mesmas ou esfaqueiam alguém porque gostam do relógio que esse alguém está usando

ou se filmam cortando as cabeças dos outros. Existem as Ovelhas (Irmãos como nós), as Cabras (incrédulos) e as Ovelhas Desgarradas (Irmãos que foram Apartados da congregação ou caíram). Há o Joio no Trigo (pessoas que fingem ser Irmãos, mas que não são), os Falsos Profetas (líderes de outras religiões), a Besta Fera (todas as religiões do mundo), os Gafanhotos (nós mesmos com nossa mensagem ardorosa), uma ascensão nas Relações Imorais (sexo) e sinais no sol, na lua e nas estrelas (ninguém sabe o que significam ainda).

Mas na Terra Gloriosa de verdade não haverá nenhum incrédulo, nenhuma guerra, nenhuma penúria e nenhum sofrimento. Não haverá poluição, nem cidades, nem fábricas. Haverá campos, e aqueles que morreram voltarão à vida, e aqueles que estão vivos jamais morrerão, e não haverá mais enfermidade porque Deus vai enxugar todas as lágrimas de nossos olhos. Sabemos disso porque Deus nos prometeu.

O Pai diz que é só uma questão de tempo até alguém explodir o mundo de vez ou o dinheiro não valer mais nada ou um vírus nos aniquilar ou o buraco da camada de ozônio, que é do tamanho da Groenlândia, ficar do tamanho da Austrália. Então é até bom que o Armagedom esteja chegando e que não reste mais nada deste mundo.

E acho que é bom porque os ursos-polares estão passando fome e as árvores estão morrendo e se você jogar um saquinho plástico na terra ele não vai sumir nunca mais e a terra já está cheia de saquinhos plásticos. E porque no novo mundo eu vou ver minha mãe.

Mover montanhas

Na manhã de sábado, acordei de um sonho em que eu estava nadando em uma privada gigante e Neil Lewis me fisgou. Quando fui tirada da água, despertei. O relógio do criado-mudo marcava 9h48. Em quarenta e sete horas e doze minutos, eu poderia estar morta.

Naquele dia, pratiquei prender a respiração e consegui chegar aos vinte e oito segundos. Na hora de dormir, estava com dor de estômago e tive que tomar remédio para azia e comer biscoitos. No domingo, acordei como se estivesse saindo da água de novo, as roupas estavam grudadas em mim e a dor tinha piorado. Olhei para o relógio. Agora faltavam vinte e seis horas.

Não consegui tomar café da manhã, mas o Pai nem notou. Ele largou um monte de lenha ao lado do fogão e bebeu um gole de chá. “Pronta?”

Eu estava pronta. Vesti minha melhor jardineira, a blusa com rosas no colarinho e meus sapatos pretos brilhantes. Tranças no cabelo. Não sei se estavam bem-feitinhas. O Pai pegou seu casaco de lã de carneiro e o boné, e botei a mochila nas costas.

Lá fora tudo estava quieto e frio. Tinha névoa no ar e o céu

era um bloco de nuvens da cor de penas. Ninguém por perto, a não ser o cachorro da casa vinte e nove. Passamos pela rotatória e descemos a colina. Dava para ver a cidade, as antenas, as chaminés e os telhados, a fábrica, o rio e os postes ao longo do vale que nem gigantes solitários. A fábrica ficava no fundo do vale, uma enorme coisa preta com chaminés, torres, escadas, canos e, acima dela, imensas nuvens de fumaça.

No sopé da montanha, passamos pelo prédio de estacionamento, pelo bingo, pelo Clube do Trabalhador, pelo centro de empregos, pela casa de apostas e pelo bar, onde o cheiro de alvejante se misturava com o de cerveja. Nos finais de semana, a calçada fica cheia de balões de água e, às vezes, de panos manchados de vermelho. Certa vez eu vi uma agulha e aí a gente teve que atravessar a rua.

Nada parece estar no lugar certo na nossa cidade. Há motores de carro nos jardins, saquinhos plásticos nos arbustos, carrinhos de compra no rio. Garrafas na sarjeta e ratos nas lixeiras, palavras escritas nos muros e placas com palavras riscadas. Postes de iluminação sem luz, buracos no asfalto e buracos na calçada e buracos nos escapamentos. Casas com janelas quebradas e homens com dentes quebrados e balanços com assentos quebrados. Cachorros sem orelhas e gatos com um olho só e uma vez eu vi um passarinho quase sem penas.

Passamos pelo mercado Woolworths, pela mercearia, pelo mercado Kwik Save e pela Cooperativa. Depois passamos pelo túnel debaixo da ponte, onde os muros são verde-escuros e gotejantes e, quando saímos, estávamos em um terreno baldio, e é lá que fica o Salão de Encontros. O Salão de Encontros é um galpão de metal preto que tem três janelas de cada lado. Lá dentro, um monte de bancos vermelhos e, em todos os parapeitos, jarros de rosas de plástico amarelas com gotas d'água falsas coladas às pétalas em intervalos regulares.

O Pai e a Mãe ajudaram a construir o Salão de Encontros. Ele não é muito grande, mas pertence aos Irmãos. A congregação não tinha muita gente naquela época, só umas

quatro ou cinco pessoas. Sem o Pai e a Mãe, a congregação poderia ter fracassado, mas eles continuaram pregando e, por fim, batizaram mais pessoas. Foi maravilhoso quando finalmente fizeram um lugar de reuniões só para eles. Demoraram três anos para construir o Salão, e cada centavo foi doado pelos Irmãos.

Fazia frio lá dentro porque os aquecedores ainda não tinham esquentado. Na frente do salão, Elsie e May estavam conversando com a velha Nel Brown, na cadeira de rodas.

May disse: “Ora, ora, se não é meu tesourinho!”.

Elsie disse: “Ora, ora, se não é meu amorzinho!”.

“Ah, é uma menina tão adorável!”, May falou, me abraçando.

“Ela é uma bênção, isso sim!”, Elsie rebateu, beijando minha bochecha.

May disse: “Tia Nel estava agora mesmo contando sobre a época em que teve um bate-boca com o pastor”.

“Uva?”, Nel perguntou. Seu queixo se sacudia quando mastigava porque ela não tinha dentes. Seu lábio superior era bigodudo. Seu lábio inferior era cheio de cuspe.

“Não, obrigada, tia Nel”, falei. Eu estava preocupada demais para comer e, mesmo se não estivesse, não iria querer, porque tia Nel tem cheiro de xixi.

Tio Stan se aproximou. Tio Stan é o Presidente Superintendente. Ele bebe leite por causa da úlcera e é de “Beemeengoomb”. Ao que parece, “Beemeengoomb” é um Antro de Iniquidades ainda pior que a nossa cidade. Foi lá que ele arranjou a úlcera de estômago, mas algumas pessoas dizem que foi a tia Margaret quem deu a úlcera para ele. Stan passou o braço em volta da tia Nel e disse: “Como vai minha Irmã favorita?”.

Nel falou: “Aquele tapete está precisando de um bom aspirador de pó”.

Tio Stan parou de sorrir. Olhou para o tapete. Disse: “Certo”.

Stan foi procurar o Aspirador e eu fui procurar o Pai. Ele estava na sala dos livros com Brian, separando as revistas que sobraram do mês passado. Pequenos flocos brancos nos ombros do casaco de Brian e em seu cabelo. “C-c-c-c-como vai v-v-v-v-você, J-J-J-Judith?”, Brian falou.

“Bem, obrigada”, respondi. Mas eu não estava bem. A dor de estômago tinha voltado. Parava de pensar em Neil só por um minuto e já lembrava de novo.

Alf se aproximou. Sua língua se agitava de um lado para outro da boca, parecia um lagarto. Ele disse ao Pai: “Os relatórios também?”. O Pai fez que sim. Alf é o que o Pai chama de “Subcomandante”. Ele não é muito mais alto que eu, mas usa botinhas com saltos. É quase careca, mas penteia o cabelo de lado e passa spray por cima. Uma vez eu vi o cabelo se levantar com o vento quando estávamos pregando, ele pulou para dentro do carro e disse: “Corre pra comprar um spray de cabelo pra mim, menina!”, e não saiu de lá até eu voltar.

Tio Stan veio carregando o Aspirador. Estava abatido. “O orador ainda não está aqui”, falou. “Não estou a fim de falar se ele não aparecer.”

“Ele vai aparecer”, o Pai disse.

“Não sei, não”, rebateu Alf. Ele puxou as calças para cima. “O último orador que a gente chamou se perdeu.” Aí ele me viu e parou de franzir a testa. “Josie tem uma coisinha para você.”

Não gostei do jeito que ele sorriu. “O que é?”, perguntei.

O Pai disse: “É de bom-tom falar ‘obrigado’, Judith”. Ele fechou a cara para mim, como se estivesse decepcionado, e eu fiquei vermelha e olhei para baixo.

Mas Alf retomou: “Não posso contar o que é, né? Vai estragar a surpresa”.

Josie é a esposa de Alf. É bem baixa e larga, tem um rabo de cavalo comprido e branco, uma boca fina em cujos cantos a saliva cremosa se junta e que se estica feito sanfona quando ela fala. Ela usa roupas esquisitas e gosta de costurar para as outras pessoas. Até agora, ela já fez para mim: um vestido de malha

com rosas azuis e cor de pêssego, pelo qual ficou perguntando até que ele encolhesse na máquina de lavar, uma saia azul-turquesa com fita na barra que chegava até o chão, um suporte de papel higiênico com uma boneca Cinderela de crochê que o Pai se recusou a colocar no banheiro e, por isso, fiz com ela uma montanha na Terra Gloriosa, um assento de vaso sanitário que agora segura as correntes de ar no pé da porta dos fundos, polainas azuis e brilhantes, um macacão laranja, dois pulôveres e um capuz. Josie deve achar que somos muito pobres, que sou muito maior do que sou na verdade, ou que sinto muito frio. Um dia vou dizer que ela está errada: que não somos ricos, mas temos dinheiro para comprar roupa, que, embora eu pareça mais velha porque sei ler a Bíblia muito bem e converso com os adultos, tenho apenas dez anos e um metro e trinta de altura, e que, na maior parte do tempo, estou com a temperatura correta.

Passei os olhos pela aglomeração, mas não vi nenhum sinal dela. Para ficar mais segura, fui para trás do equipamento de som, junto com Gordon. Não tem ninguém da minha idade na nossa congregação, por isso, embora Gordon seja bem mais velho que eu, converso com ele. Gordon estava testando os microfones, fazendo uns estalos.

Olhei para o relógio. Agora faltavam exatamente vinte e três horas até Neil Lewis enfiar minha cabeça na privada. Não tinha o que fazer. Gordon ajustava os microfones. Perguntei a ele: “Você tem uma bala?”. Gordon remexeu nos bolsos. Desenrolou um embrulho e deixou um tablete branco e empoeirado cair na minha mão. “Obrigada”, falei. Peço balas a Gordon somente em casos de emergência. Gordon pegou duas e voltou a desembaraçar os cabos.

Não faz muito tempo que Gordon se livrou da heroína. Ele ficou viciado porque Andou com a Turma Errada. Está Enfrentando a Depressão, então faz muito bem em vir aos encontros. A coisa ficou muito séria durante um tempo. Parecia que Gordon teria que ser Removido. Foi marcado como má

influência. Dizem que Deus lançou Sua luz sobre o coração de Gordon, mas acho que sua recuperação tem mais a ver com balas de hortelã muito fortes. O Pai disse que a heroína deixa as pessoas felizes porque faz a dor desaparecer; as balas de hortelã deixam você feliz porque, quando você termina de chupar, percebe que já não está mais com dor. Acaba que é a mesma coisa. O problema é que Gordon está se acostumando com elas. Já consegue engolir quatro de uma vez só. Não sei o que ele vai fazer quando conseguir acabar com um pacote inteiro, porque não fabricam balas ainda mais fortes.

Agora tinha muita gente na sala, ou pelo menos muita gente para a nossa congregação, eu diria que quase umas trinta pessoas. Até mesmo umas caras que não vemos geralmente. Pauline, a mulher de quem o tio Stan exorcizou um demônio na primavera passada, e Sheila, do abrigo de mulheres; Geena, do manicômio, com cicatrizes nos braços; e Charlie Powell, o Louco, que mora em uma casinha de madeira na mata, entre os abetos. Parecia que alguma coisa especial estava para acontecer, mas eu não sabia o que era.

No tablado, Alf deu tapinhas no microfone. “Irmãos e Irmãs”, ele falou, “por favor, sentem-se, o encontro já vai começar.”

Então o orador não tinha aparecido. Imaginei seu carro capotando na montanha, seus gritos ficando cada vez mais fracos até o bloco de metal amassado desaparecer na neblina. “A gente se vê”, eu disse a Gordon e fui para meu lugar.

O Pai e eu nos sentamos na frente, nossos joelhos quase tocam o tablado. Meu pescoço fica com torcicolo olhando para cima. O Pai diz que é melhor do que ficar Distraída. A Distração leva à Destruição. Mas a primeira fileira tem suas próprias distrações. O cheiro da tia Nel é uma delas. Fico feliz com minha bala de hortelã extraforte.

Nós nos levantamos para cantar “As alegrias do Reino de Deus”. O Pai canta bem alto, soltando a voz do fundo do peito, mas não consigo cantar, em parte porque estou pensando em

Neil, em parte porque a bala de hortelã extraforte secou toda a saliva da minha boca. O Pai me cutuca e franze a testa, então boto a bala na bochecha e grito tão alto quanto ele.

Tivemos que começar com a leitura de um artigo porque não havia orador. O artigo se chamava “Iluminação do Mundo” e era sobre como não devemos guardar nossas qualidades em um balaio, que, no fim das contas, era só um tipo de cesto. Alf falou que o melhor jeito de fazer isso era preencher um relatório. O Pai se manifestou e disse que era um privilégio ser porta-voz de Deus. Elsie se manifestou e disse que todos conhecemos pessoas céticas, mas, se não falamos com elas, como vão saber? Brian disse: “O p-p-p-p-p-problema é que...”, mas a gente nunca ficou sabendo qual era o problema. Tia Nel levantou a mão, mas era só para avisar a May que ela tinha se molhado.

Nessa hora minha bala de hortelã já estava no fim, então levantei a mão e disse que Deus deveria estar muito feliz ao ver todas aquelas luzinhas brilhando na escuridão, e Alf falou: “É, todo mundo aqui está vendo que a sua luz está brilhando, Irmã McPherson!”. Mas minha luz não estava brilhando e eu não me sentia feliz, e aí desejei não ser uma das luzes de Deus, porque, se eu não fosse, Neil Lewis não iria enfiar minha cabeça na privada.

Quando a leitura terminou, o Pai subiu ao tablado e disse: “Agora, Irmãos, devido a circunstâncias inesperadas...”, e eu vi tio Stan reunindo seus papéis e enxugando o pescoço com o lenço. E, então, um sopro de ar varreu o salão e ouvimos a porta de entrada se fechar.

Eu me virei. Um homem atravessava as portas do vestíbulo. Parecia que algo as mantinha abertas, porque ficaram escancaradas enquanto ele passava e se fecharam logo depois. O homem tinha pele de caramelo e cabelos cor de melros. Ele parecia um Homem Antigo, exceto por não usar túnica, mas um terno azul-escuro que brilhava feito gasolina em poça d’água quando bate a luz. O homem veio direto para a nossa

fileira e se sentou na ponta, senti um cheiro de bolo de frutas e vinho.

Alf correu até ele. Sussurrou para o homem e depois fez que sim para o Pai. O Pai sorriu. Ele disse: “E ficamos muito felizes em dar as boas-vindas ao...”.

“Irmão Michaels”, falou o homem. Sua voz era o mais estranho de tudo. Parecia chocolate amargo.

O Pai disse: “Nosso orador visitante, de...?”. Mas o Irmão Michaels aparentemente não escutou. O Pai perguntou de novo e o Irmão Michaels só abriu um sorriso. “Bom, enfim, estamos muito contentes em recebê-lo, Irmão”, o Pai falou e desceu do tablado.

Houve uma salva de palmas, e o Irmão Michaels subiu ao tablado. Ele não parecia ter anotações. Tirou algo da maleta e pôs sobre o púlpito. Depois levantou os olhos. Agora que ele olhava para nós, pude ver como sua pele era escura. Seus cabelos também eram escuros, mas seus olhos eram estranhos e claros. Então ele disse: “Que belas montanhas vocês têm aqui, Irmãos!”.

Pude sentir o quanto todos ficaram surpresos. Ninguém nunca tinha falado que o nosso vale era bonito. Irmão Michaels disse: “Vocês não acham? Hoje eu estava passando de carro por elas e pensando em como vocês são sortudos por viverem aqui. Ora, lá do alto achei que dava para ver bem dentro das nuvens”.

Olhei pela janela. Ou o Irmão Michaels é maluco, ou precisa de óculos; as nuvens estavam ainda mais baixas agora; não dava para ver um palmo na frente do nariz.

Ele sorriu. “O tema da nossa conversa de hoje é ‘Mover Montanhas’. Vocês acham que precisam do que, Irmãos, para mover aquela ali?”

“Dinamite”, Alf disse.

“Não ia dar certo”, rebateu o tio Stan.

“Uma escavadeira bem grande”, Gordon falou e todo mundo riu.

Irmão Michaels segurava alguma coisa entre o indicador e

o dedão. “Vocês sabem o que é isto?”

“Não tem nada ali”, eu sussurrei, mas o Pai sorriu.

“Quem de vocês acha que não estou segurando nada?”, perguntou o Irmão Michaels.

Algumas pessoas levantaram os braços, muitas outras, não. O Pai ainda estava sorrindo e ergueu a mão, então também ergui. O Irmão Michaels colocou um pedaço de papel logo abaixo do microfone. Aí ele abriu os dedos e ouvimos alguma coisa cair. “Aqueles que acharam que eu estava segurando alguma coisa merecem um tapinha nas costas”, ele disse. “Vocês estavam vendo com os Olhos da Fé.”

“Que é isso?”, perguntei, mas o Pai só botou os dedos em cima dos lábios.

“Isto, Irmãos, é uma semente de mostarda”, disse o Irmão Michaels. Ele mostrou uma foto ampliada da semente de mostarda. Era um tipo de bolinha amarela. “É a menor das sementes, mas cresce até virar a árvore em que os pássaros dos céus vêm pousar.” Aí ele começou a falar sobre o mundo.

Ele disse que muitas dificuldades sucederiam ao povo de Deus antes que o sistema acabasse. Disse que Satanás estava rondando a terra, querendo devorar as pessoas. Nós lemos a passagem sobre como os israelitas pararam de acreditar que chegariam à Terra Gloriosa, como menosprezaram os milagres de Deus e os milagreiros. “Que isso nunca nos aconteça”, ele disse. “A Fé não é um atributo de todas as pessoas. O mundo ri da fé. Elas jamais pensariam em dizer àquela montanha que se mova. Mas abram suas Bíblias comigo, Irmãos, e vejamos o que Jesus diz.”

Aí ele começou a ler e, nesse momento, meu coração batia forte, era como se eu estivesse reluzindo.

“Pois em verdade vos digo: se tiverdes fé do tamanho de uma semente de mostarda, direis a esta montanha: ‘Transporta-te daqui para lá’, e ela se transportará, e nada vos será impossível.”

“É claro”, ele disse, “que Jesus estava falando metaforicamente. A gente não pode mover montanhas de

verdade. Mas podemos fazer coisas que achamos que são impossíveis, se tivermos fé. A fé vê a montanha como se ela já tivesse se movido, Irmãos. Não é o bastante pensar em como o novo mundo vai ser, nós temos que nos ver lá. Enquanto ficarmos só pensando em como vai ser, ainda estaremos aqui. Mas a fé tem asas. Ela pode nos levar para onde quisermos ir.”

Aí ele começou o discurso, e era como ouvir o desvendar de uma grande história, eu conhecia a história, mas não me lembrava de tê-la ouvido, pelo menos não desse jeito.

No princípio, o Irmão Michaels contou, toda vida era milagrosa. Os humanos viviam eternamente e jamais ficavam doentes. Toda fruta, todo animal, toda porção de terra era um reflexo perfeito da glória de Deus, e a relação entre os humanos também era perfeita. Mas Adão e Eva perderam uma coisa. Perderam a fé em Deus. Então começaram a morrer, as células de seus corpos começaram a se deteriorar e eles foram expulsos do jardim.

“Depois disso, havia apenas lampejos de como as coisas costumavam ser, um pôr do sol, um furacão, um arbusto atingido por um raio. E a fé se tornou algo por que você rezava em um quarto à meia-noite, ou em um campo de batalha, ou na barriga de uma baleia, ou em uma fornalha ardente. A fé se tornou um salto, porque havia uma fenda entre como as coisas estavam e como elas costumavam ser antes. Era o espaço onde os milagres aconteciam.

“Tudo é possível, em todos os tempos e em todos os lugares e para todos os tipos de gente. Se você acha que não, é só porque não consegue ver como está perto, como só precisa fazer uma coisinha que tudo vai começar a acontecer para você. Milagres não têm que ser coisas grandes e podem acontecer nos lugares mais improváveis; os milagres dão mais certo com as coisas simples. Paulo diz: ‘A fé é a garantia dos bens por que se esperam, a prova das realidades que não se veem’, e se a gente tiver só um pouquinho, outras coisas vão acontecer também, Irmãos. Às vezes mais do que sonhamos.”

A fala terminou, mas, por um segundo, ninguém bateu palmas; depois veio uma chuva delas. Senti que eu tinha despertado. Mas que dormira antes mesmo de o discurso começar; senti que tinha passado a vida inteira dormindo.

Mal pude esperar pelo fim da música e da oração. Pensei que o Irmão Michaels seria a pessoa certa com quem conversar sobre Neil Lewis.

Mais tarde, fiquei perto do Irmão Michaels e esperei que tio Stan acabasse de conversar com ele. Mas quando Stan foi embora, chegaram Elsie e May. Depois Alf. O Irmão Michaels apertava suas mãos, ouvia e concordava; ele sorria e sorria. Ninguém queria ir embora.

Eu estava começando a achar que não conseguiria falar com ele nunca, mas por fim houve um intervalo, e ele se virou para guardar seus papéis na maleta e me viu.

“Olá”, ele disse. “Quem é você?”

“Judith”, respondi.

“Foi você que deu aquela resposta linda?”

“Não sei.”

“Acho que foi você.” O Irmão Michaels estendeu a mão. “É muito bom conhecer você.”

Eu disse: “Gostei da sua fala”, mas parecia que minha voz não estava saindo direito. “Acho que nunca gostei tanto de uma fala.”

“Muito obrigado.”

“Estava aqui pensando, será que posso ver aquela semente de mostarda?”

O Irmão Michaels deu risada. “Pode sim”, ele falou. “Mas não posso garantir que vai ser a mesma.” Ele tirou um vidrinho da maleta, cheio de sementes.

Eu disse: “Nunca tinha visto mostarda assim!”.

“Ela é assim antes de triturarem.”

Eu disse: “Gostaria de ter um pouco para mim”.

O Irmão Michaels virou um montinho de sementes na minha mão. “Agora você tem.”

Fiquei olhando para as sementes. Estava tão feliz que quase esqueci o que ia dizer. “Irmão Michaels”, finalmente eu disse, “vim falar com você porque estou com um problema.”

“Eu sabia.”

“Sabia?”

Ele fez que sim. “Que tipo de problema?”

“Tem uma pessoa... eu estou com medo...”, suspirei. Então entendi que precisava dizer exatamente o que era. “Acho que logo, logo já vou ter ido.”

O Irmão Michaels ergueu as sobrancelhas.

“Quero dizer: deixar de existir.”

O Irmão Michaels baixou as sobrancelhas. “Você está doente?”

“Não.”

Ele franziu a testa. “Alguém lhe disse isso ou é só uma sensação?”

Pensei um pouco. “Ninguém me disse, não”, respondi. “Mas tenho quase certeza.”

“E você já contou para alguém?”

“Não. Ninguém pode fazer nada.”

“Como você sabe?”

“Eu só sei”, respondi. Os adultos acham que você pode falar tudo para o professor. Não veem que só piora as coisas.

Por um minuto, o Irmão Michaels não disse nada. Aí ele falou: “Você tentou rezar?”.

“Tentei.”

“Às vezes a resposta da reza demora.”

“Só tenho até amanhã.”

O Irmão Michaels puxou o ar. Depois disse: “Judith, acho que posso dizer com segurança que nada vai acontecer com você até amanhã”.

“Como você sabe?”

“O que você está enfrentando é simplesmente medo”, ele

disse. “Não que o medo seja simples; o medo é o inimigo mais traiçoeiro de todos. Mas coisas boas acontecem quando você o enfrenta.”

Eu disse: “Não sei como alguma coisa boa pode acontecer por isso”.

“Então comece a olhar para as coisas de um jeito diferente. É incrível como todos os problemas que a gente achava que não tinham solução desaparecem quando olhamos para as coisas a partir de outro ponto de vista.”

Meu coração batia forte. “Seria bom mesmo”, falei.

O Irmão Michaels sorriu. “Agora preciso ir, Judith.”

“Ah”, eu disse. E, de repente, fiquei com medo de novo. “Você acha que vai voltar aqui?”

“Tenho certeza de que sim, um dia desses.”

Aí ele fez uma coisa esquisita. Pôs as mãos nos meus ombros e olhou dentro dos meus olhos, e uma onda de calor correu pelos meus braços até os dedos e dos ombros até as minhas costas. “Tenha fé, Judith”, ele disse. Olhei para cima. O Pai estava me chamando.

“Um minutinho”, falei, mas o Pai deu tapinhas no relógio. “Tá bom!”, respondi. Eu me virei de novo e a fileira estava vazia.

Corri pelo corredor. “Cadê o Irmão Michaels?”, perguntei. Alf encolheu os ombros. Corri até o vestíbulo. “Tio Stan”, falei, “você viu o Irmão Michaels?”

“Não”, respondeu Stan. “Eu também estava procurando por ele. Margaret e eu queremos convidá-lo para almoçar.”

Corri para o estacionamento. Gordon estava mostrando seu aerofólio novo para outros rapazes. “Pra onde foi o Irmão Michaels?”, falei e senti meus olhos arderem.

Fazia mais frio agora, mas ainda não havia nenhum sopro de vento. A névoa tinha subido, e o céu estava carregado de nuvens.

A mão no meu cotovelo me fez virar. O Pai me entregou o casaco e a mochila. Ele disse: “Seus ossos vão congelar”. E depois: “O que você tem aí?”.

Eu tinha me esquecido.

“Sementes”, falei. Abri a mão e mostrei para ele.

Por que a fé é igual à imaginação

Eu sei como é a fé. O mundo no meu quarto é feito dela. Com fé bordei as nuvens. Com fé recortei a lua e as estrelas. Com fé coleí tudo junto e fiz todas essas coisas cantarolando. Porque a fé é igual à imaginação. Ela vê uma coisa onde não há nada, dá um salto e de repente você está voando.

Os círculos de papel de um furador viram pires de chá quando você aperta a ponta da caneta sobre eles. A cola que ficou dura em formato de bolha vira espuma de sabão para um par de pés doloridos. Uma casca de avelã vira um vaso, tubos de pasta de dente para fazer transatlânticos, gravetos para fazer uma avestruz, e um ilhós vira um pequeno par de tesouras. Fósforos viram troncos, farelos que sobraram na fôrma de bolo são pequeninas panquecas escocesas, enfeito laranjas com cravos, e uso a casca para fazer um tobogã, suas tampas são plantas em um jardim, a redinha do saco vira uma quadra de tênis e o código de barras, uma faixa de pedestres.

Tudo esconde alguma outra coisa e, se olharmos bem por um bom tempo, poderemos ver que outras coisas são estas. A Terra Gloriosa de verdade indicava o jeito como o mundo voltaria a ser um dia, depois do Armagedom. Isso se chama Prefiguração. O Pai diz que a Prefiguração mostra em pequena

escala o que vai acontecer na grande escala, é como subir nas coisas para ver o todo. Mas só conseguimos ver as possibilidades com os Olhos da Fé. Alguns dos israelitas pararam de ver com os Olhos da Fé e morreram no deserto. Perder a fé é o pior pecado de todos.

Certa vez, uma garota entrou no meu quarto e disse: “Que lixo todo é esse?”. Porque, para ela, era o que parecia. Mas a fé vê outras coisas espreitando nas rachaduras, pedindo para serem notadas. A cada dia as rachaduras desse mundo ficam maiores. E todo dia aparecem algumas novas.

Neve

Naquela tarde, plantei as sementes de mostarda em um potinho no parapeito da janela da cozinha. Perguntei ao Pai se elas iriam crescer e ele disse que não sabia. Depois desligou a eletricidade para economizar dinheiro e foi até a sala do meio para ter Paz e Tranquilidade. Paz e Tranquilidade é mais uma Coisa Necessária. Subi a escada e me sentei no chão. O relógio marcava 14h33. Menos de dezenove horas até Neil me afogar.

Imaginei que encontravam meu corpo no chão do vestiário da escola, meus cabelos embaraçados que nem os de uma sereia, os olhos abertos, meus lábios azuis, como se tivesse chupado balas de amora. Neil estaria olhando também; ele teria dado o alarme; ninguém iria saber. Eu vi o enterro. Elsie e May estariam chorando. Stan rezando. Alf diria que pelo menos eu tinha escapado da Tribulação. O pescoço de Gordon estaria mais afundado na gola do casaco do que o normal. Não consegui imaginar o que o Pai estaria fazendo.

Eu sabia que o Irmão Michaels tinha falado para eu ter fé em que Deus iria me ajudar, que as coisas que a gente achava que eram impossíveis eram possíveis para Deus. Mas eu não enxergava como fazer a escola ou Neil Lewis desaparecerem num passe de mágica. Se eu fosse Deus, mandaria um furacão

ou uma praga ou um maremoto varrer a cidade e a escola. Mandaria o Armagedom, ou um asteroide para fazer um buraco na terra, bem onde ficava a escola, ou, se o asteroide fosse pequeno e caísse no lugar certo, só esmagaria Neil Lewis. Mas eu sabia que nada disso iria acontecer.

Comecei a me sentir que nem naquela outra noite, quando a nuvem me engoliu. Fui até a janela e encostei a cabeça no vidro, minha respiração embaçava a superfície, que eu limpava o tempo todo. Uma fileira de casas lá fora. Acima delas, outra fileira e, acima desta, mais outra. Acima das casas, a montanha. Acima da montanha, o céu. As casas eram marrons. A montanha era preta. O céu estava branco.

Olhei para o céu. Era tão branco que até poderia nem estar lá. Era que nem papel, que nem penas. Que nem neve. “Bem que podia nevar”, falei em voz alta.

Certa vez tinha nevado muito e fecharam a escola. Olhei para o céu. Poderia estar cheio de neve bem agora, só esperando para cair. *Podia* nevar, até que estava bem frio. O Irmão Michaels tinha dito que, se tivéssemos um pouco de fé, outras coisas aconteceriam também, às vezes mais do que sonhamos, e eu achei que *tinha sim* um pouco de fé, e talvez um pouco já fosse o bastante.

Comecei a pensar na neve, comecei a pensar com força em sua massa crocante e em seu cheiro limpo, no jeito como ela afofa tudo e deixa o mundo novo. Como o ar fica vivo, a terra dormindo, as coisas só prendendo a respiração e escutando. Vi a cidade deitada embaixo de um cobertor de neve, as casas adormecidas e a fábrica coberta, o Salão de Encontros, a montanha branca chegando até um céu que era branco e, do céu, mais brancura caindo. E quanto mais eu pensava, mais carregado o céu parecia e mais frio ficava o vidro debaixo dos meus dedos.

Voltei a olhar para o quarto. Tive uma ideia, mas não conseguia explicar o que era. Não sabia nem de onde ela tinha vindo, sabia apenas que era como se uma mão gigante tivesse

escrito “Neve” em uma folha de papel em branco. Podia ver como tinha escrito o “N”, a perninha subindo para o “e”, então mais parecia um “M”. E a mão estava escrevendo mais coisas e comecei a me apressar para fazer o que ela dizia, antes que a folha se apagasse.

Fui para o canto do meu quarto, até o baú que pertencia à Mãe. Dentro dele estão guardados os tecidos, miçangas e fios que ela tinha e todas as coisas que achei por aí. Procurei um pano de algodão branco e puxei-o. Abri o pano de algodão e com ele cobri os campos e colinas da Terra Gloriosa.

“Muito bom”, uma voz disse. “Mais!”

Algo quente lambeu minha espinha. Meu couro cabeludo se arrepiou. “Quem está aí?”, perguntei. Ninguém respondeu.

Minhas mãos tremiam. Senti o coração na garganta. Peguei açúcar e farinha, espalhei sobre as copas das árvores de esponja, sobre a grama de papel e as cercas vivas.

“Mais rápido!”, falou a voz. E, embora não soubesse de onde ela vinha, eu sabia que agora a voz era de verdade e que ela falava sério comigo, e não me importei com quem ou o que estava falando.

Corri para o banheiro. Voltei correndo. Esguichei espuma de barbear nos parapeitos das janelas, nos beirais e nas calhas. Deixei secar cola em pequenas gotas nos telhados e nos galhos, nos coretos e nos postes de rua.

“Mais!”, a voz disse.

Um tambor no meu cérebro. O quarto inteiro estava pulsando. Com papel de bala dourado fiz uma fogueira dentro de um pote de caramelos e o coloquei onde se erguiam abetos imensos, na beira do lago. Fiz espetos de salsichas e marshmallows com pedaços de massinha. Fiz um boneco de neve com uma bola de isopor, uma fila de gansos de papel branco e depois os pendurei na lua com uma linha. Peguei meu edredom esfiapado e o balancei, então choveram plumas sobre cidades, mares, colinas e lagos.

Fiz nevar sobre casas, lojas, correios e escolas. Cobri de gelo

as estradas, bloqueei pontes e preendi limpadores de cachimbo brancos nos cabos telegráficos. Coloquei garotos escorregando sobre papelão em um lago de papel-alumínio e, na montanha, um tobogã de lã.

Apertei minhas próprias mãos e não as senti.

Meu pé dormiu.

Bati os pés no chão e me sentei de novo.

Quando abri os olhos, a luz tinha ido embora e a Terra Gloriosa reluzia branca na escuridão, os gansos eram pequeninas setas no céu. Eu estava encolhida de lado, na beira do mar. Minha bochecha doía porque estava apertada contra a borda do espelho. Eu me sentei. Aí ouvi o Pai me chamando. Prendi a respiração. Ouvi seus passos chegarem ao pé da escada.

Meu coração estava batendo tão rápido que até doía, e eu não sabia por quê. Ele chamou de novo e fechei os olhos bem apertados. Por fim, o Pai voltou para a cozinha e fechou a porta. Deve ter pensado que eu tinha ido dormir.

Estava tremendo. Eu me levantei e fui até a janela. Agora não conseguia ver a montanha e o céu estava preto. Atrás de mim, o quarto quieto. Podia sentir a quietude ao meu redor, que nem água. Respirei fundo, me virei para o quarto e disse: “Neve”. Olhei para o céu e disse: “Neve”.

Um carro passou correndo. Ele me iluminou e depois me deixou na escuridão. O som daquele carro me atraiu. Achei que já tinha ido embora, mas ele voltou. Fiquei ouvindo o som até ele desaparecer, depois fechei as cortinas e fui para a cama.

Escutei o relógio badalar nove vezes na sala. Escutei a sra. Pew chamar Oscar para o jantar. Escutei o sr. Neasdon voltar do Clube do Trabalhador e o cachorro da casa vinte e nove começar a latir. Escutei o apito da fábrica chamar o turno da noite e o Pai subir a escada, passos ocos sobre as tábuas do chão.

A pedra e o livro

Naquela noite, tive um sonho maravilhoso. Sonhei que estava caminhando pela Terra Gloriosa. Passava por palácios de gelo feitos com balas de menta Glacier Mint e por fontes de lantejoulas, por calçadas de bolachas Rolo Giant e árvores de chita onde se apinhavam joias de frutas e cantavam pássaros com longas caudas de pena. Queria ter tempo de parar e olhar tudo, mas uma voz estava me chamando. A voz me guiava para um campo.

O ar estava quente e tinha cheiro de verão. Fui andando, abrindo uma trilha na grama por aqui e ali. Às vezes o sol estava na minha cara e, outras vezes, nas minhas costas. As cercas vivas estavam cobertas com um manto de ervas. Pássaros de papel voavam debaixo do meu nariz. Borboletas bordadas esvoaçavam. Havia mosquitos de papel de bala, plumas de dentes-de-leão e libélulas de alfinetes brilhantes tremeluzindo e parando no ar.

No meio do campo havia uma árvore. Debaixo da árvore, um senhor de barba. Sua pele parecia caramelo e seus cabelos eram muito escuros. Vestia uma túnica branca e levava as mãos atrás das costas. Ele disse: “Seja bem-vinda, minha filha. Hoje é um grande dia. Você foi escolhida para receber um dom de

valor inestimável”. E sua voz era que nem chocolate amargo.

“Obrigada”, respondi. E depois: “O que quer dizer ‘inestimável’?”.

“Uma coisa cujo valor não pode ser estimado”, ele disse.

“Em uma das minhas mãos, carrego uma pedra que contém mais poder do que qualquer um jamais possuiu, seus frutos são doces, mas deixam um gosto amargo na boca. Na outra mão, carrego um livro que o maior dos sábios gostaria de ler, seus frutos são repugnantes, mas dão asas a quem o lê.”

Falei: “Por que o senhor está escondendo os dois atrás das costas?”.

“Porque, se você os vir, pode se deixar influenciar”, disse o homem. “Agora você precisa escolher. Pense com cuidado, pois muitas coisas dependem de sua decisão.”

Era difícil. Porque eu queria ter todo o poder do mundo e fazer o Neil Lewis desaparecer e nunca mais voltar para a escola. Mas também queria descobrir que segredo era aquele do livro que até o maior dos sábios quer ler. E, sem dúvida, gostaria muito de ter asas. E houve um instante em que pensei que talvez não precisasse escolher coisa nenhuma e só devesse ir embora pelo gramado, sem olhar para trás.

Mas não fui embora. Eu disse: “Gostaria de ficar com a pedra, por favor”. Quando o velho tirou a mão direita de trás das costas e me deu a pedra, ela brilhou em muitas cores na palma de minha mão e me senti crescendo e ficando forte e, quando falei, pensei que tinha sido um trovão.

Eu não sabia dizer se havia se passado muito ou pouco tempo. Eu disse: “Posso dar uma olhada no livro?”.

O senhor torceu os lábios. Pensei que não deixaria. Mas, por fim, ele disse: “Tudo bem. Mas você não pode tocar”, e tirou um livrinho marrom de trás das costas. A lombada estava se soltando, as páginas tinham as orelhas dobradas e, quando ele abriu o livro, vi que estava cheio de letras que eu nunca tinha visto.

Falei: “Por que as folhas estão enrugadas?”.

E o homem disse: “Estão molhadas com as lágrimas daqueles que tentaram lê-las e fracassaram”.

De repente, fiquei com frio. “Eu teria conseguido ler?”, perguntei.

Ele sorriu. “Agora jamais saberemos.”

E, então, acordei. Mas não era de manhã. Estava escuro e eu tremia. O ar revoltado, cheio do som de asas batendo.

Puxei os cobertores para cima e me encolhi. Fechei os olhos e tentei reencontrar o senhor. Queria perguntar a ele sobre o gosto que a pedra deixa na boca. Mas o ar já não estava repleto de mosquitos e plumas de dentes-de-leão. Estava cheio de penas, como se alguém tivesse chacoalhado um travesseiro gigante em algum lugar acima da minha cabeça, e as penas iam ficando cada vez mais densas enquanto eu olhava.

Não era fácil ver com o vento tão cheio de turbilhões. Quando o ar ficou mais frio, encontrei abrigo embaixo da árvore no meio do campo. A pedra esquentava no meu bolso e aquecia minhas mãos, mas logo ela ficou quente demais para ser tocada e tive que deixá-la no chão, e ela foi ficando mais e mais brilhante e o mundo ao redor ficou branco.

Era manhã quando acordei. O ar estava quieto e denso. Pesava sobre mim como um cobertor, e o cobertor estava frio. Saí da cama. Puxei as cortinas. O mundo estava inteiro branco.

O primeiro milagre

Olhei fixo para a neve e me perguntei se ainda estava sonhando. Mas as casas não eram feitas de papelão e as pessoas não eram de argila: o sr. Neasdon estava tentando dar partida no carro, a sra. Andrews espiava pela cortina, crianças estavam fazendo um boneco de neve e o cachorro da casa vinte e nove corria de um monte de gelo a outro. Pisquei os olhos e tudo continuava ali. Eu me belisquei e doeu. Sentei na cama e olhei para os joelhos. Depois me levantei e olhei pela janela de novo. Aí vesti as roupas, corri escada abaixo e abri a porta da frente.

A neve não era algodão, limpador de cachimbo e nem feltro. Era de verdade. Virei o rosto para o céu. A brancura selou meus olhos e lábios. O frio era como o silêncio ao meu redor. Voltei para dentro.

A porta dos fundos rangeu quando o Pai entrou na cozinha. Suas bochechas estavam vermelhas e seu bigode, eriçado. Ele deixou um balde de lenha no chão e se serviu de chá. “Pode botar bastante”, ele disse. “Vai ficar frio até a casa esquentar.”

“Você não vai para o trabalho?”

“Hoje não tem trabalho”, respondeu. “A fábrica está sem energia. Você também não tem escola. As ruas estão fechadas; nem o trator de neve consegue passar.”

Eu me sentei à mesa e fiquei bem quieta, porque tinha uma coisa borbulhando dentro de mim. O Pai ia dizendo: “Nunca vi uma coisa dessas. Não em outubro”, e era como se ele estivesse muito longe e tudo agora era novo e estranho, o ruído da tampa do fogão, do balde sendo afastado, o chiar e espocar do mingau. Eu estava em um lugar alto, mas não queria descer. Queria subir mais. Falei: “Talvez a neve seja um sinal do fim! Isso, sim, ia ser chocante”.

O Pai disse: “A única coisa chocante aqui é que nosso café da manhã está esfriando”. Ele pôs duas tigelas de mingau na mesa, se sentou e abaixou a cabeça. E disse: “Obrigado por essa comida que nos dá força e obrigado por esse novo dia de vida, que pretendemos usar sabiamente”.

“Obrigado pela neve”, sussurrei, estendi a mão e coloquei-a sobre a dele.

O Pai disse: “Em nome de Jesus, amém”. Ele tirou a mão e falou: “É para se concentrar na oração”.

“Eu estava concentrada”, respondi. Enfiei a mão dentro da manga.

“Coma logo”, o Pai disse. “Quero descer para o comércio antes que eles fiquem sem pão.”

Vestimos as galochas e os casacos. Caminhamos pela estrada, sobre a trilha rosa aberta pelo trator. Já não estava nevando; o céu ardia e o sol brilhava nas janelas. E todas as coisas que sempre víamos, sujeiras de cachorro, bitucas de cigarro, chicletes e cuspes, tinham sido lavadas. Os carros estavam presos debaixo de edredons de gelo. Nada além de pessoas carregando sacolas, ou tirando a neve com pás, ou soprando as mãos.

Do topo da colina, a cidade se espalhava à nossa frente. Eu sabia que estava tudo lá, mas hoje era preciso olhar bem para ter certeza. Passamos pelo prédio de estacionamento, pelo ponto de ônibus e pela rua principal, e eles também estavam

afundados sob a neve. Eu disse: “Gosto disso. Espero que tenha mais”.

O Pai falou: “Não vai ter mais”.

“Como você sabe?”

“Está na previsão.”

“Eles não previram isso, previram?”

Mas ele já não estava prestando atenção.

A Cooperativa estava lotada. Exalava ar quente e as pessoas se espremiavam. “Você já tinha visto uma coisa dessas?”, elas perguntavam. Diziam: “Nada na previsão” e “E em outubro...”. Nenhum jornal ao lado das caixas registradoras e poucos pães sobrando. Pagamos as compras, o Pai pegou quatro sacolas e eu peguei uma, começamos a voltar para casa.

No meio da colina, falei: “Pai, como você sabe se aconteceu um milagre?”.

“*Quê?*” Ele bufava, o rosto vermelho.

“Como a gente sabe se um milagre aconteceu?”

“Um milagre?”

“É.”

“Do que você está falando?”

“Acho que a neve pode ser um milagre.”

“É só neve, Judith!”

“Mas como você sabe?”

O Pai disse: “Veja bem, não queremos grandes discussões agora, tá bom?”.

“Mas como você sabe que muitas coisas, na verdade, não são milagres?”, perguntei.

Corri para alcançá-lo. Eu disse: “Não acho que as pessoas acreditariam que aconteceu um milagre nem se fosse bem na cara delas, nem se alguém contasse para elas. Elas sempre iriam pensar que foi alguma coisa normal que aconteceu”.

O Pai falou: “Judith, o que você está querendo dizer?”.

Abri a boca e logo fechei. “Ainda não posso contar”, eu disse. “Preciso de mais evidências antes.”

“*Evidências?*”

“Isso.”

O Pai parou de andar. “O que eu acabei de dizer?”

“Mas...”

Então o Pai franziu a testa. Ele falou: “Esqueça isso, Judith. Só esqueça, está bem?”.

Evidência

Entre a cozinha e a porta da frente fica a sala do meio. A sala do meio é a sala do Pai. É escura e tem cheiro de pele de carneiro. Ela tem uma tapeçaria comida por traças com trepadeiras e serpentes, um relógio sem pêndulo e uma poltrona sem molas. Um tapete de pele puído, uma imagem de anjos e um cabide de madeira. Uma enorme lareira preta com azulejos de aves-do-paraíso. E, de cada lado da lareira, uma estante.

Em uma estante ficam fotografias do Pai e da Mãe antes de eu nascer, pilhas de cartões e cartas, muitas fotos de pessoas que não conheço — amigos da Mãe e do Pai antes de eles entrarem na religião. Agora a família não fala mais conosco, a não ser a tia Jo, irmã do Pai, que nos manda cartões de Natal que ela faz todo ano, nos convidando para visitá-la na Austrália. O que deixa o Pai muito irritado, porque ela sabe que nós não comemoramos o Natal, mas ele não consegue jogar os cartões fora.

Na outra estante fica um monte de livros. Livros sobre o planeta e o universo que têm figuras de superaglomerados de galáxias, buracos negros, células e outras coisas que o Pai às vezes pega, mas a maior parte dos livros é escrita pelos Irmãos e

tem nomes como: *Então saberão, O dia do Senhor e você e Não sabeis a que hora*. Eu sabia que iria encontrar coisas sobre milagres em um desses livros.

O problema era que as estantes eram do Pai e eu tinha que pedir antes de ir lá.

Esperei que ele saísse à tarde, mas ele não saiu. Acendeu o fogo e fez uma omelete. Leu o jornal. Fez o jantar. Lavou a louça. Depois ficou com a cara que sempre fica quando vai fazer alguma coisa. Foi para a garagem. Dali um tempo, ouvi um som de serrote, fui para a sala do meio e fechei a porta.

Meu coração disparou quando abri as portas de vidro da estante. Era pecado, mas um pecado a serviço de um bem maior, então podia ser esquecido na grande escala.

O primeiro livro que peguei se chamava *Os tempos dos gentios findaram*. Estava cheio de gráficos e números, deixei de lado. O próximo livro se chamava *Gogue de Magogue: o impostor da Arca*. Este também não falava de milagres. Peguei outro. Uma pilha começou a se formar sobre o tapete ao meu lado. Eu ainda ouvia o Pai serrando. De vez em quando, o som dos blocos caindo no chão. Meu coração batia tão forte que a sala vibrava.

Estava começando a pensar que jamais encontraria nada sobre milagres quando me deparei com um livro de capa verde-escura e um arbusto verde-claro em relevo. Seu nome: *Dons dos homens*. Dentro dele havia imagens de pessoas andando sobre a água e de mortos voltando à vida. Um homem rezava na barriga de uma baleia. Outro em uma fornalha ardente. Outro em uma cova de leões. O livro falava de “dons” e “sinais”, de “mensageiros” e “chamados”. Milagres, dizia o livro, eram chamados de Deus, Suas credenciais, selos de uma missão divina. Estava escrito: *Pois onde estão os milagres, Deus certamente está*. Eu me sentei de pernas cruzadas no chão.

O que é possível para Deus raramente é possível para os homens, o livro dizia. *Isso é sabido desde os tempos fiéis de outrora. Deus não conhece nenhum tipo de dificuldade. Não há limites para Sua capacidade*

de intervir em nome daqueles que Lhe são leais. Idade não é barreira para a realização dos propósitos de Deus. Lembrem-se da moça madianita que, longe de seu lar, proporcionou a cura da lepra de Naamã e o menino Samuel que, noite após noite, ouvia a voz de Deus no templo, alertando sobre a queda da casa de Eli. Não se sabe quem Deus considerará veículo adequado para a manifestação de Seus poderes, nem como Ele escolherá revelá-los.

Meu coração ainda martelava forte, mas meu sangue agora estava cantando e eu me sentia muito leve, como se estivesse flutuando alguns centímetros acima do tapete. *O grande período da atividade milagrosa foi quando Cristo andou sobre a terra, eu lia, mas o Dia do Senhor também proporcionará ilimitadas possibilidades para Deus manifestar Seu Reinado. Os cristãos devem estar atentos a sinais no Sol, na Lua e nas estrelas e a outras indicações sobrenaturais de que o fim está próximo. Será um tempo em que os olhos perspicazes irão ver a mão de Deus operar a vida de Seus servos.*

Sabe-se que Deus intervém nas vidas em mais de uma ocasião, quando a súplica é sincera e se demonstrou verdadeira fé. Deve-se lembrar que os céticos sempre atribuirão os atos de Deus a origens mundanas. Isso não deve deter a confiança dos fiéis. Luzes brilham na escuridão, e a escuridão tem medo da luz. Apertei o livro contra o peito e fechei os olhos.

Não sei quanto tempo fiquei sentada ali, mas, depois de alguns instantes, percebi que já não ouvia o serrote. Abri um olho. Um par de pernas na minha frente. Abri o outro olho. As pernas estavam grudadas nas botas do Pai. Sua voz disse: “O que você está fazendo?”.

“Lendo”, respondi e me levantei.

O Pai disse: “Quantas vezes já falei para você pedir antes de pegar esses livros?”. Ele se abaixou e começou a colocar os livros um em cima do outro. Abriu a estante e os devolveu a seus lugares, *poft, poft, poft*.

“Pai.”

Poft.

“Pai.”

Poft.

Minha respiração faltava e doía. “Pai, aqui diz que a gente ainda pode ver milagres hoje em dia.”

Ele suspirou fundo. “O que é toda essa bobagem de milagre?”

Mordi forte o lábio e disse: “Acho que aconteceu uma coisa no domingo. Quer dizer, ontem à noite. Acho que a neve foi um milagre”.

O Pai pegou o livro e soprou as páginas. Bateu para fechá-lo e o colocou de volta junto com os outros.

Eu disse: “O livro falou que podemos nos deparar com a descrença, mas que não devemos nos abater! Diz que a maioria das pessoas não percebe que viu um sinal...”.

“Sinal?”

Ele fechou a estante, me pegou pelo cotovelo, me botou para fora e bateu a porta. Disse: “Estou começando a ficar cansado disso. Nevou porque às vezes neva mesmo. Até aqui. Até em outubro. Agora chega”.

Meu coração quase me impedia de respirar. “Eu também ouvi uma voz!”, falei de repente. “Que nem Samuel no templo. O livro também me contou isso.”

“Não me deixe irritado, Judith. Você sabe que mentir é grave.”

“Não estou mentindo!”, respondi. “Não sei de onde veio a voz, mas escutei!”

O rosto do Pai ficou vermelho e seus olhos estavam muito negros. Ele disse: “Judith, você está sempre imaginando coisas. Você vive num mundo só de fantasia”.

“Bom, desta vez é de verdade”, falei.

Ele me encarou por um momento. Aí disse em voz baixa: “Não quero ouvir mais nada sobre isso, está entendendo?”, e foi para a cozinha, batendo a porta. Fiquei olhando para a porta por um bom tempo. Depois subi a escada e me sentei no chão do

quarto, fiquei olhando para a Terra Gloriosa.

E, embora no começo estivesse triste porque o Pai não acreditava em mim, depois de um tempo fiquei feliz por não ter dito mais nada, porque seria melhor esperar até ter mais provas e, para isso, eu iria fazer um teste, para descobrir se a neve era só uma coincidência.

“E aí nós vamos ver”, falei para ninguém em particular.

“Vamos mesmo”, ninguém respondeu.

Por que ver realmente é acreditar

As pessoas não acreditam em muitas coisas. Não acreditam nos políticos, não acreditam nas propagandas e não acreditam nas coisas escritas nos pacotes de comida na Cooperativa. Muitas delas também não acreditam em Deus. O Pai diz que é porque a ciência explicou tantas coisas que as pessoas acham que são capazes de saber como tudo acontece antes de acreditar, mas acho que tem outra razão.

Acho que as pessoas não acreditam nas coisas porque têm medo. Acreditar às vezes significa que você pode estar errado e, se você está errado, pode se machucar. Por exemplo: pensei que poderia dar a volta no meu quarto sem tocar no chão e me machuquei quando caí. Todas as coisas importantes, tais como se alguém ama você ou se algo vai dar certo, não nos dão certezas, então tentamos acreditar nelas, enquanto, por outro lado, você poderia apostar a vida em todas aquelas coisas com que não tem que se preocupar, como a gravidade, o magnetismo e o fato de as mulheres serem diferentes dos homens, mas não precisa.

Eu sempre me preocupava quando o Pai dizia que não devemos crer cegamente em Deus, porque as evidências de Deus ou são excessivas (o apóstolo Paulo diz que são

“inescusáveis”) ou são poucas (Richard Dawkins, um cientista com quem os Irmãos gostam de discutir, diz que são “tolices supersticiosas”). Eu me preocupava de que isso significasse que estava pensando por conta própria. Mas acreditar não tem a ver só com evidência, e aqui está o porquê.

As pessoas pegam o mesmo apanhado de evidência e saltam para diferentes conclusões. O sr. Williams, diretor da escola, disse que eu era “extremamente esperta” para minha idade e, por isso, sou um ano mais nova que todo mundo na minha classe. O sr. Davies falou que tenho a melhor compreensão de linguagem que ele já viu em uma criança de dez anos de idade. Mas Neil Lewis diz que sou “retardada”. O sr. Davies estava nos contando sobre fósseis e falou: “É assim que os seres vivos evoluíram”, mas o Pai diz: “As mutações nunca sobrevivem”. O sr. Davies acha que a religião é uma miragem. Ele e o Pai discutiram na última reunião de pais e professores. O sr. Davies falou que eu deveria aprender os fatos sobre a evolução do mundo e o Pai respondeu que essa era apenas a maneira como o sr. Davies enxergava os fatos.

Existem miragens no espaço, cruzeiros, arcos e círculos que são reflexos de galáxias que existiram bilhões de anos atrás e que nos mostram o que aconteceu no passado, mas o Pai diz que os cientistas querem ver as coisas tanto quanto as pessoas religiosas; diz que eles dão saltos o tempo todo. O registro fóssil da evolução não é assim tão bom, mas os cientistas já tinham decidido que a criação não era uma explicação válida, então eles fizeram fósseis falsos e os enterraram. E você pensando que, por serem cientistas, eles não fariam uma coisa dessas. Mas os cientistas dão saltos de fé toda hora, porque tem muito de suposição e expectativa na ciência, e algumas das descobertas mais importantes, como as de Albert Einstein, foram feitas desse jeito. O Pai diz que as únicas pessoas que não dão salto nenhum são os Agnósticos.

Os cientistas dizem que milagres não poderiam acontecer porque são miraculosos, mas isso não faz sentido porque eles

acreditam em um monte de coisas “miraculosas”, como o universo vir do nada, e as probabilidades disso ter ocorrido são matematicamente nulas. Anos atrás, as pessoas achavam que um eclipse do sol era sinal de que Deus estava bravo com elas, mas hoje em dia um eclipse não é mais milagre porque entendemos como funciona, e o mesmo acontece com a radioatividade, o avião e os micróbios, embora as abelhas continuem sendo, porque ainda não sabemos como elas conseguem voar. Mas um dia alguém vai explicar como é, e aí elas também vão deixar de ser milagres.

Tudo isso faz você pensar que muitas coisas são milagrosas, como, por exemplo, as chances de eu bater com a escova de dentes exatamente no mesmo ponto da boca em que bati segundos atrás, ou de o meu tomate esguichar no nariz do Pai na hora do jantar, e a probabilidade de ser eu em vez de milhões de outras pessoas. Mas são só possibilidades muito pequenas e uma abelha também não é um milagre, é só uma coisa maravilhosa, porque milagres são *feitos* para acontecer.

A evidência não é tudo o que há para se acreditar e nem é capaz de explicar todas as coisas. Mesmo quando as pessoas não conseguem explicar algo — a visão de um fantasma ou uma cura — depois de terem passado pela experiência, elas acreditam naquilo — ainda que talvez tenham que levar a vida inteira dizendo que foi bobagem. O que significa que as pessoas que falam que alguma coisa é impossível provavelmente jamais tiveram uma experiência desse tipo.

É claro que elas ainda vão querer compreender e procurar uma explicação lógica. Mas elas estarão fazendo o mesmo que o Pai está fazendo agora e deixando de entender o ponto principal. Que os milagres são o que você vê quando *para* de pensar e acontecem porque alguém os fez e alguém, em algum lugar, teve fé.

O teste

Quando acordei na terça-feira, o céu estava azul e limpo, o sol reluzia nas janelas. Os montes de neve nas soleiras das portas e ao longo da estrada já estavam amolecendo. Eu disse: “Hora do meu teste”.

Fui até o baú e peguei meus materiais. Recolhi o céu da Terra Gloriosa e em seu lugar pendurei gaze. Desenganchei as nuvens e em seu lugar pus um furacão de tela de arame e bolas de isopor pequeninas. Tirei o tecido de algodão e espalhei lã sobre casas e campanários, linhas férreas, montanhas e viadutos.

“Mais frio!”, disse a voz, e outra vez eu me senti como se estivesse cintilando.

Coloquei pessoas pequenininhas dentro das casas. E as enrolei em cobertores e casacos. Pus canecas de chocolate quente em suas mãos. Acendi lampiões. Borrifei geada nas janelas e fiz gelo para as ruas com lâminas de acrílico.

“Mais frio!”, a voz falou.

Rasguei o feixe de luz do farol de papel e em cima das ondas espalhei cacos flutuantes de gelo plástico. Colei pingentes nos mastros dos navios, liguei o ventilador e rajadas de granizo de papel agulharam as mãos e os rostos dos marinheiros. Bonecos de neve espirravam. Ursos-polares tremiam de frio.

Pinguins dançavam para se manter quentinhos.

Então eu disse: “Neve”, que nem da primeira vez. E vi a cidade, a siderúrgica e a montanha cobertas de neve, montes de neve, mais do que qualquer um jamais tinha visto ou veria de novo.

Eu disse: “Agora é só esperar”.

Esperei durante o café da manhã. Esperei durante o almoço. Esperei enquanto o Pai e eu trazíamos a última tora de lenha para secar no alpendre e ponderávamos sobre Jesus morrendo para salvar o mundo. Esperei enquanto nos sentamos diante da lareira naquela noite e o Pai ouviu Nigel Ogden tocar órgão. Esperei a noite toda, conferindo e olhando para as estrelas e o deserto branco da lua. Corri para a janela na manhã seguinte, mas o sol estava brilhando tão forte que meus olhos doeram, e pingos constantes desciam pela janela.

Eu me senti mal e sentei na cama. Disse: “O que fiz de diferente?”. Falei: “Talvez eu só tenha que ter paciência”.

Naquela manhã nós fomos pregar. O Pai disse que era o momento ideal. O que ele quis dizer é que as pessoas estariam em casa. Pegar as pessoas em casa é um problema para nós porque, apesar de estarmos tentando salvá-las, elas fazem quase tudo para evitar. Não abrem a porta, contam mentiras (“Minha avó acabou de morrer”, “Tenho um ferimento de guerra e não posso ficar muito tempo de pé”, “Estou saindo pra ir à igreja”), ficam rudes (gritam, soltam os cachorros, ameaçam chamar a polícia) ou fogem (é o último recurso, mas acontece; certa vez, uma pessoa saiu correndo quando nos viu na frente da sua porta e derrubou umas sacolas de compras no chão). É o que o Pai chama de Táticas de Evasão. Mas nós também temos nossas táticas, que incluem fazer perguntas instigantes, transformar Bloqueadores de Conversa em Puxadores de Conversa e bater duas vezes à mesma porta na mesma manhã (mas, certa vez, uma pessoa jogou um balde d’água na cabeça do Pai quando

fizemos isso, então talvez não seja uma tática muito eficaz).

Encontramos o grupo na esquina da King Street. Havia pequenas montanhas de neve de cada lado da rua. Elsie e May estavam lá, além de Alf e Josie, Stan, Margaret e Gordon. Josie usava chapéu de pelo e uma capa, um conjunto de vestido e casaco costurado que descia até suas canelas. Ela disse: “Fiquei procurando você no domingo. Trouxe uma coisinha para você”.

Fui para o outro lado do Pai. “A gente deve ter se desencontrado”, respondi.

“O que você acha dessa neve?”, tio Stan quis saber. “Incrível, não?”

“A Tribulação está chegando!”, falou Alf.

Elsie disse: “Minhas juntas não gostam nada disso”. Ela me ofereceu uma bala Locket.

“Nem minhas frieiras”, completou May. Ela me ofereceu uma bala Werther’s Original.

“Bom”, disse o Pai, “em todo caso, tivemos uma bela demonstração da natureza.”

Tio Stan fez a oração e nós começamos. Elsie trabalhava com Margaret, Stan com Gordon, Josie com May, Alf trabalhava sozinho e eu, com o Pai. Fazia frio. Nossos passos repercutiam nas calçadas. O Pai dizia oi para quem passava. Alguns acenavam de volta com a cabeça. Outros davam oi. A maioria olhava para o chão e seguia caminhando. Apesar das circunstâncias ideais, poucas pessoas responderam. Às vezes uma cortina se mexia. Às vezes uma criança vinha e falava: “Não tem ninguém em casa” e, quando isso acontecia, alguém dava risada.

O céu estava inacreditavelmente azul. Esse azulado me amargurava. “Ainda pode acontecer”, dizia para mim mesma. “Ainda pode nevar.” Mas, duas horas mais tarde, quando nos reencontramos na esquina, o céu estava tão azul quanto antes. “Parece que a gente não teve muito sucesso”, disse o tio Stan. E eu assinei embaixo.

O Pai e eu dissemos tchau ao grupo e fomos para as Visitas

de Retorno. Visitas de Retorno são as pessoas a quem sempre recorremos; elas não se escondem de nós. A sra. Browning se sentou, animada, com bobs nos cabelos, e nos ofereceu chá e torradas com manteiga. Tinha pelos de cachorro e gordura no prato e as xícaras estavam marrons na parte de dentro. Normalmente não consigo beber o chá, que é feito com leite condensado e fica apenas morno, mas hoje engoli sem pensar. Depois o Pai me pediu para ler as escrituras e a sra. Browning disse: “Que garota esperta! Aposto que está louca para voltar para a escola!”.

O Pai ergueu as sobrancelhas. “Eu não contaria com isso.”

Deixamos a sra. Browning e fomos ver Joe e seu cachorro Watson. Joe estava encostado na varanda, como sempre. Havia até uma mancha na parede, de tanto tempo que ele passava ali. Watson arrastava o traseiro nos degraus.

O Pai disse: “Qualquer dia desses, Joe”.

E Joe respondeu: “Só acredito vendo”.

O Pai disse: “Você tem que acreditar para ver”.

Joe deu risada e seu peito chiou. Deixamos algumas revistas com ele e o Pai disse que precisávamos voltar para casa, senão o fogo iria apagar.

Fiquei olhando minhas pernas irem e virem sob mim na subida da rua. Tinha um palito de pirulito na sarjeta. Geralmente faço cercas de jardim com eles, mas, dessa vez, passei por cima. “Nunca mais vou fazer nada”, disse para mim mesma. “Teria sido melhor não ter feito a neve, se foi só coincidência.” Era terrível pensar em voltar de repente para como as coisas eram antes.

Subimos a estrada da montanha pelas trilhas abertas por carros, e o sol atravessava os abetos em golpes derretidos, gaguejando e tagarelando pelos galhos. O Pai dava passos largos. Suas botas espalhavam lama para os lados em pequenos jorros. Eu ouvia o barulho das botas e do couro de carneiro pisando o chão, minha mochila com a Bíblia batendo nas minhas costas e queria que tudo parasse. O Pai disse: “Vamos lá! Que lerdeza é

essa?”.

“Não sou lerda”, respondi. “Estou cansada.”

“Bom, quanto mais rápido você andar, mais cedo vamos chegar em casa.”

A montanha parecia mais alta do que eu me lembrava. Fizemos uma curva na estrada e ela subiu de novo. Fizemos outra curva e aí ela subiu ainda mais. Quanto mais alto a gente subia, mais branco ficava. A brancura entrava nas minhas roupas. Passava pelas costuras, pelas casas dos botões, pela lã das minhas calças de malha. Fechei os olhos, mas ela me alfinetava as pálpebras e fazia desenhos nelas.

Chegamos ao topo. O Pai continuava andando, mas eu parei na estrada. Fiquei ouvindo seus passos se afastarem e, por um minuto, não me importaria se eles jamais voltassem. Tapei os olhos com as mãos, fiquei parada, tudo o que conseguia escutar era o vazio ao meu redor, e por um bom tempo não pensei em nada. Então uma rajada de vento frio me esbofeteou e abri os olhos.

O céu já não reluzia. Estava denso e revoltado. Alguma coisa pairava na minha frente. Alguma coisa iluminando meu casaco, meu nariz e minhas bochechas, me tocando e depois desaparecendo, várias vezes. Fiquei bem quieta e, de algum lugar dentro de mim, veio uma pressa de voltar para casa.

Eu tinha lágrimas nos olhos, mas não eram de frio. E então eu estava correndo pela encosta da montanha, correndo e gritando: “Espere por mim!”.

Passei a toda velocidade por ele e me virei, escorregando e rindo e me equilibrando. “Está nevando!”

“É, eu percebi.”

“Não é maravilhoso?”

“É uma droga.”

Comecei a correr de novo, apertando os olhos, abrindo os braços que nem um passarinho. O Pai disse: “Cuidado pra não cair!”. E corri mais rápido ainda, só para mostrar que eu não cairia.

Flocos de neve e sementes de mostarda

Milagres não têm que ser grandes e podem acontecer nos lugares mais improváveis. Às vezes são tão pequenos que as pessoas nem percebem. Às vezes os milagres são tímidos. Ficam puxando as suas mangas, esperando você percebê-los, e depois somem. Muitas coisas começam bem pequenas. É um jeito bom de começar porque ninguém nota. Você é só uma coisinha perambulando, cuidando da própria vida. Aí você cresce.

Bem alto lá no céu os flocos de neve nascem. Quando caem na terra, são tão leves que vêm de lado. Mas os flocos encontram seus irmãos e aí eles se juntam. Se muitos deles se juntam, começam a rolar. Se rolam bastante, carregam as cercas, as árvores, uma pessoa, uma casa.

A semente de mostarda é a menor das sementes, mas, quando ela cresce, os pássaros dos céus vêm pousar em seus galhos. Um grão de areia vira uma pérola, e as orações que começam com pouco ou quase nada têm que ser ditas, porque, se há um mínimo de alguma coisa, ela já começa a crescer e, se há mais que o mínimo, algo grandioso vai acontecer, algo que já estava lá desde o início, de um jeito bem pequeno.

O que vem primeiro, a oração ou as partículas? Como a

menor coisa do mundo pode se tornar a maior de todas, como algo que podia ser parado fica incontrolável, como uma coisa que você nunca achou que iria valer muito começa a valer tudo? Talvez seja porque os milagres funcionem melhor com as coisas simples, quanto mais simples melhor. Talvez seja porque eles comecem com miudezas. Quanto mais miúdas, maior o milagre.

Um cético

Naquela tarde, o céu ficou escuro com o peso da neve. Ela continuava caindo em espirais, sem saber muito bem para onde ir. Eu me sentei e fiquei assistindo. Poderia ficar assim para sempre. Nem jantei. Minhas mãos estavam quentes, ou as outras coisas é que estavam frias, e minha pele toda formigava. O Pai perguntou se eu estava com febre; respondi que nunca tinha me sentido tão bem.

Ainda nevava na manhã seguinte. Os flocos chegavam ao parapeito das janelas, carros eram pequenas colinas brancas, minha respiração formava nuvens e as tábuas do assoalho rangiam de frio. O Pai estava esfregando as mãos junto à estufa quando desci. Ele disse que teve que cavar um túnel para sair pela porta de trás.

Decidi que era hora de contar a ele o que estava acontecendo. Respirei fundo. “Sabe por que fiquei perguntando sobre milagres?”

Ele bateu a portinhola da estufa e disse: “Agora não, Judith. Tenho que serrar mais lenha e ver se está tudo bem com a senhora Pew. Aliás, você podia fazer isso para mim”.

“Mas preciso falar com você!”, rebati. “É importante.”

“Depois”, ele disse. E tomou o último gole de chá.

Fiquei encarando. “Eu tenho mesmo que ir ver a senhora Pew?”

“Bom, ia me ajudar bastante.”

“E se eu não voltar?”

“Não seja boba, Judith. Não tem nada de errado com a senhora Pew.”

“A cabeça dela fica balançando.”

“Se você tivesse Parkinson, a sua também ficaria.”

A neve subiu até o topo das minhas botas de borracha quando passei pelo portão. Minhas pernas já ficaram molhadas no momento em que atravesssei a rua até a porta da frente da sra. Pew. A campainha soou por um tempo. Fiquei pulando de um pé para o outro. As crianças da rua dizem que a sra. Pew as convida para entrar em sua casa e depois ninguém nunca mais ouve falar delas, dizem que foi o que aconteceu com Kenny Evans. Apesar de algumas pessoas garantirem que ele foi morar com o pai. Olhei para os dois lados da rua para ver se havia alguma testemunha, caso a sra. Pew tentasse fazer qualquer coisa.

Ouvi a tranca girar. A porta abriu uma fresta e senti o cheiro de algo forte e mofado, como luvas e chapéus velhos de um brechó. Aí vi um vestido preto, uma gola alta e um rosto branco com lábios vermelhos, sobrancelhas desenhadas e cachinhos negros que sacudiam e brilhavam oleosos. Olhinhos de aranha me espiaram. Havia algumas linhas em volta da boca e o vermelho dos lábios corria por elas. Parecia que estava sagrando. “Pois não?”, a sra. Pew disse com sua voz de louça rachada.

Engoli em seco e falei: “Olá, senhora Pew. O Pai me mandou para ver se a senhora precisava de alguma coisa”.

Ela aumentou o volume do aparelho de audição e chegou mais perto, eu me afastei e disse: “O *Pai* perguntou: a senhora precisa de alguma coisa?”. Estava a ponto de falar pela terceira vez

quando ela balançou a cabeça, pegou a manga do meu casaco e me puxou para o hall de entrada. Eu me virei quando a porta bateu. Meu coração começou a pulsar muito forte mesmo.

Pela porta, a televisão berrava. Uma mulher em frente a um caminhão na autoestrada dizendo: *“Ontem uma onda de frio do Ártico trouxe neve e gelo para a maior parte do país pela segunda vez nesta semana. O primeiro gostinho de inverno chegou dois dias atrás, quando um outubro ameno foi varrido por vinte centímetros de neve. O tempo está causando problemas nas estradas e no mar. Quatro marinheiros, incluindo um jovem de quinze anos, tiveram de ser resgatados ontem, depois de o barco ter naufragado na costa de Plymouth. As duas precipitações de neve confundiram os meteorologistas...”*.

A sra. Pew abaixou o som, depois se virou e disse: “Agora me diga o que é que foi. Diga, garota!”.

“O Pai perguntou: A SENHORA PRECISA DE ALGUMA COISA?”

“Oh!”, ela disse. “Não precisa gritar! É muita gentileza do seu pai. Mas pode falar para ele que estou bem preparada; tenho latas suficientes para alimentar um exército na minha despensa.”

“Que bom”, eu disse e me virei para destrancar a porta.

“Espera aí, mocinha! Você não viu o Oscar por aí?”

“Quê?”

“Você não viu o Oscar?”

“Não.”

“Ele não veio comer a ração ontem à noite”, falou. “Não costuma fazer isso. Normalmente ele nem bota o pé pra fora quando cai um pingo de chuva. Fica enfurnado em algum canto. Se você o vir, me avise, certo?”

Minhas pernas estavam tremendo quando cheguei ao portão. Eu me virei para dar tchau e parei. A sra. Pew tentava enxugar os olhos com o lenço, mas sua cabeça balançava demais. Ela falou: “Não consigo parar de pensar que alguma coisa terrível aconteceu com ele”.

Olhei para baixo. E disse: “Eu tenho que ir”.

O Pai estava em cima do muro ao lado do alpendre tirando a neve. “A senhora Pew tem latas suficientes para alimentar um exército”, gritei, “mas o Oscar sumiu. Posso falar com você agora?”

“Não está vendo que eu estou ocupado?”

“Estou.”

“Mais tarde!”

Mas, depois de limpar o telhado, ele ficou ocupado tirando a neve da calçada, e depois ficou ocupado cortando lenha, e depois ficou ocupado lendo jornal, ouvindo rádio e fazendo o jantar. Eu fiquei brincando no jardim. Fiz um gato de neve, um homem de neve e um cachorro de neve, e aí já estava quase no fim do dia. Na hora do jantar, ele estava ocupado só comendo, então deixei o garfo e a faca de lado e disse: “Pai, preciso contar uma coisa”. Esperei ele falar, mas ele não falou, então continuei: “No domingo, eu fiz neve para a Terra Gloriosa”.

Falei: “Eu queria que nevasse”.

Ele continuou mastigando. Eu conseguia ver os músculos de sua mandíbula se mexendo. Deve estar dando uma de calmo.

Eu disse: “Pai, eu fiz neve para a Terra Gloriosa e aí aconteceu. Foi um milagre! Aconteceu duas vezes, bem como eu esperava. Mas você não pode contar para ninguém ainda, porque vai assustar as pessoas e eu mesma acabei de descobrir”.

O Pai ficou me olhando por muito tempo, nunca tinha me olhado por tanto tempo assim. Depois começou a rir. Ficou dando risada. Quando parou de rir, ele disse: “Você é uma figura. Então foi por isso toda essa conversa de milagre?”.

“Foi”, respondi. Preferi pensar que a risada tinha sido por causa do choque. “Fazia tempo que queria contar. E fiz pela segunda vez, só para ter certeza — e aconteceu de novo! Mesmo com você dizendo que não aconteceria. Porque eu tive fé!”

O Pai disse: “É porque você passa tempo demais naquele

quarto”. Aí ele suspirou.

“Judith, o que quer que você tenha feito na sua maquete não tem nada a ver com o mundo real — você está sempre fazendo algo. É uma *coincidência*.”

“Não é, não!”, falei e me senti estranha, como se estivesse ficando com febre. “Se não fosse por mim, não teria acontecido.”

O Pai disse: “Você não escutou nenhuma palavra do que eu falei?”.

“Escutei, sim”, respondi. Mas minha cabeça começou a ficar pesada mais uma vez, igual ao dia em que fiz a neve, como se tivesse muitas coisas dentro dela.

O Pai disse: “Judith, garotas de dez anos não fazem milagres”.

Eu disse: “Como você sabe, se não é uma garota de dez anos?”.

Ele esfregou os olhos com o indicador e o polegar. Ao abrir de novo os olhos, disse que já estava cheio daquela conversa ridícula. Pegou meu prato, embora eu não tivesse acabado de comer, e o colocou em cima do dele, foi para a pia, abriu a torneira e começou a lavar a louça.

Eu me levantei. Tentei falar com calma. “Sei que é difícil de acreditar”, disse. “Mas não foi só uma vez...”

Ele ergueu a mão. “Não quero ouvir mais nada.”

“Por quê?”

Ele parou de lavar a louça. “Por quê? Porque é perigoso, só por isso!”

“Perigoso por quê?”

“Perigoso *para quem*.”

“Perigoso para quem?”

“É perigoso pensar que você tem esse tipo de poder. É presunção — é *blasfêmia*.” Ele me encarou. “Quem você pensa que é? Foi coincidência, Judith.”

Eu ouvia seu discurso, mas minha cabeça estava ficando quente demais para pensar no que as palavras queriam dizer.

Olhei para o chão e falei baixinho: “Você está errado”.

“Como é que é?”

Olhei para ele. “Não foi coincidência.”

O Pai ergueu a mão e esmurrou a porta do armário. Depois se inclinou sobre a pia e disse: “*Você passa tempo demais naquele quarto!*”.

“Eu tenho um dom!”, falei. “Fiz um milagre acontecer!”

Então o Pai se virou para mim e disse: “Quero que você esqueça isso agora mesmo, está entendendo? Você *não* tem um dom. Você *não* tem poder para fazer milagres. Está claro?”.

Eu podia ouvir nossas respirações e os pingos da torneira. Estava com dor no peito. O Pai disse: “*Está claro?*”. Por um minuto, a dor no peito era grande demais e não me deixava respirar. E aí foi como se um botão tivesse sido desligado, parei de me sentir quente. A dor foi embora e eu estava fria e separada das coisas.

“Sim”, respondi. Fui para a porta.

“Aonde você vai?”

“Para o meu quarto.”

“Ah, não vai, não. Quanto menos tempo você passar naquele quarto, melhor. Você pode enxugar a louça e, depois, tem mais umas coisas que você pode fazer.”

*

Então enxuguei a louça e organizei as revistas da Bíblia. Pus as mais velhas no topo da pilha e as mais recentes na parte de baixo. Trouxe quatro baldes de lenha e dois de carvão e os coloquei ao lado da estufa.

O Pai disse que eu tinha empilhado a lenha muito bem, mas foi só porque ele se sentia culpado por ter gritado, como sempre. Não respondi nada porque não iria deixar ele se safar assim tão fácil.

Esperei até as nove horas, disse boa-noite, subi a escada e peguei meu diário para escrever essas coisas, tudo o que tinha

acontecido desde domingo. Porque era importante demais, e, se eu não podia falar sobre isso, então teria que escrever em algum lugar.

Um segredo

Tenho um segredo. O segredo é: o Pai não me ama.

Não sei quando foi a primeira vez em que percebi, mas agora já faz um tempo que tenho certeza. Ele fala: “Bela resposta”, ou “Gostei do jeito que você usou essa citação das escrituras”, ou vai até meu quarto, para na porta e diz: “Tudo bem?”. Mas parece que está lendo as palavras em uma folha de papel e depois me diz como eu poderia ter feito a apresentação melhor e, mesmo que eu fale para ele entrar no meu quarto, ele não entra.

Estas são as razões pelas quais sei que o Pai não me ama.

1. Ele não gosta de olhar para mim.
2. Ele não gosta de tocar em mim.
3. Ele não gosta de falar comigo.
4. Ele está sempre bravo comigo.
5. Ele é triste por minha causa.

1. O Pai sempre evita olhar para mim e, quando olha, seus olhos estão negros. Eles na verdade são verdes, mas parecem pretos porque ele fica bravo. Tem um verso na Bíblia que diz que o espírito de Deus *“é mais penetrante que qualquer espada de*

dois gumes e separa até a alma do espírito, juntas das medulas, sabe os pensamentos e os segredos do coração". É assim que me sinto quando o Pai olha para mim. Parece que ele não gosta do que está vendo.

2. O Pai não toca em mim. Nós não damos beijo de boa-noite e nem abraços, não ficamos de mãos dadas e, se nos sentamos perto demais, ele de repente percebe e pigarreja ou se afasta e se levanta. Às vezes, quando estamos juntos, alguma coisa muda no ar e é como se fôssemos as únicas pessoas no universo, mas ao invés de termos muito espaço, como seria de esperar se realmente fôssemos as únicas pessoas no mundo inteiro, ficamos trancados em uma sala minúscula, sem nada para falar.

3. O Pai não gosta de falar comigo. Talvez seja porque faço muitas perguntas, como, por exemplo: "Como vai ser o novo mundo?" e "Deus sabe tudo o que vai acontecer no futuro?". Sobre esta última pergunta, o Pai respondeu: "Deus pode decidir o que saber e o que não saber". A que eu respondi: "Então Ele deve saber o que vai acontecer para não querer saber nada a respeito", e ele disse: "É um pouco mais complicado que isso".

Então eu disse: "Deus deixa coisas ruins acontecerem porque Ele não consegue ver essas coisas acontecendo ou porque Ele não quer impedir que elas aconteçam?".

"Deus deixa coisas ruins acontecerem para provar que os humanos não podem governar a si próprios. Se Deus impedir que tudo de ruim aconteça, então as pessoas não serão livres. Elas seriam só bonequinhos."

Falei: "Acho que sim. Mas, se tudo que a gente faz já está escrito em algum lugar, nós somos livres para fazer o que queremos ou só pensamos que somos livres?".

Ele disse: "Não conseguimos compreender Deus, Judith. Seus caminhos são insondáveis".

"Então por que ponderar sobre isso?", perguntei.

O Pai ergueu as sobrancelhas e fechou os olhos.

Eu disse: "Talvez você esteja ponderando demais".

E ele respondeu que achava que provavelmente sim.

Mas, na maior parte do tempo, não falo muito com o Pai e ele não fala muito comigo, e esse é o nosso maior problema, porque não falamos nada e o tempo todo o ar fica cheio com as coisas que poderíamos falar. Estou sempre tentando puxar essas coisas para baixo, mas elas costumam ficar fora de alcance.

4. O Pai está sempre bravo comigo. Porque tem uma lista de coisas que ele quer que sejam feitas de uma certa maneira, por exemplo:

- a. falar (e não resmungar)
- b. sentar-se (e não se refestelar)
- c. andar (e não correr)
- d. pensar (e não sonhar acordada)
- e. poupar (e não gastar)

e uma lista ainda mais extensa do que não deve ser feito jamais, por exemplo:

- a. chorar
- b. brincar com a comida
- c. deixar comida no prato
- d. ficar correndo por aí (incluindo pular amarelinha na sala, o que quebra outra regra, ver o item f)
- e. arrastar os sapatos
- f. fazer barulho em geral
- g. deixar portas abertas
- h. não prestar atenção

E estou destinada a, cedo ou tarde, fazer uma coisa e me esquecer de outra.

Mas, às vezes, não sei por que o Pai está bravo comigo. Certa vez perguntei a ele o que eu tinha feito de errado.

Ele disse: “Você?”.

“É.”

“Por que você está falando isso?”

“Parece que você está sempre zangado.”

“Eu?”

“É.”

“Eu *não* estou zangado.”

“Ah.”

“Você ficaria sabendo se eu estivesse zangado!”

“Então está bem.”

Ele disse: “Zangado, mais essa agora!”. E ficou mais bravo do que estava no começo da conversa.

5. Mas pior, muito pior do que o Pai ficar zangado, muito pior do que o Pai não falar comigo, não querer olhar para mim ou não querer tocar em mim, é quando ele fica triste.

Quando era mais nova, às vezes eu descia a escada para beber água à noite e a luz embaixo da porta da cozinha estava acesa. Ficava vendo o Pai pela vidraça, sentado à mesa, fazendo nada, só sentado lá. Ficava junto à porta, esperando ele se mexer e, quando ele se mexia, era como entrar na água morna. Quando ele não se mexia, eu voltava para a cama com uma dor no peito, prometia ser melhor e esperava a luz chegar.

Isso foi na época em que eu pensava que poderia fazer o Pai me amar, mas não penso mais assim. Porque a razão pela qual ele não me ama aconteceu há muito tempo e agora não posso fazer nada a respeito, ainda que, se não fosse por mim, nada disso teria acontecido.

Uma voz no escuro

Quando terminei de escrever no diário, eu o guardei sob uma tábua solta no assoalho embaixo da minha cama. Agora eu tinha que escondê-lo. Até que o Pai começasse a pensar melhor e visse diante do que estava.

De repente comecei a pensar no que o Irmão Michaels diria se soubesse o que tinha acontecido e tive vontade de dizer como ele estava certo, que eu podia fazer coisas acontecerem, sim, exatamente como ele tinha dito.

Fui para a cama. Minha cabeça ainda estava quente e me sentia ainda mais estranha do que antes. Podia me ver deitada, como se eu estivesse fora do meu corpo. Uma vez desmaiei e me senti do mesmo jeito. Estava pensando no Pai e na discussão, pensando em como ele ficaria surpreso quando finalmente percebesse que eu posso fazer milagres, mas agora era como se tudo tivesse acontecido com outra pessoa, como se o corpinho deitado na cama e a casa e a nossa rua e a cidade e todo o universo estivessem se derramando sobre minha cabeça, e a minha cabeça era grande o bastante para tudo isso, mas ela foi ficando cada vez mais quente, e tudo era tão estranho que eu só me deitei e deixei acontecer. Foi aí que ouvi uma coisa.

“Quer dizer que você pode fazer nevar”, disse uma voz.

“Fico aqui me perguntando o que mais você pode fazer.” Algo me subiu pela espinha até os cabelos e tive a sensação de que alguma coisa havia derretido dentro de mim.

“Olá?”, eu disse, mas ninguém respondeu. Esperei.

Aí alguém suspirou. Não tive dúvida.

Eu me sentei na cama. Estava com a respiração acelerada. Puxei os cobertores e respirei fundo. “Quem está aí?”, sussurrei.

Tudo ficou em silêncio de novo. E, então, a voz falou: “Eu perguntei: ‘o que mais você pode fazer?’”.

Fiquei ofegante. “Quem é você?”

“Essa é uma boa pergunta.”

Abri a boca. Fechei de novo. “De onde você veio?”

“Mais uma.”

Falei: “Eu quero saber...”

“Você já sabe”, disse a voz. Parecia estar bem perto.

Balancei a cabeça. “Quem é você?”

“Estou em toda parte”, a voz falou. “Dentro das coisas e fora delas também. Eu fui, eu sou e eu serei.”

Aí meu coração bateu uma vez, bem forte, e eu falei: “Você é Deus, não é?”.

“Xiiiu”, disse a voz.

Engoli em seco. “Você pode me ver?”

“Claro que sim”, falou Deus. “Venho observando você há algum tempo. Você poderia ser muito útil para Mim.”

Eu me endireitei. “O que Você quer dizer com isso?”

“Bom”, Deus falou, “você tem uma imaginação muito fértil. Preciso de alguém como você para ser Meu Instrumento.”

“Seu Instrumento?”

“É.”

“Para quê?”

“Milagres, coisas desse tipo.”

Cobri o rosto com as mãos e depois descobri. Falei: “Eu *sabia* que estava destinada a fazer uma coisa importante!”.

“Xiu!”, falou Deus. “Fale baixo. Não queremos acordar o seu pai.” Ele parou. “Mas tem uma condição: você tem que ter

fé absoluta, você tem que estar preparada para fazer tudo que Eu pedir, sem duvidar, sem resmungar, sem perguntar por quê.”

“Combinado”, respondi. “Pode deixar comigo.”

“Está falando sério?”

“Estou!”

“Ótimo”, Deus disse. “A gente se fala depois. Agora tenho que cuidar de umas coisas.”

“Que coisas?”

“Bom, estou com muito serviço aqui no céu agora. Quatro cavaleiros estão soltando as rédeas, tem uns ventos bem inquietos e um monte de gafanhotos correndo atrás de todo mundo. Ah, e mais uns selos para serem abertos. Enquanto isso, nada de tagarelice, combinado?”

“Posso continuar usando meus poderes?”

“Pode sim”, respondeu Deus. “Vou deixar você se acostumar um pouco com eles.”

“Você acha que posso fazer coisas acontecerem com pessoas e animais também?”

Deus disse: “Judith, é tudo uma questão de fé”.

“A semente de mostarda!”

“Exatamente.”

“Não vou falar mais nada para o Pai.”

“Muito sábio de sua parte.”

“Mas ele vai acreditar em mim, no fim?”

“Vai.”

“Porque vou fazer mais e mais coisas e ele vai ter que ver. Ele vai ter que ver que estou fazendo uma coisa especial.”

“Sem dúvida”, disse Deus.

Então Deus foi lá para onde quer que Ele vai e eu me deitei e fiquei pensando em duas coisas. A primeira era que eu tinha sido boba de esperar que o Pai compreendesse os milagres, mas agora não precisava mais me preocupar com isso, porque tudo iria dar certo no fim.

O segundo pensamento era estranho. Era que aquilo tinha ficado esperando para acontecer comigo, e pensar nisso me

deixava mais feliz do que eu jamais estivera em toda a minha vida. Os milagres tinham ficado esperando esse tempo todo, e eu também. E agora a espera tinha terminado, e as coisas podiam começar.

A chamada de longa distância

O Pai diz que Deus é a voz que fica na cabeça de cada cristão, ajudando-o a fazer a coisa certa. Diz que o Diabo fala para o cristão fazer exatamente o contrário. Isso significa que devemos tomar cuidado para saber a qual dos dois estamos ouvindo. Até ontem eu nunca tinha escutado a voz de Deus, mas vinha falando com Ele. Acho que andei guardando coisas para dizer, porque por muito tempo não falei nada.

Quando eu era pequena, o Pai me levou para ver um médico porque eu não fazia nada além de ficar olhando fixo para a frente. Tem uma fotografia minha, tirada pelo Pai naquela época. É um dia de sol e estou sentada embaixo da cerejeira que ele plantou para a Mãe na frente do jardim. A grama está repleta de flores. Estou vestindo uma camiseta azul e um short que vai até os joelhos. Tem uma casca de ferida no joelho direito. Minhas pernas esticadas na frente do corpo. As mãos no colo. Pareço aqueles moleques que você vê em noites de festa e fogueiras, aqueles meninos encostados nas portas das lojas.

Não consigo imaginar o Pai pensando que seria uma boa

ideia me levar ao médico, porque ele mesmo nunca vai, mas ele pensou e me levou. Lembro que a sala do médico tinha um cheiro esquisito. Lembro que havia uma cadeira com assento de couro e, no canto, uma caixa de bloquinhos de plástico e um ônibus vermelho bem grandão. Eu brincava com o ônibus e o Pai falava com o médico.

O médico fez uns testes, chegou a uma conclusão e traçou um plano. A conclusão era de que nós dois estávamos sentindo falta da Mãe e o plano era que o Pai tinha que ler para mim. Então ele começou a ler, e eu aprendi tudo sobre os Nefilins, sobre a Arca da Aliança, por que a circuncisão deve ser realizada no oitavo dia, como limpar uma casa infectada pela lepra, o que não dizer a um fariseu e como retirar o ferrão de um moscardo do norte. E conforme eu começava a ler, começava também a falar, e em pouco tempo já estava falando tanto quanto qualquer criança — mas talvez não sobre as mesmas coisas.

Não tinha muita gente com quem conversar, além do Pai, então comecei a falar com Deus. Sempre achei que era só uma questão de tempo até Ele responder. Pensava nisso como uma chamada telefônica de longa distância. A linha era ruim, havia passarinhos sentados em cima dela, caía uma tempestade, então eu não conseguia entender o que a outra pessoa estava dizendo, mas nunca duvidei de que, no fim, iria ouvir. Aí um dia os pássaros saíram voando, a chuva parou e eu ouvi.

O terceiro e o quarto milagres

Decidi usar meu poder para ajudar as pessoas, e a primeira da minha lista era a sra. Pew. Vinha pensando nela desde que a tinha visto chorar. Achei que, se ela estava tão triste por causa do Oscar, não podia ser o tipo de pessoa que raptava crianças; mas era um pouco frustrante pensar que, no fim das contas, Kenny Evans provavelmente só tinha ido embora para morar com o pai.

Oscar é um enorme gato de pelo ruivo que fica sentado na janela da sala da sra. Pew entre um vaso de jacintos e um cachorro de porcelana amarelo. Eu não sabia por que ele tinha resolvido desaparecer. Talvez estivesse cansado do cachorro que não fazia nada além de sorrir de um jeito vazio, ou talvez estivesse cansado da paisagem. Em todo caso, a única coisa importante era que eu o trouxesse de volta. Então, na quinta-feira, enquanto a neve caía em lufadas, fiz um gato de lã cor de geleia de laranja. O Pai me chamou: “O que você está fazendo?”, e eu respondi: “Lendo!”. A mentira era justificável: eu agora era Instrumento de Deus e tinha muito trabalho a fazer.

Fiz uma coleira azul e uma pata branca para o gato e tirei um pedacinho da sua orelha, igual à do Oscar, mas não me lembrava direito de qual era a orelha certa e torci para que isso

não fizesse diferença. Fiz uma senhora de vestido preto com gola alta e botinhas pretas e enfiei grãos muito pequenos na argila para serem os botões. Dei à senhora cabelos negros e cacheados, coleí pedaços de cliques para fazer seus grampos de cabelo, pintei seu rosto de branco e seus lábios de vermelho. Fiz um rastro de patinhas passando pela neve até a casa da velha senhora, coloquei o gato em seu colo e me certifiquei de que ele estivesse bem enrolado e não parecesse que iria se levantar de novo. Costurei seus olhos fechados e enfiei suas patas embaixo de seu corpo. E, então, eu disse: “Venha para casa, Oscar”.

Depois de terminar, fiquei me perguntando o que realmente poderia acontecer se o milagre funcionasse. Será que o bigode de Oscar ficaria chamuscado depois de ele voltar na velocidade da luz lá de onde quer que estivesse? Ou será que seu pelo estaria em pé, depois de ele ter voltado à vida com um raio de luz? De um jeito ou de outro, fui até a casa da sra. Pew e toquei a campainha. Vi sua cabeça balançando, senti o cheiro de brechó e fiquei um pouco enjoada, mas me mantive firme e, quando ela abriu a porta, eu disse: “Não se preocupe com o Oscar, senhora Pew. Estou com uma sensação de que ele vai voltar logo, logo”.

Ela aumentou o volume do aparelho auditivo e eu falei tudo de novo, aí ela respondeu: “Ah, tomara que sim, tomara que sim!”.

Eu disse: “Tenha fé, senhora Pew”.

Aí ela falou: “Como é que é?”.

E eu disse: “TENHA FÉ!”.

Sua mão voou para a garganta e ela respondeu: “Ah. Tenho sim, com certeza”.

Ela me viu sair pelo jardim. Quando eu já estava no portão, falou de repente: “Você é a Judith, não é?”.

“Sou, sim.”

Ela disse: “Obrigada, Judith. Foi muito gentil de sua parte dar uma passada aqui”.

Respondi: “De nada, senhora Pew”.

Quando cheguei em casa, escrevi o milagre no diário, depois virei três páginas e anotei: “O Oscar já voltou para casa?”, e aí fiz o mesmo na página seguinte.

Esperei por Oscar aquele dia inteiro e o dia seguinte também, mas só continuou a nevar. Enquanto isso, decidi que, embora eu não quisesse voltar para a escola por causa do Neil Lewis, a neve tinha que ter fim. O Pai ficava falando do tanto de trabalho que ele estava perdendo e acidentes aconteciam nas estradas e idosos estavam ficando doentes, como o Joe, por exemplo. O Pai disse que ele tinha ido para o hospital e que um vizinho estava cuidando do Watson. Então, na tarde de quinta-feira, recolhi a gaze, puxei o tecido de algodão, soprei a farinha e parti o gelo dos telhados das casas. Enrolei o algodão e desfiz a nevasca, guardei os bonecos de neve e limpei a espuma de barbear, devolvi o azul ao céu e liguei o sol.

O vento diminuiu na noite de sábado. No outro dia de manhã, apareceu um céu azul. Lá pela tarde o sol já estava bem quente. O gelo pingava na minha janela, parecia que alguém estava jogando baldes d’água. A neve das ruas ficou lamacenta e se quebrou em placas de gelo. O Pai disse: “Eu sabia que não ia durar!”. Não falei nada, mas saí e fiquei na calçada ouvindo a água correr para as valas das sarjetas e disse: “Obrigada, Deus. Você me ouviu mais uma vez”.

Mas ainda nada de Oscar. Esperei o dia todo e a tarde toda. Eu disse: “Fiz tudo certo, Deus?”. Mas Deus ainda deveria estar ocupado com os quatro cavaleiros ou com alguma outra coisa, porque Ele não respondeu.

À noite, eu me sentei na cama e fiquei vendo as nuvens passarem na frente da lua, velando e desvelando a Terra Gloriosa. Vi o sol sair de trás da montanha e piscar seu olho vermelho e embaçado, rajando o céu de rosa e amarelo, feito um pirulito. Mas nem sinal de Oscar.

No dia seguinte, depois do encontro, eu estava no jardim com o Pai quando o quarto milagre aconteceu.

O Pai abria os caminhos e eu o ajudava. Pequenos pássaros tinham deixado marcas no comedouro e em cima dos muros. Um rastro de pegadas maiores, que pertenciam a algum animal grande, chegava aos portões da garagem. Moitas de buddleias e palmeiras de jardim cediam ao peso de uma espuma de neve, e os galhos da cerejeira estavam pretos e pingando. Havia buracos aqui e ali, onde a terra estava começando a aparecer, junto com um pouco de grama encharcada.

O Pai bebia chá, olhava ao redor com a mão na cintura, sua respiração era uma nuvem cor-de-rosa no ar. Ele disse: “Acho que vai ficar bem bonito na primavera, quando a cerejeira da sua mãe der flor. E em mais umas semanas teremos as primeiras rosas de natal”. Foi aí que ouvimos umas batidas e levantamos os olhos para ver a sra. Pew na janela de sua cozinha. Ela estava me chamando.

Quando cheguei perto do muro, ela abriu a porta dos fundos e apontou. Junto a seus pés, curvado sobre uma tigela de biscoitos para gato, esmigalhando a ração com os dentes, virando a cabeça para um lado e para o outro e fazendo uns ruídos de quem está com fome, estava Oscar. A sra. Pew disse: “Olhei para cima e lá estava ele, no parapeito da janela!”. Sua cabeça balançava duas vezes mais que o normal. Ela falou: “Achei que ele já tinha morrido, e aqui está ele, bonitinho, comendo um monte!”.

Subi até a sra. Pew e estendi a mão para fazer um cafuné na cabeça de Oscar. Fiquei feliz ao ver que não tinha nenhum pelo chamuscado e que seu bigode estava perfeito. “Falei para a senhora que ele ia voltar para casa”, eu disse. A sra. Pew sorria e concordava. Seus olhos pareciam cheios d’água. Naquele momento, não tive nem um pouquinho de medo dela.

Ela falou de repente: “Judith, você e seu pai não querem umas tortinhas de geleia?”.

Uma imagem nossa, o Pai e eu brincando e beliscando um

ao outro, com borrões de geleia e migalhas doces em nossos rostos, brilhou diante de meus olhos. Então falei comigo mesma: “Não seja boba”. Em voz alta eu disse: “Obrigada, senhora Pew”.

Ela embrulhou um prato em um pano de cozinha e me entregou. “Venha tomar um chá comigo um dia desses.”

Quando voltei, o Pai já tinha entrado. Eu o vi tomando chá pela janela da cozinha. Não fui direto para dentro. Fiquei no caminho do jardim vendo o céu se avermelhar, cheirando a terra e sentindo o calor do prato em minhas mãos.

De repente, vi como tudo ficaria cada vez melhor e fiquei me perguntando por que Deus tinha me ajudado desse jeito. E, embora Ele não me respondesse e tivesse ido para onde quer que fosse, Ele devia saber o que Ele tinha feito, me fazer feliz assim tão de repente, fazer tudo começar a mudar.

LIVRO II

O EFEITO BOLA DE NEVE

Segunda-feira

Na segunda-feira, choveu. Telhados soaram, calhas cantaram e floquinhos de neve desceram as sarjetas que nem ilhas flutuando no mar. Pingos caíam do chapéu de Sue Lollipop enquanto ela me ajudava a atravessar a rua até a escola. Eu me perguntei se ela fazia ideia de quem estava ajudando, mas não disse nada, porque Deus tinha falado para não contar a ninguém que eu era Seu Instrumento.

Sue disse: “Vou dar o fora daqui, pras Bahamas. Logo, logo, garota, vou arranjar a passagem”. Perguntei se eu poderia ir junto e ela respondeu que iria me botar na mala.

Na sala de aula, eu me sentei e esperei os outros voltarem do canto coral. Não vou ao canto coral porque o Pai diz que eles cantam para falsos deuses. O cheiro da sala estava embrulhando meu estômago, então me pus a pensar na neve que eu tinha feito. E que agora estava virando água. Dois baldes coletavam as goteiras do teto e a chuva batia nas janelas. As gotas que caíam do céu ficavam lívidas sob a luz fluorescente. Pareciam pequenas faíscas, surgindo e sumindo. Eu tentava seguir sua queda, mas fiquei tonta e, por fim, só deitei a cabeça na carteira e fechei os olhos.

A porta bateu na parede e dei um pulo. Todos eles

invadiram a sala e uma onda de som veio atrás, vinham rindo e se empurrando. Neil pulava nas costas de Hugh e gritava. Eu me encolhi na carteira. Depois me endireitei de novo. “Não há o que temer”, eu disse. “Não mais.”

Gemma, Rhian e Keri se sentaram. Não disseram oi. Estavam vendo uma revista que Gemma tinha trazido. Quando Gemma me viu olhando, ela levantou a capa, para que eu não pudesse ver.

Gemma tem cabelos cacheados e loiros e pele bronzeada o ano inteiro. Ela sabe fazer conta de dividir. Ela tem dois pares de brincos de ouro em cada orelha; anéis de ouro nos dedos; usa tênis de cano alto, com meias de cano alto; e tem um collant de lantejoulas. Eu nunca tive um collant. Não sou boa de Educação Física. Uso botas e meias longas. Eu usava um tênis de ir para a escola, mas eles tinham uma tira de velcro e Gemma falou: “Eu já tive um desses — quando eu tinha *quatro* anos”, e todo mundo deu risada. Gemma é boa de fazer todo mundo dar risada. Mas Gemma tinha inveja dos meus tênis porque eles duravam mais do que os dela. E nem morta eu iria entrar num collant, nem que ele estivesse cheio de lantejoulas.

Gemma e Keri começaram a dar risadinhas. Peguei meu livro de leitura para mostrar que não estava interessada. Aí uma torta passou voando pelas nossas cabeças. Um saco de batatas fritas veio atrás e, alguns segundos depois, um par de chuteiras. Eu me virei e vi Hugh no chão, rastejando e recolhendo suas coisas, enquanto Neil chacoalhava sua mochila. De repente a porta se abriu. O sr. Davies falou: “Pelo amor de Deus, o que vocês acham que estão fazendo?”.

Risadas e cadeiras se arrastando. Neil se sentou e se levantou de novo, deu um tapão nas costas do pulôver de Hugh. O sr. Davies gritou: “NEIL LEWIS! O senhor acha que o que eu digo se aplica a todo mundo, menos a você?”. Neil sorriu e se sentou, como se o sr. Davies tivesse feito um elogio.

O sr. Davies passou as mãos pelos olhos e foi em direção à sua mesa. Parou no meio do caminho e levantou um dos pés.

Falou: “Mas o que...?”. E então seu rosto ficou sombrio e ele berrou: “É o limite! O limite extremo! Como essa torta chegou aqui?”.

Neil disse: “Voando, senhor”.

Lee falou: “O Hugh jogou, senhor”.

O sr. Davies gritou: “Eu não vou tolerar esse tipo de comportamento! Eu NÃO vou, vocês estão me ouvindo?”.

Ele tirou o sapato, foi até a pia e pegou duas toalhas de papel. Quando voltava, tropeçou no balde que coletava as goteiras. Ele se levantou e seus óculos estavam embaçados. “Alguém pegue umas toalhas de papel e LIMPE ESSA BAGUNÇA!” Ele se sentou à mesa, afrouxou a gravata e abriu a lista de chamada. “Muito bem”, ele disse. “Muito bem! Scott! Robert! Stacey! Paul...”

O sr. Davies estava no “Rhian” quando um grito agudo veio do fundo da sala. Nós nos viramos para ver Neil puxando Hugh pela gravata. O sr. Davies se levantou. “NEIL LEWIS”, ele rugiu. “SOLTE O HUGH!”

Neil soltou Hugh tão de repente que ele caiu na cadeira. O sr. Davies se sentou e enxugou a testa com o lenço. Sua mão tremia. Ela se moveu até a gaveta da mesa. Ele ficou pensando em alguma coisa por um momento e depois continuou a lista de chamada.

Depois de terminar, o sr. Davies disse: “Página setenta dos seus livros de Inglês! Exercício onze!”. Murmúrios, ruídos de carteiras se abrindo e se fechando e de livros caindo sobre as carteiras. O sr. Davies falou: “Será que dá para fazer em silêncio, por favor?”.

Às dez e vinte, o sr. Davies deu um tapa no tampo da mesa, a gaveta se abriu e ele tirou alguma coisa de dentro dela. Ele se levantou e disse: “Vou dar uma saída por cinco minutos. Quando eu voltar, quero ver o exercício terminado”.

“Cinco minutos!”, ele repetiu, voltando e enfiando a cabeça

pela fresta da porta.

Assim que a porta se fechou, uma cachoeira de barulho jorrou na sala. Cadeiras se arrastando, portas de armários batendo, um menino começou a desenhar na lousa, outro subiu na mesa. Gemma pôs a caneta de lado e bocejou. Ela se esticou até os ombros de Rhian e deu uma risadinha. Depois se endireitou na cadeira e ficou me olhando com cara de sono. Para Rhian ela disse: “Neil Lewis é um pedaço de mau caminho”. Mas continuou olhando para mim.

Alguém falou para Gemma: “Tudo beleza, gatinha?”, e eu senti uma onda de calor passar por meu corpo. Neil estava de pé atrás de Gemma. Ele disse: “E aí, retardada? Como andam as coisas no planeta dos bizarros?”.

Olhei para meu livro. “Você é Instrumento de Deus”, disse comigo mesma. “Não há nada a temer.”

Gemma se encostou na cadeira. Ela disse: “Judith, seu pai é louco. Eu o vi outro dia batendo nas portas das casas”.

Respondi: “O mundo vai acabar, a gente tem que contar para as pessoas”.

Gemma falou: “Você é louca também”. E se virou para Neil. “O pai dela chegou na minha casa e perguntou pra minha mãe se ela achava que Deus ia fazer alguma coisa com os problemas do mundo!”

“Uma vez ele tocou a campainha da minha casa e meu pai mandou ele ir se foder”, disse Keri. “Ele estava de boné. Ele sempre está de boné.” Ela deu risada de repente. “Aposto que deve feder muito!”

Neil disse: “Se um dia ele tocar a campainha da minha casa, meu pai vai encher ele de porrada”.

Apertei firme a minha caneta. Eu disse: “Nós temos uma missão. Precisamos alertar as pessoas”.

“Ah, meu Deus”, falou Gemma. “Vai começar tudo de novo.”

Aí tudo aconteceu muito rápido. Neil puxou minha cabeça para trás e enfiou alguma coisa na minha boca. A coisa tinha

arestas. Neil empurrou tão fundo que eu quase engasguei. Ele segurava meus braços.

Gemma, Rhian e Keri caíram na gargalhada. Eu sentia o rosto em chamas. Queria livrar minha cara, mas não conseguia, e eles continuavam dando risada. Então alguém entrou correndo na sala e disse: “Ele tá vindo!”. Neil deu um tapa na minha nuca e voltou passeando para seu lugar.

Tirei a coisa da boca. Era papel. O papel formou um caroço empapado em cima da carteira. Escondi o caroço dentro da gaveta e baixeí a cabeça sobre o livro.

“Vocês se comportaram direitinho?”, perguntou o sr. Davies. Abriu a gaveta de sua mesa e a fechou de novo. Sua voz estava mais forte agora. Ele disse: “Vamos checar essas respostas”.

Mas eu não conseguia pensar nas respostas. Algo estava arrepiando meus braços e meus dedos, subindo pelo pescoço até os cabelos. Minha cabeça estava mais uma vez quente e cheia, como no dia da neve, e a sala vibrava um pouco. Tinham aparecido ciscos na frente dos meus olhos.

Eu não sabia ao certo se estava com medo ou com raiva; se fosse raiva, era a primeira vez na vida.

Terça-feira

Quando cheguei em casa naquela tarde, fiz um sanduíche e reguei minhas sementes de mostarda. Pensei que talvez elas precisassem de mais sol, então levei-as até o parapeito da outra janela e remexi um pouco a terra. Depois subi a escada e me sentei no chão diante da Terra Gloriosa.

Pensei em fazer um boneco de Neil e espetar alfinetes nele, mas acabei fazendo uma jangada com muitos remos e seis homenzinhos com ossos enfiados nos narizes. Tentei fazer com que eles parecessem alegres, mas todos pareciam bem bravos.

Na terça-feira, Neil abriu a boca e virou os olhos para mim. Botou a língua de um lado e do outro e lambeu as próprias bochechas. Jogou bolinhas de papel e elas quicaram na minha cabeça.

Pensei em granizo e em bolas de fogo rolando pelas ruas. Pensei em terremotos e trovões. Pensei em pessoas gritando, prédios caindo e rios de lava derretida. Então ouvi alguém falando: “Olá! Terra chamando Judith!”.

“Bom”, disse o sr. Davies quando levantei os olhos, “agora que estamos todos aqui...”

Os lábios de Neil se torceram e seus olhos sorriram.

Às onze horas, fui até a mesa do professor para que ele corrigisse minha tarefa. Vi o exército de pelos negros avançando e recuando no nariz do sr. Davies, senti o cheiro forte de cigarro e fiquei esperando. Ele devolveu meu livro e falou para a classe: “Escutem bem todos vocês, temos aqui uma aluna que já terminou o dever”. Quando voltei para minha carteira, os olhos de Neil ficaram me seguindo.

Um por um, todos os outros foram até a mesa para o professor dar um visto nos livros. Às onze e meia, o sr. Davies disse: “Vocês três aí no fundo — o resto da classe está esperando vocês”. Neil, Lee e Gareth pegaram os livros, foram até a frente da sala arrastando os pés e, com má vontade, fizeram uma fila.

Neil estava bem atrás da nossa mesa. Eu ouvia o sussurro de sua jaqueta Puffa, o som sedoso de suas calças de fazer esporte, sentia o cheiro enjoativo de sua pele. Gemma estava sorrindo, mas eu não entendia por quê. Um pouco depois, ouvi um barulho, como se fosse uma trombeta, e algo pousou na minha mão. Olhei para baixo e vi um borrão de ranho perfeitamente redondo, verde-claro e circundado de vermelho. Devia caber direitinho no nariz de Neil.

Gemma disse: “O que é isso?”.

Keri disse: “Que nojo!”.

Rhian disse: “Ah, meu Deus”.

Minha cabeça começou a esquentar. Procurei alguma coisa para me livrar daquilo, mas não achei nada, então limpei a mão no lado de baixo da cadeira, enfiei a cabeça no livro e comecei a escrever bem rápido, mas não lembro o quê.

O sr. Davies terminou de corrigir o livro de Gareth e se pôs a corrigir o de Lee. A fila andou. Neil ficou onde estava. Escutei quando ele sugou o catarro para o fundo do nariz. Depois senti uma coisa no meu cabelo.

“Ai, meu Deus”, Gemma disse. “Judith, que que é isso no seu *cabelo*?”

Passei a mão em cima e meus dedos voltaram cobertos por uma pasta verde.

Fiquei tonta. Tentei rasgar um pedaço de uma folha do meu livro de exercícios, mas minhas mãos tremiam e arranquei a página inteira.

Neil disse: “A Judith rasgou o livro dela, senhor”.

O sr. Davies levantou os olhos. “Judith, você rasgou seu livro?”

Neil fez um gesto, como se estivesse despedaçando alguma coisa com as mãos.

“Foi sem querer”, respondi.

“Ela está mentindo, senhor”, falou Neil. “Ela fez de propósito.”

“Fique quieto, Neil”, disse o sr. Davies.

“É verdade, senhor”, falou Gemma. “Eu vi.”

O sr. Davies franziu a testa. “Judith, estou decepcionado com você. Aqui nós não estragamos o patrimônio da escola.” E voltou a corrigir o livro de Lee.

Agora minha cabeça estava muito quente. Depois de um minuto, tentei limpar o ranho, mas o papel só o espalhava mais. Gemma disse: “Senhor, eu não quero sentar do lado da Judith”.

O sr. Davies falou: “O que está acontecendo aí nessa mesa?”.

Rhian disse: “A Judith precisa de um lenço, senhor”.

O sr. Davies falou: “Judith, se você precisa de um lenço, então vá ao banheiro e se limpe. Não achei que eu precisasse explicar isso”.

Eu não me mexi e ele falou: “Vai logo”.

Quando me levantei, Neil sorriu.

“E lave as mãos!”, o sr. Davies gritou para mim.

A outra face

Naquela tarde, fiquei sentada diante da Terra Gloriosa por mais de uma hora. As pessoas pequeninas olhavam para mim com seus sorrisos pintados. Eu conhecia cada uma delas. As duas pessoinhas que tinha feito para começar tudo anos atrás — um boneco de limpador de cachimbo com pulôver verde e uma boneca de pano com cabelos castanhos e macacão de flores — eram as que me encaravam mais firme. Pareciam me perguntar alguma coisa, mas eu não sabia o que era.

“Deus”, eu disse, “estou achando muito difícil ter esse poder e não usar para castigar as pessoas.” Mas Deus não respondeu.

Às vinte para as seis, ouvi a porta da frente bater. O Pai me chamou e foi para a cozinha. Ouvi Mike junto com ele. Mike não é crente, então nós não deveríamos conviver com ele, mas o Pai diz que é um homem bom, então tudo bem.

Mike e o Pai trabalham juntos na fábrica. A maioria das pessoas da cidade trabalha lá. Na fábrica eles fazem aço para coisas que voam. Mike diz que, do jeito que as fábricas estão, não é um lugar assim tão ruim. No vale vizinho tem uma

fábrica onde eles matam frangos, e um homem ficou tão cansado de matar frango que enfiou a mão nas engrenagens. E não faz muito tempo que deu no jornal uma fábrica onde as pessoas começaram a ficar doentes porque as luvas não protegiam dos produtos químicos que usavam, embora a fábrica dissesse que era tudo bobagem. Mas o Pai nunca gostou muito de nossa fábrica e está sempre de mau humor quando volta para casa, a não ser que Mike esteja com ele.

Eu me levantei e fui em direção ao patamar. Quando cheguei ao pé da escada, parei para amarrar o sapato. E foi então que ouvi Mike dizer: “Doug é barra-pesada. Se eu fosse você, ficaria fora do caminho dele. Mas sei que falar é fácil, difícil é fazer”.

Um deles arrastou a cadeira, o Pai disse uma coisa que não consegui entender e aí Mike respondeu: “É, ouvi falar disso”.

O Pai jogou alguma coisa na estufa. “Jim e Doug vão para o Clube juntos. Eles são assim, grudados.”

“É. Bom”, Mike falou. “É complicado.”

“É o corte das horas que está fazendo isso”, disse o Pai. “Está pegando eles.”

“Mais reuniões do sindicato.”

O Pai disse: “O sindicato é uma chalaça”.

Aí Mike respondeu: “Pode até ser chalaça, mas se eles fizerem greve, não quero nem ver”. Ele suspirou. “Se não fosse isso, ia ser outra coisa. Eles vão resolver isso e já vai pipocar outra coisa, é que nem goteira.”

O Pai disse: “Não li meu contrato até o fim”, e eu poderia jurar que ele estava sorrindo.

Depois eles ficaram em silêncio, eu fui até a porta e abri, e Mike falou: “Bom dia, Bela Adormecida!”, o que ele sempre diz quando já está de tarde. E eu respondi: “Seus dedos já estão bem gordinhos?”, que é o que eu sempre respondo.

Ele disse: “O que você anda aprontando?”.

Pensei um pouco e respondi: “Fazendo umas coisas”.

Mike falou: “Muito bem. Por que o frango atravessou a rua

quatrocentas e setenta e oito vezes?”.

“Não sei.”

“Porque os suspensórios dele estavam presos no poste.”

“Boa”, rebati. Eu me sentei e comecei a descascar uma tangerina.

Eles continuaram conversando, mas não sobre a fábrica. Depois de um tempo, falei: “O que é barra-pesada?”.

Mike olhou para o Pai e depois disse: “Barra-pesada é alguém de quem você deve ficar longe”.

Botei um gomo de tangerina na boca. “O que é sindicato?”

O Pai disse: “Judith, você não tem nada melhor para fazer além de ficar ouvindo a conversa dos outros?”.

Mike deu risada. “O sindicato é um grupo de pessoas que ficam juntas por aí.”

“Ah”, eu disse. Pensei em Gemma, Rhian e Keri, em Neil, Gareth e Lee. Eu conhecia bem as gangues. “O que é uma chalaça?”

O Pai balançou a cabeça e se levantou. Mike disse: “Acho que no fim é alguém que não é tão bom assim no que faz”.

“E o que eles fazem?”

Mike disse: “Ficam só arengando! Bom, eles organizam umas coisas pra nós, trabalhadores, conseguirmos um acordo justo; pelo menos essa é a ideia”.

Mais tarde, quando o Pai e eu estávamos lanchando, perguntei: “Por que o sindicato não é bom?”.

Ele disse: “Você não desiste mesmo, né?”.

Eu estava para perguntar de novo quando ele falou: “O sindicato é desorganizado demais para fazer qualquer coisa”.

“Ah.”

Ele estava comendo rápido. Vi um naco de batata descendo por sua garganta. Ele disse: “Não se preocupe com isso”.

Apertei a batata com o garfo para ver quanto ela aguentava antes de se amassar. “Então por que eles querem greve?”

“Eles acham que as nossas horas não devem ser cortadas.”

“E eles estão certos?”

Os músculos do maxilar e da têmpora do Pai se mexiam para lá e para cá. “Minha opinião não tem importância, Judith. O que importa é que nós honramos as autoridades civis como representantes de Deus na terra. Jesus disse: ‘A César o que é de César, a Deus o que é de Deus’.”

“Mas cortar as horas não é injusto?”

“Jesus disse: ‘Ofereça a outra face’. Nós temos que deixar as coisas nas mãos de Deus”, ele disse. “Não vale a pena ficar se debatendo com a maioria das coisas. É tudo ninharia.”

Amassei minha batata. “Ninharia é importante também”, respondi.

Ele colocou a faca de lado. Disse: “Você está brincando com a comida ou comendo?”.

Parei de fazer o que estava fazendo.

“Comendo”, respondi.

O presente

Na quarta-feira, Neil Lewis pôs uma lesma no meu prato e me jogou no latão de lixo, e tive que bater até o sr. Potts, o zelador, me ouvir. Quando viu minhas roupas, o Pai ficou furioso e disse que ele já tinha coisas demais para fazer, mas não falei nada sobre Neil porque eu não queria que o Pai tivesse que ir à escola. Só fui para o quarto e montei uma história na Terra Gloriosa.

Na quinta-feira, Neil puxou minha cadeira e tentou botar fogo no parquinho com minha mochila. Quando o Pai viu a mochila, falou: “Mas que desgraça, Judith, dinheiro não dá em árvore!”, e eu sabia que ele estava muito furioso porque tinha blasfemado. Subi a escada e brinquei na Terra Gloriosa, contei uma história sobre um guarda-chuva que tinha uma estampa de flamingos e que, se fosse aberto, cada um dos flamingos alçaria voo, mas isso nunca aconteceu, porque a garotinha a quem o guarda-chuva pertencia o amava demais e não queria que ele ficasse molhado.

Na sexta-feira, fiquei com a cabeça enfiada no livro e não olhei para cima nenhuma vez porque, se eu tivesse visto a cara do Neil, não teria conseguido disfarçar toda a minha raiva. E o mais estranho era que não me lembrava de ter ficado com raiva

antes de descobrir meu poder, só tinha ficado com medo, mas agora eu estava mais furiosa do que já estivera em toda a minha vida e tinha a sensação de que alguma coisa estava correndo dentro de mim, que nem o Papa-léguas tentando escapar.

O rosto do sr. Davies estava cinzento naquela manhã. Ele ficava arrumando os óculos e sua mão tremia. O suor brilhava em sua testa. Às dez e cinquenta, ele bateu na mesa, revirou a gaveta procurando a garrafa e se levantou. Ele disse: “Vou voltar em cinco minutos. Continuem fazendo a tarefa em silêncio e não esqueçam: vou corrigir a ortografia e a gramática!”.

Quando ele saiu, irrompeu o pandemônio. Eu me curvei sobre o livro e apoiei a cabeça nas mãos. Estávamos fazendo os exercícios de escrita criativa dos nossos cadernos. Gosto de escrita criativa, mas o tema era “Presentes”, e escrever sobre isso era difícil para mim. Os Irmãos não celebram o Natal e nem aniversários, e o Pai não comprava presentes porque dizia que o mundo estava cheio de materialismo e nós não devíamos piorar as coisas. Acho que eu poderia ter escrito sobre um dos presentes da Josie, mas não quis.

Gemma estava falando: “Eu vou ganhar um pônei de Natal”.

“Eu vou ganhar um trampolim”, disse Keri.

“Eu vou ganhar um par de patins”, falou Rhian.

Aí Gemma perguntou: “Vocês não comemoram o Natal, né?”.

“Não”, respondi, “porque não é o aniversário de Jesus. É o dia do nascimento do deus romano do Sol.”

Rhian falou: “Vocês também não comemoram aniversário”.

“Não, porque eram comemorações pagãs e, nos únicos aniversários registrados na Bíblia, as pessoas foram decapitadas.”

Keri disse: “Vocês também não têm televisão”.

“Não”, respondi, “porque quando minha mãe e o Pai se casaram, o Pai falou: ‘Ou eu, ou a TV’. Minha mãe fez a escolha errada.”

Não entenderam a piada. Elas me olharam com aquele olhar de “esquisita!”, que é uma sobrelanceira erguida, o queixo torto e uma careta. Aí Keri falou: “Você não tem mãe, tem?”. E não respondi nada.

Gemma disse: “Enfim, Jesus *nasceu sim* no dia de Natal. Todo mundo sabe disso”. E virou as costas para mim e se apoiou sobre o braço, me empurrando para o canto da carteira.

Mas não liguei porque, de repente, descobri sobre o que escrever: escreveria sobre a neve. Era, de longe, o melhor presente que eu já tinha ganhado, melhor que qualquer presente de Natal ou de aniversário, e também era seguro escrever sobre ela, porque o Pai só tinha dito que eu não deveria falar sobre os milagres, e ninguém iria ler meu caderno, a não ser o sr. Davies, que escrevia “Bom trabalho” no final de qualquer coisa — uma vez escrevi que preferia morrer a ir à escola e ele escreveu “Bom trabalho” embaixo disso também.

Desenhei a margem com a régua. Escrevi a data. Fechei os olhos e o barulho da sala de aula sumiu. Eu podia ouvir o vento soprando. Podia sentir o ar ficando mais frio. A brancura cobria meus olhos. Tudo escureceu.

Estava escrevendo fazia não sei quanto tempo quando senti algo atrás de mim. Eu me virei e Neil Lewis estava parado ali, com cara de contente, como se tivesse acabado de achar uma coisa que havia esquecido. Ele disse: “O que você está fazendo, sua retardada?”.

“Nada”, respondi.

Abri a gaveta para guardar o caderno, mas ele foi mais rápido.

Tentei pegar o caderno, mas Neil o levantou. Tentei pegar de novo e ele o ergueu acima da minha cabeça. Então eu me sentei, fiquei bem quietinha, olhando para as minhas mãos.

Neil encontrou a página onde eu estava escrevendo. Leu em voz alta: “*Ganhei o melhor presente descobri que tenho um dom foi*

mágico aconteceu no domingo eu fiz nevar...". Ele fez uma careta. Depois deu risada e gritou: "Ei! Galera! A Judith tem poderes mágicos!".

Houve vaías e gritos. Eles se juntaram em volta.

Neil começou a ler de novo. *"Fiz nevar foi no meu quarto fiz nevar com algodão e açúcar..."*

Gritos.

"Deus me mostrou como se fazia..."

Vaías.

"Foi um mi-mil um mila-g mila — não tinha outra ex- exp- expl-..." Neil tossiu para limpar a garganta. *"... outra explic... explic ..."* Neil fez careta. *"Conforme nos apro- apro- da con- conc- conclu- temos que ser vigi..."* Ele estava ficando vermelho. *"Conforme nos apro- apro- da con- conc-conclus... temos que ser vigi — vemos um inc- inc- incrisup-er-na- oc- ocu-..."*

Os outros olhavam fixo. Neil disse: *"Que porra é essa?"*, e jogou o caderno no meu peito.

"Obrigada!", falei, como se tudo fosse só uma grande brincadeira, mas minhas mãos tremiam demais para abrir a gaveta.

O rosto de Neil estava sombrio. Ele se curvou sobre mim e vi mais uma vez como seus olhos eram azuis. Ele falou com uma voz suave: *"Quer dizer que você tem poderes mágicos. Quer dizer que você fez nevar"*.

Tentei sorrir, mas o sorriso cambaleou.

Ele chegou mais perto. Sua voz se ergueu. *"Mas você tá com muito medo, não tá? Você tá com medo agora. Tá cagando nas calças."* Seus lábios se torceram. *"O fim do mundo. Ooh. Tô morrendo de medo."*

Risadas e gritaria. Neil se endireitou e sorriu. Depois saiu desfilando. E, por isso, alguma coisa se inflamou dentro de mim. Arrepiou meus braços e meus dedos. Subiu pelo pescoço até os cabelos. Ouvi uma voz dizer: *"Você vai ver"*. Acho que fui eu.

Neil disse: *"Quê?"*.

Alguém falou: “Ai, meu Deus”.

Eu disse: “Você vai ver”. E dessa vez eu sabia que tinha sido eu mesma.

O rosto de Neil foi se inchando com alguma coisa, como se ele tivesse sentido cheiro de algo podre, igual a quando Gareth soltava um de seus puns. Ele se aproximou de mim e disse em voz baixa: “Você é um desperdício de espaço”. E todas as palavras saíram pesadas e lentas, como se fossem enormes demais para serem ditas.

Minha cabeça estava muito quente para pensar. Estava quente demais para ver. Eu disse: “Pelo menos eu sei ler”.

Por um segundo tudo ficou em completo silêncio. E, então, alguém deu risada. O som saltou como se tivesse sido lançado por uma mola. Borbulhou em algum lugar sob a faixa de luz fluorescente antes de o silêncio estender sua mão e estrangulá-lo.

O rosto de Neil estava estranho. Mudou uma vez e mudou de novo enquanto eu olhava, como se algo estivesse passando através dele. Neil disse: “*Você é uma merda duma perdedora*”.

Eu me levantei, soou um rugido, meu corpo estava cheio de sangue fervendo. Eu disse: “É você que é o perdedor. Você é o maior perdedor que já vi. Fique longe de mim, Neil Lewis, ou vai se arrepender”.

“E o que você vai fazer?”, alguém berrou. “Vai fazer ele virar sapo?”

“Pode ser”, respondi. “Se eu quiser.” Olhei para Neil e disse em voz baixa: “Eu posso fazer o que eu quiser”.

Aí aconteceram três coisas. Neil pulou para a frente, eu pulei para trás e a porta se abriu.

O sr. Davies disse: “Por que está todo mundo fora do lugar?”. Neil e eu nos encarávamos. O sr. Davies falou: “Será possível que vocês dois não me ouviram?”.

Neil foi para a sua carteira. O sr. Davies disse: “*Muito obrigado*”.

Eu me sentei e fiquei feliz porque minhas pernas não

estavam mais duras.

Gemma disse: “Ai, meu Deus”.

Keri falou: “Ele vai matar você”.

Rhian disse: “Você pode mesmo fazer mágica?”.

Eu me debrucei sobre o caderno. Tentei achar minha página. Mas dois fios invisíveis estavam amarrados às minhas costas. Sempre que eu me mexia, os fios se mexiam também. Quando me virei, Neil estava me encarando. E, enquanto eu olhava, ele pegou um lápis com uma das mãos e, sem tirar os olhos de mim, partiu o lápis ao meio.

Uma onda de calor passou por mim e eu fui caindo. Mas eu também sentia outra coisa. Sentia meu corpo todo formigando, como se estivesse refletindo luz, como ficou quando o Irmão Michaels nos falou sobre a semente de mostarda, como ficou quando vi a neve.

E, enquanto me virava de novo para a frente, pensei na neve, em como ela veio suave de início, em como os flocos derreteram e não deixaram qualquer vestígio. Mas também em como ela cobriu depressa as ruas e as casas e limpou a cidade e nivelou as valas e fez a montanha desaparecer e fechou a fábrica e cortou a energia e berrou nas páginas de todos os jornais em letras pretas de quinze centímetros. Em como veio do nada, enquanto eu dormia, e deixou o mundo branco.

Uma decisão

Quando saí da escola naquela tarde, aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido. Neil, Lee e Gareth estavam me esperando no portão, montados nas bicicletas; eles me seguiram até em casa.

Andei bem devagar e não olhei para os lados. Quando virei na nossa rua, eles me rodearam e Neil passou tão perto dos meus pés que até espalhou pedrinhas. Eles esperaram para ver em que casa eu entraria e depois saíram pedalando. Subi a escada e me deitei no chão, fiquei olhando para o teto.

Gosto do teto do meu quarto. Tem umas manchinhas cinza e umas bolas peludas no canto, onde moram as aranhas, que são como um pequeno conjunto de cabanas. Tem teias de aranha antigas que ficam penduradas que nem bandeirinhas de festa tristes. E tem uma luminária de balão. Foi minha mãe que fez a luminária. Ela também gostava de fazer coisas. Quando olho para o balão, penso nela e penso em viajar para algum lugar e deixar para trás essa cidade. Eu estava olhando para o balão agora mas, pela primeira vez, não estava vendo de verdade. “Deus”, falei, “queria poder fazer alguma coisa.”

“Tipo o quê?”, disse Deus, e eu fiquei muito feliz por Ele ter falado comigo de novo. Tive aquela sensação de fogo nas

costas e nos cabelos mais uma vez, como se alguém tivesse ligado um interruptor.

Eu me endireitei. “Bom, para que serve esse poder se não uso?”, perguntei.

“Seu pai falou que era perigoso.”

“Você usa o Seu poder.”

“É”, falou Ele. “Mas Eu sou o Todo-poderoso.”

“Até agora só usei meu poder para fazer coisas boas, não foi?”

“Foi”, Deus disse. “Até agora...”

“Mas era para isso mesmo que eu queria”, falei. E, de repente, comecei a tremer. “*Odeio ele!*”

“Você não está se esquecendo do perdão?”, perguntou Deus.

“Estou.”

Ficamos em silêncio por uns instantes.

Aí Deus disse: “Tem outro jeito também, é claro...”.

“Quê?”

“Tem o Velho Testamento também, você sabe. Já ouviu falar em ‘olho por olho’?”

“É a Lei.”

Deus disse: “Estou vendo que você andou prestando atenção. ‘Vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão.’ Cansei de ser sacaneado, sabe? Se as pessoas Me machucam, Eu dou o troco e machuco também. É Minha Lei Fundamental. Mas não preciso ficar falando essas coisas para você; você já sabe de tudo isso”.

“O que Você está querendo dizer?”

“Que alguém aqui precisa dar o troco”, disse Deus.

“Você acha?”

Deus coçou a cabeça, ou talvez a barba. Eu O ouvi coçando alguma coisa. “Acho”, Ele disse, por fim.

“*Mesmo?*”

“Mesmo.” Ele parecia ter mais certeza. “Você precisa fazer alguma coisa.”

“Que bom que Você concorda!”, falei. “Mas e o Pai?”

“Ele não acredita que você seja capaz de fazer nada”, Deus disse. “Se Eu fosse você, não me preocuparia. O que você estava pensando em fazer?”

“Ah, só uma coisinha”, respondi. “Nada de mais. Para começar.”

“Gostei disso”, Deus falou. “Gosto do seu estilo.”

Meu coração começou a martelar. “E vai ficar tudo bem?”

“Claro que sim”, respondeu Deus. “Quer dizer: acho que sim. Como você falou, é só uma coisinha. Não vejo problema. Um gostinho do próprio remédio dele vai fazer bem ao garoto.”

“Eba!”, dei um pulo.

“Só estou falando que não posso garantir que tudo vai sair como você imagina.”

“Tudo bem.”

“Então você vai levar adiante?”

“Vou!”

Deus deu risada. “Então o que você está esperando?”

Como fazer um homem

É assim que se faz um homem. Você vai precisar de:

lã de cabra angorá
tecido de algodão
guarda-chuva/tecido de náilon
cola que cola tudo
massa de modelar à base de amido
limpadores de cachimbo
tinta (acrílica)
líquido corretivo
palitos de dente
lã

1. Faça os sapatos, as canelas, as mãos, os braços, a cabeça e o pescoço com massa de modelar, usando os palitos de dente. Faça buracos para passar fios com os palitos de dente. Deixe a massa endurecer.

2. Cole os limpadores de cachimbo dentro dos buracos e os entorte para que formem uma figura. A coluna vertebral tem

que ser fina o bastante para dobrar, mas não para se quebrar.

3. Faça o nariz do homem (nesse caso, empinado), dois olhos (azuis, por exemplo), uma boca (dentes grandes) e o que mais você quiser (sardas).

4. Faça o cabelo com lã de cabra angorá (amarelo e lambido). Faça as expressões (uma careta, lágrimas).

5. Enrole a lã em volta dos limpadores de cachimbo. Modele a lã e depois corte.

6. Pinte os sapatos (ou tênis) do homem. Faça as calças (de fazer esporte: tecido de algodão preto com listras de líquido corretivo). Faça o casaco do homem (ou uma jaqueta Puffa: material de tecido de guarda-chuva).

7. Sopre em seus pulmões e dê a ele vida.

Uma batida na porta

Coloquei o homem que tinha feito no meio de um grupo de pessoas. As pessoas faziam uma roda e apontavam. O homem tentava romper a roda, mas as pessoas não deixavam. Ia de um lado para o outro, mas as pessoas não o deixavam passar. Ele se sentou e pôs as mãos sobre as orelhas. Eu me senti melhor só de olhar para ele. Ainda não sabia o que iria acontecer, mas, o que quer que fosse, acho que Neil Lewis não iria gostar muito.

Então comecei a escrever no meu diário. Quando escutei a porta da frente se fechar, eu o escondi embaixo da tábua solta e descii a escada correndo. Sentia as pernas como se tivesse acabado de participar de uma corrida e meu coração pulsava nos ouvidos.

Naquela tarde, o Pai acendeu a lareira da sala de estar, o que queria dizer que ele estava de bom humor. Na sala de estar ficam todas as coisas da Mãe, o piano preto com os castiçais de ouro, a máquina de costura Singer com pedal embaixo, o sofá de três lugares branco e rosa para o qual ela fez mantas, as cortinas de tremoços e malvas, as almofadas que ela bordou. Eu terei permissão para usar a máquina de costura da Mãe quando

for mais velha.

Era legal ficar na sala de estar, parecia que você estava em um barco. O escuro e a chuva castigavam as janelas, mas não conseguiam entrar. O vento clamava e as águas subiam e jorravam nos lados, mas nós continuávamos secos e salvos. O Pai bebeu um gole de cerveja e me serviu limonada, ficou ouvindo Nigel Ogden e eu me deitei de bruços no semicírculo de luz do fogo.

Eu estava desenhando o anjo do livro do Apocalipse que deu ao apóstolo João o pergaminho que era doce e depois ficava amargo. O velho senhor do sonho tinha falado a mesma coisa sobre a pedra que escolhi, e eu ainda não sabia o que significava. Fiquei me perguntando se fazia diferença o doce vir primeiro que o amargo e tentei lembrar qual era a ordem das coisas, mas não consegui.

Eu gostava do livro do Apocalipse. Ele falava principalmente sobre o fim do mundo, e os últimos capítulos eram sobre como seria depois, na Terra Gloriosa. “Como vai ser o Armagedom?”, perguntei.

“Vai ser a coisa mais grandiosa que o mundo já viu”, o Pai disse, e sua voz estava calma e equilibrada. Ele estava bem acomodado na poltrona, com as pernas estendidas.

Eu me sentei sobre meus joelhos. “Vai ter raio e trovão?”

“Talvez.”

“Terremoto?”

“Quem sabe.”

“Granizo e bolas de fogo rolando pelas ruas?”

“Deus vai usar o que Ele achar melhor.”

“Mas é estranho, não é?”, falei. “Matar toda essa gente...”

“Na verdade, não”, o Pai respondeu. “Lembre-se de que eles terão sido alertados por muitos anos.”

“Mas e se um ou dois não receberem a mensagem”, eu disse, “e não tiver mais jeito? Tipo, e se eles não ouvirem porque alguém disse para eles não ouvirem? Deus vai liberar?”

Olhei para o meu desenho. O rosto do anjo estava sisudo.

Músculos saltavam em seus braços. Ele não tinha cara de quem iria liberar alguém.

“Deus pode ler os corações, Judith”, o Pai disse. “A gente tem que deixar essas coisas para Ele.” Eu me senti melhor quando me lembrei disso e voltei a desenhar o anjo.

Quando terminei, mostrei ao Pai. O anjo tinha olhos azuis e cabelos que nem o sol. Estava com um pé no Egito e o outro na Argélia. “Ali é o Grande Vale do Rift”, falei, caso ele não tivesse percebido.

Ele disse: “Muito bom”. Depois ele perguntou: “Por que os dois pés do anjo estão na terra?”.

“O quê?”

“Um dos pés dele deveria estar no mar.”

“Ah, é?”

Consultei o livro do Apocalipse, Capítulo 10. O Pai estava certo. Mas, se eu pintasse a Argélia de azul, tudo iria ficar roxo e com o formato errado. Perguntei: “Faz muita diferença?”. Mas eu já sabia que fazia, porque o anjo não era apenas uma parábola, era simbólico, o que queria dizer que tinha muita importância, como Prefiguração, e até mesmo o menor dos detalhes possuía um significado muito maior. Então peguei a borracha. E aí bateram na caixa de correio da porta da frente. Três pancadas rápidas.

O Pai foi até a porta. Abriu, mas não ouvi nenhuma voz.

“Quem era?”, perguntei quando ele voltou.

“Ninguém.” Ele jogou mais lenha no fogo e bebeu mais um gole de cerveja.

“Ninguém?”

“Ninguém.”

“Ah”, eu disse.

Comecei a apagar o pé do anjo, mas o desenho foi ficando todo sujo.

Suspirei: “Talvez o anjo tenha se mexido um pouco. Talvez seu pé tenha ficado frio no mar”. E, enquanto eu falava, bateram de novo na caixa de correio, três pancadas rápidas.

Dessa vez, um segundo antes de o Pai abrir a porta da frente, ouvi o trinco do portão e umas risadas. Espiei pelas cortinas, mas não consegui ver ninguém.

Quando ele voltou, perguntei: “Quem era?”.

“Uns garotos brincando.” Ele jogou mais lenha no fogo.

“Ah”, eu disse.

Ele estava se mostrando muito calmo, mas eu sabia que estava bravo; ele odiava gente batendo forte à porta, porque ela tinha um lindo desenho de uma árvore no vidro colorido que a Mãe havia restaurado. Ele sempre comentava sobre como o desenho era bonito.

Peguei uma folha de papel nova e desenhei a cabeça do anjo. Não queria mais pensar no que o Pai havia dito. Eu tinha acabado de começar a colorir o rosto quando bateram na caixa de correio mais uma vez.

Dessa vez, ele foi para a porta dos fundos. Ouvi um grito e o som de pés correndo, aí o portão do jardim bateu.

Um minuto depois, o Pai entrou pela porta da frente rindo. Ele disse: “Dei um susto neles!”.

“Neles quem?”

“Nos moleques.”

Uma onda de calor passou por meu corpo. “O que eles estavam fazendo?”

“Enchendo o saco.”

“Já foram embora?”

“Já. Saíram correndo quando me viram. Não achavam que eu ia aparecer.”

Olhei para o anjo. “E como eram os moleques?”, perguntei.

“Garotos. Mais ou menos da sua idade, eu acho. Um deles tinha cabelo loiro. Um moleque grande. Você conhece alguém assim?”

Eu estava com calor, mas agora sentia frio. Os olhos azuis do anjo me encaravam. “Não”, respondi. “Não conheço ninguém assim, não.”

Domingo

Existem algumas coisas das quais nem os milagreiros conseguem se safar. Hoje descobri que Josie fez um poncho para mim.

May disse: “Não, é um xale”.

“Não, não”, rebateu Elsie. “É um poncho mesmo.”

“Cor de laranja, com conchas e franjas”, May falou.

“Eram conchas?”, perguntou Elsie. “Achei que fossem pérolas.”

“Conchas”, May respondeu. “Daquelas pequenininhas que você fura.”

“Enfim, ela está procurando você”, continuou May.

“Como você é sortuda!”, Elsie disse.

Fiquei escondida no banheiro até a hora do encontro.

Alf começou o discurso. Sua língua estava em boa forma, volteando nos cantos da boca. “O que Deus está pedindo para nós *fazermos*, Irmãos?”, ele perguntou. Olhava ao redor, o rosto vermelho, os olhos esbugalhados. Depois de meia hora, me deu dor de cabeça ficar ouvindo o discurso, mas poderiam ser os gases da tia Nel: estavam mais fortes do que o de costume nessa

manhã. Até mesmo as rosas amarelas de plástico pareciam mais abatidas.

A voz de Alf ficou mais alta. Seus braços se agitavam. Achei que ele fosse se enroscar no cabo do microfone. “O que Deus está pedindo para nós *fazermos*?”, repetiu. Quando ele falou pela terceira vez, não pude mais aguentar, levantei a mão e disse: “Preencheremos nossos relatórios?”, porque normalmente essa era a resposta certa. Mas todo mundo deu risada. O Pai depois explicou que Alf estava fazendo a chamada pergunta retórica, que é só para ficar no ar mesmo, não é para ninguém responder.

Alf disse que eu estava certa, é claro, que Deus realmente queria que preenchêssemos nossos relatórios, mas que Ele também queria que nós tivéssemos fé.

Finquei as unhas na lombada da minha Bíblia. Eu tinha fé. Mais do que qualquer um ali. Eu tinha feito coisas que eles não podiam nem imaginar. Se soubessem, não ficariam rindo de mim. Se soubessem, ficariam espantados.

Não pude deixar de pensar em como era estranho que ninguém tivesse notado que eu era Instrumento de Deus. Achei que, a essa hora, já daria para ver. Decidi perguntar o endereço do Irmão Michaels ao tio Stan. Tinha certeza de que *ele* me levaria a sério.

Depois do encontro, fui até o tio Stan e cutuquei seu braço. Eu disse: “Queria saber se você não podia me dar o endereço do Irmão Michaels. Ou o número do telefone dele”.

“Do Irmão Michaels?”

“É.”

“Para que isso, fofura?”

“Tenho que falar com ele sobre a semente de mostarda e sobre um milagre que aconteceu.”

Ele sorriu: “Sem dúvida”.

“Quê?”

“Bom, vou arrumar para você.”

“Ah...”

“Lembre-me, se eu não trouxer no próximo encontro”, Stan disse. E começou a guardar uns papéis na maleta.

Achei que ele não tinha escutado direito. “Tio Stan”, falei, “eu fiz um milagre! Eu fiz nevar!”

“É mesmo?”

“Como assim ‘É mesmo?’.” O calor estava voltando.

“Judith...”, ele falou e pôs a mão na minha cabeça.

“Não estou inventando!”, rebati. “Eu não ia contar para você, mas aí escapou... é por isso que preciso do endereço do Irmão Michaels. É sério. Tenho que saber o que fazer agora. Com o meu poder.”

“Bom, tenho certeza de que o Irmão Michaels vai saber aconselhar você, minha querida”, falou o tio Stan. “Agora tenho que ver uma coisa com o Alf...”

Mas ele nem precisava ter dado uma desculpa: vi um chapéu rosa-choque com plumas cor de pêssego vindo em nossa direção. Josie estava passando os olhos pela sala.

“Também tenho que ir”, falei e escapuli para o fundo das fileiras. Parecia que, se Josie não conseguisse me encontrar logo, ela iria enviar um pelotão.

O quinto milagre

Quando entrei na sala de aula na segunda-feira, uma mulher estava ao lado da mesa do sr. Davies. Era difícil saber quantos anos tinha, porque ela era bem pequena, mas achei que devia ser mais ou menos da idade do Pai. Ela tinha cabelos vermelhos presos por uma tiara, óculos redondos e mãos pequeninas que pareciam estar em carne viva. As mãos eram tão vermelhas quanto os cabelos. Gostei do cabelo dela. Pensei em como seria legal fazer um desses para as minhas pessoinhas. Usaria lã cor de laranja brilhante, iria desfiar os fios.

A mulher estava tentando abrir a gaveta e chacoalhando tudo. “A senhora tem que bater em cima”, falei.

“Ah.” Fez uma careta, bateu com força e a gaveta se abriu. Ela sorriu para mim. “Obrigada. Você é a...?”

“Judith.”

“Eu sou a senhora Pierce”, ela disse. “Vim substituir o senhor Davies, por enquanto.”

“Ah”, falei. “O que aconteceu com ele?”

“Ele não está se sentindo muito bem. Mas vai ficar bom logo, logo.” Sorriu mais uma vez. Tinha dentes bem pequenos e, nos dois lados da boca, um dos dentes de cima era torto, com a ponta para fora. Gostei dos dentes da sra. Pierce. Gostei da voz

dela também. Me lembrava maçãs verdes.

Ela disse: “Você não participa do canto coral, Judith?”.

“Não. Tenho que ficar apartada do Mundo.”

“Ah”, disse a sra. Pierce. Ela piscou. “O que tem de errado com ele?”

“É um Antro de Iniquidades”, respondi.

A sra. Pierce me olhou com mais atenção, depois fungou e disse: “Bom, você não está perdendo muita coisa”. Ela bateu na mesa de novo, a gaveta se abriu de uma vez e acertou seu cotovelo. Ela fechou os olhos e murmurou alguma coisa. Em voz alta ela disse: “Vou levar um tempo até me acostumar com isso”. Naquele instante a porta se abriu e todo mundo entrou.

Eles encararam a sra. Pierce. Ela se sentou em cima da mesa do sr. Davies e cruzou as pernas. “Bom dia, classe oito”, falou. “Meu nome é senhora Pierce. Vou tomar conta de vocês por um tempo.”

“Cadê o senhor Davies?”, Anna quis saber.

“Ele não está muito bem”, respondeu a sra. Pierce. “Mas tenho certeza de que ele vai ficar bem logo, logo. Enquanto isso, nós vamos ter que nos acostumar um com os outros. Eu tenho um jeito próprio de fazer as coisas, então vão acontecer algumas mudanças por aqui.”

Uma confusão no fundo da sala. Um aviãozinho de papel bateu na minha cabeça. Nele estava escrito “PERDEDORA”. A sra. Pierce fungou e pegou a lista de chamada. “Para começar”, ela disse, “vocês três, meninos — isso mesmo, vocês —, vão sentar aqui na frente. Por gentileza, digam seus nomes.”

“Matthew, James e Stephen, senhora”, falou Neil.

A sra. Pierce sorriu. “Felizmente, o senhor Williams me fez um mapa com os lugares de cada um; não seriam, por acaso, Gareth, Lee e Neil?”

“Sim, senhora”, disse Matthew. “Eu sou o Matthew, esse é o James e aquele é o Stephen.”

A sra. Pierce saltou da mesa. “Vamos lá, garotos.” Ela começou a juntar duas carteiras. “De pé!”

“Eu não posso, senhora”, falou Neil.

“E por quê?”

“Não tô achando minha mochila, senhora.”

“Ah”, disse a sra. Pierce. “E quando foi que você perdeu sua mochila?”

“Não sei, senhora”, respondeu Neil. Um sorriso escapuliu de seu rosto. Todos deram risada.

“Bom, ainda assim, você pode muito bem vir sentar aqui”, falou a sra. Pierce.

Neil fingiu estar preso à cadeira, ficou puxando o casaco para lá e para cá. “Ah, coitadinho”, falou a sra. Pierce. “É tão difícil ficar de pé, não é? Será que alguém pode dar uma mão para o Neil?” Todos deram risada mais uma vez, mas agora com a sra. Pierce.

Neil se livrou da carteira e foi andando, todo pavoneado, até a frente da sala. A sra. Pierce ofereceu uma cadeira e ele se sentou ao contrário, olhando para a classe. Todos riram mais uma vez.

A sra. Pierce sorriu. “O senhor é um comediante mesmo, não é, senhor Lewis? Só tem um problema. Você está na minha classe e eu não tenho tempo para brincadeiras. Agora, você pode pegar seus livros? Veja bem, só estamos esperando você para começar.”

Neil coçou a cabeça. “Não posso, senhora.”

“E por quê?”

“Eu perdi, senhora.”

“Seus livros?”

“Sim, senhora.”

“Todos eles?”

“Sim, senhora.”

“Você costuma perder muitas coisas, Neil?”

“Não sei, senhora.”

Mais risadas.

A sra. Pierce foi até o fundo da sala e puxou uma mochila do canto. “Será que, por acaso, eles não poderiam estar na sua

mochila?”

“Não, senhora. Essa mochila não é minha.” Neil se virou para Lee e sorriu.

“Ah”, disse a sra. Pierce. “Bom, nesse caso, vou ficar com essa mochila e com tudo que tem dentro até o dono aparecer. Enquanto isso, espero que você reponha os livros e os materiais necessários até o fim da semana.” Ela jogou a mochila do Neil no armário de Educação Artística, bateu a porta, trancou e enfiou a chave no bolso.

Neil disse: “Ei!”.

“Pois não?”

Neil fez uma careta e se virou para a frente. Arrastou a carteira. “Eu não quero sentar nesse lixo de mesa!”

“Anime-se, Neil”, a sra. Pierce falou. “Desse jeito você vai poder ver o quadro-negro com mais facilidade.”

Dei risada bem alto. Botei a mão na boca, mas já era tarde demais. Neil se virou e seus olhos pegaram fogo. Mas, por alguma razão, em vez de desviar o olhar, encarei de volta.

“Bom, agora que já está tudo resolvido”, a sra. Pierce retomou, “vamos seguir com nossas lições. Hoje a gente vai ler poesia.”

“*Poesia?*”, Gemma falou.

“Isso mesmo, Gemma”, a sra. Pierce disse. “Nada melhor para acordar que um belo poema. Porque os poetas nunca dizem exatamente o que querem dizer — ou, pelo menos, não os melhores poetas. Ao invés disso, eles acham outros jeitos de dizer as coisas. Fazem uma imagem ou falam como se fosse outra coisa — nós também usamos imagens nas nossas falas de todo dia, por exemplo, nós falamos ‘o pé da mesa’, ‘um sorriso radiante’, ‘eu não poria minha mão no fogo por isso’, ‘um olhar gélido’, ‘ferver de ódio’.” Ela escreveu essas frases no quadro-negro.

“Vejam se vocês conseguem ver quantas imagens esse poema usa para descrever o sol. É um poema de Robert Louis Stevenson, chamado “Inverno”:

*Até bem tarde fica na cama o sol de inverno,
sol dorminhoco, causticante e gélido
pisca só uma hora ou duas e, depois
se põe, laranja de sangue¹*

“Então”, disse a sra. Pierce depois de ler, “alguém viu as imagens?”

“Eu vi”, Anna falou. “O sol na cama.”

“Muito bem. E como isso nos ajuda a entender o que o poeta está tentando dizer?”

“Porque o sol acorda tarde no inverno”, Anna disse.

“Muito bem”, falou a sra. Pierce. “Isso mesmo. Tem menos luz do sol. Mais alguma coisa?”

“O sol é uma laranja de sangue”, disse Matthew.

“Ótimo”, a sra. Pierce rebateu. “E por que isso?”

“Por causa da cor.”

“Exato”, confirmou a sra. Pierce. “Vocês já perceberam como o sol fica muito mais vermelho no inverno? Os fins de tarde são mais brilhantes também. Que mais?”

“O vento é como pimenta”, Rhian tentou.

“Isso”, falou a sra. Pierce. “Agora, isso é meio estranho. Por que você acha que o poeta escreveu desse jeito?”

“Porque o nariz dói no frio?”, perguntou Rhian.

“Isso. Excelente. Estou vendo que esta classe está cheia de futuros poetas! O vento também faz cócegas às vezes, já perceberam? E acho que o poeta pode ter se referido ao granizo. Agora, vocês estão vendo como as imagens deixam o poema mais rico, mais interessante?”

“Tem a imagem da respiração que nem geada”, falou Stephen.

“Isso, as marcas que sua respiração faz no ar são como as marcas da geada nas folhas.” A sra. Pierce sorriu. “Tem mais uma imagem que o poeta usa para nos ajudar a ver mais claramente.”

“A terra que nem bolo de noiva”, disse Luke.

“Excelente”, a sra. Pierce falou. “E como isso nos ajuda a ver com mais clareza o que o poeta está dizendo?”

“Porque a neve parece açúcar de confeitador”, Luke prosseguiu.

“Isso mesmo”, falou a sra. Pierce. “Ou podia ser geada. Às vezes a geada é muito pesada e grossa como a neve.” Ela se virou para o quadro-negro e escreveu cada uma das frases. “Agora”, ela se virou de novo para nós, “alguém sabe como são chamadas essas imagens que o poeta usa?”

Ela esperou e, então, pegou um pedaço de giz e se virou para as palavras escritas no quadro.

“Metáfora”, Gemma disse. Ela olhou para mim e sorriu.

“Muito bem!”, falou a sra. Pierce. “Isso mesmo. Metáfora é quando a gente fala sobre uma coisa como se ela fosse outra coisa. Alguém pode me dar outro exemplo de metáfora?”

“Um salto de fé”, eu disse. Olhei para Gemma.

“Excelente!”, falou a sra. Pierce. “Embora isso possa ser um pouco difícil de explicar: fé é acreditar em algo. Dizer que fé é como um salto é dizer que é como pisar no ar, saltar de um lugar para o outro sem se machucar. É assim que você descreveria a fé, Judith?”

Fiz que sim.

“Muito bem”, ela disse. “Mas, na verdade, voltando ao nosso poema, apenas quatro das cinco ‘imagens’ que Robert Louis Stevenson usa são metáforas: a última imagem, em que o poeta compara a paisagem invernal a um bolo confeitado, é, na verdade, uma ‘comparação’.” Ela escreveu a palavra “comparação” no quadro-negro. “Alguém consegue ver a diferença entre as metáforas e a comparação?”, perguntou a sra. Pierce.

Olhei fixo para o poema. Não enxergava aonde a sra. Pierce estava querendo chegar. E, então, de repente, eu vi. Levantei a mão.

“Sim, Judith?”

“A terra é *como* um bolo de noiva”, eu disse. “Não é um

bolo de noiva.”

“Precisamente”, falou a sra. Pierce. “Você pode explicar para nós, Judith?”

“O sol está na cama, *é* uma laranja de sangue, o vento é pimenta. Mas a terra é apenas *como* um bolo de noiva.”

Senti os olhos de Gemma sobre mim.

As bochechas da sra. Pierce estavam bem vermelhas. “Todo mundo entendeu?”, ela perguntou. “Uma comparação diz que uma coisa é ‘como’ outra coisa. Mas uma metáfora diz que algo realmente ‘é’ a coisa com a qual você a está comparando. Então, temos as comparações e as metáforas, os dois são imagens, ambos são jeitos interessantes de dizer as coisas. Mas...”, e agora sua voz ficou mais baixa, “um jeito é mais forte que o outro, um é muito mais poderoso. Qual vocês acham que é?” Ela ergueu as sobrancelhas para nos encorajar. “Não se preocupem, não estou exigindo que vocês saibam isso.”

Qual jeito era o mais poderoso?, eu me perguntava. As comparações e as metáforas pareciam ser a mesma coisa. Mas olhei mais uma vez. No verso que dizia que o sol era uma laranja de sangue tinha uma coisa que estava faltando na linha que dizia que a terra era como um bolo de noiva e, então, entendi por que: não soava tão bem.

A sra. Pierce abriu o sorriso quando viu minha mão. Ela disse: “Sim, Judith?”.

“A metáfora é mais forte”, falei.

“E por que você está dizendo isso?”

Fiquei vermelha. Agora eu estava com cara de boba, como se tivesse apenas chutado a resposta, mas não tinha, eu só não sabia explicar direito.

Podia sentir Gemma olhando para mim. E Neil também. Mas não adiantava: eu não conseguia explicar. A sra. Pierce se virou de novo para o quadro.

“Tem uma dica na própria palavra. ‘Metáfora’ é feita com duas palavras gregas: *meta*, que significa ‘entre’, e *phero*, que quer dizer ‘carregar’. Então as metáforas *carregam* o sentido de

uma palavra para a outra.”

E, então, me lembrei de uma coisa que alguém tinha falado: que não era o bastante imaginar como seria o novo mundo, tínhamos que estar lá. O Irmão Michaels. Ele dizia que a fé tinha o poder de fazer aquilo por nós. “Porque estamos lá”, eu disse, de repente, sem levantar a mão. Todo mundo se virou para olhar para mim. Fiquei vermelha. “Quer dizer, *está* lá. Quer dizer, não *está* lado a lado.” Minhas bochechas estavam quentes. “A metáfora não é imaginar, é a própria coisa.”

Os olhos da sra. Pierce ficaram tão afiados que podiam até machucar, mas não machucaram. Eles eram como uma corrente elétrica passando dela para mim, e a corrente me incendiou e aqueceu.

“Isso mesmo”, ela disse, finalmente. “As palavras não estão falando *sobre* alguma coisa: elas se tornam a própria coisa.” Ela deixou o giz de lado e nós nos olhamos por um momento, e era como se eu estivesse voando. Então o instante passou e ela limpou o pó das mãos e disse: “Muito bem, classe, agora eu gostaria que vocês escrevessem poemas usando metáforas”.

Mais tarde naquela manhã, enquanto a sra. Pierce organizava o armário com materiais de papelaria, uma bola de papel pousou ao lado do cotovelo de Gemma. Não entendi como o papel tinha ido parar ali, mas vi a mão de Gemma se fechar sobre ele. Ela ficou com ele embaixo da mão por um tempo, depois desenrolou a bola. Deu uma risadinha e desenhou alguma coisa, embolou o papel mais uma vez e o jogou para Neil Lewis. Neil desembolou-o e abriu um sorriso. Passou o papel para Lee e os ombros dele começaram a chacoalhar. Lee passou para Gareth.

A sra. Pierce levantou os olhos. Ela disse: “Aconteceu alguma coisa engraçada? Se aconteceu, tenho certeza de que a classe inteira gostaria de saber”.

Todos ficaram em silêncio por um minuto ou dois, e então

o papel voltou para a nossa carteira. Dessa vez, Gemma deu um gritinho agudo, porque estava se esforçando muito para não rir. Ela escreveu alguma coisa, enrolou o papel e o jogou de volta para Neil. Neil escreveu uma coisa e devolveu. Gemma bateu a mão sobre o papel com muita força e a sra. Pierce pôs as mãos na cintura. Ela disse: “O que quer que esteja acontecendo aí, é melhor parar agora!”.

Nada aconteceu por quatro minutos inteiros. Aí Neil jogou o papel para Gemma. O papel se desviou e caiu ao lado do meu pé.

A sra. Pierce largou os potes de tinta que estava segurando. Ela disse: “Pegue esse pedaço de papel. Isso mesmo, você, Judith! Leia em voz alta, por favor”.

Peguei o papel e o desembalei. O que vi não fazia sentido. Na parte de cima estava a palavra “METÁFORA”. Abaixo dela, a imagem de uma garota ajoelhada na frente de um homem. Alguma coisa estava saindo das calças do homem. Parecia uma cobra. Uma onda de calor passou por mim e, depois, uma onda de nojo. Embaixo da figura havia três palavras. Uma delas era meu nome.

“Continue”, a sra. Pierce falou. “Leia em voz alta.”

Olhei para ela.

“Leia, Judith! Não quero nenhum segredo na minha sala!”

“Judith chupa gostoso”, falei.

Um suspiro passou pela classe.

Parecia que a sra. Pierce tinha tomado um tapa na cara. Ela veio até mim e pegou o papel. “Sente-se, Judith”, ela falou, baixinho. Depois foi até a sua mesa.

“Muito bem”, ela disse, radiante. “Vamos corrigir essas contas de fração. Quem pode começar com a resposta do primeiro exercício?”

1 Late lies the wintry sun a-bed,/A frosty, fiery sleepy-head;/Blinks but an hour or two; and then,/A blood-red orange, sets again...

Greve

“Como foi a escola?”, o Pai disse quando chegou.

“A gente tem uma professora nova”, respondi. “Ela leu poesia pra gente.”

“Que bom”, o Pai falou. Ele encheu a chaleira.

“Ela leu um poema sobre o inverno.”

“É mesmo?” Ele pôs a tampa na chaleira e acendeu o fogo.

“E a gente falou sobre metáfora.”

“Que bom.”

“Depois todo mundo escreveu poemas e a senhora Pierce gostou do meu.”

“Que bom”, disse o Pai. “Muito bom.” Ele espalmou as duas mãos sobre a bancada e ficou olhando para elas. Depois disse: “Judith, vou voltar para casa mais tarde na semana que vem. Estou voltando de ônibus e pode ser que demore um pouco mais”.

“De ônibus?”

“É.” Ele tirou as mãos da bancada. “Eles estão em greve.”

“Mas você vai trabalhar mesmo assim?”

“É claro que sim.” Ele pegou umas batatas da caixa que ficava embaixo da pia. “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus.”

“Mas por que você tem que voltar para casa de ônibus?”

“Todas as pessoas que não estão em greve estão indo para o trabalho de ônibus”, o Pai falou. Ele abriu a torneira.

“Por quê?”

O Pai virou a torneira para o lado errado e a água saiu num jorro. Ele começou a lavar as batatas. “Bom, tem umas pessoas que acham que a gente não devia estar trabalhando”, ele falou. “E querem fazer a gente parar.”

“Fazer vocês parar?”

“É, Judith! Olhe, só estou falando isso para você não ficar preocupada se eu me atrasar.”

Eu sabia que ele queria que eu parasse de fazer perguntas, mas também sabia que ele estava escondendo alguma coisa. Falei: “O que você quer dizer com ‘fazer a gente parar’?”.

O Pai disse: “Só quero dizer que... olhe, não tem nada de mais, tá bom? Não é para você ficar preocupada”.

“Tá bom.” Olhei para ele. “Você não está com medo?”

O Pai largou o descascador de batata e olhou para as torneiras. Ele disse: “Não, Judith. Não tem por que ficar com medo; a greve vai acabar em mais uma semana ou duas, e tudo vai voltar ao normal”.

“O Doug está em greve?”

O Pai disse em voz baixa: “Você tem uma memória de elefante”, e depois mais alto: “Está, o Doug está em greve”.

Olhei para ele e entendi que não era mais para fazer perguntas. Fui até o parapeito da janela. “Não está acontecendo nada com essas sementes de mostarda”, falei. “Você acha que é porque não acredito que elas vão crescer?”

“Não, Judith”, ele disse. “Provavelmente é porque você não sabe cuidar de sementes de mostarda.”

Naquela noite, a leitura da Bíblia foi sobre a Prostituta sentada à beira de águas copiosas. O Pai disse que as águas prefiguravam os soberanos e as nações e que a Prostituta estava

causando inquietação civil. “Que nem a greve?”, perguntei.

“Bom”, o Pai disse, “tudo isso é sinal do fim.”

E então bateram na porta. Três pancadas rápidas, como da outra vez. O Pai saiu e ouvi um grito na rua. Ele só voltou depois de vinte minutos.

Quando voltou, estava ofegante e seu rosto reluzia, como se ele tivesse dado muita risada. Falou que eram os mesmos meninos da outra noite. Tinha corrido atrás deles colina abaixo. Tinha pegado o garoto loiro no alto do prédio de estacionamento. Disse: “Ele ficou falando: ‘Não me machuque, não me machuque, senhor!’. Como se eu fosse machucar alguém! Mas dei um susto nele. Ele perdeu um dos sapatos”.

“O que você fez com ele?”

“Só falei para ele cair fora”, disse. Ele balançou a cabeça e deu risada. “Acho que a gente não vai ter mais nenhum problema.”

Neil Lewis aprende uma lição

No dia seguinte, enquanto os outros estavam no canto coral, perguntei para a sra. Pierce o que o bilhete queria dizer. A sra. Pierce arrumou alguns papéis sobre a mesa. Depois, ela disse: “Não queria dizer nada, Judith. Não fazia sentido”.

Falei: “Algum sentido devia ter”.

“Você sabe quem escreveu?”

“Acho que foi o Neil... e a Gemma...”

A sra. Pierce concordou. “Também acho.” Ela suspirou e depois sorriu para mim. “Como você iria se sentir se trocássemos você de carteira?”

“Eu ia gostar.”

Era estranho sentar com a Anna, o Stephen e o Matthew. Ninguém ficava cochichando, nem dando risadinha, nem me olhando de lado. Ninguém ficava sussurrando, nem empurrando meu braço, nem escondendo minha caneta, nem tomando todo o meu espaço, nem jogava coisas na minha cabeça, nem grudava coisas no meu cabelo. Fiquei pensando em por que o sr. Davies não tinha me mudado de lugar antes.

Neil chegou atrasado naquela manhã, carregando uma sacola de plástico nos ombros. Seus pés faziam um barulho esquisito no chão e, quando olhei para baixo, vi que ele estava

usando um par de alpargatas, como os que a gente usa para fazer Educação Física, só que eram muito grandes para ele. “Neil Lewis”, falou a sra. Pierce, “onde estão seus sapatos?”

Neil disse: “Sapato é coisa de otário”.

A sra. Pierce falou: “Cem linhas”.

“Que porra é essa?”, rebateu Neil.

“Trezentas linhas”, disse a sra. Pierce.

Neil abriu a boca.

A sra. Pierce falou: “Eu fiz uma pergunta: onde estão seus sapatos?”.

Neil se sentou e jogou a sacola embaixo da mesa. Seu rosto estava vermelho e sombrio. “Eu perdi.”

A sra. Pierce disse: “Você perdeu sua mochila ontem, hoje foram os sapatos. Você já repôs os livros perdidos?”.

Neil franziu tanto a testa que suas sobrancelhas esconderam os olhos. De repente ele disse: “*Meu pai me deu uma puta bronca por causa de você!* Você não tem o direito de pegar minha mochila!”.

“Ah, então era *mesmo* a sua mochila”, falou a sra. Pierce.

A cara do Neil ficou roxa. Ele disse: “Meu pai vai vir aqui falar com você!”.

“Isso é para me assustar?”, a sra. Pierce perguntou.

As pernas de Neil chacoalhavam. Ele parecia estar pensando em alguma coisa.

A sra. Pierce suspirou, ficou de pé e se sentou no seu lugar de costume, na beira da mesa. “Agora, o que vocês normalmente fazem em uma terça de manhã, classe oito?”, ela perguntou.

“Gramática”, falou Hugh.

“Bom, de agora em diante teremos Educação Artística.” Houve murmúrios de surpresa. “Vamos fazer uma roda aqui, todo mundo.”

Ela mostrou um cartão-postal. No cartão, um café iluminado por uma luz amarela. Lamparinas no teto, que mais pareciam pequenos planetas. As linhas na figura estavam tortas,

como se tivessem sido pintadas por alguém bêbado, mas a sra. Pierce disse que o mais interessante era que o homem que tinha pintado a figura sabia desenhar muito bem. Ele tinha pintado desse jeito de propósito, para aumentar “a carga emocional” do desenho.

Aí ela falou para todos nós que as pinturas podiam nos deixar felizes ou tristes, à vontade ou desconfortáveis, animados ou desanimados. Ela disse que as pinturas, assim como os poemas, eram carregadas de eletricidade. Todos deram risada. A sra. Pierce falou: “Bom, as pinturas nos fazem sentir emoções. E emoções são só eletricidade. Como essa pintura faz vocês se sentirem?”.

“Ela me faz sentir enjoada”, Gemma falou.

A sra. Pierce olhou para Gemma. Torceu os lábios. “A senhorita é uma grande artista, não é, senhorita Butler?”

Gemma falou: “O quê?”.

“Isso mesmo”, disse a sra. Pierce. “Pude ver um exemplo de sua obra ontem. Me diga uma coisa, você sempre desenha os seus colegas de classe?”

Gemma ficou vermelha. “Não sei do que a senhora está falando.”

“Acho que você sabe, sim”, falou a sra. Pierce. “Mas talvez a pintura que vi seja uma obra-prima feita em conjunto — com o senhor Lewis. Correto?”

Neil fechou a cara.

“Vocês dois devem ter achado muito engraçado, mas devo dizer que eu não achei. E sua compreensão da anatomia humana é tristemente imperfeita.” A sra. Pierce pegou uma régua e desceu da mesa. “Gostariam de saber onde o desenho de vocês está agora?” Ela falou um pouco mais alto: “Eu *perguntei*: vocês gostariam de saber onde o desenho de vocês está agora?”. Aí soou um ruído como de um chicote e Neil deu um pulo. Ele já não estava largado na carteira.

Neil ficou vermelho. “Senhor Lewis!”, falou a sra. Pierce. “Eu fiz uma pergunta.” Neil cruzou os braços e encarou a mesa,

mas seu peito subia e descia.

A sra. Pierce começou a andar de novo. “O desenho está em um local seguro”, ela falou. “Onde vai ficar até eu decidir o que fazer com ele — e o que fazer com as pessoas que o desenharam.” Ela franziu a testa e pôs a mão no queixo. “Talvez”, falou, “eu inclua esse desenho nos trabalhos que mostro aos pais na reunião de pais e professores. Seria uma bela cena, vocês não acham?”

Os olhos de Gemma foram se enchendo d’água. Ela disse: “Eu não sei do que a senhora está falando!”.

“E mentirosa também”, a sra. Pierce disse. “Bom. Tem todo tipo de gente no mundo. Não tem, senhor Lewis? É”, ela falou e foi voltando para a mesa, “tem todo tipo de gente no mundo.” De repente, pareceu cansada. “Muito bem, pessoal, vamos pintar.”

Pintei o campo que eu tinha visto no sonho. Mas, em vez de desenhar a mim mesma com o velho, desenhei as primeiras duas pessoas que fiz para a Terra Gloriosa, o boneco de limpador de cachimbo com pulôver verde e a boneca de pano com macacão. A sra. Pierce falou: “Parece interessante”. Eu disse que era interessante, e que era uma coisa que eu tinha feito. “É mesmo?”, ela disse. “Com quê?”

“Com sucata”, respondi e falei a ela sobre a Terra Gloriosa.

A sra. Pierce disse: “E quem seriam essas duas pessoas?”.

“O Pai e eu”, falei. Não tinha percebido isso antes, mas agora eu conseguia ver quem eles eram. “Um dia a gente vai estar lá. Quando a terra for um paraíso.”

“Um paraíso?”, ela perguntou.

“É. Depois do Armagedom.”

Ela disse: “Você vai ter que me falar mais sobre isso, Judith. Parece fascinante”.

Fiquei muito feliz pelo resto da manhã. Quando terminei, fui com Anna limpar os pincéis na pia. Eu estava enxaguando o pote quando me virei e vi Neil ao meu lado. Ele disse: “Ainda tem poderes mágicos?”. E aí ele pôs a boca perto da minha

orelha. “Você vai precisar deles.”

Ele se virou e, nisso, bateu no pote que estava em minhas mãos, espalhando água amarela na minha saia e nas minhas coxas. “Ah. *Desculpa*”, ele disse. “Escorregou.” Ele sorriu. “Você não acha que já tá bem grandinha pra se molhar?”

Neil voltou para sua carteira. Vi que ele cutucou Lee e Gareth. Lee disse: “A Judith se molhou, senhora”.

A sra. Pierce levantou os olhos. “Judith, o que aconteceu?”

Neil balbuciou: “Vou matar você”. Olhei para a sra. Pierce.

“Judith?”, ela disse.

Neil fazia um gesto furioso de quem estava talhando alguma coisa.

“Neil jogou água em mim”, falei de repente. Foi fácil.

Neil me encarou.

“Isso mesmo, senhora”, falou a Anna. “Eu vi.”

“Ora, ora”, disse a sra. Pierce com uma voz chata. “Por que isso não me surpreende? Judith, vá falar com a enfermeira e pegue roupas secas. Neil, parece que você tem algum problema com a Judith. O que é, hein? Você pode me dizer?”

Quando voltei, vinte minutos depois, tinha alguma coisa estranha na sala. Percebi assim que me aproximei da porta. Era como se algo tivesse pousado no meio da sala e ninguém conseguisse olhar para aquilo. A sra. Pierce estava andando para lá e para cá entre as carteiras, com um olhar brilhante e pesado, e todo mundo estava com a cara enfiada nos livros. Eu me sentei e, então, vi o que era aquela coisa estranha. Neil não estava em sua carteira. Estava sentado com as costas viradas para nós em uma mesa colocada na frente da sala.

Ficou lá o resto do dia, duro que nem pedra. Eu me perguntava se ele sabia que eu estava olhando para ele, que todo mundo estava olhando para ele de vez em quando. Acho que ele sabia; e, talvez por ele não estar conosco, talvez porque a sra. Pierce estivesse fazendo a ronda, todos estavam quietos.

Na hora da saída, a sra. Pierce disse: “Neil Lewis, aonde você pensa que vai? Nós temos um compromisso, esqueceu?”.

Os ombros de Neil caíram. Ele falou: “Ah, senhora, eu tenho boxe! Meu pai vai me matar se eu faltar!”.

A sra. Pierce disse: “É uma pena; você deveria ter pensado nisso antes de falar palavrão na minha sala”.

“Mas, senhora!”

“Não tem ‘mas’ nenhum”, a sra. Pierce falou. “Pegue seu caderno de exercícios.”

Ela foi até o quadro e escreveu em grandes letras de giz: “Não usarei linguagem chula na sala da sra. Pierce”.

Neil olhou fixo para ela. Depois jogou a sacola plástica no chão, caiu na carteira e bateu o caderno de exercícios na mesa. “Trezentas linhas. Sem erros”, ouvi a sra. Pierce dizer quando saí para o corredor.

*

“Você está com cara de quem acabou de ganhar na loteria”, Sue disse enquanto me ajudava a atravessar a rua.

“Ganhei uma coisa melhor que a loteria”, respondi. Corri o resto do caminho até em casa. “Está funcionando!”, eu falava e pulava e dava socos no ar. “Está funcionando! E é melhor do que eu imaginava!”

“Como foi a escola?”, o Pai perguntou quando entrou em casa.

“Maravilha!”, respondi.

O Pai ergueu as sobrancelhas. “Que milagre”, ele disse.

Mais batidas

No sábado à noite, depois que fui para a cama, as batidas começaram de novo. O Pai foi lá fora, mas os garotos já tinham ido embora. Ele abriu a porta quatro vezes, e os garotos continuaram fugindo. Fiquei vendo da janela. Quando bateram na caixa de correio pela sexta vez, o Pai saiu para a rua, e Neil Lewis, Lee, Gareth e mais uns meninos o cercaram com as bicicletas.

Quando ele voltou para dentro, não o ouvi ir para a cama, embora eu tenha ficado acordada até tarde. Os garotos enfiavam pedaços de pau nas grades e atiravam pedras nas janelas. Davam risadas e empinavam as bicicletas na rua. “Deus, por que isso está acontecendo?”, perguntei. Mas Deus não respondeu.

No encontro do dia seguinte, o Pai estava virando as páginas das escrituras com petelecos do dedão e do indicador. Sua cabeça parecia quente e faiscante, como se tivesse muito sangue dentro dela. Tio Stan fez um discurso sobre ser apartado do mundo. Disse que os Irmãos que não estavam em greve mereciam o apoio da congregação e que não deveríamos fazer doações aos grevistas. Ele falou: “Nosso líder é Cristo, e não os homens”. Fizemos uma oração pela segurança dos trabalhadores e Stan disse que deveríamos ter fé na ajuda de Deus, e não

medo. Ter medo era igual a ter fé, falou, mas só que atraía coisas ruins, e não coisas boas. “Se estamos com medo, estamos rezando pelas coisas erradas”, ele disse.

Depois todo mundo foi ver os folhetos novos que a Matriz tinha enviado para nós. “É uma iniciativa nova”, Alf disse. “A gente vai usar na semana que vem.” Tio Stan disse que iríamos pregar na avenida principal.

Puxei a manga da camisa dele. “Posso falar com você?”

Peguei sua mão e o puxei de lado. Eu disse: “Fiz outro milagre acontecer. Eu queria castigar uma pessoa. Mas agora está acontecendo uma coisa inesperada”.

Tio Stan balançou a cabeça. Ele falou: “Que negócio é esse de milagre, hein? Que bom que está dando tudo certo para você, fofura, mas seu pai sabe que você anda falando essas coisas por aí?”.

Respondi que o Pai tinha falado umas coisas, tinha dito que era tudo bobagem, mas que eu achava que ele, tio Stan, acreditaria em mim.

“Eu acredito em você, sim, Judith”, ele falou. Seu rosto parecia gentil e cansado ao mesmo tempo. “Pelo menos acho que *você* acha que fez alguma coisa acontecer.”

Pensei em contar para ele que Deus conversava comigo. De repente sentia que não podia aguentar nem mais um minuto sem que ninguém mais soubesse. E, então, aconteceu algo estranho. Ouvi Deus dizer: “NÃO”, muito claramente. E foi muito esquisito, como se um pedaço do meu cérebro tivesse se separado do resto.

Tio Stan franziu a testa. “Você está bem?”

“Estou...”

“Tem certeza?”

Pus as mãos sobre os olhos. “Tenho”, respondi e forcei um sorriso para ele.

Tio Stan disse: “Ah, falando nisso, meu amor, queria saber se seu pai está bem. Com a greve e tudo, deve estar bem difícil. Estamos todos preocupados com ele, mas ele não é muito de

falar. Ele está legal?”.

“Está”, respondi. “Mas está irritado com as batidas na porta.”

“Com o quê?”

“Tem uns meninos batendo na porta da nossa casa.”

Tio Stan fechou a cara. “Seu pai não falou nada sobre isso. Mas não é nada sério, é?”

“Não sei”, respondi. “Era isso o que eu estava tentando contar, sobre o que fiz com o...”

E aí Deus disse: “PARE!”, tão alto que dei um pulo.

“O que deu em você?”, perguntou Stan.

E aí pulei de novo porque outra voz disse: “Está tudo bem aqui?”, e olhei para cima e era o Pai.

Ele e Stan começaram a conversar e eu escapuli. Quando olhei para trás, tio Stan estava com a mão em seus ombros. Fiquei torcendo para que ele não contasse ao Pai o que eu vinha falando sobre milagres. Então pulei pela terceira vez porque dois braços gordos me agarraram e uma voz disse: “*Te peguei!*”.

Um rosto bigodudo, com uma boca talhada e montinhos cremosos de cuspe, estava sorrindo. “Você anda fugindo de mim!”

“Não, Josie! Imagine!”

“Sei.” Ela me olhou com desconfiança, depois empurrou um embrulho para as minhas mãos. “Presente!”

“Obrigada.”

“Bom: abra logo!”

“Um poncho”, eu disse.

Tinha mais conchas, mais franjas e era mais laranja do que eu poderia ter imaginado.

O corpo de Josie chacoalhava de rir. “Bom, eu sei que você gosta dessas coisinhas. Estou sempre muito ocupada fazendo uma coisa para esse aqui, outra coisa para o outro ali, mas sempre dou um jeito de fazer uma coisa especial para você. Vista logo, veja se serve! Deve servir, fiz um pouco maior para não ter erro.”

A barra chegava aos tornozelos. “Perfeito”, falei.

“Por que você vai tirar?”

“Para guardar para um momento especial.”

Olhei para trás, para onde o Pai e tio Stan conversavam. Tio Stan estava falando e o Pai estava com a cara séria.

“Quero ver você com ele domingo que vem”, ela falou.

“Tá bom.”

“Ei, que foi? Alegria!”, ela disse. “Você não gostou?”

Olhei para o Pai e o tio Stan, eles estavam rindo. De repente o mundo ficou mais brilhante. “Gostei”, respondi. “Gostei mesmo. Obrigada, Josie, gostei muito.”

Um pensamento bom

Naquela noite, bateram na caixa de correio da porta da frente mais uma vez. Sei que era isso porque, quando acordei, ouvi os meninos rindo e o barulho da mola do portão. Eu me levantei e fiquei ao lado da janela olhando através das cortinas. Não conseguia ver muita coisa com elas fechadas, então fui, na ponta dos pés, até o outro quarto.

Neil, Lee e Gareth estavam lá, junto com Tom, o irmão mais velho de Neil que às vezes aparecia no portão da escola, e uns garotos mais velhos que eu nunca tinha visto. Quando o Pai abriu a porta eles saíram pedalando. Mas voltaram uns cinco minutos depois. Um dos garotos mais velhos estava bebendo algo numa lata, os outros empinavam as bicicletas e cuspiam no chão. O telefone tocou na sala e ouvi o Pai sair da cozinha e a porta bater atrás dele. O telefone parou e ouvi as palavras: “senhora Pew!”.

“Sim”, ele falou. “Obrigado. Estou cuidando disso.”

Ele disse: “Estou cuidando de tudo, senhora Pew. Não se preocupe, por favor”.

Fiquei com frio e fui para a cama.

Quando os meninos voltaram, berraram “Cadê a bruxa?” pela portinha da caixa de correio e jogaram pedras nas janelas

do andar de cima. Senti os barulhos no meu peito como uma chuva de bolotas incandescentes e me perguntei se levar um tiro dava essa sensação. Não conseguia ficar deitada porque meu corpo estava em chamas e tremia, então peguei meu diário e comecei a escrever. Mas os barulhos continuavam, então larguei o diário e me sentei com as costas na parede. Fiquei ali por muito tempo, até que a rua silenciasse, até que o relógio da sala batesse meia-noite. Aí me levantei e abri as cortinas.

Tudo estava muito quieto e muito claro. A lua cheia projetava as longas sombras negras das casas e das árvores sobre a Terra Gloriosa. As sombras se estendiam pelo chão. Fiquei me perguntando o que elas me faziam lembrar, então me veio à mente que o cemitério da cidade ficava daquele jeito quando as sombras caíam sobre as lápides.

“Deus”, chamei baixinho, “por que isso está acontecendo?”

“Bom”, Deus disse, “o Neil acha que você é a causa de todos os problemas dele agora.”

“Não posso fazer nada se a senhora Pierce não gosta dele”, falei. “O que tenho que fazer?”

“Não sei.”

“Mas você é Deus!”

“Mas foi você quem se meteu nessa história.”

“Foi *você*”, rebati.

“Não, não”, falou Deus. “Foi você.”

“Mas eu só fiz o que você falou para eu fazer.”

“Você fez o que você *quis* fazer.”

“É a mesma coisa”, falei.

“Como é que é?”, Deus perguntou.

“Eu não sei!”, respondi. Comecei a ficar quente. “Não sei por que falei isso.”

Eu não queria mais falar com Deus, não queria mais ficar no meu quarto, estava com medo de que a nuvem baixasse sobre mim outra vez, como no dia em que fiz nevar. Fui até a porta, mas, quando cheguei lá, não consegui sair e me sentei de novo. Depois de um tempo, voltei à porta e, dessa vez, desci a

escada.

Na metade do caminho, gritei.

Um vulto no meio da sala. O vulto se virou e a voz do Pai disse: “*Mas que...?*”.

“Você me assustou.”

“O que você está fazendo acordada?”

“Nada. Eu... eu não queria mais ficar no meu quarto.”

Ele se virou para a porta da frente. Parecia um garoto com aquela luz da lua sobre sua cabeça.

Não consegui imaginar nenhuma razão para ele estar na sala, então perguntei: “Você está bem?”.

“Estou.”

De repente, eu quis dizer alguma coisa muito ruim para ele, mas não sabia o quê. “Não se preocupe com os garotos”, falei.

“Não estou preocupado!” Ele se virou e seus olhos brilharam.

“Que bom”, eu disse. “Só estava perguntando.”

“Está tudo sob controle!”

“Está bem.”

“De qualquer jeito, eles não vão voltar hoje.” Fungou alto e enfiou as mãos nos bolsos, como se aquilo resolvesse tudo, mas continuou ali, de pé.

Eu disse: “Tem certeza de que você está bem?”.

“Eu estou bem! Você é que está toda incomodada! Você devia estar dormindo! O que está fazendo aqui?”

“Não sei.”

“Bom, então volte já para a cama.”

“Está bem.”

Depois de um tempo os garotos voltaram. Ouvi o Pai saindo. Ele ficou parado no meio da rua e os meninos o rodearam, ficaram xingando e cuspiando nele.

Por fim, voltou para dentro. Escutei-o abrir as cortinas da

sala de estar e vi o feixe de luz cruzar a rua. Ouvi um rangido e soube que ele tinha se sentado em uma das cadeiras de vime. Não entendia o que ele estava fazendo. Então escutei um assobio e compreendi que ele estava concentrado em pensamentos bons. Os meninos ficaram por ali mais um pouco e depois foram embora.

Meu dia perfeito

O Pai diz que nunca devemos subestimar a força que nossos pensamentos têm para nos ajudar. Diz que tudo de que precisamos para salvar o dia é Um Pensamento Bom. Eu tenho alguns pensamentos bons. Aqui vão alguns deles:

1. que o mundo está para acabar
2. que na verdade tudo é bem pequeno
3. que estou na Terra Gloriosa vivendo meu dia perfeito

O último é o melhor pensamento de todos.

Torço para que algumas coisas desse mundo continuem na Terra Gloriosa porque gosto muito delas. Se eu pudesse ficar com todas as minhas coisas favoritas em um dia, esse dia seria perfeito, e é assim que ele seria.

Para começar, estaríamos o Pai, a Mãe e eu. Eu sei que a Mãe estará na Terra Gloriosa porque Deus prometeu trazer os mortos de volta à vida se eles fossem fiéis, e a Mãe está morta e ela é a pessoa mais fiel que já vi. Eles ainda falam sobre ela na congregação, o exemplo que ela era, como ela morreu, como

acreditava. Margaret ainda tem um vestido que a Mãe fez para ela, e Josie tem um xale.

Muitas vezes tentei imaginar um encontro com a Mãe, mas tudo o que tenho são miudezas. Sei, por exemplo, que ela tinha olhos e cabelos castanhos, como eu. Sei que ela sorria muito porque está sorrindo na maioria das nossas fotos. Sei que ela gostava de fazer coisas. Mas, a partir daí, tenho que usar a imaginação.

Meu dia perfeito seria um daqueles dias em que você acorda com o sol, com todo o tempo do mundo para não fazer absolutamente nada. Esse dia seria como uma bolha que passa flutuando pela sua janela. Seria como abrir a mão e ver a bolha pousar bem na palma, a luz tocando a bolha daquele jeito, só a superfície parece rodar e o interior da bolha fica perfeitamente parado.

O dia iria começar com a Mãe, o Pai e eu tomando café da manhã, e enquanto isso eu contaria à Mãe tudo sobre minha vida neste mundo e diria que tinha ficado louca para vê-la, e ela me contaria como é estar morta e diria que tinha ficado louca para me ver. Depois eu mostraria as coisas que fiz com o que ela tinha deixado e ela iria balançar a cabeça, como se não pudesse acreditar, iria me abraçar e aí a gente sairia.

Seria um daqueles dias em que tudo brilha e o mundo é feito de pecinhas de luz encaixadas. O ar estaria quente e com cheiro de verão, as cercas cobertas de ervas e borboletas. Haveria plumas de dentes-de-leão, mosquitos e libélulas tremeluzindo e depois parando no ar. Haveria um campo descendo até um rio, com grama alta, algumas flores e árvores e, ao longe, talvez o mar. A Mãe pegaria uma das minhas mãos e o Pai pegaria a outra, e seria difícil de acreditar que tudo estava acontecendo de verdade porque eu já tinha imaginado tantas vezes, mas eu teria que acreditar agora porque era de verdade mesmo.

Iríamos passear pelo campo. Haveria muitos tipos diferentes de grama, e a grama entraria nos nossos sapatos e nas

barras das nossas calças e dentro das nossas meias. E haveria um cachorro bem peludo com uma orelha para cima e outra para baixo, que ficaria pulando na nossa frente. Ele iria sair correndo e, nesse dia mais perfeito de todos, eu saberia assobiar e chamá-lo de volta.

Mas o Pai não aprova cachorros porque diz que eles carregam germes, então a gente manteria o cachorro longe dele.

Depois minha mãe iria apontar para o outro lado e lá haveria uma roda-gigante e música. Mas o Pai não aprova rodas-gigantes nem parques de diversões porque são perigosos e um Desperdício de Dinheiro, então a Mãe e eu iríamos só nós duas mesmo.

Iríamos andar de carrinho bate-bate e escorregar pelo tobogã. E, quando voltássemos para casa, haveria *fish'n'chips* de lanche, e as batatas estariam fofas e molhadinhas e o peixe iria se despedaçar em flocos suculentos e a casca iria rachar e depois escorrer, e a Mãe e eu comeríamos com as mãos. Mas o Pai não aprova *fish'n'chips*, então, para ele, acho que teria ervas amargas ou alguma coisa do tipo.

E haveria televisão. Pode ser uma coisa estranha de se ter no paraíso, mas eu gosto de televisão. O Pai diz que a televisão faz o cérebro encolher, mas ele não precisa assistir, a Mãe e eu assistiremos, quando as estrelas surgirem sobre a caravana cigana que agora seria a nossa casa, debaixo dos cobertores, com uma fogueira crepitando lá fora, salsichas no espeto e ponche de groselha. Mas me esqueci da coisa mais importante! Que teria acontecido mais cedo: haveria um balão de ar quente.

Em um dia de verão, quando o Pai e eu estávamos no jardim dos fundos, um balão apareceu. Parecia uma criatura das profundezas do oceano. Vi a sombra passar, ouvi o ar queimando, quis muito ir aonde aquelas pessoas estavam indo.

Isso! Definitivamente haveria um balão e nós daríamos uma volta nele. Ou talvez fôssemos só a Mãe e eu, porque o Pai também não aprova balões de ar quente. Ele diz que são perigosos e que, se acontecer qualquer coisa, você fica Sem

Chance. Ele quer dizer que, se o balão explodir no ar, ou você fica frito ou mergulha para a morte. Mas acho que a sensação de voar deve valer o risco.

Não sei como seria o dia perfeito do Pai. Acho que seria cheio de Coisas Necessárias, como o estudo da Bíblia e pregação e ponderação e Economia de Eletricidade e Ficar em Silêncio e Aguardar e Confiar. Ou seja: ele tem seu dia perfeito todo dia.

Ou talvez sua ideia de dia perfeito tenha desaparecido muito tempo atrás e ele já não saiba como imaginar um novo dia perfeito.

Neil Lewis fica bravo

Na segunda-feira, Neil olhou para mim e murmurou uma palavra que soou como “estúpida”. A sra. Pierce levantou os olhos quando ele se virou. Ela disse: “Neil, se você quiser que a Judith ajude no seu exercício de aritmética, é só pedir. Não precisa murmurar”. Aí Neil fez uma cara de quem ia matar alguém. Ele baixou a cabeça sobre a carteira.

A sra. Pierce falou: “Você precisa de ajuda, Neil?”.

O punho de Neil apertou a caneta.

A sra. Pierce disse: “Desculpe-me, Neil. Eu não ouvi. Isso foi um ‘sim’?”.

Neil jogou a caneta longe.

“Não se sinta constrangido, Neil”, falou a sra. Pierce. “Ninguém vai rir se você estiver com dificuldades. Você gostaria de ajuda?”

Neil se virou tão rápido que a cadeira arranhou o chão.

“Tudo bem”, disse a sra. Pierce. “Então você não precisa amolar a Judith, precisa?” Ela levantou uma sobrancelha para mim e depois voltou para sua correção.

Tudo ficou calmo por uns quinze minutos, até que uma coisa passou zunindo pela minha cabeça e se espatifou no chão.

A sra. Pierce ergueu os olhos. “O que foi isso?”

“Uma régua, senhora”, Anna falou.

“De quem é?”, a sra. Pierce quis saber.

Lee balbuciou: “O Neil que perdeu, senhora!”.

“A Judith pegou!”, Gareth disse.

Lee completou: “Ela faz mágica, senhora”. Risos e gargalhadas.

A sra. Pierce se voltou para mim. “Judith, você pegou a régua do Neil?”.

“Não, senhora.”

“O que a sua régua está fazendo no pé da carteira da Judith, Neil?”

“Eu não sei, senhora”, Neil respondeu.

“Você não lembra por que deixou sua régua ali?”

Neil coçou a cabeça e olhou ao redor. Todo mundo deu risada.

A sra. Pierce disse: “Sério, Neil, estou ficando muito preocupada com você. Na segunda passada, você perdeu sua mochila. Na terça, você me contou que tinha perdido os sapatos. Hoje de manhã, não consegue lembrar onde deixou a régua que estava usando poucos segundos antes. Se isso continuar assim, talvez seja melhor você procurar um médico”.

Todo mundo deu risada de novo e Neil fez uma careta. “Pegue sua régua, Neil”, falou a sra. Pierce. Neil veio até a mesa e pegou a régua. Quando se endireitou, ele olhou para mim e seus olhos estavam moles e lentos, cheios de uma coisa que eu não sabia nomear.

Na hora do almoço, fiquei andando em volta dos edifícios, procurando coisas para a Terra Gloriosa. Apanhei cinco tipos de sementes, três papéis de embrulho, metade de uma embalagem plástica de Kinder Ovo, duas tampinhas e um canudo. Mostrei as coisas para a sra. Pierce porque ela estava tomando conta do parquinho. “São para a maquete do seu quarto?”, ela perguntou e eu fiz que sim.

“Eu adoraria ver as coisas que você fez”, ela disse. “Você poderia trazer para mim?” Respondi que iria trazer. Depois fui para o banheiro regar as sementes.

Eu estava debruçada sobre a pia quando ouvi o som de alguma coisa escorregando, levantei a cabeça e vi uma jaqueta preta no espelho. Não tive tempo para ver mais nada porque mãos foram me arrastando para as privadas e minhas pernas se arranhavam no chão. Alguém disse: “Vamos ver se Deus te ajuda agora, sua puta!”. Minha cabeça bateu contra o vaso sanitário, meu nariz estava queimando e a água entrava por ele.

Aí fui puxada para trás e a sra. Pierce estava segurando Neil pela jaqueta e a voz dela tremia, mas não acho que era porque estivesse com medo. Ela falou para mim: “Vá falar com o senhor Williams, Judith, e conte a ele exatamente o que aconteceu”.

Quando voltei para a sala de aula, a sra. Pierce e Neil estavam frente a frente. A sra. Pierce gritava: “*O que o faz pensar que você é diferente dos outros? O que o faz pensar que você pode se safar com esse tipo de comportamento?*”.

Neil falou: “Eu não fiz nada com ela!”.

A sra. Pierce berrou: “Meu Deus, garoto! *Eu vi você!*”.

Eu me sentei.

“Não tenho nem uma única coisa boa para falar a seu respeito, Neil Lewis”, a sra. Pierce dizia. “Nem uma! E, ainda por cima, você é um mentiroso incorrigível. Não sei o que fazer com você! Não quero nem olhar pra você!”

Neil pegou seu casaco e foi em direção à porta. Falou: “Não vou ficar nessa merda de aula”.

Aí aconteceu alguma coisa com a sra. Pierce. Ela ficou na frente do Neil, fechando a passagem, seus óculos brilhavam, suas bochechas eram dois borrões rosa choque. De repente vi o quanto a sra. Pierce era pequena. Neil era quase do tamanho dela. Pensei que ele fosse bater na sra. Pierce porque seus punhos estavam fechados. Aí pensei que a sra. Pierce fosse bater no Neil porque seu peito subia e descia. E, enquanto eu olhava

para eles, alguma coisa parecia estar acontecendo comigo também, porque meu coração pulsava tão forte que eu estava flutuando e algo escorria de mim, como se houvesse um vazamento.

Ninguém se mexeu por um tempo que pareceu interminável. E, então, alguma coisa, em algum lugar, estalou. As cordas que seguravam Neil se romperam, a sra. Pierce ergueu um pouco o queixo. Era difícil dizer exatamente o que tinha mudado, mas todos nós sentimos. A sra. Pierce falou: “Vai!” e Neil voltou para a sua carteira. Ele pôs as mãos nos ouvidos e não olhou mais para cima.

E alguma coisa no jeito com que todo mundo estava olhando para ele, alguma coisa no jeito como ele baixou a cabeça e se encolheu, me fez lembrar algo que eu tinha visto em algum outro lugar, mas eu estava muito cansada para recordar o que era.

Na sala de aula

Na hora da saída, a sra. Pierce disse: “Você pode ficar mais um minuto, Judith, por favor?”, então eu me sentei na carteira enquanto todo mundo saía correndo, e depois de um tempo a sala de aula ficou em silêncio.

A sra. Pierce fechou a porta. Aí veio até a minha mesa e se sentou ao meu lado. Ela falou: “Lamento muito pelo que aconteceu hoje. Se serve de consolo, acho que as coisas vão mudar bastante por aqui, então você não vai ter que se preocupar mais com esse tipo de coisa”.

Eu disse: “As coisas já mudaram muito”.

A sra. Pierce respirou fundo. Ela falou: “E já era hora de mudarem mesmo”. Depois, continuou: “Judith, só tem uma coisa que eu queria perguntar. Uma coisa que escutei o Neil dizer hoje no banheiro me deixou intrigada, sabe? Uma coisa sobre Deus ajudar você. Pelo menos foi isso que pareceu. Talvez eu tenha ouvido errado...”.

Ouvi Deus dizer: “Tenha cuidado. Tenha muito cuidado”.

“Não se preocupe”, falei para Ele.

“Não me lembro”, eu disse em voz alta.

A sra. Pierce franziu a testa. Ela falou: “Pensei ter ouvido ele dizer: ‘Vamos ver se Deus te ajuda agora’, ou alguma coisa

nesse sentido”. Ela sorriu. “Só estou falando isso porque essa história me lembrou de uma coisa que li no seu caderno, sobre Deus fazer nevar. É isso mesmo?”

“Cai fora daí”, falou Deus.

“Mas a senhora Pierce é minha amiga”, respondi.

“Eu sou seu amigo”, rebateu Deus. “E Eu estou falando para você cair fora daí.”

“Tenho que dar uma resposta para ela”, falei para Deus.

Eu disse para a sra. Pierce: “É isso mesmo, eu fiz nevar na minha maquete. E aí nevou de verdade. Mas foi só coincidência. Deus não fez nada acontecer”.

“Ah”, a sra. Pierce falou. “Pensei que você tivesse escrito que um milagre tinha acontecido.”

Deus disse: “*Cai fora daí agora!*”.

Minhas mãos ficaram molhadas.

A sra. Pierce disse: “Como o Neil sabe que Deus ‘ajuda’ você, Judith?”.

Olhei para baixo. “Neil leu meu caderno.”

“Ah”, falou a sra. Pierce. “Então ele *leu mesmo* sobre o milagre lá.”

“Mas é tudo inventado!”, falei. “É só imaginação. Sou uma boa contadora de histórias.”

“Você é mesmo”, a sra. Pierce concordou. “Bom.” Ela sorriu e cruzou os braços. “Está explicado.”

“Sim.”

Pensei que tinha terminado, mas aí ela disse: “Judith, só tem mais uma coisa. Tinha uma conversa com Deus no seu caderno. Era tão realista que fiquei me perguntando se você já ouviu vozes ou conversou com alguém — na sua imaginação, é claro”.

“O que você ainda está fazendo aí?”, Deus gritou.

“Não”, respondi. “Quer dizer, sim. Às vezes!”

A sra. Pierce baixou a cabeça para olhar bem no meu rosto. “E esse alguém é Deus?”

“*Vai logo!*”, Deus berrou.

Esfreguei as mãos nos joelhos. “É”, respondi. “Mas também é só de faz de conta.”

A voz da sra. Pierce agora estava muito doce. “E ver coisas, Judith. Você já viu coisas que as outras pessoas não veem, coisas que são invisíveis? Você já viu coisas que não consegue explicar?”

Deus berrou: “*Ela vai estragar tudo!*”, e Sua voz saiu tão alta que meio que me achatou, e demorei uns segundos para sentir as três dimensões de novo.

Ouvi a sra. Pierce dizendo: “Judith, você está bem?”.

Ela estava falando mais alguma coisa também, mas não consegui escutar porque me sentia girando e girando e girando.

Ouvi a sra. Pierce dizer: “Tudo bem, Judith, tudo bem, vamos parar de falar nesse assunto. Não queria que você se sentisse mal. Eu estava curiosa, só isso”.

Aí Deus falou: “CAI FORA”. E Sua voz saiu tão profunda e estranha que me perguntei se era mesmo Deus, e isso me assustou tanto que comecei a chorar.

A sra. Pierce disse: “Judith! O que aconteceu?”.

Fui até a porta, mas não consegui sair. Fiquei parada lá, encarando a maçaneta, e era como se meu corpo fosse um coração gigante. Falei: “Nunca vi nada invisível, mas acredito em Deus, sim. E às vezes eu falo com Ele”, e era como se as palavras fossem as brasas com que o anjo tocou os lábios de Isaías e pronunciá-las foi como pular de um penhasco. Passou uma onda de calor e meu sangue espumou dentro de mim. Mas, depois que falei, fiquei feliz, porque a sra. Pierce sorriu, como se estivesse torcendo para que eu dissesse alguma coisa desse tipo e soubesse que, no fim, eu conseguiria dizer.

Ela veio até mim e disse em voz baixa: “Falar com Deus deixa você triste, Judith?”.

Abri a boca e fechei. Olhei para baixo, para os meus pés. “Não sei”, respondi.

“Tudo bem”, falou a sra. Pierce. “Às vezes é difícil de saber como a gente se sente, não é?” Ela pôs a mão no meu ombro.

“Você é uma pessoa muito especial, Judith, quero que se lembre disso. Também quero que lembre que sempre que precisar conversar sobre qualquer coisa — qualquer coisa mesmo — você pode vir falar comigo, com a certeza de que não vou contar para ninguém. E, mesmo que eu não consiga entender direito, vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para ajudá-la.”

Deus ficou em silêncio no caminho de volta para casa. Era como ficar em um quarto com uma pessoa com quem você está de mal, mas eu não conseguia sair porque o quarto era a minha própria cabeça. No fim, eu já não podia mais aguentar. Falei: “Por que Você estava tão estranho? A senhora Pierce é nossa amiga”.

“*Eu sou seu amigo*”, Deus falou.

“Ela só estava sendo legal comigo”, respondi. “Ela quer ajudar a gente.”

“Se você continuar dando com a língua nos dentes, não vai mais ter ‘a gente’”, Ele disse. “Você vai ficar sozinha. Você não sabe que é perigoso sair falando tudo para as pessoas? Elas vão tentar separar a gente. Vão dizer que você não está falando com ninguém. Vão dizer que você está imaginando coisas e mandar você para o médico.”

“Não vou dar bola para ninguém”, respondi. “*Eu sei que é de verdade. E não falei nada de mais para a senhora Pierce, de qualquer forma.*”

“Você falou muito, sim”, Deus disse. “Escute aqui, mocinha: seus poderes dependem de que você faça exatamente o que Eu mandar. Esse é o acordo. Você não vai muito longe sem Mim.”

“Me desculpe!”, falei. “Vou tentar ser mais cuidadosa. Mas não entendo uma coisa: Você não ficou assim quando falei com o Pai e com tio Stan.”

“Foi diferente”, Deus respondeu. “Eu não previ nenhum

problema com eles.”

“O Pai nem acreditou em mim!”

“Exatamente”, falou Deus. “Quer dizer... que burro!” Ele pigarreou. “Escute aqui”, Ele disse. “Se aquela professora tentar falar com você de novo...”

“Não se preocupe”, rebati. “Não vou falar nada.”

Aí me lembrei de uma coisa. “Ah, e Deus”, falei, “por favor, não use mais aquela voz estranha.”

“QUAL, ESSA AQUI?”, falou Deus, e foi como ser açoitada por um raio de luz.

“PARE!”, gritei bem alto e pus as mãos sobre as orelhas.

“Me desculpe”, Deus disse com Sua voz normal. “Melhor assim?”

Eu me encostei contra a grade. Uma mulher do outro lado da rua estava me encarando. Tive vontade de chorar. “Foi mesmo Você?”

“Parecia com quem?”, Deus quis saber.

Encolhi os ombros. “Com o Diabo.”

Problema gera problema

O Pai chegou tarde do trabalho naquele dia. Eu sabia que ele iria demorar, mas mesmo assim me pareceu estranhamente tarde. Descasquei os legumes para o jantar e os joguei na panela. Pus a mesa e reguei minhas sementes de mostarda. Embora não soubesse por que, fiquei aborrecida por ainda não ter nada para ser visto. Então escrevi no meu diário e contei uma história na Terra Gloriosa sobre um dragão que amava rosas e que, sempre que passava diante de uma roseira, parava e sentia o perfume delas, mas sua respiração carbonizava as flores. Não consegui terminar a história. Por fim, só me sentei na escada e fiquei esperando.

Quando faltavam cinco para as seis, ouvi o ônibus e corri para a porta da frente. Através do desenho no vidro colorido, vi o ônibus. Tinha grades nas vidraças e umas coisas escorriam de algumas delas. Um tomate espatifado em uma e o que parecia um ovo manchava outra. Seis homens a bordo. O Pai desceu os degraus e, apesar de estar olhando através do vidro colorido, pude ver como ele estava pálido sob a luz da rua. Ele acenou para Mike e depois passou pelo portão, corri para a cozinha; não achei que ele quisesse me ver.

O Pai pegou a chaleira. Ele disse: “Como foi a escola?”. Sem

olhar para mim, começou a acender o fogo. Eu sabia que não era para perguntar sobre o trabalho. Falei: “A senhora Pierce ficou brava com o Neil Lewis porque ele tentou enfiar minha cabeça na privada. Mas acho que não vou mais ter problema com ele”.

E, então, o Pai olhou para mim. Ele disse: “Você está bem?”.

“Ah, estou sim”, respondi. “Não foi nada.”

Ele franziu a testa e falou: “Esse Neil é filho do Doug?”.

Tentei pensar rápido. “Não sei, não”, respondi.

“Você andava tendo problemas com ele?”

“Mais ou menos... mas agora acabou.”

O Pai falou de repente: “Não é o garoto que fica batendo na nossa porta, é?”.

Olhei para ele e depois para a geladeira. “Não sei”, respondi.

O Pai se endireitou. “Judith, você não estava provocando ele de nenhum jeito, estava?”

“Não”, respondi e meu coração bateu uma vez, bem forte.

“Tem certeza?”, ele perguntou.

“Tenho.”

“Ótimo”, ele disse e se virou para o fogo, “porque problema só gera problema.” Ele se levantou e fechou a porta da estufa, deixando uma fresta para o ar entrar. “E a gente já tem problema demais por aqui nesses últimos dias.”

Lemos a Bíblia depois do lanche, em vez de limparmos a mesa primeiro. O estudo foi sobre Deus ficar com ciúme. Não era no sentido que entendíamos a palavra, o Pai disse. Significava que Deus queria que as pessoas servissem apenas a Ele, que Ele exigia Dedicção Exclusiva.

Minha cabeça estava toda bagunçada. Eu não sabia se era idiota ou se estava fazendo uma pergunta pertinente, mesmo assim, falei: “Por que Deus precisa de Dedicção Exclusiva?”.

“Porque Ele sabe que é o melhor para nós”, disse o Pai.

Pensei mais um pouco, mas, por alguma razão, o que o Pai falava não fazia muito sentido. “Por quê?”, perguntei.

O Pai não ficou bravo como costuma ficar quando pergunto muitos “por ques”. Na verdade, parecia que ele estava pensando em alguma outra coisa. Com a testa franzida. Parecia estar segurando a respiração. E, aí, de repente a cara fechada sumiu, ele piscou e disse: “Quê?”.

Então eu também tive que fazer força para lembrar sobre o que estávamos conversando. “Por que Deus sabe o que é melhor?”, perguntei.

“Porque Ele sabe tudo”, o Pai respondeu. E depois completou rapidamente: “E Ele nos fez” — como se eu devesse me lembrar disso — como se *ele* devesse se lembrar disso — como se ele devesse ter pensado nisso antes. Aí ele falou: “Espere aí”, e se levantou, foi para a sala. Quando voltou, eu perguntei: “Que foi?”.

“Nada.”

Olhei para ele, mas o Pai não falou mais nada e começou a ler de novo.

Quando fui dormir, o Pai estava sentado junto à estufa vestido com seu macacão. Depois de um tempo que eu já estava na cama, desci a escada na ponta dos pés. Mas a luz da cozinha estava apagada, a da sala do meio estava acesa e, pelo buraco da fechadura, vi o Pai em sua mesa, mexendo nas contas que ele guardava lá. Fiquei feliz por ele não estar olhando para o nada, como costumava ficar, e voltei para a cama.

Mas depois, bem depois, quando eu estava pegando no sono, ouvi a porta da frente se abrir e, quando espiei pelas cortinas, ele estava lá na calçada, os tufo de seus cabelos sob a luz. Ficou lá por um bom tempo, embora a rua estivesse vazia.

Quatro fotografias

O Pai não é mais a mesma pessoa. Sei disso por causa de quatro fotografias. A primeira fica no álbum dentro da estante na sala do meio. Na foto da estante, ele está encostado em uma placa que diz “John O’Groats”. Está de jeans, com um cinto escrito “Levi’s” e camiseta. Está sorrindo e seu rosto parece brilhar. Nunca vi o rosto do Pai assim. É da lua de mel da Mãe e dele, e foi a Mãe quem bateu a foto.

A segunda foto fica em uma moldura prateada e é uma fotografia da Mãe e do Pai deitados na grama. A Mãe está vestindo um macacão azul e tem cabelos castanhos longos e cacheados, o sol bate em seus olhos e em volta dela, então seus cabelos parecem uma auréola. Ela está rindo tanto que dá para ver todos os seus dentes. O Pai está segurando a câmera em cima dos dois com o braço esticado e fazendo uma cara engraçada.

A terceira foto também fica no álbum, eles arranjaram alguém para bater a foto e estão em um píer, encostados em um parapeito. A barriga da Mãe estica a camiseta, e ela está com os braços em volta da cintura do Pai e a cabeça em seu ombro, ele está com o braço em volta do pescoço dela e os dois estão sorrindo e parece que tomaram sol e ficaram com os cabelos ao

vento o dia inteiro.

Não vejo essas fotos com muita frequência porque isso me faz muito mal. Não é só por saber que a Mãe não está aqui, é por saber que ela não está aqui por minha causa.

A última foto é a pior de todas. Fica em outro álbum e é bem diferente. O Pai está me segurando em um cobertor branco. Estou enrolada que nem uma larvinha e só dá para ver o meu rosto, que está amarrotado e vermelho porque estou chorando. Na cama atrás de nós está minha mãe. Seu rosto está branco e com os olhos muito pequenos, parece que ela está totalmente em outro lugar, olhando para nós. O rosto do Pai está sombrio e seus olhos estão em chamas. E este é o Pai que conheço.

O efeito bola de neve

Naquela semana, o Pai chegou em casa de ônibus às seis da tarde todos os dias. Foi estranho ficar em casa sozinha. Não achei que seria muito diferente de quando o Pai estava, porque fico no meu quarto e ele fica na sala, mas foi. May e Elsie se ofereceram para vir ficar comigo, mas pedi para o Pai não deixar, porque elas ficariam contando histórias da Bíblia o tempo todo e, por fim, ele concordou, com a condição de que eu não encostasse no fogão, nos fósforos e nem na chaleira.

O Pai estava sempre pálido quando chegava. Às vezes nem cozinhava os legumes que eu tinha preparado, comia salsichas, feijão e coisas do tipo. Às vezes nem acendia a estufa, ficava sentado junto ao fogão com a grelha ligada até a hora de dormir. Mas, mesmo que estivesse muito cansado, ele sempre fazia questão de lermos uma parte da Bíblia.

Eu queria que Mike viesse fazer uma visitinha. “Por que ele não vem?”, perguntei.

“Ele tem que ir para a casa dele”, o Pai disse.

Eu não gostava de perguntar sobre a fábrica. O Pai não dizia muita coisa, a não ser que tinha bandos de pessoas chamadas Piqueteiros nos portões e que eles ficavam gritando e nunca iam embora. “Já vai acabar”, ele disse. “Dou mais uma semana

para eles.”

Mas acho que as pessoas da greve pensavam que ela iria durar. Na terça-feira, depois da escola, a sra. Pew me convidou para um lanche. Enquanto comíamos sanduíches de carne enlatada e biscoitos de amêndoas em sua mesa dobrável, umas pessoas bateram à porta. Ouvi a sra. Pew abrir e um homem dizer que estavam falando com todo mundo, alertando contra a falta de apoio ao sindicato e a relação com alguma coisa chamada “fura-greve”. Ele falou para a sra. Pew bater o telefone se um fura-greve tentasse ligar, para não falar com eles.

A sra. Pew esperou até que ele acabasse de falar, o que demorou um bom tempo, depois disse: “Como é que é?”.

Um instante de silêncio, e aí o homem falou tudo de novo e perguntou se a sra. Pew não gostaria de fazer uma doação aos grevistas famintos.

A sra. Pew falou: “Revista dos jacintos?”.

“*Grevistas famintos.*”

“Ah, sim, achei que era isso mesmo”, disse a sra. Pew. “Vou pegar um dinheirinho agora mesmo.”

Ela pegou uns trocados no vaso do aparador. Ouvi a sra. Pew dar o dinheiro ao homem e fechar a porta. “Um evento de flores”, ela disse quando voltou à sala de estar. “Eu gosto de doar para as boas causas. Meu marido, o finado senhor Pew, que Deus o tenha, era um amante das flores.”

“O que é ‘fura-greve’?”, perguntei ao Pai quando cheguei em casa.

“Onde você ouviu isso?”

“Bateram na porta da senhora Pew querendo dinheiro para os grevistas e falaram para ela não conversar com os fura-greves.”

“Fura-greve é a pessoa que não apoia a greve.”

“Então *você é fura-greve*”, falei. “Por que chamam assim? Que nome engraçado.”

Mais tarde naquela noite, eu estava descendo a escada quando mexeram na caixa de correio da porta e uma bexiga cheia de água passou pela fresta e se espatifou no chão. Escutei o zum-zum de bicicletas. Peguei a bexiga. Mas não era colorida, era transparente. Também tinha um formato estranho, mais longa, que nem um tubo, e o buraco era grande demais para soprar dentro. O Pai saiu do banheiro sem camisa e com uma toalha em volta do pescoço.

Ele disse: “Larga isso!”.

Olhei firme para ele.

“Larga isso!”, repetiu. “Vai lavar as mãos!”

Na quarta-feira, alguém virou o latão de cabeça para baixo e espalhou lixo por todo o jardim. Na quinta-feira, Neil e seu irmão arrancaram uns galhos da cerejeira da Mãe, e o Pai ficou acordado até depois da meia-noite. Na noite de sexta-feira, quando as batidas recomeçaram, ele telefonou para a polícia. Ouvi o Pai falar: “Você não pode nem mandar um carro, nada? Está passando dos limites. Eu vou ser preso por agressão se tiver que sair lá e fazer alguma coisa... Não; não sei como começou”.

Mais tarde, quando eu já estava na cama, um carro de polícia desceu a rua. Escutei o carro parar lá fora e o policial falar com os garotos. Depois disso, tudo ficou em silêncio e, quando olhei pela janela, eles tinham ido embora.

“Deus”, eu disse, “o que está acontecendo? Por que Neil Lewis não deixa a gente em paz?”

“Será que tem a ver com o fato de todo dia ele se dar mal na escola por causa de você?”, falou Deus.

“Não é *por minha causa*”, respondi. “É por causa do que ele *faz comigo*.”

“Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come”, Deus disse.

“Não é justo!”, rebati. “Eu não tinha como saber que nada disso aconteceria. Como eu podia saber que ele iria começar a

bater na nossa porta?”

“Que dureza, né?”, falou Deus.

“É. Resolvi um problema e arrumei outro.”

“É a vida”, Deus disse. “As coisas desaparecem e reaparecem em outro lugar. Você ajeita uma aqui e aparece outra lá. Que nem goteira. Agora você sabe como é.”

“Como é o quê?”

“Ser Eu.”

“Achei que era só dizer o que eu queria e aí as coisas iam começar a acontecer.”

“É, mas você pode fazer as coisas *pararem* de acontecer?”, perguntou Deus. “Você pensou nisso?” Deus deu risada. “Pensar é um negócio perigoso até nos melhores momentos.”

“Mas o que vai acontecer?”, perguntei. “Com Neil e tudo mais?”

“Não acho que vai adiantar muito para você ficar sabendo agora”, Deus falou. “De qualquer jeito, depende de você.”

Era estranho que Neil continuasse vindo à nossa casa porque ele nem chegava perto de mim na escola. Não falava que queria me matar e não passava o dedo pela garganta e não me batia e nem enfiava minha cabeça na privada e nem puxava minha cadeira. Ele não estava fazendo um monte de coisas que costumava fazer. A sra. Pierce fez com que ele se mudasse para a mesa de Kevin, Stacey e Luke, então ele não se sentava mais com Lee e Gareth, mas, sempre que eu virava, seus olhos azuis estavam me encarando, e estavam estranhos, como se ele não estivesse olhando para mim, mas para alguma coisa atrás de mim.

A sra. Pierce deixou Neil de castigo quatro vezes naquela semana. Na hora da saída, quando ele jogava a mochila sobre os ombros, ela dizia: “Neil, aonde você pensa que vai?”.

“Para casa, senhora.”

“Achei que você e eu tivéssemos um compromisso.”

“O pai vai me matar se eu atrasar de novo.”

A sra. Pierce falava: “Também não é nenhuma diversão para mim, você sabe. Então, quanto antes você aprender a se comportar, melhor para nós dois. Sente-se e pegue seus livros”.

Neil não me seguiu até em casa nenhuma vez naquela semana, mas alguns dos outros garotos passaram de bicicleta por mim muito rápido e gritaram palavrões. Na quarta-feira, quando saí da escola, vi um homem de cabeça raspada e jaqueta jeans esperando atrás dos portões. Tinha um monte de tatuagens. Estava de braços cruzados, com o queixo apontando para cima e a boca apertada. Quando passei, ele abriu o canto da boca e um jato de saliva voou para o chão.

“Sue”, eu disse enquanto Sue Lollipop me ajudava a atravessar a rua, “quem é aquele de cabeça raspada?”

“É Doug Lewis”, ela disse em voz baixa. “Está em pé de guerra com alguma coisa.”

Então agora tenho um rosto para o “barra-pesada”.

Na quinta-feira, Doug estava lá de novo, encolhido contra o vento. Dessa vez, estava fumando. E, quando passei, percebi uma coisa que não tinha visto antes: nas costas das mãos dele, enroscadas umas nas outras, havia um monte de cobras verdes.

O que aconteceu na Cooperativa

No sábado, saímos para pregar no centro da cidade com os novos panfletos. Ficamos na avenida principal, do outro lado da igreja Batista. Margaret segurava um cartaz que dizia: “Você está vendo os sinais?”, de um lado, e “Cristo morreu por você”, do outro. Tio Stan tinha um megafone, e o Pai e Alf usavam placas sobre os casacos com as palavras “O fim de todas as coisas está chegando” escritas. Nel insistiu para ter uma placa também, então encostamos uma em sua cadeira de rodas, mesmo que não desse para ver o rosto dela atrás da placa. O resto de nós ficou entregando folhetos.

Fazia muito frio. O sol brilhava na vitrine de cada loja. Um vendedor falou: “Vão pregar o evangelho de vocês noutro lugar!”, mas tio Stan respondeu que tínhamos tanto direito de estar ali quanto qualquer outra pessoa e, depois disso, ficamos competindo com o vendedor para ver quem gritava mais alto.

Por duas vezes gritaram “Fura-greve!”, e algumas pessoas cuspiram no chão quando passaram por nós. Tio Stan ficava vermelho, mas continuava berrando, e Margaret estufava o peito e levantava ainda mais o cartaz. O pescoço de Gordon se enterrava na gola do casaco, seus olhos estavam meio fechados e ele batia os dentes.

Somente duas pessoas pegaram o folheto, apesar de eu estar segurando do jeito que o Pai mandava, e não escondendo os folhetos na mão, e apesar de estarmos empregando as perguntas instigantes. Na capa do folheto, pessoas felizes caminhavam por um jardim. Na parte de dentro, havia raios e chuva de pedras, prédios caindo e carros desaparecendo. As pessoas esbravejavam contra o céu. Alguns erguiam as mãos para se proteger. Os homens usavam bandanas, tatuagens e jeans. Alguns carregavam rádios. As mulheres vestiam minissaias, saltos e muita maquiagem. Eu ficava confusa vendo o desenho, porque nem todos os Irmãos se pareciam com as pessoas felizes e nem todas as pessoas do Mundo seguravam um rádio ou usavam minissaias; a tia Jo, irmã do Pai, por exemplo, vestia jeans e botas Dr. Martens nas fotos que ela tinha mandado pelo correio, e a sra. Pierce não se maquiava.

Ao meio-dia, o tio Stan disse: “Belo trabalho”. Não pareceu notar que tínhamos tantas caixas de folhetos quanto no início. Carregamos as caixas de volta para o seu carro, no terreno baldio atrás da Cooperativa, aí o Pai e eu falamos tchau e fomos tomar uma xícara de chá no Station Cafe.

Rachamos uma fatia de bolo. Lambi a cobertura dos dedos e perguntei: “Você acha mesmo que o Armagedom está chegando?”.

“Acho”, disse ele.

“Acha que o Mike vai se salvar?”

“Só Deus sabe a resposta.”

“E a senhora Pew?”

“Não tenho a menor ideia.”

“E Joe e a senhora Browning e Sue Lollipop?”

“Judith, não adianta ficar especulando sobre essas coisas. Só Deus pode ler os corações.”

“E a tia Jo?”, perguntei, sem olhar para ele.

O Pai bateu a mão na mesa. Depois falou: “Judith, você já perguntou isso... como é que eu vou saber? Todos terão chance”.

“Como é que a gente sabe?”, perguntei.

“Porque Deus prometeu que vai salvar todos que merecerem a salvação.”

“Ainda bem que não sou Deus”, falei e sorri para o Pai, mostrando a ele que eu não queria mais chateá-lo e queria que ficássemos de bem.

“Ainda bem que também não sou”, disse o Pai.

Dei risada. “Eu não iria saber quem salvar e quem não salvar.”

Ele sorriu, mas o sorriso estava cansado e cheio de lágrimas. Pensei que, se fosse para sorrir assim para alguém, era melhor nem sorrir. Acabamos de comer e fomos para a Cooperativa.

Alguns minutos depois, estávamos empurrando o carrinho para o caixa quando dois homens surgiram. Pareciam ter acabado de sair da imagem do panfleto — teria sido engraçado, se eu não estivesse com tanto medo. Um deles tinha cabelo comprido e usava bandana, mas não estava carregando um rádio. O outro era Doug Lewis.

Os olhos dos homens brilhavam que nem bolas de gude. Eles me lembraram os olhos do cachorro da casa vinte e nove quando ele vê Oscar em cima do muro. Doug empinou o queixo. Parecia fazer que sim com a cabeça. Pôs a mão na frente do nosso carrinho e disse: “Os fura-greves também comem, olha só”.

Os olhos do Pai ficaram sombrios, mas quando ele falou, sua voz saiu firme. Ele disse: “Vai me esperar no caixa, Judith”, mas meus pés não se mexeram.

O Pai falou: “Me deixe terminar minhas compras, Doug. Não estou machucando você”.

Mas Doug não tirou as mãos do carrinho. Seu rosto estava vermelho. Ele e o Pai olhavam um para o outro e continuaram andando e olhando um para o outro até que fiquei com vontade de gritar. E, então, de repente, Doug empurrou o carrinho para o lado. O carrinho balançou, mas o Pai não o deixou cair. O

peito de Doug subia e descia. O homem de cabelo comprido deu um murro na palma da mão. Aí ele falou para Doug: “Vamos nessa”. As narinas de Doug se dilataram. Depois de uns segundos, ele jogou o carrinho de lado e foi atrás do amigo.

Fomos até o caixa. Meu coração parecia estar mergulhado em chumbo quente, meus braços e pernas estavam se perdendo de mim. O Pai não parecia ter percebido o que acabava de acontecer. Começou a colocar as coisas na esteira. Aí levantou os olhos e disse: “Tudo bem, pessoal, o show acabou”, e vi que ele tinha percebido, sim, e que o supermercado inteiro estava olhando para nós. Para mim ele falou: “Vai empacotar as coisas”, e fiquei feliz porque eu não sabia direito o que fazer. Depois ele me olhou e sorriu, um sorriso adequado agora, mas dessa vez não consegui sorrir de volta.

*

Não falamos sobre o que aconteceu pelo resto do dia e pelo resto do dia senti o coração doer, sentia que minhas pernas e braços não me pertenciam.

Uma janela quebrada

“Tio Stan”, falei no encontro da manhã seguinte, “você conseguiu o endereço do Irmão Michaels?”

“Ah, maldição”, disse Stan. “Me desculpe, fofura, eu me esqueci. Você me lembra da próxima vez?”

“Tá bom.”

Ele disse: “Você está bem?”.

“Estou”, respondi. “Só que preciso mesmo escrever para ele.”

“Olha só”, tio Stan sorriu, “vou escrever um lembrete.” Ele pegou um pedacinho de papel, rabiscou, depois dobrou o papel e o colocou por baixo da aliança de casamento. “Que tal?”

“Maravilha”, falei.

Tio Stan franziu a testa. “Tem certeza de que está tudo bem, fofura? Como estão as coisas em casa?”

“Bem”, respondi. Eu não podia contar a ele o que Doug Lewis tinha feito no dia anterior. O Pai não iria gostar. De qualquer maneira, o que tinha acontecido parecia estar encravado no meio do meu peito e iria doer muito para se arrancar.

Quando chegamos em casa, pedi ao Pai uma de suas folhas de papel. “Pra quê?”, ele quis saber.

“Para escrever para o Irmão Michaels.”

“Quem?”

“O Irmão que veio fazer aquele discurso sobre mover montanhas.”

“Mas por que diabos você vai escrever para ele?”

“Gostei dele.”

O Pai balançou a cabeça e foi para a sala do meio. Pegou um papel da escrivaninha. “Só vou dar isso”, ele disse. “Não desperdice.”

Fui para o andar de cima. Pensei que já poderia começar a carta agora, mesmo que ainda não tivesse o endereço. Queria muito conversar com alguém. Escrevi:

Caro Irmão Michaels,

Aqui é Judith McPherson, a menina com quem você conversou depois da sua fala sobre a semente de mostarda. Você me deu algumas sementes, lembra? Espero que você esteja bem.

Pensei por um minuto.

Estou escrevendo para agradecer por você ter vindo até a nossa congregação. Sua fala mudou minha vida. Quando cheguei em casa, fiz um milagre acontecer, e muitos outros depois, mas o primeiro foi naquela noite, depois que você nos falou sobre fé. Eu fiz nevar colocando neve na minha maquete de mundo. Há um mundo no meu quarto, feito de sucata. Fiz neve nesse mundo e aí nevou de verdade, você se lembra?

Depois disso fiz nevar de novo e aí fiz parar de nevar. Depois trouxe de volta o gato da nossa vizinha e depois castiguei um menino da escola. Mas agora ele está batendo na porta da nossa casa o tempo todo e ontem o pai dele ameaçou o Pai na Cooperativa e o chamou de “fura-greve”.

Mastiguei um pouco a ponta do lápis.

A polícia não está ajudando muito. Ninguém acredita que eu fiz milagre algum. Também devo dizer que ouvi a voz de Deus em inúmeras ocasiões.

“Risque isso”, Deus falou.

“Não quero riscar.”

“É perigoso”, Deus disse.

“Mas só tenho uma folha de papel.”

“Risque isso!”

Risquei a frase.

O negócio é o seguinte: tento fazer mais milagres agora ou não? Ter poder não é tão fácil quanto parece.

Você disse que tudo o que precisávamos fazer era dar o primeiro passo, mas agora parece que não posso mais voltar para o início.

Aí o Pai gritou: “Jantar!”, e eu dobrei o papel, coloquei a carta dentro do diário, guardei tudo embaixo da tábua e descii.

Um pouco depois, estávamos ponderando sobre a Queda do Homem, que aconteceu há seis mil anos, dois mil anos de nós até Jesus, o Pai disse, e quatro mil anos de Jesus até Adão, e eu estava ponderando sobre a razão de comer ervas amargas de novo e não falando absolutamente nada. Mas minha cara devia estar falando, porque o Pai disse: “Existem milhares de crianças africanas que ficariam muito felizes com esse jantar”. Eu ia falar “Então a gente pode mandar para elas”, quando ouvimos o som de algo se quebrando na sala.

O Pai disse: “Fique aqui” e saiu.

Não escutei nada por um bom tempo e, enfim, eu me levantei, fui para a sala. A primeira coisa que me atingiu foi uma rajada de vento e chuva. A segunda coisa foi o Pai de pé, de

costas para mim. A seus pés, cacos de vidro colorido. No meio dos cacos, um tijolo. E, na porta da frente, onde ficava a imagem de vidro colorido, um enorme buraco. Atrás do buraco, a noite.

O Pai tossiu para limpar a garganta. Ele disse: “Volte para a cozinha, por favor”.

Eu me sentei junto à estufa, encolhi os joelhos e enterrei o queixo neles. Falei para Deus: “Por favor, Deus, ajude o Pai”.

Escutei o Pai dizer lá na sala: “Eu gostaria de dar queixa de uma janela quebrada. Isso... minha porta da frente... Uns cinco minutos atrás... não, agora não”.

Fiquei encarando o fogo. Os carvões cintilavam e reluziam, mas no centro, onde ficavam mais brancos, eles estavam perfeitamente quietos.

“Eu quero alguém aqui agora”, o Pai dizia. “Já dei queixa de outras ocorrências e ninguém fez nada... Não. Escute aqui. Eu tenho uma filha de dez anos...”

Havia cavernas no fogo. Havia barrancos, desfiladeiros e ravinas. Imaginei que estava fazendo uma jornada até o centro da terra. O calor lambia meu rosto. O calor selava meus lábios. Fechei os olhos e o calor os banhou.

O Pai foi falando. Fui viajando para dentro do fogo. Era como estar lindamente morta ou dormindo. Meu rosto começou a arder, mas não me afastei. É assim que uma estrela cai, pensei, e o que são estrelas, senão fogos se comendo e depois caindo para dentro, ficando vermelhos e mais vermelhos e frios e mais frios até que não reste mais nada além de um monte de cinzas?

Um clique me disse que o Pai tinha desligado o telefone. Puxei a cadeira para trás. Quando ele entrou na cozinha, não dava para saber pela sua voz o que tinha acontecido. Ele falou que iria limpar aquela bagunça e, depois, prosseguir na nossa leitura da Bíblia.

Ele não me deixou ajudar. Fiquei assistindo da porta da cozinha enquanto ele varria os cacos de vidro para uma pá de

lixo. Fiquei vendo o Pai embrulhar os cacos, para que os lixeiros não se cortassem. Assisti a ele varrer o chão e depois passar a mão para ver se não tinha ficado nenhum caco para trás. “Não ande por aí de meias pelas próximas semanas”, ele disse.

“Está bem”, respondi. E então levantei os olhos e berrei.

Um rosto espiava pelo buraco da porta da frente, uma face branca balançando, lábios vermelhos, cabelos escuros e uma capa de chuva. O Pai também deu um pulo. Ele falou: “Senhora Pew!”.

“Oh, John! Eu vi tudo!”, a sra. Pew disse. Ela parecia estar se dissolvendo. Pequenas cobras negras desciam por sua testa e a cabeça dela balançava fantasticamente. “Três meninos de bicicleta!”

“Eu sei”, falou o Pai. “Já falei com a polícia. Estou cuidando de tudo.”

“Um deles estava com um tijolo”, ela disse. “Que terrível! Por que eles fizeram uma coisa dessas?”

O Pai disse: “Não sei, mas não se preocupe. Volte para dentro. Está muito úmido para a senhora ficar aí fora”.

“Você e Judith vão ficar bem?”, a sra. Pew perguntou quando ele a pegou pelo braço.

Quando o Pai voltou, foi direto para a garagem e trouxe placas de compensado. Uma por uma, pregou-as na porta da frente. Eu mal conseguia olhar, ver o que ele estava fazendo com a porta da Mãe. Mas ouvia a madeira ranger e se lascar, a chuva açoitar e o vento bater. Então, por fim, o buraco estava fechado e a sala ficou em silêncio de novo.

Um policial chegou enquanto o Pai estava secando o piso. Ele ficou no nosso corredor escrevendo em um bloco de notas. O Pai esperou ele terminar, seus olhos faiscavam que nem dois pedaços de carvão sob a luz.

O policial disse: “E o senhor não viu quem fez isso?”.

“Não.”

“Tudo que o senhor encontrou foi o tijolo?”

“Sim.”

“Aproximadamente às nove horas?”

“Aproximadamente.”

O radiotransmissor no ombro do policial crepitou e ele respondeu ao estalido: “Tá, tudo bem, fala pra ele esperar... Não; só uma questão doméstica”.

O Pai aguardou. O barulho foi sumindo. Ele disse: “Então o que o senhor vai fazer com eles?”.

O policial falou: “Com quem, senhor McPherson?”.

“Com os bandidos que fizeram isso.”

“O senhor não sabe quem fez isso”, rebateu o policial.

O Pai fechou os olhos e depois os abriu. Tive a impressão de que ele estava falando alguma coisa sem mexer os lábios. Ele disse: “São os mesmos garotos de quem venho reclamando há um mês”.

“Mas o senhor não os viu.”

“Nessa ocasião, não. Eu estava na cozinha com minha filha. Ouvimos o barulho e, quando chegamos aqui, eles já tinham ido.”

“Aí está”, o policial concluiu e guardou o bloco de anotações.

“Mas a nossa vizinha viu.”

O policial falou: “Ela pode identificá-los?”.

Uma veia pulsou na têmpora do Pai. “Eu não sei. Por que o senhor não pergunta a ela?”

O policial respondeu: “Estou tentando ajudar, senhor McPherson. Se eu fosse o senhor, pensaria em instalar umas câmeras. Imagens pegam muito bem no tribunal”.

“Câmeras?” O Pai deu uma risada estranha.

O policial disse: “Não há nada que possamos fazer hoje à noite. Arquivaremos essa ocorrência junto com as outras queixas que o senhor deu. Se acontecer mais alguma coisa, o senhor sabe onde nos encontrar”.

O Pai balançava um pouco a cabeça. Parecia estar tentando tirar alguma coisa que tinha se soltado lá dentro. Ele disse:

“Quê? É só isso?”.

“Tudo que podemos fazer é patrulhar a área de vez em quando”, falou o policial. “Boa noite, senhor McPherson”, e saiu, fechando a nossa nova porta atrás dele.

Mordi os lábios. Dava para ver os cabelinhos no alto da cabeça do Pai brilhando na luz. Seus braços soltos ao lado do corpo. Ele coçou o cotovelo e depois soltou os braços de novo e disse: “Sua mãe adorava essa porta”.

De repente, quis tocar nele.

“Lamento muito”, eu disse. Fiquei com medo: o Pai nunca falava na Mãe.

Ele piscou como se estivesse acordando. “Por que você lamenta?”

Aí ele fechou a cara e toda a escuridão voltou a inundar seu rosto. “Não tem nada a ver com você!” Mas o jeito com que ele falou soava como se tivesse tudo a ver comigo. Ele enfiou o esfregão de volta no balde, trancou a porta, recolheu o saco de vidro e foi para a cozinha.

E eu comi todas as minhas ervas amargas, cada pedacinho delas, mesmo que agora já estivessem frias e gosmentas, só para que o Pai continuasse a ponderar sobre a Queda do Homem, que aconteceu há seis mil anos, e não sobre o que tinha acontecido quarenta e cinco minutos antes, na nossa sala.

Uma história

Era uma vez um homem e uma mulher. Quando eles se conheceram, faíscas voaram, meteoros colidiram, asteroides deram cambalhotas e átomos se dividiram. Ele a amava daqui até a eternidade, ela o amava daqui até a lua e voltando. Eles eram unha e carne, cara e coroa, linha e agulha.

Alguma coisa nela fez com que ele se aproximasse. Alguma coisa nele fez com que ela dissesse oi. Eles se casaram na cidade onde haviam crescido e suas famílias ficaram muito felizes. E, então, alguém bateu à porta deles e disse que o mundo estava acabando. O homem não soube o que pensar naquele instante, mas a mulher viu a luz imediatamente.

Acreditar significava abrir mão das coisas: as famílias não quiseram mais saber dos dois, eles se mudaram para outra cidade, onde a carência de pregadores era maior. Compraram uma casinha de tijolos. O homem arranhou emprego na fábrica. A mulher fazia vestidos. Os vizinhos não gostavam deles. Mas os dois não ligavam. Tinham um ao outro.

Encheram a casa com coisas que ninguém queria: uma porta com a imagem de uma árvore, um relógio sem pêndulo, uma poltrona sem molas, um tapete de pele velho, uma tapeçaria puída com cobras e trepadeiras, um quadro de anjos,

ladrilhos quebrados com desenhos de passarinhos.

A mulher tirou a tinta da porta e limpou o vidro, para que a árvore pudesse ser vista e a luz brilhasse em seus frutos. Eles restauraram a tapeçaria. Fizeram uma moldura de ladrilhos quebrados para a lareira. A mulher fez cortinas e mantas com sobras de tecido. O homem arrancou o concreto em volta da casa e plantou rosas de natal, palmeiras de jardim e uma cerejeira.

Às vezes eu vejo os dois, ela sentada na poltrona de frente para ele, à noite, seus cabelos compridos sobre os ombros, bordando tremoços e malvas, envolvendo a agulha com a seda e puxando-a de volta pelo meio. Aí penso que eles estariam lado a lado e que ela estaria remendando qualquer coisa. Aí eu penso, não, ela está sentada aos pés dele, enquanto ele lê a Bíblia em voz alta. A mulher está grávida. O homem é jovem. De vez em quando eles sorriem um para o outro.

Aí paro de imaginar porque não quero ver o que vem a seguir. Mas muitas vezes, exatamente por não querer ver, eu vejo.

Barra-pesada

Na segunda-feira à tarde, a sra. Pierce estava lendo *A menina e o porquinho* para nós quando a porta da sala de aula se abriu de supetão e Doug Lewis apareceu. Com ele entrou na sala um cheiro de fruta podre, que nem o odor das velhas garrafas de vinho que o Pai levava para a reciclagem. A sra. Pierce baixou os óculos. Ela disse: “Posso ajudar?”.

Doug falou: “Você pode fazer mais até. Eu quero meu filho! Você segurou ele aqui toda tarde da porra da semana passada!”.

Todos se encolheram, como se tivessem tomado um banho de água gelada.

A sra. Pierce perguntou: “O senhor não quer conversar lá fora?”.

Doug respondeu: “Não, eu não quero!”. Falava alto, e sua voz saía borrada, como se sua língua ou seus lábios não estivessem funcionando direito.

A sra. Pierce disse: “Não sei como o senhor entrou na escola nessas condições, senhor Lewis, mas não tenho dúvida de que alguém está vindo para tirá-lo daqui”. Ela foi até a porta e tentou pegar o cotovelo dele, mas ele se soltou.

Olhei para Neil. Tinha acontecido algo estranho com ele. O Neil que eu conhecia tinha sumido e em seu lugar estava um

garoto que parecia menor, com a cara branca e fechada, como se tivesse tomado uma surra. Era como um daqueles polvos que ficam mudando de cor mesmo quando você está olhando para ele, então não dá para saber direito onde estão.

“Você está perseguindo o meu filho!”, Doug berrou.

A sra. Pierce disse: “Duas coisas, senhor Lewis: em primeiro lugar, é o seu filho que vinha perseguindo outras crianças nessa escola, Deus sabe há quanto tempo. Em segundo lugar, eu não gosto de ser ameaçada. Nunca fui e não tenho intenção de me acostumar com isso agora. Então, se o senhor não se importar, está atrapalhando minha aula, que ainda tem mais quinze minutos. Se quiser levar seu filho, fique à vontade. Eu ficaria muito feliz. Ele só me causa aborrecimento”.

Doug Lewis se aproximou da sra. Pierce. Ele disse: “Sua putinha arrogante. Vou denunciar você pras autoridades. Você não vai arranjar emprego em lugar nenhum!”. A sra. Pierce olhou para o outro lado. Doug parecia pensar em alguma coisa — podíamos ouvir sua respiração ofegante — mas, o que quer que fosse, ele decidiu que não valia a pena e avançou sobre Neil. A cadeira tombou. Doug o arrastou para a porta e Neil foi tropeçando e ajeitando o pulôver. Sua cara ainda estava bem branca.

Doug Lewis olhou em volta, como se estivesse procurando alguém, depois se virou para a sra. Pierce, mas ela não quis olhar para ele. Doug empurrou Neil para o corredor e saiu atrás, batendo a porta tão forte que as janelas chacoalharam.

Os ombros da sra. Pierce se encolheram um pouco. Depois de um instante, ela disse: “Continuem a tarefa em silêncio, classe oito. Eu já volto”. Ela saiu e nós ficamos em silêncio.

Passei o resto do dia pensando em Doug Lewis e em como Neil tinha mudado a olhos vistos. Pensei em como a sala tinha ficado estranha depois que eles saíram, como se algo vergonhoso tivesse acontecido a todos nós, como se

estivéssemos sem roupa e não pudéssemos olhar uns para os outros. O mais estranho de tudo era que eu tinha desejado que aquilo acontecesse, mas agora não me sentia como tinha imaginado me sentir. Na verdade, sentia o contrário.

Superar

Naquela noite, depois que tínhamos acabado de jantar, o Pai disse: “Quero ter uma conversa com você, Judith”.

“Ah”, respondi. De repente, me deu vontade de ir ao banheiro.

O Pai juntou as mãos sobre a mesa e olhou para mim com um ar severo. “Imagino que você esteja preocupada com o que anda acontecendo em casa. Bom, não se preocupe. Às vezes, nós, servos de Deus, viramos alvos de ataques, sem que a culpa seja nossa. Não devemos pensar que Deus parou de nos ajudar. É um teste para nossa fé, entende?” Fiz que sim.

“Nunca é muito bom ser testado, mas faz parte da vida de um cristão. Quanto mais difícil o teste, mais vale a pena.” Ele franziu a testa. “A questão é: a fé nos ajuda a superar essas coisas. Elas já não parecem muito grandes; nós vemos como elas são de verdade. Só assim conseguimos ver como elas são de verdade; escalando as pedras ficamos mais perto de Deus. É claro, também ajuda a saber o verdadeiro motivo por trás dos últimos acontecimentos.”

Senti meu estômago como se estivesse descendo uma ladeira. Falei: “O verdadeiro motivo...”.

O Pai disse: “O verdadeiro motivo de as coisas acontecerem

nem sempre é óbvio; aqueles garotos não estão agindo por vontade própria, embora pensem que estão; a inquietação na cidade não foi causada pela fábrica; eles são só peões de forças maiores. Tem alguém por trás de tudo isso”.

“Ah...?”, falei. O ar ficou terrivelmente quieto.

“Essas coisas são sinais do fim”, o Pai disse. “E nós sabemos quem está rondando feito um leão, querendo devorar as pessoas.”

“Ah”, rebati, e o ar voltou à vida. “Você está falando no Diabo.”

“Ele é o nosso verdadeiro inimigo”, o Pai falou. “Ele é o verdadeiro inimigo de todo cristão.”

“Mas então você não acha que aqueles meninos são maus?”

“Será que existem pessoas más, ou será que existem somente más ações?”

Eu pensei. “Pessoas más”, respondi.

“Não foi isso que Jesus disse”, falou o Pai, e pude ver que ele ficou feliz em me corrigir. “Jesus disse que é a má intenção que procede de uma pessoa o que a condena.”

E então entendi o que o Pai queria dizer, porque eu nunca tinha imaginado que poderia ficar com pena de Neil, mas desde que descobri como Doug era, não tinha mais certeza de como me sentia em relação a Neil: agora eu estava com raiva de *Doug*. Mas e se *Doug* tivesse tido um pai mau? Eu também ficaria com pena dele? E o pai de Doug — e a *mãe* dele? Uma longa fila de figuras humanas surgiu de repente, que nem bonecos de papel recortado. Perguntei: “Então a culpa é de quem?”.

“Culpa do quê?”

“De tudo.”

“Do Diabo.”

“E se ele também era um boneco de papel?” Emendei depressa: “Quer dizer — e se foi alguma outra coisa que fez o Diabo ficar assim?”.

“Não”, o Pai respondeu. “O Diabo teve a mesma chance dos outros anjos de ser bom.”

“Então a gente tem que ficar com raiva do Diabo?”

O Pai disse: “Não há motivos para ficar com raiva de ninguém. Jesus não tinha raiva. Ele disse: ‘Pai, perdoa-lhes: eles não sabem o que fazem’”.

“Mas Deus disse: ‘Olho por olho’”, rebati. “‘Vida por vida.’” Eu me endireitei na cadeira. “É a Lei Fundamental.”

O Pai disse: “Qual você gostaria que se aplicasse a você?”.

Não respondi nada.

Mais tarde naquela noite, o Pai já tinha ido dormir quando acordei com vozes embaixo da minha janela. Neil Lewis, Gareth, Lee e mais uns garotos de bicicleta, estavam sob a luz do poste da rua, encostados na grade do portão. Neil ia na garupa de outro menino. Estavam bebendo alguma coisa e depois amassavam as latas e as enfiavam nos galhos da cerejeira da Mãe. O som de suas risadas lembrava burros zurrando e porcos bufando. Dois dos garotos se aproximaram da cerca do nosso jardim e abaixaram as calças. Vi dois arcos de água brilharem na luz e uma onda fria passou pelo meu corpo. Eu me sentei na cama. Eu disse: “Nós temos que superar”.

Eu disse: “Eles não sabem o que fazem”.

Eu disse: “Eu os perdoo”.

Não estava funcionando.

Bruxinha

No sábado, saímos para pregar em Hilltop. Hilltop é o conjunto de casas populares que fica no topo da cidade. Não tem nenhuma árvore lá. O vento sopra entre as cercas das casas de reboco e, atrás delas, só há montanhas.

Em Hilltop moram umas pessoas esquisitas. Tinha a Jane Louca, que abraçava as crianças e chorava; a June Selvagem, que convidava homens desconhecidos para irem a seu apartamento; o Phil Espertalhão, que usava capa de chuva com cinto e tinha um cachorro de três patas, e Caerion, que pensava que o governo estava espionando a vida dele. Ele deixava as cortinas marrons e laranjas de sua casa sempre fechadas e se disfarçava quando saía para fazer compras. Nós já falamos com eles uma vez ou outra. O Pai até começou um grupo de estudos da Bíblia com Caerion, mas era difícil porque ele ficava levantando toda hora para olhar pela janela.

Tinha mais uma pessoa que morava em Hilltop. Neil Lewis. Nunca tínhamos batido à porta dos Lewis, então eu não sabia em que casa ele morava, mas tinha quase certeza de que era em uma das casas da Moorland Road, bem lá no alto. Eu já tinha visto Neil andando de bicicleta por lá. Não imaginava o que poderia acontecer se tocássemos a campainha de Neil hoje.

Agora que ele estava batendo à nossa porta. Agora que os operários faziam greve e Doug não estava trabalhando. Agora que Doug estava furioso com o que estava acontecendo com Neil na escola. Eu não sabia o que poderia acontecer e não queria saber.

Nós nos encontramos na casa do Stan. Ficamos sentados no sofá, a sala cheirava a loção pós-barba, porque Gordon estava lá, e a cachorro, porque o cachorro estava lá, e a torrada, porque a casa do Stan sempre cheirava a torrada. Lemos o texto do dia. Stan rezou a oração, Margaret disse que tínhamos que voltar depois para comermos as panquecas e então nós saímos.

Stan trabalhava sozinho, o Pai e eu trabalhávamos juntos, Gordon trabalhava com Alf, Brian trabalhava com Josie, Elsie e May trabalhavam juntas.

Josie me cutucou. “Você não está usando o seu poncho.”

“É bonito demais para pregar”, falei.

Ela ficou pensando por um instante. “É, acho que é mesmo.”

Estava tão frio que comecei a desejar que estivesse vestindo o poncho. Havia geada no chão e pedacinhos de granizo no vento. As caras que encontramos não eram muito mais calorosas. Havia faixas penduradas nas janelas. Elas diziam: APOIE NOSSA GREVE E TRABALHO JUSTO POR SALÁRIO JUSTO. Mas eu estava pensando em Neil.

Havia uma pequena esperança: a esperança de que, se um bom número de pessoas nos recebesse, talvez nunca chegássemos à Moorland Road. E isso era bem possível porque, diferente dos outros lugares, Hilltop, por algum motivo, era cheio de gente que não utilizava nenhuma Tática de Evasão, ao contrário, elas nos convidavam para entrar. Na verdade, às vezes o difícil mesmo era sair.

Começamos bem com a primeira casa em que tocamos. Era um gordo vestindo uma camisa mais amarela que branca, com cabelos ensebados e topete alto. Nas paredes da sala de estar, fotos de um homem de terno branco com os joelhos torcidos e

pinturas de moças havaianas cujas peles tinham tons estranhos em laranja e verde. O homem apontou para um quadro do sujeito de terno branco e disse: “O Rei está vivo!”. O Pai contou a ele que um outro rei também estava vivo e mostrou a passagem do Apocalipse sobre Jesus montado em um cavalo branco. Entregou uma revista ao homem e disse: “Isso vai explicar melhor as coisas”.

O homem pegou a revista, mas não olhou para ela. Sorriu para mim de um jeito doentio e ficou dando tapinhas estalados na minha bochecha. Falou que tinha uma filha mais ou menos da minha idade, mas nunca podia vê-la. O Pai disse: “Você sabia que está chegando um tempo em que as famílias não ficarão mais separadas?”.

Aí o homem começou a chorar. Disse que sua esposa não o deixava chegar perto da filha. O Pai virou a página para outra passagem das escrituras, mas o homem nem olhou, enxugava os olhos com as costas da mão. Falou que não era ele que vivia bebendo. Que era ela, aquela vaca, mas que ela tinha dito no tribunal que era ele. Era ela, aquela puta, que ficava trepando com aquele outro lá na estrada. Muitas vezes ele pensou em pegar o machado e acabar com os dois. E agora ela tinha levado sua anjinha. Ela bem que merecia, ele disse, ela bem que merecia e, um dia desses — mas não fiquei sabendo o que ela merecia porque nesse instante o Pai falou que estava na hora de ir.

Depois disso passamos por um monte de casas em que as pessoas batiam a porta na nossa cara e por muitas outras onde não tinha ninguém, e o Pai dizia que voltaríamos depois, e comecei a pensar que talvez chegássemos à Moorland Road antes do meio-dia. Por fim, tocamos em uma casa onde uma menina abriu a porta. Ela estava de pijama e descalça. A casa era aconchegante, pude escutar pessoas conversando e uma porta batendo. Era a minha vez, então eu disse: “Olá. Viemos trazer as boas-novas do reino. Você sabia que logo, logo a terra será um paraíso?”.

A menina me encarou, encarou o Pai, depois encarou a Bíblia.

Falei: “Você gostaria de viver em um mundo onde as coisas ruins não existirão mais?”.

A menina movia os pés para a frente e para trás no carpete. O carpete era rosa e fofo. Seus pés pareciam aninhados ali. Eu disse: “Tenho certeza de que sim. Posso ler para você um parágrafo desse livro?”.

A menina enfiou um dedo na narina esquerda e cutucou.

Falei: “Este versículo fala sobre o futuro”, e li a passagem de Isaías sobre como o leão vai se deitar com o cabrito.

A menina tirou o dedo do nariz e botou na boca.

Eu disse: “Esta é a promessa de Deus, que toda a terra virará um paraíso. Há sinais por toda a nossa volta que nos dizem que isso ocorrerá muito em breve. Você gostaria de saber mais sobre isso?”.

A menina tirou o dedo da boca e enfiou na outra narina.

Comecei a ficar quente. Se ela não falasse nada, teríamos que ir embora. Eu queria pegar sua cabeça e fazer com que ela lesse as palavras. Queria fazer com que ela dissesse qualquer coisa, aí eu poderia dizer mais alguma coisa.

Aí apareceu uma mulher. Tinha três argolas douradas em cada orelha, um colar com um pingente que parecia um girino de ouro e anéis de ouro em todos os dedos. Levava um cigarro na mão. Ela abriu mais a porta e falou: “O que vocês querem?”.

Abri a boca, mas o Pai disse: “Bom dia. Minha filha só estava falando para a sua garotinha sobre uma esperança para o futuro. Estamos fazendo uma importante pergunta aos seus vizinhos: você acredita que Deus vai chegar e fazer alguma coisa com o mundo?”.

A mulher falou para a menina: “Volta para dentro”. Para o Pai ela disse: “Não estamos interessados, querido”.

O Pai perguntou: “Você sabia que Deus tem planos para esta terra? Você quer saber mais sobre um futuro melhor para você e sua família?”.

A mulher acenou para alguém no outro lado da rua: “Tá bom, Sian! Tá! Não esqueça o bingo hoje à noite!”.

O Pai disse: “Você se pergunta sobre o que vai ser do mundo?”.

A mulher tragou o cigarro, seus olhos ficaram entreabertos e seus peitos incharam. “Não muito”, ela respondeu e soprou a fumaça na cara do Pai.

“Deus disse que voltaria para dar um fim à perversidade que estamos vendo”, ele falou. “Posso lhe demonstrar?”

“Você está perdendo seu tempo”, respondeu a mulher.

“Tudo bem, bom, obrigado, nós nos falamos depois”, o Pai disse e nós voltamos pelo caminho que cruzava o jardim.

Algumas casas mais tarde, chegamos à Moorland Road.

Comecei a me sentir mal assim que dobramos a esquina. O vento que descia da montanha nos atingiu que nem uma parede e havia pedacinhos de granizo nele. Tinha um carro queimado na rua, um monte de garotos de bicicleta e uma música martelando em algum lugar. Olhei para os garotos de bicicleta, mas não achei Neil.

Eu disse: “Você não acha que agora pode ter gente naquelas casas que tentamos visitar?”.

“A gente acabou de tentar.”

“Então”, falei, “pode ser que eles já tenham voltado. E tem mais umas que a gente deixou passar, você sabe — lá onde a rua virava um beco sem saída. A gente devia passar lá, senão a gente vai esquecer.”

O Pai disse: “Não acho que a gente deixou passar nenhuma casa”.

“Deixamos, sim”, rebati. “E se a gente não voltar agora, a gente vai esquecer e aí o Armagedom pode chegar amanhã e eles nunca terão recebido a mensagem.”

O Pai fechou a cara. “Judith, por que você não quer trabalhar nesta rua?”

“Eu quero!”, respondi.

“Então vamos logo.”

Na primeira casa a que chegamos, o portão estava caído. Tocamos a campainha, mas nem precisava: um bull terrier acorrentado perto de um colchão no quintal começou a rosar e a forçar a coleira. Uma saraivada de bicicletas passou e os garotos gritaram: “Seus crentes!”.

O Pai tocou mais uma vez. Eu me afastei um pouco mais do terrier, que parecia estar se enforcando até a morte.

“Pai”, falei.

“Que foi?”

“A gente tem mesmo que trabalhar nesta rua?”

O Pai disse: “Judith, essas pessoas merecem ouvir a mensagem tanto quanto as outras”.

Voltamos pelo caminho do quintal e seguimos para a próxima casa. A janela da frente estava remendada com fita adesiva e a caixa de correio não tinha portinha. Uma porta bateu no andar de cima e alguém berrou: “Seja quem for, manda se danar!”. Dessa vez, um senhor com olhos de animal selvagem abriu a porta. O Pai disse: “Bom dia, senhor. Estamos fazendo uma importante pergunta aos seus vizinhos: o senhor acredita que Deus vai chegar e fazer alguma coisa com o mundo?”.

Os olhos do velho esvoaçavam de mim para o Pai. Ele engoliu em seco e seus lábios se viraram um sobre o outro, como se ele estivesse mastigando.

O Pai disse: “Creio que as coisas mudaram desde que o senhor era garoto. Creio que o senhor podia sair sem trancar a porta. As coisas estão diferentes agora, não estão? Não é à toa que tem tão pouca gente que acredita em Deus. Mas veja o que a Bíblia diz que acontecerá”.

O maxilar do velho se moveu, mas não saiu nenhuma palavra. Seus olhos miraram para dentro da casa e depois de volta para nós.

O Pai leu a passagem das escrituras e entregou um folheto

ao velho. Os dedos dele eram amarelos e o papel chacoalhava em sua mão. O Pai disse: “Olhe isso. É assim que Deus prometeu fazer a terra. O senhor gostaria de viver em um mundo assim?”.

Uma mulher berrou: “*Manda se danar!*”. O pomo de adão do velho subiu e desceu em sua garganta. Ele voltou para dentro, fechando a porta.

O Pai disse: “Talvez não seja o melhor momento. Quando voltarmos, eu gostaria de conversar sobre essa esperança para o futuro com o senhor. O senhor tem a Bíblia? Se tiver, dê uma olhada nessas passagens”.

Saímos do quintal e o Pai anotou os detalhes. Ele disse: “Acho que encontramos uma ovelha aqui, Judith. Acho que a gente pode muito bem ter encontrado uma ovelha aqui”.

Agora faltavam vinte para o meio-dia. Já estava acabando, pensei. Não demoraria muito: mais duas ou três casas, com um pouco de conversa.

Na casa seguinte, um homem vestindo colete e calça amarrada com uma corda abriu a porta. O colete acabava um pouco acima de seu estômago e a calça acabava um pouco abaixo. No meio, sua pele era da cor da gordura que o Pai tira do cordeiro aos domingos e tinha muitos pelos claros. O Pai disse: “Olá, Clive, como vai você? Creio que você sabe que sou cristão. Minha filha e eu estamos partilhando uma esperança para o futuro com seus vizinhos”.

O homem nem olhou para o Pai. Ele resmungou e olhou para a rua. Seu queixo se empinou.

O Pai disse: “Não sei o que você acha, mas, para mim, parece que o mundo vai bem mal”.

Clive olhou para um lado da rua e depois para o outro. Parecia estar prendendo a respiração porque, de vez em quando, escapava um pouquinho de ar. Ele apoiou o braço no batente acima da minha cabeça e sua pele balançou. Em seu sovaco, os pelos claros se juntavam como duas pequenas florestas apontando em direções diferentes.

O Pai disse: “Mas a Bíblia promete que estamos vivendo no tempo em que Deus varrerá esse mundo. Você gostaria de viver em um mundo onde há garantia de emprego e a pobreza é coisa do passado?”.

Clive acenou com a cabeça para alguém do outro lado da rua. Deixou escapar um pouco mais de ar. Mas continuava sem olhar para o Pai.

O Pai disse: “Posso deixar com você um folheto que explica um pouco mais as coisas?”.

Clive não fez nada por uns instantes. Depois balançou a cabeça, bem devagar, de um lado para o outro.

O Pai disse: “Bom, não faz mal. Talvez a gente possa conversar de novo um dia desses”.

Clive grunhiu, tirou o braço do batente e fechou a porta.

“Satanás cegou suas mentes”, o Pai disse quando íamos embora.

Chegamos ao final de um lado da rua e começamos o outro. Faltavam dez para o meio-dia. Eu achava mesmo que já estava acabando. Só precisávamos de mais uma conversa.

Chegamos a uma casa que tinha um motor de carro e um carrinho de bebê no quintal. Uma tábua fechava a parte de baixo da porta e o vidro estava remendado na parte de cima. Quando o Pai tocou a campainha, uma garota com um bebê no colo abriu. Ela devia ter uns quinze anos. Parecia meio sonolenta. Tinha pelos escuros nos braços e pelos escuros em cima da boca e pelos escuros entre as sobrancelhas. Dava para ver seus mamilos através da camiseta. Estava descalça. O bebê choramingava, mastigava o próprio pulso e estava sem fralda.

O Pai disse: “Bom dia. Estamos fazendo uma importante pergunta aos seus vizinhos: você acredita que Deus vai chegar e fazer alguma coisa com o mundo?”.

As pálpebras da garota pareciam muito pesadas. Ela falou: “Quê?”.

O Pai repetiu a pergunta.

Ela balançava um pouco. “Vocês são mórmons?”

“Não”, respondeu o Pai. “Estamos compartilhando com seus vizinhos uma esperança da Bíblia.” Ele entregou um panfleto à garota.

Ela arregalou os olhos. “Vocês querem dinheiro?”

“Não”, o Pai sorriu. “É para você ler, se quiser. Mas eu realmente gostaria de contar a você sobre a esperança para o futuro que...”

A garota abriu a porta. Ela disse: “Não posso ficar aqui com ele, tá muito frio”.

O Pai falou: “Ah. Bom. É muita gentileza da sua parte”, e entramos com ela na casa.

A casa cheirava a fritura, gaiola de hamster, umidade e mais alguma coisa, um cheiro enjoativo que fez meu estômago se revirar e que me lembrou alguém. A garota nos levou até um quartinho no fundo da casa.

Eu nunca tinha visto nada igual àquele quarto. O piso e a metade de baixo das paredes eram cobertos por uma lona. Não tinha mobília, a não ser uns armários de cozinha sem portas, uma mesa de plástico e banquinhos pregados no chão. Uma máquina de lavar estava funcionando e alguém tinha enfiado um escovão entre ela e a mesa.

Nós nos sentamos à mesa. Pus as mãos sobre ela, que estava escorregadia e pegajosa. Tirei as mãos e as trouxe para o colo, fiquei torcendo para que a garota não tivesse percebido. Ela levantou a camiseta e começou a dar de mamar ao bebê. Em volta do mamilo da garota, uns pelinhos escuros. Fiquei com vergonha e olhei para os pés dela. Entre os dedos, havia pequenas manchas vermelhas. Parecia que tinham sangrado.

O Pai leu um trecho do capítulo vinte e quatro de Mateus, sobre os sinais do fim. Ele falou: “Não é difícil ver que Jesus está falando sobre nossos dias, é?”. Ele apontou para os versículos, mas a garota parecia ter dificuldade de prestar atenção. O Pai disse: “Você tem a Bíblia? Se tiver, dê uma olhada nas passagens indicadas nessa revista. Acho que você vai achar muito interessante”.

Então ouvimos o que parecia ser um caminhão parando na frente da casa e uma porta rangendo. Uma rajada de ar frio veio da sala quando a porta da frente bateu. O Pai se levantou e sorriu. Ele disse: “Talvez da próxima vez que viermos possamos conversar sobre qualquer dúvida que você tenha”.

Saímos em direção à porta da cozinha e o Pai estendeu a mão para a maçaneta, mas, no mesmo instante, a porta se abriu por dentro e ali estava Doug Lewis.

Doug olhou para o Pai. Olhou para mim. Olhou para a garota e ela correu para fora do quartinho. Ouvi o bebê começar a chorar e os olhos de Doug deslizaram de novo para o Pai.

O Pai disse: “Olá, Doug. Não sabia que você morava aqui. Estávamos agora mesmo conversando com sua filha sobre...”.

Doug estava tão surpreso quanto nós. Aí ele disse com uma voz que mais parecia um rosnado: “Ela não é minha filha”.

O Pai pegou minha mão. “Bom, lamento se incomodamos você. A gente não sabia que você morava aqui. Já estamos de saída.”

Passamos pela porta da cozinha e meu coração batia tão lento que estava difícil de respirar. Cruzamos a sala e era como estar debaixo d’água.

Aí Doug berrou: “De saída mesmo!”. Parecia que ele tinha acordado de repente. “*Cai fora! Cai fora da minha casa! E não volte nunca mais! Nunca mais passe por aquele portão! E nem pise na porra da calçada!*” Ele continuava gritando enquanto passávamos pela porta da frente e saíamos para a rua. Era difícil pensar e andar ao mesmo tempo, embora fosse o que eu mais quisesse, porque parecia que alguém estava chacoalhando minha cabeça de um lado para outro e eu fiquei com medo de desmaiar.

“*A gente não quer sua baboseira satânica aqui, McPherson! Você vem aqui vomitar boa vontade, mas dá uma de fura-greve e deixa todo mundo levando chumbo, porra!*” Agora as pessoas estavam nos encarando das janelas, do outro lado da rua e dos quintais vizinhos. “*Ah, e McPherson! Manda aquela bruxinha ficar longe do meu filho! Ela cria problemas para ele toda hora! Manda ela dedurar*

outro, tá me ouvindo? FIQUE LONGE DO MEU FILHO!”

Continuamos andando, mas eu já estava em um sonho, eu tinha caído no gelo e estava afundando. O ponto de luz acima da minha cabeça ficava cada vez mais fraco. É só continuar andando, pensei. É só minhas pernas continuarem se movendo. E, então, minhas pernas ficaram que nem dois pedaços de corda, porque de repente vi Neil na nossa frente, montado em sua bicicleta, com Gareth e mais uns garotos. Ele deve ter vindo com Doug no caminhão.

Doug ainda estava berrando quando os garotos começaram a pedalar. Eles se aproximavam cada vez mais. Ficavam em pé nas bicicletas e as inclinavam para um lado e para o outro. Quando passaram por nós, chuvas de pedras jorraram das rodas, que faziam um som torturante. Os garotos pedalavam em círculos, as pedras voavam mais rápido.

O Pai continuou andando. Não parou, não se virou e não soltou minha mão. Andava reto pelo meio da rua. Eu não entendia como as bicicletas não acertavam a gente, mas elas não acertavam mesmo. Parecia que estávamos caminhando pelo Mar Vermelho e que correntes de eletricidade passavam entre nós dois e estalavam no ar à nossa volta.

Dobramos a esquina da Moorland Road. Os garotos gritavam. Jogaram uma pedra ou duas. Depois foram embora e ficamos só o Pai e eu, o vento chicoteando e blocos de nuvens se movendo sobre o vale lá embaixo.

O Pai segurou minha mão por mais uns instantes e depois a largou.

Uma mentira

O Pai não disse nada durante todo o caminho para casa. Eu corria ao lado dele. De vez em quando, olhava para seu rosto, mas ele estava fechado em uma máscara e eu não conseguia ler. Quando chegamos em casa, ele foi direto para a cozinha. Pôs a mochila em cima da mesa e se virou. Ele disse: “Que negócio é esse de Neil Lewis?”.

“Eu não fiz nada”, respondi.

Aí ele gritou: “*Não minta para mim, Judith!*”, e fiquei sem ar.

“Tá bom!”, falei. “Eu queria castigar o Neil! Queria castigar pelo que ele faz comigo todo dia. *Eu odeio o Neil!*”

O rosto do Pai ficou sombrio. “O que você quer dizer com ‘castigar’?”

Tentei respirar com calma. “Eu fiz coisas”, respondi. “Na Terra Gloriosa. Eu quis que acontecessem coisas ruins com ele. E aí aconteceram.”

O Pai disse: “Já falei com você, Judith, sobre essa BOBAGEM! Eu *avisei* você que isso não ia dar coisa boa!”.

“Não é bobagem!”, falei. “Eu fiz coisas acontecerem, *sim!*”

O Pai chegou mais perto. “Você tem alguma ideia do que eu estou passando?”

Tentei continuar olhando para ele, mas não consegui, então

olhei para o chão.

“Doug Lewis e eu nunca nos demos bem, mas agora as coisas estão cem vezes pior. E aqui estou eu tentando segurar as pontas, tentando botar comida na mesa, tentando segurar esse teto em cima das nossas cabeças — e você sai por aí aprontando com o filho dele!”

“Eu não aprontei nada.”

“*Você falou para ele que faz milagres!*”

“Eu não falei!”

“Então por que o Doug estava falando aquilo?”

Olhei para os meus pés. “Eu escrevi sobre os milagres no meu caderno; o Neil leu na aula.”

O Pai deu um soco forte na mesa. “Mas *que merda*, Judith — você não é capaz de fazer milagres!”

Meu sangue todo fervilhou. “*EU SOU, SIM!*”, gritei. “Eu tenho poderes especiais! Tudo o que eu quis aconteceu. Tudinho. Mas eu não queria contar para ninguém — eu queria contar para você —, mas *você* não acreditou em mim!”

Aí ele berrou: “*VOCÊ NÃO TEM E NEM NUNCA TEVE PODERES ESPECIAIS!*”, e eu caí para trás e cobri o rosto.

Quando abri os olhos de novo, o Pai tinha soltado as mãos ao lado do corpo e sua cara estava branca. Ele disse: “O que eu tenho que falar para você parar com essa história? O que eu tenho que fazer para você *crescer?*”. Ele balançou a cabeça. “Pela última vez, Judith, você, de algum jeito, ameaçou ou irritou Neil Lewis? *Olha pra mim!*”.

Olhei para ele e disse: “Não”.

LIVRO III
MATÉRIA ESCURA

Pela minha janela

O quarto ficou escuro. As sombras escorregavam pelas paredes e se derramavam sobre o assoalho. Roçavam o teto e a luminária de balão, viajavam que nem nuvens sobre a Terra Gloriosa. Apareciam, reapareciam e iam para algum outro lugar.

Vi os postes de luz se acenderem e a lua surgir. Ela brilhava tanto que tinha até uma auréola. Parecia pó de giz, e a lua parecia giz, e o céu parecia um quadro-negro, e por todo o quadro-negro havia pontinhos de estrelas. Eu me lembrei de que estava escrito que o sol iria se escurecer e a lua não daria sua luz e fiquei me perguntando se, quando o fim do mundo chegasse, seria como se um apagador gigante tivesse feito a lua e as estrelas desaparecerem, virado o quadro-negro para a parede num piscar de olhos. Pensei em como seria bom.

Ouvi o relógio da sala bater oito horas. Ouvi bater nove. Ouvi bater dez. Depois devo ter fechado os olhos, pois, quando olhei pela janela de novo, eu tinha escorregado para fora do travesseiro e no lugar da minha boca tinha aparecido uma mancha úmida.

Tudo estava muito quieto e muito frio. Eu tinha a sensação de que era bem tarde e me sentia mal, como se tivesse sonhado com alguma coisa ruim que ainda estava se arrastando atrás de

mim. Eu também me sentia confusa, como quando você acorda e não tem certeza se ainda é noite, se já é de manhã ou não se lembra de onde está, o que era estranho, porque eu estava no meu próprio quarto. De repente, pensei que eu poderia nem ser de verdade, ou então que eu era de verdade e todo o resto era de mentirinha: de qualquer jeito, era uma sensação muito solitária.

Um barulho me fez olhar para baixo. Seis garotos montados em bicicletas sob a luz do poste. Neil Lewis estava lá, junto com seu irmão e outros meninos, mais velhos que os da última vez, com uns quinze ou dezesseis anos. Cheguei mais perto da janela e me sentei, para que só o meu rosto ficasse na luz. Achei que eles não poderiam me ver, porque a luz estava refletindo na janela.

Eles empinavam as bicicletas, subiam na garupa, riam e bebiam alguma coisa em garrafas e latas. Neil estava sentado em cima dos ombros de outro garoto. Jogou uma lata no nosso quintal e ela foi parar no meio das palmeiras do jardim. O irmão de Neil bebia uma garrafa. Quando terminou, veio direto para o nosso muro.

O que vi em seguida não fazia o menor sentido. O garoto abaixou as calças e se agachou. Os outros aplaudiam e gritavam, mas os ruídos não faziam sentido para mim e soavam como buzinas de carros ou apitos de navios ou algum tipo de animal. Outro garoto foi até o muro e abaixou as calças, e aí aplaudiram de novo. Deixei a cortina cair e por um minuto não pensei em absolutamente nada.

Não sei por quanto tempo fiquei ali sentada, nem se os ruídos continuaram lá embaixo, porque não ouvi mais nada e, quando olhei de novo, a rua estava vazia.

Depois de um tempo, me levantei. Não sabia ao certo o que ia fazer, mas fui para a porta. Abri e andei até o patamar da escada. Parei nos primeiros degraus porque meu coração batia tão forte que me sentia tonta, como se meu cérebro tivesse se desligado.

Podia escutar o Pai dormindo no quarto dos fundos. Ele

respirava com dificuldade. Dava para ouvir o ar entrando. Os espaços entre as respirações eram tão longos que achei que ele ia parar de respirar de vez, mas a respiração sempre voltava. Ela subia, subia, parava bem no alto e, por um momento, não estava em lugar nenhum. Aí começava tudo de novo.

Fiquei me perguntando como as pessoas não morriam todas as noites, como os corações delas continuavam batendo sem que elas pedissem, talvez sem que elas nem quisessem, e pensei em como isso era incrível. De repente, senti pena do meu coração. Ele ficava me agarrando e me soltando e me agarrando de novo, que nem um homenzinho apertando as mãos e dizendo: “Oh, oh, oh”. Falei para o meu coração: “Está tudo bem”. Mas o homenzinho continuava apertando as mãos e me senti mais triste do que nunca e não sabia por quê. Depois de um tempo, desci a escada.

Virei a chave e abri a porta da frente, o luar se derramou pela sala. A rua estava silenciosa. O frio era como fumaça nas minhas narinas.

Passei pelo portão e olhei para a calçada. Não sei por quanto tempo fiquei olhando para ela. Não sabia nem se ainda era uma calçada: espaços em branco onde deveria haver palavras. Depois de um momento, fui até o jardim e peguei umas folhas. Voltei pelo portão, peguei o que estava na calçada e joguei tudo atrás da moita de palmeiras.

Fiz isso mais de uma vez. Não pensava no que estava fazendo. Pensava em outras coisas e, o tempo todo, meu coração, meu coração estava batendo, batendo.

Perguntei: “O que sou eu?”.

“Pó”, respondeu uma voz.

“Só isso?”

“Só isso”, a voz disse.

“E o meu coração?”

“Pó”, falou a voz.

“E a minha mente?”

“Pó.”

“Meus pulmões?”

“Pó.”

“Minhas pernas?”

“Pó.”

“Meus braços?”

“Pó.”

“Meus olhos?”

“Pó.”

“Entendi”, falei.

“Tu és pó”, a voz disse, “e ao pó tornarás.”

Quanto mais a voz falava, mais pesados ficavam meus braços, mais pesadas ficavam minhas pernas e, por fim, estava difícil até respirar.

Então olhei para baixo e vi que a calçada estava limpa, peguei água no regador e lavei tudo. Esfreguei com folhas e grama. Esfreguei tão forte que apareceram uns pedacinhos de pele branca nas juntas dos meus dedos.

“Pó”, disse a voz, e eu concordei.

Fechei o portão, guardei o regador e lavei as mãos na pia. As estrelas estavam tão brilhantes que pareciam pulsar.

“Estrelas são feitas de pó”, falei de repente.

“Tudo é feito de pó”, a voz disse.

Surgiu um brilho repentino, algo que eu quis agarrar. Mas ele desapareceu rápido demais. Entrei em casa, tranquei a porta e subi para a cama.

Pó e estrelas

Um dos meus pensamentos bons é que nesse mundo não há coisas grandes, apenas um monte de coisas pequenas juntas, que há outros mundos onde somos tão pequeninos quanto a menor pessoa da Terra Gloriosa, que a via láctea, que todo mundo pensava que era tudo, é só uma entre bilhões de outras galáxias e, além delas, um universo no mínimo um bilhão de bilhões de bilhões de vezes maior que o maior pedaço que os cientistas conseguem ver com os maiores telescópios, e, além dele, há outros universos que chegam ao infinito.

Gosto de pensar que tudo poderia ir ainda mais longe, que só entendemos coisas como o tempo e o espaço por causa da luz, então não tem jeito de saber o que acontece onde está escuro, que podem existir outros mundos lá fora, outras dimensões, outros bigue-bangues, que é só outro jeito de dizer Deus. Gosto de pensar que tudo o que aconteceu foi só o universo enchendo o peito e pulando, que nós aparecemos um instante antes de a bola cair e de o ar se soltar de novo. Gosto de pensar que, de um certo ponto, tudo é uma coisa só e que toda a nossa história é apenas a tinta da ponta da Torre Eiffel, e que somos a camada de cocô de pomba em cima da tinta da ponta da torre.

Vivo dizendo para mim mesma que as coisas pequenas são grandes e as coisas grandes são pequenas, que as veias correm que nem rios, que os cabelos crescem feito grama, que um monte de musgo parece uma floresta para um besouro, e que, do espaço, os contornos dos países e das nuvens parecem as cores de uma bolinha de gude. Penso em como o formato de uma nebulosa de oxigênio e hidrogênio parece o respingo de uma gota de leite, quando os lados se erguem em forma de coroa. Penso nas imagens de pedras, de pó e de galáxias no espaço, elas não parecem mais que flocos de neve em uma nevasca, e os buracos negros são como pérolas em conchas fundas, superaglomerados parecem espuma de banho — parecem favos de mel, as células de uma folha, as ranhuras do nariz de um zangão. Penso que as espirais de uma nebulosa e as cavernas de uma chama brilham com a mesma luz e que os olhos se avivam e se enchem ao olhar para as duas, do mesmo jeito.

Vivo dizendo para mim mesma que os antílopes fogem do mesmo modo que as formigas, que a Terra é uma bolha azul flutuando na escuridão, que uma célula é uma nave espacial. Os pedaços de uma rocha com forma de cometa lançados de uma nebulosa quando ela explode a anos-luz de distância são espigas de milho em um céu azul, se você está deitado em um campo, no verão, quando o céu é centáurea-azul e o milho está quase tocando-o.

Digo a mim mesma que há palácios nas nuvens, montanhas nas piscinas naturais, estradas na poeira sob meus pés e cidades no lado de baixo das folhas; há um rosto na lua e uma galáxia no meu olho e um redemoinho no alto da minha cabeça.

E então sei que sou imensa e sou pequena, ficarei para sempre e irei em um minuto, sou tão nova quanto um ratinho e tão velha quanto o Himalaia. Estou quieta e estou girando. E, se sou pó, sou também o pó das estrelas.

Um campo de milho

Aprendi que você é capaz de fazer coisas que não sabia que era capaz de fazer na noite em que desci para a rua e limpei a bagunça que os garotos tinham deixado. Aprendi que nada é impossível e que só parecia impossível porque ainda não tinha acontecido. São coisas úteis de saber.

Na segunda-feira, Neil não falou nada sobre nossa visita à sua casa. Talvez porque seu pai tivesse dito para ele não mexer comigo, mas também podia ser porque a sra. Pierce não tirava os olhos de mim. Ela implicou com Neil por causa de sua ortografia, de sua gramática, da sujeira embaixo de suas unhas e de seu atraso em relação à turma. Ele não disse nada, mas o peguei olhando para mim mais de uma vez. Quis gritar: “Eu não estou fazendo nada com você! E nunca mais vou fazer nada com você!”, mas fiquei quieta.

Naquela noite, falei para Deus: “Não estou fazendo nada contra ele, mas o Neil ainda está bravo”.

“Você não pode fazer mais nada agora”, Deus respondeu. “Você já rodou a engrenagem. Fazer as coisas é fácil, difícil é desfazer.”

“Bom, não estou fazendo mais nada acontecer”, eu disse. “E nunca mais vou fazer nada acontecer!”

“É o que veremos”, Deus falou.

Não fiz nada de novo na Terra Gloriosa naquela semana, só contei histórias. contei uma história sobre um balão vermelho que queria ir cada vez mais alto e foi indo até chegar ao espaço sideral, mas depois de um tempo já não sabia ao certo por onde subir mais, nem que direção era para a frente ou para trás, nem para onde era o futuro e para onde era o passado — e, no fim, não sabia direito nem se estava indo para algum lugar.

Contei uma história sobre um esquimó que pescou um peixe enorme e eles ficaram amigos e o peixe não queria mais voltar para o mar. Mas ele não podia viver na terra com o esquimó, porque ficava quebrando o gelo onde o esquimó estava, então eles fizeram um barco com barbatana de baleia e o peixe rebocou o esquimó e nunca mais se viu nenhum dos dois.

Contei uma história sobre um tocador de rabeca que tocava tão lindamente que até os pássaros nas árvores começaram a cantar suas canções para ele, noite e dia. O único momento em que ficavam quietos era quando o rabequista tocava para eles, mas ele não podia tocar à noite e não conseguia dormir e não conseguia comer e, por fim, quebrou a rabeca e saiu correndo.

Contei uma história sobre um campo de milho. O milho estava verde e chamou o sol para aquecê-lo. O sol aqueceu o milho e o milho ficou amarelo. O milho se lançou ao céu. Ele floriu, ele rompeu, ele tocou o azul. “Aqueça-nos um pouco mais”, ele disse. O sol lambeu as espigas de milho. O milho ficou escuro. Sussurrou e farfalhou. Um pouco de fumaça apareceu na beira do milharal. Um pouco de fogo também. “Aqueça-nos um pouco mais”, disse o milho. As chamas eram feitas de papel-celofane. Elas se espalhavam com o vento. O milho começou a estalar. Alguém foi até a cidade mais próxima e tocou o sino da praça. O povo da região veio com baldes, mangueiras, bules e jarros cheios d’água. Mas, embora tenham trabalhado a tarde inteira e embora o milho gritasse que estava queimando, o sol não parou; em pouco tempo não havia mais

nada onde antes estava o campo de milho.

Eu achava que a Terra Gloriosa estava ficando feia. Não conseguia me lembrar de por que eu tinha começado a construí-la. As ruas pareciam confusas, os campos marrons, os rios parados, o sol era só uma lâmpada, o mar de espelho era uma ideia estúpida. Talvez fosse isso mesmo, pensei. E me perguntei que outras coisas eu não andava percebendo com clareza.

Então me ocorreu que eu andava me preocupando com Neil Lewis quando, na verdade, deveria estar me preocupando com o Pai. Na quarta-feira, fui até a venda da esquina comprar doces e um jornal dizia: CHOQUES VIOLENTOS ENTRE PIQUETEIROS E TRABALHADORES RESULTAM EM TRÊS PRISÕES. Tinha uma foto de um homem deitado na frente de um caminhão que estava tentando passar pelos portões da fábrica, a polícia com escudos, capacetes e cavalos enfrentando homens com tacos de beisebol e tampas de lixo. Um homem com sangue escorrendo no rosto era puxado pelo pulôver. Fiquei tão espantada que nem me mexi. O Pai não tinha me contado nada daquilo.

Fui até o alto da rua, olhei colina abaixo para a fábrica e vi como era estranha na verdade, uma fera adormecida, uma coisa negra com chaminés, torres, escadas e canos e, acima dela, enormes nuvens de fumaça que nem nuvens de sopros. E em algum lugar lá dentro estava o Pai.

Os garotos batiam todas as noites, mas o Pai já não ia lá fora. Mais garotos que antes, garotos maiores, uns quatro ou cinco, e lá estava Neil no meio deles, cusbindo, falando palavrão, pulando nas costas dos outros. O Pai telefonava para a polícia, mas, quando eles chegavam, os garotos já tinham ido embora. Virou uma brincadeira, eles davam no pé rua abaixo assim que ouviam os carros. A polícia não encontrava ninguém,

nós íamos para a cama, os garotos voltavam e começava tudo de novo.

Na noite de quinta-feira aconteceu uma coisa diferente. Nenhuma batida, só um barulho na caixa de correio. O Pai esperou um minuto e depois foi para a sala. Ficou de pé junto à porta com um pedaço de papel nas mãos.

“O que é isso?”, perguntei.

O rosto do Pai estava vazio. “Nada”, ele respondeu. “Nada, não.”

“É um recado dos meninos?”, eu quis saber.

Ele disse: “Judith. Por favor”. Como se ele estivesse machucado, como se eu o estivesse machucando. Ele nunca tinha falado comigo desse jeito e eu voltei para a cozinha.

“Eu gostaria que vocês enviassem um carro”, escutei o Pai dizer. “Eles ainda estão aqui... Sim... Não posso falar no telefone.” Ele ficou em silêncio por um tempo. Quando voltou a falar, foi mais baixo. Ele disse: “Vou falar uma coisa para o senhor, vocês estão cometendo um grande erro... Sim. Vou fazer, com certeza. É a primeira coisa que vou fazer”.

“Você vai levar o bilhete para a delegacia?”, perguntei quando ele entrou na cozinha.

“Judith, gostaria que você não ficasse escutando quando falo ao telefone.” Ele jogou mais carvão na estufa, fechou a porta com firmeza e disse: “De agora em diante, não quero mais que você vá para a escola pela rua de trás, vá pela rua principal, entendeu? E não saia do parquinho na hora do recreio”.

“Tá bom”, respondi.

“E fique longe daquele garoto. Ele não é boa pessoa. Vou conversar na escola amanhã; se a polícia não vai fazer nada, talvez eles possam fazer alguma coisa.”

“É mesmo?”, eu disse. Comecei a me sentir mal.

“É”, ele respondeu. “Isso tem que acabar.”

Estávamos sentados junto à estufa quando, alguns minutos depois, algo atingiu a porta da frente com força. Gritaram. As vozes pareciam mais velhas que as de Neil e Lee, e havia

risadas. Mais um golpe na porta e ouvimos as moitas se partirem no jardim. O Pai tossiu para limpar a garganta, bruscamente, e me pareceu que ele não estava conseguindo respirar direito.

Nós dois ficamos bem quietos enquanto os ruídos continuavam e o ar à nossa volta parecia cada vez mais escasso. Continuavam, continuavam. E continuavam. Eu não entendia como ruídos podiam paralisar alguém, mas era isso o que eles estavam fazendo. Queria me mexer mais do que nunca, mas não conseguia. A pele do Pai estava estranha, parecia que alguém estava apertando os lados da sua cabeça. De repente ele deu um pulo e foi até o aparador. Ele pegou a Bíblia, abriu em uma página e me entregou. “Leia”, ele disse.

“Quê?”

“Leia.”

“Qual parte?”

“Qualquer uma.”

Fiquei parada, só olhando, e ele falou: “Vai logo!”.

“Quanto ao rei da Assíria, eis o que diz o Senhor: Ele não entrará nesta cidade, não atirárá contra ela uma flecha, não a atacará com escudos, não a cercará de trincheiras. Pelo mesmo caminho por que veio, voltará; ele não entrará nesta cidade, oráculo do Senhor.”

“Mais alto”, o Pai falou.

“Eu protegerei esta cidade, e a salvarei, por amor de mim e do meu servo Davi. O anjo do Senhor saiu e matou cento e oitenta e cinco mil homens no acampamento dos assírios. De manhã, ao despertar, só havia cadáveres.”

“Mais alto!”

Mas minha garganta doía demais. O Pai tomou a Bíblia das minhas mãos e começou a ler. Segurava o livro longe do corpo e lia em voz alta e clara, com o queixo empinado. Leu até o relógio da sala bater nove horas, entre as risadas e as vozes lá de fora, e eu de cabeça baixa.

Um carro de polícia passou de novo, logo depois das nove, mas dessa vez o Pai não tinha chamado e fiquei me

perguntando quem tinha chamado, imaginei que talvez fosse a sra. Pew ou o sr. Neasdon.

O Pai me mandou dormir no quarto do meio e não perguntei por quê. Ele demorou muito para subir; antes disso, eu o escutei passando a tranca na porta da frente e arrastando alguma coisa pesada.

O sexto milagre

Não sei se o Pai telefonou ou não para a escola, mas na sexta-feira, no meio da nossa aula de matemática, o sr. Williams veio falar com a sra. Pierce e eles saíram da sala; depois de um minuto, voltaram, e a sra. Pierce disse: “Neil, o senhor Williams quer falar com você”. Neil ficou vermelho e acompanhou o sr. Williams. Depois de dez minutos, Gareth e Lee também foram chamados. Neil não voltou para a sala, mas Gareth e Lee voltaram, estavam pálidos e quietos.

Perguntei para a sra. Pierce se eu poderia ir ao banheiro, ela me olhou com um olhar penetrante e disse: “Você está bem?”. Fiz que sim. No banheiro, achei que iria passar mal, mas, no fim, não passei, só fiquei sentada no chão ao lado do vaso com a cabeça encostada nos azulejos.

Pude sentir a sra. Pierce me vigiando pelo resto do dia e, na hora da saída, ela disse: “Eu sei que as coisas estão bem difíceis agora, Judith. Nós vamos dar todo o apoio a você e ao seu pai. Quero que você saiba disso. Você vai ver que esse tipo de coisa vai parar”.

Mais tarde, naquela noite, uma voz me acordou. O Pai

estava puxando os cobertores e dizendo: “Levanta, Judith, rápido”.

“É o Armagedom?”, perguntei.

“Não, é um incêndio.”

“A Terra Gloriosa!”, eu disse. E, embora eu tivesse pensado, poucos dias antes, que era uma coisa estúpida, percebi agora que ainda gostava muito dela.

“Vista logo o roupão.”

O Pai me pegou pela mão e corremos escada abaixo. “A Terra Gloriosa!”, falei. “Me deixe voltar pra pegar! Por favor! Vou botar numa sacola!” Fiquei com medo de começar a chorar, porque o Pai odiava choro.

Ele disse: “O fogo não vai pegar o seu quarto, Judith, os bombeiros já estão chegando”.

Cobrimos os rostos com as mangas das roupas no pé da escada porque a fumaça vinha por debaixo da porta da sala da frente, passamos pela cozinha e para o jardim dos fundos.

A sra. Pew estava na porta dos fundos de sua casa, de roupão e touca de cabelo. Não tinha passado batom e nem aquela coisa branca na cara, parecia quase normal, a não ser pelos tremores. Ela mexia no aparelho auditivo e gritava: “Vocês estão bem?”.

O Pai disse: “Estamos bem. Mas a Judith pode ficar com a senhora por enquanto?”.

A sra. Pew respondeu: “Mas é claro!” e estendeu a mão, e ele me mandou ir com ela.

A sra. Pew fez chocolate quente para mim e eu me sentei no balcão da cozinha e fiquei tentando ver nosso jardim pela janela, e nisso Oscar pulou para o parapeito, aborrecido por ter sido acordado, o rabo balançando. “Que coisa terrível”, falou a sra. Pew. “Terrível mesmo. Sempre fico com medo de um incêndio nesta casa. Até hoje, graças a Deus, nunca tive problema.”

Ouvi um motor enorme parar na rua e portas batendo. Raios de luz azul no céu. Escutei vozes de homens na nossa

casa. A porta dos fundos se abriu. Ouvia gritos e um som contínuo, de vez em quando, um barulho forte, como se eles estivessem arrastando alguma coisa pesada.

Pouco depois de eu terminar meu segundo chocolate quente, o Pai voltou e disse que estava tudo acabado. Os danos tinham se restringido à janela da sala da frente.

A sra. Pew quis saber: “Mas como começou, meu Deus?”.

O Pai disse que tinham jogado um tijolo pela janela da sala. Disse que o tijolo estava envolvido em um pano. O pano estava ensopado de gasolina. Provavelmente jogaram um fósforo depois. Falou tudo isso com muita calma.

A sra. Pew piscava e piscava, com a mão no pescoço. Pensei que ela fosse desmaiar. Ela falou: “Vocês têm que ficar aqui hoje! Não podem voltar lá”.

O Pai disse: “Acho que é melhor a Judith ficar mesmo, mas eu quero ficar de olho na casa, então vou dormir na sala da frente”.

“Mas a janela está estragada!”, falou a sra. Pew.

“Os bombeiros vão arrumar”, respondeu o Pai. “Venho buscar a Judith amanhã de manhã.”

Fui até a porta com ele. “Será que *não posso* ir para casa com você?”

“Não. É melhor você ficar essa noite com a senhora Pew.”

“*Por favor*”, falei.

“É só uma noite, Judith.”

Dormi em um quarto nos fundos da casa da sra. Pew, em um colchão de penas macio que tinha cheiro de pot-pourri. O cheiro me deixava enjoada. A maciez do colchão me dava a impressão de que eu estava caindo. Eu queria voltar correndo para o meu quarto, que tinha tábuas de assoalho e cobertores ásperos e não cheirava a nada. Comecei a balançar para a frente e para trás.

“Deus”, eu disse, “como Você foi deixar isso acontecer?”

“Se Eu fosse você, estaria Me fazendo essa mesma pergunta.”

“Quê?”, falei. “O que Você quer dizer com isso, que eu —? Olá? Olá?” Mas ninguém respondeu.

Naquela noite, sonhei com uma casa feita de caixa de sapato. Tinham jogado um tijolinho de Lego pela janela. Surgiram chamas de papel cor de laranja que crepitavam quando se moviam. As chamas lembravam alguma coisa, mas eu não sabia bem o quê. A boneca de pano estava dormindo no quarto da frente e eu gritei para acordá-la. A boneca correu pelo patamar da escada e acordou o boneco de limpador de cachimbo. As chamas subiam os degraus. Os dois batiam nelas, e as chamas sumiam, mas logo brilhavam vivas de novo.

Quando acordei, foi como sair da água, o oposto de se afogar, mas eu me sentia mal do mesmo jeito. E aí me lembrei do que as chamas me lembravam: do papel-celofane.

Bem cedo na manhã seguinte, o Pai veio para me levar para casa. Olhei para ele enquanto atravessávamos o portão da sra. Pew e entrávamos de novo no nosso jardim dos fundos, mas seu rosto não me dizia nada, não tinha nenhuma expressão.

Tudo cheirava a fumaça dentro da casa. As telhas da frente estavam pretas e as paredes estavam pretas e havia poças de água preta no chão. As poltronas estavam pretas e devoradas até o estofamento. A pintura da máquina de costurar da Mãe estava cheia de bolhas e descascando. Onde antes ficava a janela agora tinha uma tábua.

O jardim da frente era como um daqueles desenhos do panfleto que mostravam o Armagedom. As palmeiras em volta da janela tinham sido totalmente queimadas e as rosas de natal também. A cerejeira estava carbonizada e o chão, repleto de cinzas. Um tapete, uma poltrona e a mesa tinham sido empilhados junto ao portão e também estavam todos pretos.

Meu quarto estava exatamente como eu tinha deixado, a

roupa de cama revirada, a Terra Gloriosa do mesmo jeito, os dois bonecos pequeninos com que eu tinha sonhado são e salvos.

Caí de joelhos. Eu disse: “Muito obrigada!” várias vezes e juntei as mãos. Depois abri os olhos. E olhei fixo.

Porque no meio da Terra Gloriosa havia o campo de milho, aquele que pegou fogo, e metade dele estava coberta com o papel-celofane.

Mestre e servo

Eu me sentei do lado da banheira e fiquei falando: “Eu não entendo, não entendo, não entendo”.

Limpei a boca e puxei a descarga.

Fui para o meu quarto, arranquei o papel-celofane e recolhi o milharal. Bati a terra e joguei a grama fora. Pus as pessoas de volta onde elas estavam e guardei os baldes d’água. Eu disse: “Não entendo. Eu não queria causar um incêndio. Eu estava só brincando”.

“Será que você não percebeu que qualquer coisa que você faça pode virar realidade?”, disse a voz.

“Não!”, respondi. “Eu achava que tinha que fazer as coisas de propósito.”

“Quando você fez o milharal, você estava com medo”, Deus disse. “O medo pode fazer as coisas acontecerem. É que nem rezar por um desastre.”

“Mas isso significa que qualquer coisa pode acontecer a qualquer hora”, falei, “que as coisas vêm do nada — do nada!”

Deus disse: “Talvez valha a pena considerar que a maquete de mundo ganhou vida própria”.

“Então eu vou jogar tudo fora!”, rebati. “Não vou ficar com essas coisas! Aliás, não sou eu! É Você! Não sou *eu* quem faz as

coisas acontecerem! *Você* fez o incêndio! Eu falei que não ia fazer mais nada acontecer e eu falei sério. Eu não *quero* o poder! Eu não quero ter nada a ver com isso!”

“O poder às vezes é uma criatura difícil de domar”, Deus disse. “Às vezes não dá para saber com certeza quem é o mestre e quem é o servo. De qualquer modo, temo dizer que você não pode simplesmente devolvê-lo.”

“Por que não?”, perguntei. “Ninguém falou nada sobre ter que ficar com ele.”

“Bom, você se tornou muito útil para Mim. E, além disso, não pode ficar pegando e largando o poder, sabe?”

“Então é muito simples”, falei. “Não vou fazer mais nada — nunca mais.”

“Falar é fácil, difícil é fazer.”

“Você vai ver!”

“O poder não vai embora”, Deus disse.

“Por favor, pegue de volta”, falei e mordi o lábio bem forte, para segurar o choro. “Nada acontece do jeito que eu queria. Alguma coisa sempre dá errado.”

“É porque Nada e Alguma Coisa têm uma relação mais estreita do que as pessoas pensam”, Deus disse.

Matéria Escura

O Pai me disse que tem um monte de Alguma Coisa no universo e que a gente consegue vê-la e medi-la e que ela ocupa espaço e as outras coisas ricocheteiam nela e seguem seu rumo. Mas para toda essa Alguma Coisa tem o mesmo tanto de Nada, que não dá para ver nem medir, e as pessoas só tropeçam nele por acaso.

Fiquei me perguntando se Deus fez o Nada ou se ele apareceu sozinho. Talvez Alguma Coisa não possa existir sem o Nada. E só porque o Nada é invisível não quer dizer que não seja forte. É mais perigoso que Alguma Coisa, porque você não consegue ver onde ele está, e o Nada faz as coisas sumirem. Em alguns lugares, o Nada é tão forte que tudo o que conhecemos desaparece de uma vez só. É a chamada Matéria Escura.

O Pai disse que Deus usou a Matéria Escura para criar o universo. Ela puxou as coisas para dentro e essas coisas nunca mais foram vistas, ou então saíram do outro lado tão deformadas que nem pareciam mais as mesmas. Ele explicou que a Matéria Escura é como o lado de fora de uma caixa e que a matéria é como o lado de dentro. Nós estamos dentro da caixa, então vemos apenas Alguma Coisa. Mas, se você pegar uma caixa de papelão e desdobrar, vai ver que são só dois lados

diferentes de uma mesma coisa. Na verdade, se você dobrar a caixa de novo, só que para o lado errado, não vai nem notar a diferença. Isso mostra como Alguma Coisa e Nada são bem próximos.

Dá para saber se você está lidando com Nada ou com Alguma Coisa? Dá para ter certeza se você está dentro ou fora da caixa? Não dá. E aí é que está o problema: o dentro e o fora, dependendo de onde você está, parecem a mesma coisa.

Uma cerca

Eu estava escrevendo no meu diário quando levantei os olhos e vi o Pai de pé no vão da porta. Escondi o diário e perguntei: “A gente vai sair para pregar?”.

“Não.” Seus olhos estavam sombrios. “Ponha umas roupas velhas e desça.” Não tive tempo para perguntar mais nada porque ele já tinha ido embora. Um minuto depois, ouvi a porta dos fundos bater e outros barulhos. Guardei meu diário debaixo da tábua do piso, pus macacão e pulôver, desci. O Pai estava carregando umas pranchas de madeira. Ele botou um pote de pregos na minha mão e disse: “Leve isso lá para a frente”, então fui para o jardim e fiquei esperando.

O mundo estava azul e amarelo e brilhava que nem diamante, e o ar estava tão frio que queimava meu nariz. Parecia que tinham desenhado o contorno da montanha com um alfinete. Um sabiá se empoleirou nos galhos da cerejeira e começou a cantar, e as notas esfriavam como gotas de chumbo quando caíam sobre mim.

O Pai apareceu depois de um minuto com um serrote, as pranchas e dois engradados de leite. Colocou os engradados de leite no chão e passou a primeira prancha por cima deles. “Segure firme”, ele me disse e eu segurei a ponta da prancha.

Ele começou a serrar. Seu corpo estremecia a cada movimento e o som rasgava o ar. Seu rosto ficou vermelho. A primeira tábua caiu no chão e ele pegou mais uma.

Era horrível segurar pranchas. Quando os dentes da serra emperravam, a tábua me levava junto. Quando a serra entortava, eram os meus dentes que rangiam.

O Pai começou a apoiar as tábuas cortadas contra o muro do jardim. Eu não sabia onde ele iria colocá-las, porque já havia um muro cercando o nosso jardim e, em cima do muro, as grades, como em todos os outros jardins, mas comecei a passar os pregos para ele. O Pai colocava uma tábua de cada lado da grade e esmagava os pregos tão fundo na madeira que saíam lascas, tão fundo que as cabeças dos pregos desapareciam. Martelou pregos por toda parte, em todos os ângulos; chegou a martelar o dedo, e o sangue escorreu por sua mão.

Quando ele acabou de forrar as grades com as tábuas, começou a pregar mais outras em cima das primeiras. As tábuas eram de tamanhos e espessuras diferentes. Começavam e terminavam em pontos diferentes. Se não fossem compridas o bastante, o Pai martelava mais uma. Se ficava uma brecha entre as tábuas, ele cobria com cimento e pedras ou pedaços de tijolo. Achei que ele iria se pregar na grade também, se pudesse.

Ele não olhou para mim e não falou comigo. Por volta das dez horas, começou a fazer barulhos como um animal. Os barulhos me davam nojo e meus braços pareciam líquidos. Ele disse: “O que você está olhando?”, e virei a cabeça para ele não ver que eu tinha começado a chorar.

Ele trabalhou a manhã toda, não parou nem para comer ou beber, sua respiração enchia o ar com grandes nuvens. Continuei passando as coisas assim que ele pedia gritando. Ele tirou o pulôver e sua camisa estava empapada de suor.

Um pequeno grupo de pessoas se reuniu na calçada do outro lado da rua. A sra. Andrews estava lá, junto com o sr. Evans e o sr. Andrews. Acho que eles nunca tinham visto uma cerca subir tão depressa. Às onze e meia, o sr. Neasdon saiu de

casa e veio até a calçada. Ficou com as mãos na cintura, piscando rápido.

O Pai não o viu, ou fingiu não ver. “McPherson!”, o sr. Neasdon gritou, “o que está acontecendo?”

“Cerca!”, disse o Pai.

O sr. Neasdon perguntou: “Não passou pela sua cabeça avisar os vizinhos antes de começar?”.

“Martelo!”, o Pai berrou. Entreguei o martelo para ele.

O sr. Neasdon passou os olhos pela rua e voltou a olhar para o Pai. Balançou a cabeça e olhou para o outro lado. Jogou as mãos para os céus. Depois se virou mais uma vez para o Pai e perguntou: “Isso vai ficar de que altura?”.

“Eu não sei!”, o Pai disse. Botou mais uma tábuia no lugar. “Prego!”

A sra. Pew enfiou a cabeça entre as grades do outro lado do jardim e perguntou: “John, você quer uma xícara de chá?”.

“Nada de chá, obrigado, senhora Pew!”, o Pai respondeu.

Ela mexeu no aparelho auditivo. “Eu tenho Tetley, se você quiser.”

“Nada de chá! Obrigado, senhora Pew!”, o Pai disse.

O sr. Neasdon falou: “Epa, epa! Só um minutinho! Eu quero saber de que altura essa cerca vai ficar! Ela já está tapando a luz no nosso jardim e é horrorosa! Você não pode fazer essas coisas sem consultar a gente”.

O Pai continuou martelando.

O peito do sr. Neasdon começou a subir e descer. “Sabe de uma coisa, já estou por aqui com você! Você fica com esse negócio de Fim do Mundo para cá e de Armagedom para lá e não faz greve — mas agora passou dos limites! Isso não vai ficar assim!”

O Pai berrou: “Prego!”.

A sra. Pew reapareceu e perguntou: “E chá de ervas?”.

Os olhos do sr. Neasdon se arregalaram. Ele voltou para dentro e bateu a porta.

A sra. Pew voltou depois de um tempo, mas dessa vez só

ouvimos uma voz dizendo: “John! John! Também tenho de menta, se você preferir!”.

Começou a escurecer às cinco da tarde. O grupo de pessoas do outro lado da rua foi para dentro das casas. Achei que eles viriam perguntar se o Pai ficaria naquilo a noite toda, mas ninguém veio pedir para ele parar.

O Pai me mandou ir para dentro, mas eu estava me sentindo mal e queria ficar perto dele, então continuei entregando as tábuas de madeira. Mas eu estava com frio. “Já não está bem alta agora?”, perguntei, enfim.

“Bem *alta*?”

“Não dá mais para ver a rua.”

“Não está nem na metade!”, ele rebateu e tacou cimento na tábua, como se estivesse dando uma lição nela.

Pouco depois disso, eu estava entregando uma tábua para o Pai quando uma farpa entrou na minha mão. Ele não viu. Tentei puxar a farpa, mas ela se partiu e depois começou a doer sempre que eu passava a madeira para ele. Já estava bem escuro, o Pai pendurou um lampião no alto das tábuas e continuou trabalhando, cambaleando em cima de outros dois engradados de leite. Ele me pediu para ir buscar as sacolas cheias de vidro para reciclagem e, quando voltei, ele pulou em cima das sacolas e depois enfiou os cacos no cimento da parte de cima das tábuas e nas brechas entre as tábuas onde o cimento ainda estava fresco, pelo lado de fora. Entramos às nove. Seu rosto estava vermelho e em volta de seus olhos havia dois círculos brancos. Ele tomava chá e suas mãos tremiam. Disse que agora só faltava fazer um portão novo e que faria isso no dia seguinte.

Jantamos em silêncio. Doía só de segurar o garfo. Mas eu nem estava com fome. De repente, falei: “Você se esqueceu de agradecer”.

O Pai parou de comer. Depois engoliu a comida em seco e pegou a xícara de chá. “Bom, agora já foi”, ele rebateu.

Fiquei encarando o Pai. Ele limpou o resto do prato, arrastou a cadeira e disse: “Já acabou?”. Não respondi, mas mesmo assim ele recolheu meu prato e foi para a pia.

“O que há com você?”, ele perguntou enquanto lavávamos a louça.

“Nada.”

“Alguma coisa tem, sim. Vamos lá, fale logo.” Aí ele parou de enxaguar os pratos e disse de supetão: “O que há com a sua mão?”.

“Nada.”

Ele pegou o prato que eu estava enxugando e abriu minha mão. A pele em volta da farpa estava vermelha e saltada. Quando ele a tocou, dei um pulo. “Por que você não me falou nada?”, ele disse com uma voz totalmente diferente, e eu encolhi os ombros e olhei para o outro lado.

O Pai fechou a torneira. Falou para eu me sentar e saiu da cozinha. Quando voltou, trouxe um antisséptico, algodão, uma latinha de gaze e uma agulha. Puxou uma cadeira e se sentou na minha frente, pegou minha mão e começou a cutucar a farpa com a agulha.

O rosto do Pai agora parecia completamente vazio. Eu sentia sua respiração nos meus dedos. Ele estava sendo cuidadoso, então não doía, mas mesmo assim meus olhos se encheram e não pude olhar para cima.

Ele pegou uma gaze e tirou a embalagem, depois a pressionou sobre o corte. “Aí mesmo”, falei, e ele pressionou mais. “E aí também.” Ele pressionou a gaze mais um pouco. À nossa volta, a cozinha ficou muito quieta.

E então ele se levantou, como se de repente tivesse se lembrado de alguma coisa, e disse: “Isso vai resolver”.

Falei: “Você acha que eu preciso de um curativo?”.

A escuridão voltou a seu rosto. Ele disse: “É só uma farpa, Judith”.

Pus a mão sobre a gaze e vi o Pai ir embora.

Um portão

Não fomos ao encontro do dia seguinte, então não tive que decidir se usava ou não o poncho de Josie. Não saímos para pregar, nem lemos a Bíblia, nem comemos cordeiro com ervas amargas. Em vez disso, o Pai fez um portão.

Eu nunca tinha visto um portão como aquele e, a julgar por suas caras quando passavam pela nossa casa, acho que os outros também não. O Pai ficou o dia inteiro trabalhando no portão. A terra estava coberta de gelo, e ele não derretia porque não tinha sol. Eu levava xícaras de chá para ele, mas ele me mandava ficar dentro de casa porque fazia frio demais.

Pouco antes das duas, tio Stan telefonou para ver se a gente estava bem. Pensei de repente que era estranho o Pai não ter ligado para ele ou para o Alf antes, para contar sobre o incêndio, mas não quis perguntar por quê. Falei para o tio Stan que o Pai estava construindo um portão. Ele disse: “Ah...”. Depois, completou: “Bom, se vocês estão bem... não estão doentes nem nada...”.

“Não”, respondi. “Quer que eu vá chamar o Pai?”

“Ele está ocupado?”

O Pai passou cambaleando na frente da janela, carregando o portão. “Um pouquinho”, eu disse.

Stan falou: “Bom, então não precisa incomodar, fofura”. Aí ele perguntou: “Um portão?”.

“É.”

“Bom, só diga para ele que liguei para dizer que sentimos falta de vocês.”

“Está bem.”

Eu me senti estranha quando desliguei o telefone. A voz do tio Stan parecia vir de outro mundo. De repente eu queria que tivéssemos ido ao encontro. Nem teria me importado de usar o poncho.

Quando o Pai terminou o serviço, o portão estava mais alto que ele e parecia uma janela de igreja. Tinha três tábuas de espessura, com tachões de ferro na frente e, bem no meio, uma maçaneta de metal do tamanho de um punho e com a forma de uma ponta de lança. O Pai demorou uma hora para colocar o portão no lugar, o suor escorria por sua cara e ele fazia barulhos de quem estava em agonia. Ele me mostrou como destrancar o portão e me deu a chave. A chave era maior que a minha mão e muito pesada.

Na hora do jantar, falei: “O tio Stan ligou”.

“Ah.”

“Quería saber se a gente estava doente.”

“O que você falou para ele?”

“Que você estava fazendo um portão. Ele disse para falar para você que sentiram nossa falta.” Levei os pratos para a pia e disse: “Pego as Bíblias?”.

O Pai segurou a cabeça nas mãos. “Daqui a pouco.”

Eu não tinha notado suas mãos até agora. Elas pareciam ter o dobro do tamanho normal e estavam vermelhas e brilhando, como se tivessem sido mergulhadas em água fervendo. Tinha cortes e sangue seco e pedaços de pele descamada. Seus dedos pareciam salsichas prestes a explodir a pele.

Lavei e enxuguei os pratos e fui buscar as Bíblias. Mas, quando voltei, a cabeça do Pai estava deitada sobre seus braços e ele dormia profundamente.

Uma arena de estacas

Na segunda-feira, Neil Lewis não apareceu na escola e eu fiquei feliz. A sra. Pierce aparentemente não sabia do incêndio, assim como todos os outros, então, se Lee e Gareth tinham acompanhado Neil naquela noite, não contaram para ninguém.

Quando eu estava chegando em casa, vi o sr. e a sra. Neasdon, a sra. Andrews e o sr. Evans na esquina da nossa rua, com sacolas de compras nas mãos. A sra. Neasdon estava dizendo: “E a gente tem que morar de frente para uma coisa dessas”.

O sr. Evans falou: “Até entendo *por que* ele fez isso, mas você *não pode* sair por aí fazendo essas coisas. Quer dizer, dá uma olhada nesses cacos de vidro”.

A sra. Andrews falou em voz baixa: “Se você quer saber, acho que agora ele pirou de vez”.

O sr. Neasdon balançou a cabeça. “Já faz tempo que ele pirou.”

Pararam de falar quando me viram, e a sra. Neasdon mostrou um sorriso amarelo. Não sorri para ela. Escutei o que ela falou depois que eu já tinha passado: “E só Deus sabe como essa menina está cada vez mais estranha”.

Senti uma coceira enquanto caminhava para casa. Passei

pelo portão e o tranquei logo em seguida. Dei uma espiada por uma fresta da cerca. A coceira piorou. Peguei uma pedrinha e subi na cerejeira queimada. Joguei a pedra com toda a força por cima da cerca e caí no chão. Quando olhei de novo pela fresta, eles tinham parado de conversar e estavam todos olhando para a casa.

Esperei até que eles começassem a falar de novo e peguei mais uma pedra, subi na cerejeira e atirei com toda a força. Ela pegou no pescoço do sr. Neasdon e ele me viu antes que eu conseguisse pular para o chão. Pela fresta, vi que ele ficou olhando fixo para a nossa casa. A sra. Neasdon pôs a mão no braço dele. Entraram em suas casas.

Fiquei com calor depois que eles foram embora e me sentei com as costas na cerca, enfiando meus pés na terra. Não fui para dentro até o ônibus chegar com o Pai, embora já estivesse escuro a essa hora e eu estivesse tremendo.

“O que você está fazendo aqui fora?”, ele perguntou.

Na hora do jantar, falei: “O senhor Neasdon falou que gostou muito da cerca”.

O Pai disse: “Que bom que ele aprovou”.

Alguns minutos depois, perguntei: “Ela vai ficar lá?”.

“Até um futuro próximo.”

“Que bom”, eu disse. “Gosto dela. É a melhor cerca do mundo.”

O estudo da Bíblia daquela noite foi sobre Jerusalém. Acontece que Jerusalém também se tornou um Antro de Iniquidades depois que Jesus morreu, mas, ainda assim, era a capital da Terra Gloriosa. Deus permitiu que ela fosse destruída pelos romanos em 70 d.C. A maioria do povo se esqueceu de fugir para as montanhas, como Jesus tinha ensinado, quando as primeiras tropas chegaram e partiram. Quando os romanos voltaram mais uma vez, era tarde demais: construíram uma cerca de estacas pontiagudas em torno da cidade e o povo

começou a morrer de fome e a comer os próprios filhos. “Apenas uns poucos escaparam”, o Pai disse. “Aqueles que se lembraram do que Jesus lhes havia dito. Eles foram para as montanhas e lá ficaram até os romanos irem embora. A Grande Tribulação será a mesma coisa. Não devemos ser complacentes, pois ela virá como um gatuno na noite.”

Naquela semana, as pessoas gritavam para conseguir falar com o Pai e ele subia no engradado de leite e ficava espiando pela cerca. O carteiro teve que jogar nossa correspondência por cima da cerca porque o Pai disse que ter uma caixa de correio era pedir para ter problema.

Eu tinha falado para ele que gostava da cerca, mas se tivesse alguém andando atrás de mim no caminho de volta da escola, eu não entrava pelo portão da frente, passava reto, virava na ruela e entrava pelo portão dos fundos.

Não pude mais brincar no meu quarto porque não queria ficar perto da Terra Gloriosa. Tentei lembrar onde exatamente cada coisa estava e não sabia ao certo se algo tinha se mexido ou não. Fiquei com muita dor de cabeça antes de dormir e tive que pedir um analgésico ao Pai.

À noite, dormi de costas para a Terra Gloriosa, mas depois tive medo e me virei para ficar de frente para ela. Sonhei que as pessoinhas estavam escalando a cama com cordas e acordei quando o bonequinho que fiz para se parecer com o Neil começou a pregar meu cabelo ao colchão com palitos de dente.

Depois da escola, passei um bom tempo no jardim, procurando frestas na cerca. Era como ser invisível, mas não estávamos invisíveis, nós éramos a casa mais visível da rua. Se a nossa cidade fosse Jericó, nem precisaríamos atar um cordão vermelho à janela: Deus saberia que casa deixar em pé.

Eu tinha mentido para o Pai, o sr. Neasdon não gostava da cerca, mas uma pessoa gostava, de verdade. Na terça-feira, a sra. Pew estava chegando em casa com seu carrinho de compras e

falou: “Queria ter uma cerca dessas também. Seria ideal para pendurar vasos”. Ela me pediu para perguntar ao Pai se ele poderia fazer uma cerca para ela, mas não perguntei. Ele andava estranho.

Ficava sentado na sala do meio todas as noites depois do estudo da Bíblia e mexia com as contas — pelo menos era o que dizia que estava fazendo, mas, quando eu espiava pelo buraco da fechadura, ele estava olhando para o nada. Ele me deu bronca por ter deixado a luz da sala acesa e por jogar fora uma casca de pão só porque estava embolorada. O Pai disse: “É só penicilina, e você tem sorte por ter comida!”.

Ele ia para a cama mais cedo que o de costume e começou a dormir em um colchonete no chão da cozinha. Antes de se deitar, dava uma volta pelo jardim e conferia se o portão dos fundos estava trancado. Aí ele entrava, desligava a eletricidade e pendurava um machado em cima da porta. Eu me deitava na cama, ficava olhando para a cidade e pensando no povo de Jerusalém. Eu me perguntava quem eram os romanos agora e, se eles viessem, as montanhas iriam nos proteger?

Uma visão

Neil Lewis voltou para a escola na sexta-feira. Senti sua presença antes mesmo de vê-lo, embora ele não tivesse entrado na sala como sempre fazia. Ele se sentou e ficou quieto. E, então, fez uma coisa estranha. Olhou por cima dos ombros, para mim, para ver se eu estava lá, e, naquele momento, entendi tudo. Entendi que ele tinha provocado o incêndio, ele, seu irmão e seus amigos, e comecei a passar mal. Eu não tinha certeza se era porque estava com raiva ou porque estava com medo, mas entendi que não podia mais pensar em Neil Lewis, nem mesmo por um segundo, porque, se pensasse, faria alguma coisa ruim.

Na segunda-feira, acordei com um barulho estranho: uma lapada e um urro. A lapada e, uma fração de segundo depois, o urro. Olhei para baixo e vi o Pai na calçada. Tinha uma lata de tinta marrom em uma das mãos e um pincel na outra. Estava molhando o pincel na lata e espirrando a tinta na cerca. Ao fazer isso, urrava. Seu rosto todo retorcido, como se ele estivesse chorando.

Eu nunca tinha visto o Pai daquele jeito, o que fez com que eu me sentisse pior do que jamais tinha me sentido a vida inteira. Fiquei sentada na cama por um tempo. Depois, desci a

escada. Quando passei pelo portão, ele berrou: “*Volta pra lá! Vai estragar a roupa!*”. Mas eu tinha visto o que estava escrito na cerca, as palavras pintadas com spray em letras grandes e arredondadas. Dessa vez, entendi todas elas.

Voltei para o meu quarto, me encolhi debaixo das cobertas e fechei os olhos. Botei os dedos nos ouvidos e apertei firme, fiquei apertando. Rangi os dentes. Mas ainda podia ouvir os urros e ainda podia ver a cara do Pai.

Comecei a pensar que queria fazer muito mal a Neil Lewis.

Minha cabeça estava quente e pesada na aula daquela manhã, como tinha ficado na tarde em que fiz o primeiro milagre. Estávamos fazendo flocos de neve na escola, dobrando, cortando e abrindo círculos de papel. Em um dia normal, eu teria gostado de fazer essas coisas, ver como o papel de repente ganhava vida quando você abria os flocos de neve, mas meus olhos sempre caíam sobre Neil.

Ele estava sentado com Kevin e Luke, a bochecha na mão. Parecia entediado, sonolento. A luz do sol cobria seus cabelos e deixava seus cílios mais brancos que nunca. Pensei: não dava para saber como ele era só de olhar para ele. Você nunca ia imaginar o que ele escreve nas cercas das pessoas e o que faz com o jardim delas. Voltei a recortar meu floco de neve, mas meus olhos estavam ficando embaçados e eu não conseguia mais fazer a tesoura ir aonde eu queria. Levantei a cabeça de novo. Neil estava enfiando o dedão no nariz. Ele percebeu que eu estava olhando. E, nesse instante, sorriu, então seus olhos se apertaram e seus lábios se torceram.

Olhei para baixo e mordi os lábios, fiquei mordendo até sentir gosto de ferro. Pensei no Pai e no que ele tinha falado sobre perdoar. Pensei em tudo o que havia de bom e em tudo o que havia de justo e em tudo o que havia de esperançoso, e era tudo o que eu podia fazer para continuar recortando. Alguma coisa crescia dentro de mim, milhões de coisinhas correndo pelos meus braços até os dedos, subindo pela espinha para o cabelo.

Pequenas manchas apareceram diante de meus olhos. Urros. A sala foi ficando escura.

Não sei o que me fez levantar a cabeça, mas, quando levantei, vi que tinha alguém atrás de Neil Lewis. Eu não conseguia ver o rosto da pessoa porque tudo estava enevoadado. O resto da sala vazio. A pessoa pegou a cabeça do Neil nas mãos, puxou-a para trás e de repente a empurrou para a carteira. Dei um pulo. A cabeça fez um baque surdo e a carteira balançou.

Os urros ficaram mais fortes. As mãos puxaram a cabeça do Neil mais uma vez. Sua pele estava esticada e seus olhos, pasmos. Sua boca desenhava um “O”. As mãos empurraram a cabeça para a carteira e Neil berrou. Quando sua cabeça subiu dessa vez, sangue escorria pelo nariz.

Ele tentou se levantar, mas perdeu o equilíbrio. As mãos empurraram sua cabeça uma vez mais. Agora ela bateu na quina da mesa e ouvi um som mais suave, como o de um repolho se partindo.

Abri a boca, mas não saiu nada. Eu estava presa na cadeira. Meus olhos estavam se fechando, eu estava caindo. As mãos empurraram a cabeça de novo. O rosto já não parecia o de Neil. As mãos empurraram a cabeça de novo. Agora Neil tinha parado de berrar. Sua boca era um buraco e seus olhos eram dois sacos de carne e seu nariz se espalhava para os lados.

Aí alguém estava falando: “Judith! Tá me ouvindo?”. Mas os urros continuavam e as mãos seguiam empurrando a cabeça contra a carteira.

“Judith!” Alguém estava me chacoalhando. Os urros foram diminuindo, a luz voltava aos poucos, a sala estava cheia de gente de novo.

As mãos da sra. Pierce seguravam meus ombros, seu rosto estava branco. Anna, Matthew e Luke estavam me encarando. Todo mundo estava. Olhei ao meu redor. Neil também. Ele parecia normal. Não tinha acontecido nada com ele.

Meu corpo estava molhado. Pensei que ia vomitar. A sra. Pierce abriu minhas mãos e pegou a tesoura. Meus dedos

estavam cortados, o floco de neve em pedaços.

O que você fez?

“O que aconteceu aqui?”, perguntou a sra. Pierce. Eu estava sentada nos bancos atrás do cabideiro.

“Eu não sei. Minha cabeça ficou quente.”

“Isso já tinha acontecido antes?”

Eu nunca tinha visto seu rosto tão sério. Ela disse: “A gente tem que conversar sobre isso. Com o seu pai. Eu gostaria que você pedisse para ele vir me ver o quanto antes. Mas agora preciso continuar a aula. Você quer ir para casa?”.

Fiz que sim.

“Tudo bem”, falou a sra. Pierce. “Vou arranjar alguém para ir junto com você.”

“Não”, eu disse. “Não precisa. É pertinho.”

“Não”, rebateu a sra. Pierce, “espere aqui que vou pedir para a Anna ir com você.”

Quando ela saiu, eu me levantei e fui embora.

Não me lembro de ter andado até em casa, mas devo ter andado. Não lembro se estava chovendo, ventando ou nevando, mas uma dessas coisas devia estar. Não me lembro de não ter visto a Sue e de ter que atravessar a rua sozinha, mas acho que fiz isso também. Não me lembro de ter virado na nossa rua, passado pelo portão, destrancado a porta, nem de ter subido a

escada ou me sentado diante da Terra Gloriosa, mas devo ter feito todas essas coisas, porque me lembro de ter ficado encarando a figura que fiz de Neil Lewis, de ter me levantado e pisoteado o boneco. Eu me lembro da sensação do boneco embaixo do meu pé e dos urros na minha cabeça e de me ouvir dizer coisas que eu nunca tinha dito, como, por exemplo, “Secarei o derradeiro sangue de suas veias” — embora eu não soubesse o que era “derradeiro” ou se tinha a ver com as veias ou se não tinha a ver com nada. Eu não sabia nem se estava falando, porque não sentia minha boca, nem ouvia minha voz, e, quando me vi de relance no mar, também não reconheci meu rosto. E, então, os urros foram diminuindo e não me lembro de mais nada depois disso.

Quando abri os olhos, fiquei com a sensação de que tinha batido a cabeça e de que minha língua era grande demais para caber dentro da boca. A luz do poste da rua caía sobre os campos, as colinas e as cidades da Terra Gloriosa. Uma voz estava falando: “O que você fez?”.

Ela dizia: “Acho que dessa vez você foi longe demais”.

“Não, eu não fiz nada”, rebati.

“Olhe bem”, disse a voz.

Peguei o boneco de Neil Lewis e fiquei olhando para ele. A cabeça dependurada, uma perna mais comprida que a outra, faltava um braço. O rosto em pedaços.

Enfiei o braço no corpo, mas não parou no lugar. Empurrei a cabeça, mas ela caiu de novo. Não tinha como consertar o rosto. Eu me encostei na parede e fechei os olhos. “Não quer dizer nada”, eu disse.

“O incêndio também não queria dizer nada?”

“Vou refazer tudo.”

“O que Eu falei sobre refazer as coisas?”

“Não estou nem aí!”, eu disse. “Vou fazer. Vou fazer tudo direitinho.”

Peguei fio, lã e massa de modelar. De novo medi o fio e remodelei a cabeça, mas minhas mãos estavam tremendo. Refiz

as mãos e os pés, vesti o homenzinho mais uma vez com suas roupas e sua peruca, repintei seu rosto, mas os olhos ficaram menores, o nariz mais fino e as bochechas mais cheias do que deveriam. Eu não tinha mais líquido corretivo para fazer as listras brancas nas calças e o novo boneco ficou uns dois centímetros mais baixo.

Joguei o boneco de lado. “Não significa nada”, eu disse. Mas sabia que, de todas as coisas que eu já tinha feito, essa era a que mais significava.

LIVRO IV
A OVELHA DESGARRADA

Esperando

Fiquei passando mal até o Neil entrar na sala de aula terça-feira. “Tá aí!”, falei para Deus quando ele se largou sobre a mesa. “Nada! Eu falei para Você que não ia acontecer nada.”

“Não cante vitória antes da hora”, Deus disse.

Naquela noite, escrevi no meu diário: “Não aconteceu nada com Neil”.

Na quarta-feira, terminamos nossos flocos de neve e os penduramos pela sala, lemos um pouco mais de *A menina e o porquinho*, até a parte em que eles estão indo para a feira, e escrevemos um pouco mais de poesia. Mas, dessa vez, meu poema não ficou nada bom. E eu também não conseguia fazer mais nada direito. Multipliquei quando tinha que dividir, confundi verbos com substantivos, coleí meu gráfico do lado errado no caderno de matemática e colorei de vermelho quando era para pintar de prata.

A sra. Pierce me chamou à sua mesa. Ela disse: “Você está bem, Judith?”.

“Sim, senhora Pierce.”

“Como está a sua mão?”, ela quis saber. Mas minhas mãos estavam bem porque eram só cortes bem pequenos.

A sra. Pierce perguntou: “Você pediu para o seu pai vir

falar comigo?”.

Fiquei vermelha. “Pedi.”

Mas era muito importante que o Pai jamais conversasse com ela, porque a sra. Pierce contaria que eu ainda estava falando em Deus e milagres.

Meu livro estava aberto na frente dela. Apenas duas contas tinham recebido um “certo”. Ela disse: “Não se preocupe com as contas, Judith. Você sabe fazer essas coisas de trás para a frente. Só estou aqui me perguntando se você não quer me contar o que está deixando você tão preocupada”.

Encolhi os ombros.

“Tudo bem em casa?”

Fiz que sim.

“Como seu pai está lidando com a greve?”

Pensei um pouco. Quando chegava do trabalho, o Pai estava com o rosto pálido, mas com a voz calma. Nós jantávamos e estudávamos a Bíblia. Depois ele ia para a sala do meio mexer com as contas enfiadas no clipe de metal e eu subia. Ele conferia a cerca, entrava, punha o machado em cima da porta dos fundos e desligava a eletricidade. “Acho que ele está bem”, respondi.

A sra. Pierce disse: “Lembre-se de uma coisa, Judith: estou sempre aqui, se você precisar conversar com alguém, certo?”.

“Certo”, falei.

Na quinta-feira, recebemos uma carta do tribunal pedindo para o Pai telefonar assim que possível. O Pai disse: “Eles não perdem tempo”.

“Quem?”, eu perguntei, mas ele não respondeu. Tive que ver no envelope. “O que eles querem que você faça?”

“Que eu tire a cerca.”

“Por quê?”

“É um ‘ato antissocial’...”, ele segurava o papel na altura dos olhos, “um ‘risco à saúde e à segurança dos cidadãos’ e

‘esteticamente incongruente’.”

“E você vai tirar a cerca?”

“No sonho deles”, o Pai disse e jogou a carta no lixo, então entendi que era um “Não”.

Naquela noite, sonhei com o campo da Terra Gloriosa e com os dois primeiros bonecos que fiz. O campo não parava quieto, como se alguém o estivesse chacoalhando, e os bonecos se seguravam um no outro. O sol estava maior que antes e queimava suas mãos e rostos. A grama era alta e sedosa, mas se contorcia como se estivesse viva e agarrava seus tornozelos.

Havia alguma coisa rolando pela grama. Parecia uma pessoa, só que não tinha cabeça, apenas algo sacudindo que nem uma bexiga amarrada a um barbante. A boneca de pano parecia saber o que estava acontecendo. Ela gritava e puxava a manga da camisa do boneco de limpador de cachimbo. O braço dele saiu nas mãos dela, e ela se afastou.

O boneco de limpador de cachimbo olhou firme para o braço e depois para a boneca de pano. Sem expressão no rosto. De repente, suas pernas se dobraram e ele caiu de joelhos. Continuava olhando para ela. A boneca abriu a boca. E, então, os olhos do boneco de limpador de cachimbo se reviraram, sua cabeça tombou para trás e seu corpo desabou aos pés dela.

Foi bom ver todo mundo no domingo, parecia fazer muito tempo que não víamos ninguém. Ficaram chocados ao saberem do incêndio. “Bom, mas a polícia *está fazendo* alguma coisa?”, Elsie quis saber.

“É ultrajante”, completou May. Ela pôs as mãos sobre as minhas orelhas e sussurrou para o Pai: “Vocês podiam ter morrido!”.

Tio Stan perguntou: “Vocês precisam de alguma coisa? Querem passar um tempo com a gente?”.

O Pai disse: “Não, estamos bem. Agora já tá tudo bem”.

Aí tio Stan falou: “Quando foi que aconteceu, John?”.

“Sexta à noite”.

Tio Stan rebateu: “Você deve estar esgotado!”.

“Estou, sim”, o Pai disse. “Bastante.”

“Você quer que a gente vá dar uma mão para arrumar as coisas?”, Margaret ofereceu.

“Não, não”, disse o Pai. “Estou cuidando de tudo.”

De repente percebi que todo mundo estava achando que o incêndio tinha acontecido duas noites antes, e o Pai não fazia nada para corrigir. Além disso, ninguém estava sabendo da cerca. Por que ele não contava? Talvez porque não quisesse deixar ninguém preocupado, pensei. Mas, que era bem estranho, era.

May balançou a cabeça. “Bom, espero que a polícia encontre quem fez isso”, ela falou. “Eles têm que ir para a cadeia.”

O Pai disse: “Não dá para depender da polícia”.

“É verdade”, falou Gordon, e todo mundo olhou para ele. Se tinha alguém que conhecia a polícia, esse alguém era Gordon.

“Em todo caso, eu sei quem foi”, disse o Pai. “Mas, ao que parece, não há evidências o suficiente.” Aí ele deu risada. “Querem que eu instale uma câmera de segurança.”

Tio Stan balançou a cabeça. “Onde esse mundo vai parar?”

“É a Tribulação!” Alf cerrou os punhos.

Elsie me abraçou. Ela disse: “Pelo menos vocês estão salvos”.

May balançou a cabeça. “Não posso nem pensar no que podia ter acontecido”.

“Você acha que tem alguma coisa a ver com a greve?”, Stan quis saber.

“Provavelmente.” O Pai fez que sim. “Não estou muito em alta nos últimos tempos.”

Saí para ir ao banheiro e me sentei na cabine. Lá dentro estava frio e silencioso. Encostei a cabeça na parede de gesso. Fiquei me perguntando o que aconteceria se eles soubessem que era eu quem tinha feito tudo aquilo.

A lei

Na noite de segunda-feira, um homem de terno e maleta de executivo bateu no portão. Fui contar para o Pai, porque achei que ele não tinha ouvido, e ele falou para deixar o homem entrar. Puxei a tranca, virei a chave e abri o portão. O homem ficou me olhando. Acho que ele esperava ver alguém um pouco mais alto. “Entre, por favor”, eu disse. O portão rangeu atrás do homem e ele deu um pulo.

O homem olhou para a árvore queimada e para as tábuas que tapavam a janela. Olhou para a porta malfeita, para a terra escura e para as garrafas quebradas.

Eu o levei até a cozinha. O Pai estava de pé na frente da estufa. O homem ajeitou a gravata e disse: “Creio que o senhor sabe por que estou aqui, senhor McPherson. O senhor recebeu uma carta na qual expressamos nossa inquietação quanto à existência de sua cerca e pedimos para que o senhor entrasse em contato assim que possível”.

O Pai disse: “Não vejo nada de errado com ela”.

O homem falou: “A carta explicou muito claramente o que há de errado: é uma monstruosidade. E é extremamente perigosa, também. As pessoas podem se machucar”.

“A ideia é essa”, disse o Pai.

O homem olhou firme para ele.

O Pai disse: “O senhor tem ideia do que nós estamos passando aqui?”.

“Isso não é problema meu, senhor McPherson. Resolva com a polícia.”

O Pai rebateu: “Eu já tentei resolver com a polícia. Fiquei dois meses tentando. Não me sobraram muitas opções”.

“Bom, eu só estou fazendo o meu trabalho.” O homem endireitou os ombros. “E creio que seus vizinhos querem a cerca fora daqui.” Ele pegou a maleta. “Vou voltar para a repartição para fazer um relatório”, falou. “Se eles considerarem a cerca inadequada, o senhor terá que derrubá-la; e, se isso não acontecer, iremos emitir uma intimação. Aí é o juiz que decide se ela fica de pé ou não.”

O Pai disse: “Acompanhe esse senhor até a porta, Judith”.

De repente o homem olhou ao redor. Segui seus olhos até o machado em cima da porta dos fundos. Ele olhou para o machado. Depois olhou para o Pai. Talvez fosse estranho ter um machado em cima da porta. Eu me perguntei se o Pai teria colocado o machado ali se tudo isso tivesse acontecido alguns meses antes; eu me perguntei se ele teria construído a cerca. Ou se apenas teria dito: “Judith, as provas são degraus que nos aproximam de Deus”.

O homem e eu voltamos pela sala, saímos pela porta da frente para o caminho do jardim. Destranquei o portão e fiquei vendo nosso visitante ir embora.

Quanto mais ele avançava, mais estranha eu me sentia: “Espere!”, eu gritei de repente e saí correndo.

Ele se virou.

“Por favor, deixe o Pai ficar com a cerca!”

“Creio que não será possível.” Ele começou a andar de novo.

“O senhor não pode abrir uma exceção?”, eu ofegava. “Na verdade, não é perigoso, porque ninguém sobe nela. Se derrubarem a cerca, não sei o que o Pai vai fazer!”

O homem disse: “Lamento, não vou mais discutir isso”. E começou a andar mais rápido.

“É muito melhor com a cerca! Ninguém fica batendo na nossa porta!”, falei. “E ninguém bota fogo! E ninguém estraga a cerejeira e nem enfia coisas pela caixa do correio. O senhor não pode deixar a cerca quieta?”

O homem falou: “Lamento”. Destravou o carro e se jogou sobre o banco. Bateu a porta, olhou por cima dos ombros e zarpou do meio-fio.

“Não é *justo*!”, gritei.

O carro desapareceu virando a esquina. O homem tinha se esquecido de colocar o cinto de segurança.

O sétimo milagre

Eu estava sentada na minha janela. “Ainda falta muito, Deus?”, quis saber. “Ainda falta muito para o Armagedom? Eu quero que ele chegue logo e que acabe com tudo.”

“Está perto”, Deus disse. “Mais perto do que você imagina.”

“Você sempre fala isso”, rebati. “Já faz muitos anos que eles estão falando isso.”

“Bom, dessa vez está perto mesmo”, Deus falou. “Se você pudesse dar uma olhada no calendário que tenho aqui, ia ver que já está dobrando a esquina.”

“Iminente?”, perguntei.

“Exato”, Deus respondeu.

“Mas ele está sempre iminente!” Puxei os joelhos para perto do peito. “Eu quero que aconteça agora mesmo, agora mesmo — hoje! Não quero mais acordar nesse mundo.”

“Bom, você vai precisar de um pouco mais de paciência”, falou Deus. “Mas eu não estou brincando: está perto mesmo.”

Respirei fundo. “E como vai ser, Deus?”, perguntei. “Quer dizer, depois?”

“Ah, vai ser uma beleza”, Deus falou. “Tudo o que você sempre imaginou.”

“Sem doença, fome nem morte?”

“É isso aí.”

“E Você vai enxugar as lágrimas dos rostos das pessoas?”

“Vou.”

“E o Pai e eu vamos ver a Mãe e todo mundo vai viver para sempre e vai ser como foi no início?”

“Vai.”

“E eu vou ter um cachorro e vai ter campos e árvores e um balão de ar quente?”

“Ah, sim, tudo isso aí”, Deus falou.

“E minha mãe vai gostar de mim?”

“Acho que sim.”

“Me diga quanto tempo ainda falta, Deus!”, falei. “Me dê uma dica, só umazinha.”

“Ninguém sabe o dia ou a hora”, disse Deus.

“Só Você.”

“É... mas varia. Eu realmente não posso dar uma resposta agora.”

“Bom, já estou preparada”, eu disse. “Para quando vier. Mal posso esperar.”

Estávamos sentados na cozinha naquela noite, lendo sobre o fim de Jerusalém e comendo peixe defumado com ervilhas, quando alguma coisa bateu na frente de casa. Os olhos do Pai pararam de se mover no meio da página. Ficaram onde estavam por um momento. Começaram a se mover de novo.

Um minuto depois, outra pancada, só que, dessa vez, soou como se alguém tivesse batido o carro na cerca. Ouvimos risadas altas, roucas e doentias. Algo passou pelo rosto do Pai e ele arrastou sua cadeira.

“Não saia lá fora!”, eu disse e levantei num pulo. Não sei por que estava com tanto medo.

Mas ele saiu. Fechou a porta de trás. Alguns segundos depois, ouvi o portão bater, gritos e o som de pés correndo.

Fiquei sentada no sofá por um tempo, depois comecei a

andar. Andava pela sala até a porta da frente. Andava para a sala do meio e voltava de novo. Andava escada acima e pelo patamar, dentro de cada quarto e escada abaixo.

Quando o relógio da sala soou nove horas, subi a escada e me deitei na cama do Pai, fiquei sentindo o cheiro dele. Eu me cobri com sua manta de pele de carneiro. Talvez devesse bater à porta da sra. Pew e contar a ela o que tinha acontecido. Talvez devesse telefonar para a polícia. Mas eu não queria me mexer. Fiquei vendo os minutos passarem nos números verdes esmaecidos do despertador do Pai e pensando em como ele devia olhar para esses números todo dia de manhã quando acordava no escuro. Pensei nele dormindo aqui, sua cabeça nesse travesseiro, onde eu podia sentir o cheiro de sua pele, encolhido, de lado, e senti uma pontada no estômago que não foi mais embora.

Quando o relógio da sala soou dez horas, desci e telefonei para o tio Stan. “Não sei onde o Pai está”, eu disse assim que ele atendeu.

“Quem está falando?”, quis saber a voz do tio Stan. Parecia sonolenta.

“Tio Stan?”

“Judith! É você?”

“Sou eu, sim”, falei e comecei a chorar.

“O que aconteceu? Cadê o seu pai?”

“Ele foi atrás dos garotos. Falou para eu não sair da casa. Não sei o que aconteceu com ele.”

“Quanto tempo faz?”

“Umas horas.”

“Tá. Tá bom. Agora, escute uma coisa — não saia daí”, falou o tio Stan. “Fique bem quietinha que eu já chego aí em dez minutos, combinado? Vou direto daqui e já vou chamar a polícia. Não se preocupe, coração, seu pai sabe se cuidar. Só espere um pouquinho que logo, logo estou aí.” Ouvi ele falar

alguma coisa para a Margaret. Depois ele me disse: “Certo?”.

“Certo.”

“Muito bem. Agora desligue o telefone, fofura. Já estou indo.”

Assim que desliguei o telefone, ele começou a tocar. “Judith.” Era o Pai.

“*Onde você está?*”, falei.

“Na delegacia.”

“Você está bem?”

“Sim, estou bem.”

Meus joelhos se dobraram e eu me sentei no chão.

O Pai disse: “Judith, me desculpe. Aconteceu um acidente. Só tenho que prestar um depoimento e depois já vou para casa”.

O Pai disse: “Judith? Você está aí?”.

“Tô.”

Enxuguei meu rosto. “Um acidente?”

Silêncio.

“Um carro atropelou Neil Lewis. Aconteceu quando estávamos descendo a colina.” A voz do Pai estava estranha. “Ele vai ficar bem.”

O telefone estava na minha mão. Minha mão estava no meu colo. Uma voz dizia ao longe: “Ele machucou as costas. Ele vai ficar bem”. E continuou falando. De repente, ouvi: “Judith?”.

Levantei o telefone. “Oi.”

“Olha, aguenta firme aí. Já estou voltando para casa, está bem?”

“Está bem.”

“Você está bem?”

“Tô.”

“Eu... eu lamento muito. Não devia ter saído.”

Escutei vozes ao fundo, um homem gritando e portas batendo. O Pai disse: “Tenho que ir agora. Vou para casa logo, logo”.

Quando ele desligou, telefonei de novo para o tio Stan, para dizer que ele não precisava vir, mas Margaret falou: “Ah, ele já

foi, Judith. Está a caminho. Você está dizendo que está tudo bem com o seu pai?”.

“É.”

“Bom, graças a Deus. Não se preocupe com o Stan. Você está bem?”

Tio Stan chegou um pouco depois. Escutei as batidas no portão e saí para abrir.

Stan disse: “Mas que diabos...?”.

“É uma cerca”, falei. “O Pai construiu por causa dos garotos.”

“Garotos?”

“É, os que ficavam batendo na nossa porta. contei para você. Lembra?” Tio Stan balançou a cabeça.

“Tio Stan”, eu disse. “O Pai acabou de ligar. Está tudo bem com ele.”

As sobrancelhas de Stan deram um pulo. “Ele está bem?”

“Está.”

“Graças a Deus! Cadê ele?”

“Na delegacia.”

“Delegacia?”

Fiz que sim.

“É”, respondi. “Desculpe.”

“Tudo bem, fofura, que bom que ele está bem.” Os olhos de Stan ficaram vidrados. Vi a calça de pijama embaixo do seu casaco.

Fomos para a cozinha. O cabelo do tio Stan estava todo espetado. Ele passou a mão na cara e disse: “Mas então, por que o seu pai está na delegacia?”.

Expliquei que o Pai tinha corrido atrás dos garotos. “Ele falou que um dos meninos foi atravessar a rua e acabou atropelado.”

“Minha nossa!”, disse tio Stan. “E esse é o garoto que estava criando confusão?”

“É.”

Eu me perguntei se ele se lembrava do que eu tinha

contado sobre castigar o Neil, mas ele não parecia se lembrar de nada, ainda bem. Tio Stan disse: “Faz quanto tempo que essa cerca está aí?”.

Fiquei pensando se contava ou não. “Quase três semanas.”

“*Três semanas?*”

Eu me arrependi.

“Seu pai não falou nada.”

Encolhi os ombros.

Tio Stan olhou ao redor, para o armário e a mesa, para o colchonete onde o Pai estava dormindo apoiado na parede. Aí ele pôs os olhos no machado em cima da porta. Ficou vermelho, piscando rápido, como se estivesse tentando entender alguma coisa. “Fora isso, o seu pai está bem?”, ele perguntou.

“Ele anda preocupado com o trabalho. E os meninos estão enchendo ele.”

Tio Stan concordou. “Terrível o que eles fizeram no jardim. Seu pai plantou aquelas coisas todas para a sua mãe. Aquela cerejeira ficava linda na primavera. E a janela, e a porta da frente...”

“E não é só isso”, falei. “Eles fizeram coisas fora da casa e enfiaram coisas pela caixa de correio e cercaram e ficaram chamando o Pai de nomes feios na rua. Escreveram umas coisas na cerca. E numa noite dessas eu saí e... ah, esquece.”

Tio Stan balançou a cabeça. “Satanás está nos testando, com certeza.”

“Achei que só Deus nos testava”, eu disse.

Ele riu um pouco. “Mas aquela cerca não pode ficar lá, pode? Seu pai vai deixar do jeito que está?”

“O Pai acha que está bom assim. É o homem do tribunal que acha que não.”

“Veio alguém aqui?”

“Veio.”

“Ah, minha nossa, minha nossa.” Tio Stan remexeu nos bolsos e pegou uma caixinha de antiácido. Eu ia oferecer uma xícara de chá quando ouvimos um carro parando na frente da

casa. Um minuto depois, ouvimos vozes vindo pelo caminho do jardim. Um homem dizia: “Eu sei, senhor McPherson, mas correr atrás deles desse jeito? O que o senhor ia fazer se pegasse um daqueles meninos?”.

A voz do Pai disse: “Não cheguei a pensar em tudo isso”.

Aí a porta dos fundos se abriu e o Pai entrou com dois policiais, um homem e uma mulher. Primeiro ele disse: “Judith” e depois falou: “Stan”.

Dei um pulo, mas logo me contive, porque tinha sangue na camisa dele e seu pulôver estava enrolado na mão.

Tio Stan falou: “John, o que está acontecendo?”, e pelo tom de voz me pareceu que ele estava bravo, o que era estranho porque até aquele momento não parecia que ele estivesse bravo.

O Pai chegou para mim e disse: “Está tudo bem. Eu carreguei o Neil até a ambulância. Ele vai ficar bem”. Não falou nada para o tio Stan.

Eu me sentei e fiquei olhando para as minhas mãos.

“Vamos deixar o senhor pensando um pouco na vida”, disse o policial. Ele olhou desconfiado para o tio Stan e depois se virou de novo para o Pai. “E fique à nossa disposição, senhor McPherson. Pode ser que precisemos de mais informações num futuro próximo.”

A policial falou: “E, a propósito, aquela cerca é um total risco à segurança pública”.

O Pai acompanhou os policiais até a saída. Quando voltou para a cozinha, jogou o pulôver na máquina de lavar. Tio Stan disse: “John, a gente tem que conversar”.

O Pai falou: “Eu sei que tudo isso parece estranho, mas, acredite, tem um outro lado da história”.

Tio Stan rebateu: “Que história? Você já viu aquela coisa lá fora...”, ele apontou para o jardim, “e aquela outra coisa...”, apontou para o machado, “e essa criança numa situação terrível — e, pelo amor de Deus, como aquele menino se machucou? O que está acontecendo, John? Por que a gente não ficou sabendo de nada disso?”.

O Pai disse: “Obrigado por ter vindo, Stan, mas não dá para falar mais nada agora. A gente vai ter que ter essa conversa numa outra hora”.

Olharam um para o outro. E, então, tio Stan de repente respirou fundo, pôs a mão na minha cabeça e falou: “Bom. Boa noite, coração. Está tudo bem agora”. Ele pegou a chave do carro e seguiu o Pai até a porta. Escutei Stan dizer pouco antes de sair: “A gente precisa conversar”, e o Pai responder: “Agora não”. Aí escutei o portão se fechar, em seguida a porta da frente, e então o Pai entrou de novo na cozinha.

Seus olhos estavam muito brilhantes e muito escuros. Ele puxou uma cadeira e se sentou na minha frente, pôs as mãos nos joelhos. Ele disse: “Estou vendo que você está chateada e eu sinto muito. Estava correndo atrás do Neil Lewis e dos outros meninos quando ele atravessou a rua correndo. Eu não fiz nada. A polícia sabe disso. Já estão cuidando do Neil. Ele vai ficar bem”.

Como continuei sem olhar para ele, o Pai suspirou e disse: “Lamento, Judith. Lamento muito. Eu não devia ter saído. Mas agora já foi”. Ele ergueu as mãos e depois as deixou cair sobre os joelhos. Aí se levantou. “Bom, acho que é hora de ir para a cama.”

Ele encheu uma garrafa de água quente, como costumava fazer quando eu era pequena, e disse: “Vamos lá”. Subiu a escada comigo, pôs a garrafa na minha cama e eu entrei. Então ele se sentou ao meu lado. Fiquei olhando para a janela, feliz porque estava escuro, assim o Pai não conseguia ver meus olhos.

Atrás do vidro da janela, milhões de estrelas, a luz escapava delas como se fossem furos em um tecido, uma coisa realmente maravilhosa. Eu queria falar, mas tive que esperar porque minha garganta estava muito apertada. Fiquei esperando. Quase desisti, mas, no fim, minha garganta me deixou dizer: “A gente vai ficar bem?”.

“Vai, sim”, o Pai disse, ele também esperou para falar. Me

ocorreu que ele não tinha falado: “É claro que a gente vai” ou “Mas que pergunta boba”.

Nenhum de nós disse mais nada por um tempo, minha garganta foi ficando mais apertada e meu maxilar começou a doer. “Você vai para a cadeia?”, perguntei.

“Não.”

Eu disse: “Fiquei preocupada com você”, e minha voz era só um sussurro.

O Pai baixou a cabeça. Ele disse: “Me desculpe, Judith. Eu não devia ter saído”.

Falei: “O que vai acontecer agora?”, e minha voz era só um arzinho.

“Nada. Não vai acontecer nada. O que aconteceu foi lamentável, mas agora já acabou.”

Ele ficou mais um pouco sentado comigo e depois disse: “Preciso acordar cedo para trabalhar amanhã. Você vai ficar bem?”.

Só fiz que sim, porque não conseguia mais falar.

Por um instante, achei que ele fosse me beijar, mas ele só puxou o cobertor até meu queixo e disse boa-noite.

O melhor dia da minha vida

Teve um dia em que achei que o Pai me amava. Nesse dia, ele e eu andamos de mãos dadas por dezessete quilômetros.

Nós estávamos pregando e era verão e a noite estava caindo. Era longe daqui, em um lugar chamado Silent Valley, onde não há muitas casas e nem muitas árvores. A gente quase nunca vai lá porque ali não moram muitas pessoas, então todas as casas podem ser visitadas em uma tarde, uma ou duas vezes por ano. O Silent Valley é cheio de campos. Eles descem até um rio. Nós fomos até lá e vimos andorinhas cavando buracos na beira das águas. Havia bastante grama onde passear, umas flores, algumas árvores. Era um daqueles dias em que tudo brilha.

Minha mão estava dentro da mão do Pai e a mão dele estava dentro do bolso da calça. A pele do Pai era surpreendente. Dava para sentir as veias nas costas da mão e os pelos nos nós dos dedos. Sentia os músculos da sua perna se movendo. Eu me lembro de pensar que deveria me lembrar daquele momento, o peso do sol e a sensação de sua mão. Havia uma quietude dentro de minha cabeça e entre nós, e pensei nas escrituras, na passagem que diz que os Homens Antigos caminhavam com Deus, e achei que a sensação devia ser igual a essa.

De vez em quando, os carros passavam na rua, e o rumor que faziam no ar, o jeito como o chão parecia molhado ao nosso redor, seu cheiro fresco de grama, os sons da terra respirando e das árvores e de todas as coisas verdes se mexendo, tudo isso me dava uma coisa no estômago.

Não sei como chegamos a nos dar as mãos, mas sei que, se eu tivesse dito qualquer coisa, ou se a gente tivesse encontrado alguém no caminho ou parado para atravessar a rua ou para tirar alguma coisa dos sapatos, soltaríamos as mãos.

Mariposas tomavam o ar quando chegamos em casa. Fizemos um lanche com os restos da geladeira e comemos sentados nos degraus da porta dos fundos, olhando para as estrelas que apareciam, uma a uma. Eu nunca tinha visto tanta estrela em uma noite só, elas riscavam o céu que nem um tipo de chuva. A rua estava tão tranquila que achei que todo mundo também devia estar vendo as estrelas, porque não tinha barulho de lata de lixo, nem de pratos de jantar, nem de gente gritando e nem de crianças berrando.

O Pai me disse que, sem as estrelas, nós não estaríamos aqui e que tudo no universo vinha delas. Ele me contou que toda estrela era um incêndio e que, mais cedo ou mais tarde, o fogo acabava e a estrela morria, mas, antes disso, o fogo fazia estrelas novas. Falou que elas se acabavam para fazer os buracos negros, onde a gravidade é tão forte que nada pode escapar de lá, nem mesmo a luz, então as estrelas eram as coisas mais brilhantes de todas e depois se tornavam as mais escuras de todas. Disse que todas aquelas estrelas estavam nascendo e morrendo o tempo todo.

Um fogo queimava em mim — e no Pai — e aquecia tudo à nossa volta. Nós viajávamos tão rápido quanto aquelas estrelas, embora estivéssemos sentados bem quietinhos. Eu estava segurando uma coisa enorme, e meu corpo era muito pequeno para tudo aquilo. Fazia tanta força para ficar de olhos abertos que eles até doíam. Estava tão quieta que meu peito foi ficando muito apertado para respirar.

Fiquei parada durante todo o tempo em que aquelas estrelas voavam, nós as vimos cruzarem os céus e, por fim, sumirem, e depois de um tempo consegui engolir, e depois consegui piscar, e depois consegui respirar.

O Pai e eu ficamos mais um pouco sentados nos degraus e depois entramos. E aquele dia foi o melhor dia da minha vida.

Escuro

Nunca gostei do escuro. Acho que, se a Mãe estivesse viva, ela ficaria sentada comigo, ou deixaria uma luz acesa, ou alguma outra coisa, mas o Pai não acredita nessas coisas, ele prefere o Senso Comum e a Economia de Eletricidade.

As pessoas dizem que têm medo do escuro, mas elas não têm medo do escuro em si, têm medo das coisas no escuro, como os monstros e os fantasmas, por exemplo. Mas eu tenho medo do escuro em si, porque no escuro não há Nada.

Na noite do acidente do Neil, depois que o Pai saiu do quarto, a escuridão me apertou. Ela encheu meu nariz, meus ouvidos e minha boca. Eu quase não conseguia respirar. Virava de um lado para outro na cama. Prometi para mim mesma que não iria falar com Deus. Tinha medo do que eu poderia dizer. Mas o escuro continuou me esmagando e, por fim, eu me sentei, afastei as cobertas e disse: “Eu desfiz!”.

Silêncio. Comecei a chorar. Então, Deus falou: “Você não pode desfazer as coisas. Já falei para você”.

“Por que Você deixou isso acontecer, Deus?”

Enxuguei o rosto. “Eu devia contar para o Pai que foi culpa minha”, falei. “Ele tem que saber.”

“Não”, Deus rebateu. “Ele vai odiar você ainda mais.

Acredite em Mim.”

Pensei um pouco. “Você nunca se cansa disso?”, perguntei, afinal.

“Do quê?”

“De estar sempre certo.”

“Uma coisa de que nunca me canso”, Deus falou, “é de estar sempre certo.”

O fim de Judith McPherson

Pouco antes do amanhecer, sonhei que estava na Terra Gloriosa. Estava escuro e eu fugia para salvar minha vida, escutava passos e, de quando em quando, um grito: “Por ali!”.

Não entendia como as pessoas sabiam por onde eu passava, porque não estava deixando nenhum rastro e nem fazendo qualquer barulho. Então vi uma trilha de pó brilhante reluzindo no escuro, e ele estava caindo do meu bolso, onde eu tinha guardado a pedra que o velho senhor tinha me oferecido, mas quando pus a mão no bolso, só senti um buraco, e, escorrendo pelo buraco, o pó cintilante.

Arranquei minha jaqueta e a joguei longe, corri ainda mais, mas a trilha continuava. Eu tropeçava e caía e me levantava de novo, e então corria a diferentes velocidades, muito rápido em um momento — e os campos e colinas ao meu redor pulavam para lá e para cá, do jeito que fazem quando você está na garupa de um cavalo ou em um filme bem antigo de banguê-banguê — e devagar no outro, como se tudo fluísse que nem mel ou melado, e era pior porque eu não conseguia mexer minhas pernas rápido o bastante.

Por mais que eu corresse, o pó continuava caindo, e pensei que a pedra devia ser enorme, maior que o universo, e eu não

tinha me dado conta. Eu corria e corria, tentando lembrar onde a terra cedia espaço às tábuas do assoalho, mas no lugar onde as dunas de areia deveriam ter acabado havia mais dunas e onde as colinas deveriam ter acabado havia mais colinas. A Terra Gloriosa continuava sempre, do jeito como eu tinha imaginado, só que agora eu queria que ela terminasse e que chegasse logo a porta, ou o aquecedor ou o fim do tapete.

Tive que parar um pouco para recuperar o fôlego e, quando me curvei, vi a razão por que o pó não parava de cair: eu estava cheia de pó, eu era feita de pó, e tinha buracos por todo o meu corpo. E, quando comecei a correr de novo, entendi que em breve não restaria mais nada de mim, a não ser limpadores de cachimbo, lã e um pouquinho de feltro.

Na calada da noite

“Neil Lewis sofreu um acidente e não vai aparecer na escola por um tempo.” A sra. Pierce estava em pé na frente de sua mesa.

“O que aconteceu, senhora? O que aconteceu?”

“Ele se envolveu em um acidente de carro. O senhor Williams disse que estão cuidando muito bem dele no hospital.”

“Quando foi que aconteceu?”, Gemma quis saber.

“Noite passada”, respondeu a sra. Pierce.

“Quando ele vai voltar?”, perguntou Luke.

“Ainda não sabemos direito”, a sra. Pierce falou. “Ainda bem que o Natal já está quase aí. Talvez ele fique bom antes de as aulas começarem de novo.”

Pelo resto do dia, tentei ver se a sra. Pierce estava olhando para mim. Acho que não, mas não consegui ter certeza.

Vi luzes de Natal em cada uma das árvores e nas janelas dos quartos da frente quando virei na nossa rua naquela tarde. As salas pareciam quentinhas. Eu me sentia mal e puxei meu cachecol mais para cima. Não sabia direito se era porque tinha chorado muito na noite anterior ou se era porque estava ficando doente.

“Como foi a escola?”, o Pai perguntou ao chegar em casa.

“Legal.”

“Ah.”

“É. A senhora Pierce falou que Neil sofreu um acidente de carro. Que ele não vai aparecer até o Natal.”

“Certo”, ele disse.

“Tudo bem no trabalho?”

“Completamente.”

Completamente é uma palavra que o Pai nunca usa.

Um pouco mais tarde, estávamos lendo a Bíblia quando ouvimos um estrondo na lixeira da ruela de trás. O Pai deu um pulo. Foi até a janela, olhou primeiro para a direita e depois para a esquerda. Voltou para a mesa, sorriu e disse: “Gato”. Virou a página depois desvirou. “Onde paramos?”

Olhei para ele. “Aqui.”

“Ah, sim, claro.”

Ele começou a ler. Mas antes que avançássemos dez versículos, ele parou no meio da frase, tirou os óculos e os deixou sobre a mesa. Ele disse: “Acho que vamos parar por aqui hoje”.

“Estamos no meio do capítulo.”

“E tem lugar melhor pra parar?”, ele falou. “Assim a gente fica ponderando sobre o que vai acontecer”, ele se levantou da mesa e não voltou mais.

Mais tarde naquela noite, acordei com umas vozes. No começo, achei que vinham da rua, mas depois percebi que estavam vindo do andar de baixo e fui rastejando até o patamar da escada.

Do meio da escada, vi a luz embaixo da porta da sala. Dava para ouvir a voz do tio Stan saindo lá de dentro. Ele estava falando: “Resolver as coisas com as próprias mãos desse jeito...”.

“O que você queria que eu fizesse?”, o Pai disse. “Se eu não tivesse escutado aquela janela quebrar, não sei o que teria

acontecido. Tinha gasolina — você sabia? Eu não sabia o que mais podia acontecer depois.”

“Entendo”, falou o tio Stan. “Mas...”

“Não, você não entende”, rebateu o Pai. “E não vai entender nada até passar por algo desse tipo. Sim, eu sei o que está escrito aí, mas é bem diferente quando chega nesse ponto, você pode citar o quanto quiser, eu não dou a mínima.”

“Um menino ficou seriamente machucado por causa dos seus atos”, disse a voz de Alf.

“Já expliquei tudo isso”, o Pai respondeu.

“E você não sente remorso nenhum?”, Alf quis saber.

“Aquele ‘menino’”, o Pai disse, “é um vândalo. Fez minha vida virar um inferno nos últimos meses e...”

“Perguntei se você não sente nenhum remorso”, retomou Alf.

Ficaram em silêncio por um minuto e eu pude escutar o relógio da sala, o vento nas calhas e minha própria cabeça. Então, a voz do Pai disse: “Sabe de uma coisa, Alf, não sinto, não”, e meu estômago deu um pulo e depois caiu e fechei os olhos.

Não escutei nenhum som depois disso, a não ser um sussurro de papel e o fogo crepitando, até que o tio Stan falou: “Sinto muito por ouvir uma coisa dessas, John”, e ele parecia sentir muito mesmo. “Só acho que você não está percebendo que suas reações têm sido muito extremas. Parece que você não anda pensando com muita clareza.”

Alf disse: “Acho que você devia ser marcado, John. Não sei, não, que tipo de exemplo você está dando?”.

“Por quê? Eu não deveria proteger minha família?”, falou o Pai. “Só fiz o que era natural.”

“Mas, se você tivesse fé, teria deixado tudo nas mãos de Deus”, Stan disse. “Ter fé significa não duvidar, não questionar, não perguntar por quê.”

Um minuto se passou até que alguém falasse de novo. Aí o Pai falou alguma coisa em uma voz tão baixa que não consegui

escutar e Stan rebateu: “Ah, John. Por que você foi falar nisso?”, e parecia que o Pai tinha ferido Stan com a frase.

O Pai disse: “Bom, ela tinha, não tinha? Ela não duvidava, ela não resmungava, ela não perguntava por quê!”.

Ficaram em silêncio mais uma vez e depois Alf falou: “Sarah tinha muita fé, John. Ninguém pode negar”. E fechei os olhos e encostei a cabeça no corrimão porque “Sarah” era o nome da Mãe.

“Muita fé...”, a voz do Pai se ergueu e aí parou de repente.

Silêncio. Depois tio Stan falou: “Você não está vendo que estamos só tentando ajudar, John, que queremos o melhor para você?”.

O Pai disse: “Sabe de uma coisa, Stan, agora, neste exato momento, não sei, não”. Uma onda de calor seguida por outra onda de frio me lavou. Eu precisava ir ao banheiro.

Mais um silêncio. Aí Alf disse: “Vamos rezar por você”.

Stan falou: “Você sabe como é o procedimento. Se não tivermos notícias suas em vinte dias...”, e o Pai interrompeu em voz baixa: “Sim, eu sei como é”.

E, então, a porta se abriu de repente e a luz se espalhou pela sala e eu quase caí tentando subir a escada a tempo. Eu me agachei e fiquei ouvindo os passos indo em direção à porta da frente. O Pai saiu com eles e escutei as trancas do portão deslizarem, depois o Pai as fechou de novo, entrou, trancou a porta da frente e foi para a cozinha.

Esperei mais de uma hora que o Pai subisse para dormir, mas ele não subiu, então eu descí até a metade da escada mais uma vez. A lâmpada do corredor já não estava acesa, mas tinha uma luz embaixo da porta da sala do meio. Fui descendo pelo lado de fora da escada, onde os degraus não faziam barulho, e, quando cheguei ao piso, saí andando pelos ladrilhos até me abaixar na frente da porta e espiar pelo buraco da fechadura. O Pai estava sentado na poltrona diante da lareira, segurando o retrato da Mãe. Ele olhava para o fogo, não fazia qualquer ruído, lágrimas escorrendo por suas bochechas. Deixando que as

lágrimas escorressem, sem enxugar o rosto.

O maior teste de todos

Minha mãe e o Pai prepararam um quarto para mim antes de eu nascer. A Mãe decorou o quarto, fez cortinas e uma luminária de balão de ar quente, e o Pai fez uma cama e um baú para mim. Queriam um bebê mais que tudo no mundo e, quando descobriram que a Mãe estava grávida, tudo pareceu perfeito. Mas as coisas não deram certo.

Quando a Mãe estava dando à luz, ela começou a sangrar. Os médicos disseram que ela tinha que receber uma transfusão de sangue, senão iria morrer, mas ela sabia que Deus não permite transfusões. Ela sabia que está escrito que não devemos receber sangue no nosso corpo, porque o sangue dá a vida e pertence a Deus. Os médicos não entendiam e não quiseram mais ajudar. Alguns ficaram muito bravos. “Salve o bebê”, ela disse. Um médico concordou; os outros foram embora.

O maior teste de fé é dar sua vida pela fé. A Mãe deu sua vida pela sua fé. Ela me viu e ficou feliz. Disse ao Pai que o veria no novo mundo. E morreu. Ela não estava com medo, porque Deus tinha prometido ressuscitá-la. O Pai não estava com medo porque ele também sabia o que Deus tinha prometido. Mas acho que ele estava bravo e sei muito bem que ficou triste.

Ele manteve a casa e o jardim do jeito que ela tinha deixado. Regou as rosas de natal, podou a cerejeira e as palmeiras. Espanou e lustrou as coisas dela e guardou-as em um lugar seguro. Mas parou de sorrir, parou de dar risada e parou de fazer planos.

Perguntei a Deus se a Mãe tinha morrido por minha culpa e Ele disse que sim. Mas eu já sabia disso. Sabia a cada vez que o Pai ficava bravo comigo. “O que eu posso fazer?”, perguntei a Deus.

“Nada. Já falei para você. Você pode fazer coisas, mas desfazer as coisas... é um negócio totalmente diferente.”

Vingança

Era o último dia de escola do ano. Tiramos nossos trabalhos das paredes, arrancamos as páginas em branco dos nossos cadernos e as pusemos em uma pilha, para que fossem usadas como papel de rascunho. Quando todo mundo saiu para cantar no coro naquela tarde, cruzei os braços, abaixei a cabeça e fechei os olhos. Pela primeira vez na vida, eu me senti melhor na escola do que em casa.

Um barulho me fez levantar a cabeça. A sra. Pierce estava fechando a porta. Ela disse: “Ninguém vai sentir minha falta por uns cinco minutos”. E se sentou ao meu lado.

“Judith, espero que você não se importe, mas eu gostaria de conversar um pouco com você antes do fim do dia e, se não for agora, provavelmente não terei outra chance. Você não fala muito, mas ando muito preocupada com você nos últimos tempos e queria ver se está tudo bem. O que o seu pai disse quando você pediu para ele vir falar comigo?”

Engoli em seco. “Falou que ia dar um pulo aqui”, eu disse, “mas não por agora, porque ele está muito ocupado.”

A sra. Pierce falou: “É uma pena. Queria muito que ele viesse”. Ela suspirou e disse: “Judith, tenho uma carta aqui. Gostaria que você a entregasse a seu pai. Diga a ele que é muito

importante que leia”. Ela me olhou. “Combinado?”

Mordi os lábios e fiz que sim.

Aí ela tirou um pedaço de papel do bolso e me ofereceu. Ela disse: “Judith, aqui está o meu número de telefone. Normalmente não faço isso, mas, se você precisar conversar com alguém no Natal, por favor, ligue para mim”.

“Obrigada”, falei.

“Na verdade”, ela continuou, “no que ano vem, independentemente de eu conseguir falar com seu pai ou não, vou arrumar ajuda para você. Acho que tem muita coisa se passando nessa sua cabecinha, e nós poderíamos ajudar muito, se soubéssemos com o que estamos lidando.”

“O que você quer dizer com isso?”, eu disse e fiquei com medo.

“Você não precisa se preocupar com nada”, ela falou, “é só ajuda de profissionais.”

Eu não sabia o que aquilo significava e nem queria saber.

Ela se levantou e disse: “Eles já devem estar terminando. É melhor eu voltar para lá”.

Olhei para o papel e de repente meus olhos se encheram e meu coração começou a bater muito rápido. “Senhora Pierce”, falei.

“Sim, Judith?”

“Tem uma coisa que eu preciso dizer, mas não sei se posso.”

“Pare!”, Deus disse. Mas eu já tinha começado.

A sra. Pierce voltou para o meu lado. “Pode falar, Judith. Estou ouvindo.”

Eu me senti tonta. “Se eu contasse que fiz uma coisa ruim...”

“Sim?”

“Se eu contasse que fiz uma coisa muito ruim... uma coisa imperdoável...”

“Judith...”

“Não!”, interrompi. “Se essa coisa fosse muito ruim

mesmo...”

A sra. Pierce pôs a mão no meu braço. Ela disse, bem suave: “Judith, não quero menosprezar o que você está me contando, mas tenho certeza de que você não é capaz de fazer nada muito ruim”.

“Eu sou!”, falei. “É muito pior do que você pode imaginar!”, e comecei a chorar.

Ela esperou, me entregou um lenço e depois disse: “E você não pode me contar?”.

Balancei a cabeça.

“Você falou com seu pai sobre isso?”

Balancei a cabeça. “Ele me avisou... ele me disse que ia dar problema, mas eu não acreditei nele...”

A sra. Pierce ficou vermelha. Ela balançou a cabeça e disse: “Judith, vou telefonar para o seu pai. Quanto antes eu conversar com ele, melhor”.

Quando ela falou isso, comecei a respirar bem rápido e ela pôs a mão no meu braço e disse: “Judith, por favor, tente não ficar preocupada. Tenho certeza de que, o que quer que você tenha feito, foi com a melhor das intenções, e seu pai vai entender. Eu preciso tentar conversar com ele, de verdade”.

Naquela tarde, a sra. Pierce leu para nós o último capítulo de *A menina e o porquinho*, em que Charlotte morre, mas fica feliz porque fez tudo o que podia para salvar Wilbur, e as pessoas acham que o que ela fez foi um milagre. É claro que o verdadeiro milagre é que era uma coisa muito difícil para Charlotte fazer porque ela estava morrendo, mas mesmo assim ela fez. Enquanto todos nós saíamos correndo, a sra. Pierce ficou em pé ao lado da mesa, falando: “Tenham um fim de ano maravilhoso! Não comam torta demais. Quero todos vocês em perfeitas condições no ano que vem”. Quando passei, ela disse: “Não se esqueça do que conversamos, Judith”. E eu fiz que sim.

Quando cheguei em casa, queimei a carta da sra. Pierce na

estufa e fiquei feliz por ter conseguido queimar antes de ler, porque só de pensar no Pai lendo a carta eu já morria de medo. Mas enfiei o número do telefone no meu diário. Depois subi a escada e deitei na cama, fiquei contando os dias que faltavam até voltar para a escola. Pensei em como aquilo era estranho, querer voltar. Aí fiquei com frio e me cobri.

Um pouco depois, parou um carro. Ouvi a porta bater, o portão se abrir e uma voz de homem falar: “Força aí”.

Eu me levantei e espiei pela janela, mas, quem quer que fosse agora já estava entrando, dei um pulo porque a porta bateu contra o batente. Alguém disse: “Deixa comigo”, e me pareceu que era Mike.

Corri pelo patamar para a escada. Parei na metade do caminho e meu coração também parou, porque *era* Mike, e ele estava com o braço em volta de alguém que parecia o Pai, mas não dava para ver direito porque a pessoa que parecia o Pai estava com o braço em volta dos ombros do Mike e parecia que seu rosto tinha sido apertado de lado e estava sangrando e seu olho estava inchado e retorcido como o de um feto.

Mike falou: “Opa!”, quando me viu. Depois, disse: “Está tudo bem, pequena. Seu pai só caiu de uma escada. Ele vai ficar legal. Agora corre pra pegar uns panos molhados, pode ser?”.

Devo ter continuado sem me mexer no meio da escada porque Mike insistiu: “Vai lá, garota esperta”. Mas eu ainda não conseguia sair do lugar, até que a pessoa que parecia o Pai disse: “Estou bem, Judith”, e a voz também soava um pouco como a do Pai, tirando o fato de que a boca daquela pessoa parecia cheia de alguma coisa.

Subi a escada e fui para o banheiro, comecei a molhar um pano na pia. No meio do processo, minhas pernas se dobraram e me sentei na borda da banheira, sabia que o Pai não tinha caído da escada, sabia que era alguma coisa a ver com o que havia acontecido com Neil e tive certeza absoluta de que alguém tinha feito aquilo com o Pai e de que essa pessoa era Doug Lewis.

Eu me levantei, fechei a torneira e fui com o pano para o andar de baixo. O Pai estava sentado à mesa, com uma bacia ao lado. Mike tocava seu olho com um algodão e a cabeça do Pai ia um pouco para trás toda vez que Mike chegava mais perto. Pus o pano sobre a mesa e Mike disse: “Garota esperta. Seu pai vai ficar chuchu beleza. Agora você pode fazer um chazinho pra gente?”.

Fui até a pia e escutei Mike dizer em voz baixa: “Você devia ter me deixado levar você para o hospital”. O Pai falou alguma coisa e cuspiu na bacia.

Levei duas xícaras de chá para a mesa, mas acho que Mike esqueceu o que tinha pedido. Terminou de fazer o curativo no olho do Pai e disse: “Levante a camisa”, e, quando o Pai fez o que ele mandava, eu vi sangue na sua barriga e uma marca vermelha que parecia a sola de uma bota.

O Pai pôs a mão em cima do olho e o tocou de leve. Tirou a mão e pôs de novo, como se tivesse esquecido o que tinha acabado de fazer um segundo antes. Quando Mike terminou de fazer os curativos, o Pai se deitou no sofá. Sua cara estava branca e seus braços e pernas estavam largados que nem os de um boneco de pano. Mike disse: “Vou voltar amanhã depois do trabalho com umas compras”. O Pai ergueu a mão, mas Mike cortou: “John, eu estou falando, não pedindo”, e o Pai deixou seu braço cair de novo. Mike disse: “Pelo menos dessa vez você vai ter que ceder e deixar alguém tomar conta das coisas”. Aí ele passou o braço pelos meus ombros e me apertou. Ele disse: “Fique de olho para ele não se meter em mais confusão, beleza?”.

Depois, falou com uma voz diferente: “Ele vai ficar bem, Judith. Seu pai é durão”. Mas o Pai não parecia durão. Ele parecia morto.

Nenhum som no quarto. Atrás da janela, a luz da rua se derramava sobre o jardim negro e a cerejeira destruída. Minha

mandíbula estava dura demais para falar. Eu disse na minha cabeça: “É por causa do Neil, não é? É por causa do que fiz acontecer com ele”.

“Olho por olho”, a voz disse. “Dente por dente. Vida por vida.”

Comecei a chorar. “Mas o Pai não está morto.” Comecei a tremer, meu corpo inteiro. “*Por que* Você não protegeu ele?”

Deus disse: “Meus caminhos são inescrutáveis”.

Falei: “É muito conveniente esse negócio de ser inescrutável, não é?”.

Fish'n'chips

Quando desci a escada na manhã seguinte, o Pai estava na frente da estufa. Naquele dia, ele só se levantou para jantar. Perguntei: “Não é melhor chamar a May ou a Elsie para ajudar?”, mas ele balançou a cabeça.

No dia seguinte, ele se sentou na frente da estufa de novo. Não tinha feito a barba nem trocado de roupa, e parecia que não tinha dormido direito porque seu olho — o olho que dava para ver — estava vermelho.

Eu não podia perguntar se ele não iria telefonar para o tio Stan sem que ele ficasse sabendo que eu tinha escutado a conversa, mas, quando ele tirou o telefone da tomada, senti um calafrio e falei: “E se a gente precisar ligar para alguém?”.

“A gente bota na tomada de novo.”

Fiquei feliz porque agora a sra. Pierce não conseguiria falar com ele, mas também me preocupava que o Pai não telefonasse para o tio Stan. “Mas ele vai ligar”, repetia comigo mesma. “Agora que Neil não está mais batendo na porta, ele vai se acalmar. Vai ligar para o tio Stan a qualquer momento”, e durante todo aquele dia não saí de perto do Pai, não queria que ele fizesse nenhuma chamada quando eu não estivesse por lá.

Pelos dias seguintes, o resto do corpo do Pai ficou com

manchas azuis, amarelas e verdes. Um médico veio examinar seu olho e disse que ele tinha sorte, que não iria perder o olho, mas que deveria ir para o hospital. Mike passava em casa todos os dias depois do trabalho e ficava um pouco com ele. Na quinta-feira, ele deixou um envelope sobre a mesa, o Pai viu e, quando Mike já estava saindo pela porta, ele me mandou correr e devolver o envelope, mas o Mike não quis pegar de volta.

Os dias ficavam longos demais sem escola. Eu escrevia no meu diário. Punha um pouco do adubo que a sra. Pew tinha me dado nas minhas sementes de mostarda. Não me atrevia nem a tocar na Terra Gloriosa. Certa manhã, eu estava tão aborrecida por não acontecer nada com a mostarda que desenterrei tudo, espalhei a terra em um prato e fiquei procurando as sementes. As que achei estavam exatamente iguais ao dia em que o Irmão tinha me dado.

Saí para fazer uma visitinha à sra. Pew. Ela me mostrou fotografias dela e do sr. Pew lado a lado e me ensinou a tocar o “bife” no piano, e eu segurei Oscar enrolado em um cobertor enquanto ela lhe dava comprimidos de vermífugo, mas, durante todo esse tempo, fiquei com dor de estômago, pensando no Pai e, embora estivesse feliz por estar fora de casa, fiquei mais feliz ao voltar.

Ele dormia ou só ficava sentado de olhos fechados diante do fogo, não dava para saber com certeza. Ele não falava: “Não bata a porta”, nem: “Você está brincando com a comida ou comendo?”, e não percebia quando eu falava alto, o que eu fazia de propósito mesmo, só para testar. Seus olhos passavam pelas coisas como se ele já não as reconhecesse. Ia para a cama às oito horas. Quando eu descia de manhã, ele ainda estava dormindo. Tudo o que ele fazia era se levantar para fazer chá e ficar olhando para a estufa de boca aberta, para a sua tampa preta, seu buraco preto coberto de crostas de carvão e de outras coisas pretas, como se ali estivesse algum grande segredo.

Nós comíamos batatas com bacon ou salsichas todas as noites, eu cozinhava porque o Pai falava que eu podia muito

bem cozinhar, não deu muito certo uma vez, mas ele nem notou. Já não havia mais rezas, nem leituras da Bíblia, nem ponderações, mas eu ponderava muito por nós dois. No domingo, o Pai tirou o tapa-olho e começou a ler o jornal, então, depois do jantar, recolhi os pratos e trouxe as Bíblias. Eu disse: “A gente andou esquecendo”.

O Pai olhou para a Bíblia por uns instantes e depois puxou ar pelo nariz, como se estivesse fazendo uma caminhada. Ele disse em voz baixa: “Não vou conseguir fazer isso agora, Judith”.

Senti uma onda de calor, parecia que eu estava caindo. “Mas é importante!”, falei. “Hoje é domingo e a gente nem foi ao encontro! Faz milênios que a gente não faz o estudo!”

O Pai ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça. “Só não consigo pensar nisso agora, Judith.”

Fiquei horrorizada com a frase dele. Eu disse: “Mas do que você está *falando*?”.

“Eu só preciso... de um pouco de espaço.”

“*Espaço?*”

Ele suspirou. “Às vezes as coisas são muito complicadas para uma criança entender.”

“Eu consigo entender”, rebati. “Me diga!”

Mas ele se levantou e se sentou de costas para mim.

“Bom, eu vou ler”, falei. “Vou ler para nós dois.”

O Pai falou bem alto: “Não preciso que ninguém leia para mim!”. Por um momento, achei que ele iria ficar bravo, mas essa expressão saiu de seu rosto tão rápido quanto tinha chegado, e ele disse: “Só preciso de um pouco de paz”.

Eu li mesmo assim, e a passagem era sobre os Nefilins, sobre o dilúvio e sobre Deus destruindo tudo. Como fazia muito tempo que não líamos e eu tinha me esquecido de onde estávamos, comecei a ler a página em que a Bíblia se abriu, que por acaso era no Gênesis, embora o dilúvio não fosse um tema muito bom, e me arrependi de ter começado a ler do meio do capítulo. Fiquei feliz — e espantada — quando o Pai me interrompeu para dizer: “Que tal *fish’n’chips*?”.

“O quê?”

“Eu falei, você não quer *fish’n’chips*?”

Fiquei me perguntando se não era algum tipo de teste, mas ele continuava me olhando e não parecia que estava querendo armar uma arapuca para mim, ele só estava com uma cara inacreditavelmente cansada.

“Quero”, falei, por fim.

Vestimos os casacos e fomos descendo a colina debaixo de chuva até o Corrini’s. Era a primeira vez em que o Pai saía de casa, ficava puxando a gola para cima e tremendo.

O Pai piscava forte sob as luzes do Corrini’s e as pessoas ficavam olhando para ele. Falou: “Bacalhau com batata frita, por favor”, e a mulher meteu a mão na vasilha de metal, encheu o cone, embrulhou e disse: “Três libras”. Ela teve que esperar para usar o caixa e, enquanto esperou, o homem que estava usando levantou os olhos para o Pai e abaixou de novo.

O Pai comprou quatro latas de cerveja na venda e fomos para casa. Levei as batatinhas com peixe frito nos braços, era quase impossível aguentar o barulhinho, o cheiro e o peso dos pacotes. Quando entramos, comi tão rápido que meu estômago deu um nó e tive que esperar para comer mais. As batatas estavam fofas e molhadinhas e o peixe se despedaçava em flocos suculentos. A massa se rachava e depois escorria. Era tão delicioso que meus olhos se encheram de lágrimas.

O Pai não me falou para ir devagar, nem para pegar um prato e nem para usar garfo e faca. Eu já estava na metade quando percebi que ele não estava comendo. Falei: “Você não quer?”.

“Não, é para você”, ele respondeu.

De repente, perdi a vontade de comer. “Dá uma olhada nisso”, eu disse, coloquei duas batatinhas embaixo do meu lábio superior e fiz uma cara esquisita. Ele deu um gole na latinha e sorriu, depois voltou a olhar para a estufa. Fiquei desejando que ele me mandasse parar de brincar com a comida.

Afastei as batatinhas e olhei para o jornal que embalava as

batatas. Eu disse: “Você está bem?”.

“Por que não estaria?”

Havia um monte de razões para ele não estar bem, mas não parecia ser possível falar sobre nenhuma delas. “Não sei”, respondi. Olhei para o relógio. Passava das dez. Ele não tinha nem percebido que já era hora de ir para a cama.

“Nossa, olha só que horas são!”, eu disse.

“Ah, é mesmo.”

Eu me levantei. “Obrigada pelo *fish’n’chips*.”

Ele continuava sem olhar para mim. “De nada.”

Falei: “É melhor eu ir para a cama, né?”.

“Boa ideia.”

“Então, boa noite.”

“Boa noite.”

Fui até a porta, mas, antes de sair, sorri e me virei. “Você está bem mesmo, não está?”

Alguma coisa tremulou em seu rosto. Ele disse: “É claro que eu estou bem!”, e quase ficou parecendo com ele mesmo de novo.

“Ah, tá bom”, falei e me senti melhor do que tinha me sentido durante todo o dia.

Visitas

Dois dias antes do Natal, Elsie e May vieram e bateram na cerca. Eu não teria escutado se não estivesse no jardim, mas estava sol e eu não queria ficar dentro de casa.

“Ooooieeee!”, May chamou.

“Oláááá!”, chamou Elsie.

“Ei!”, eu disse.

“*Judith!*”, elas gritaram. “Você está bem, minha querida?” Pareciam um pouco inseguras: eu não lembrava que elas não tinham visto a cerca.

“Estou, sim!”, respondi. “Esperem aí, vou pegar a chave.”

“Estamos com saudade!”, disse Elsie.

“Esperem aí!”, falei. “Volto num minuto.”

“Posso pegar a chave?”, perguntei ao Pai quando entrei na cozinha. “Elsie e May estão lá fora.”

“Ah.” O Pai levou as mãos aos olhos. Depois balançou a cabeça e disse: “Não tenho condições de cuidar disso agora”.

Olhei firme para ele. “É a Elsie e a May.”

“Eu sei quem é e falei que não tenho condições de cuidar disso agora. Fale para elas que eu não estou bem, só isso.”

Olhei para ele. “Mas você...”, eu disse de repente. Uma luz branca e morna se acendeu na minha cabeça. “Você *está* bem.”

O Pai disse em voz baixa: “Não vou ficar aqui discutindo com você: fale para elas que agradeço a gentileza, mas não quero ver ninguém no momento”.

Eu estava respirando rápido. “Mas faz uma década que a gente não vê ninguém!”, falei. Minha voz tremia e estava ficando alta demais. “E se eu quiser ver as duas? *Eu moro aqui também!*”

O Pai deu um pulo na cadeira. “Eu não quero ver ninguém no momento, Judith, está bem? *Eu não quero ver ninguém!*”

Fiquei parada por uns instantes, depois saí correndo. No corredor, recuperei o fôlego e enxuguei o rosto. Abri a porta da frente, fui até a cerca, chamei May e Elsie, disse que o Pai não estava se sentindo muito bem.

“Ah, coitado... Mas você está bem, coração?”, elas murmuraram ao mesmo tempo.

“Estou, sim.” Encostei a cabeça na cerca.

“Ah, bom...”

Ficamos em silêncio por um minuto ou dois. “A gente pode fazer alguma coisa por você?”

“Não. Obrigada.” Fechei os olhos.

“Bom, então tá... a gente já vai — mas a gente se vê logo, logo, no encontro.”

“É.”

“Dê um abraço no seu pai por nós.”

“Diga que vamos pensar nele.”

“Tchau, queridinha.”

Ouvi as duas descerem a rua, escorreguei pela cerca e me sentei no chão.

Não falei mais com o Pai pelo resto do dia, mas ele nem percebeu porque também não andava falando muito. Mais tarde naquela noite, ele veio ao meu quarto e se sentou na cama. Não parecia se importar se eu estava dormindo ou não, mas fingi que estava; ele cheirava a cerveja e eu fiquei com medo.

“No fim, iremos vencer”, falou. “Eles acham que acabaram com a gente, mas não acabaram!” Passou a mão na minha cabeça, sua mão estava fria e pesada, foi como receber o toque de uma coisa morta. Senti a beira da cama balançar e aí ele soltou um pum.

Ele disse: “Mas o que eu...”

Aí ele fez um barulho que me pareceu um “Gah!” e pôs as mãos na cabeça e começou a esfregar o cabelo e a resmungar. Depois começou a rir, e enquanto dava risada não parava de esfregar a cabeça.

Depois que ele foi embora, não me mexi por um bom tempo. Não queria respirar, mas não tinha como. Devo ter pensado que, assim que o corpo do Pai começasse a melhorar, ele voltaria a ser ele mesmo, mas não estava funcionando, então tinha mais alguma coisa errada, e eu não queria nem pensar no que era. Pela primeira vez, pensei que o Pai tinha Depressão. A Depressão era um pecado porque significava que a pessoa tinha perdido as esperanças em Deus.

E concluí que bater nas portas, quebrar janelas, enfiar cabeças na privada, tocar fogo nas coisas e até ser atropelado não chegavam nem perto disto, porque, o que quer que isso fosse, não podia ser visto, não podia ser tocado e não podia ser corrigido. Não podia ser consertado como uma porta, ou um olho, ou um dente, ou uma casa.

Natal

No dia seguinte, recebemos um cartão de Natal da tia Jo. Ela mesma tinha feito o cartão, como de costume, e colado uma foto na parte da frente. Na foto, ela estava de cabelo bem curtinho, usava um enorme par de brincos de clave musical e sorria com um chapéu de festa na cabeça. Estava de braços dados com duas outras mulheres e parecia que a foto tinha sido tirada no jardim dos fundos de alguém, à noite. Ela estava com uma cara de quem tinha tomado sol.

O cartão dizia: “Feliz Natal. Penso muito em vocês dois. Adoraria ver vocês. Venham nos visitar. Com amor, Jo”. Logo abaixo, uma longa linha de beijos. Cheirei o cartão, mas ele não tinha cheiro de nada. Mas pensei em como os dedos da tia Jo tinham passado por ali. Imaginei a tia Jo sorrindo para mim, do jeito que ela estava sorrindo na foto. Perguntei ao Pai se eu podia ficar com o cartão e ele disse que podia, então preguei o cartão na parede acima da minha cama. Ele fazia o quarto inteiro parecer diferente, como se tivesse aberto uma janela e o ar fresco viesse entrando.

No sábado depois do Natal, tio Stan veio ver o Pai. Chegou logo depois do jantar. O Pai ofereceu a ele uma xícara de chá, mas o tio Stan não quis. Foram para a sala da frente e fecharam

a porta. Eu não conseguia escutar nada, então fui para o meu quarto, me sentei no chão e peguei meu diário, mas fiquei só olhando para a página.

Ouvi a porta lá embaixo. Tio Stan falou: “O anúncio será feito amanhã”, e o Pai disse: “Obrigado”.

Uma meia hora depois, o Pai bateu à minha porta. Tomei um susto, guardei o diário embaixo da tábua e disse: “Pode entrar!”.

Ele se empoleirou no braço da cadeira ao lado da minha escrivaninha e falou: “Judith, preciso contar uma coisa para você. Me desculpe, mas é isso mesmo. Tio Stan acabou de sair daqui, tivemos uma longa conversa: no encontro de amanhã será anunciado que eu vou ser Removido. Quero que você saiba que estou de acordo com isso”.

“Ah”, eu disse. Não levantei os olhos.

“Eu sei que vai ser um choque para você, mas é a única coisa que posso fazer de plena consciência neste momento. O que quero dizer é: isso não significa que você tem que parar de ir aos encontros; ficarei mais que feliz em levar e buscar você. Quero que você faça o que bem entender.”

Não sei por quanto tempo ele continuou falando. Ouvi o Pai dizer: “Judith?”.

Engoli em seco. “Tudo isso é por causa da perseguição aos meninos?”, perguntei. Mas, na verdade, agora o porquê não fazia muita diferença.

“Por causa disso — e de mais umas coisas”, respondeu o Pai. Ele suspirou. “Acho que já faz um bom tempo que venho fazendo as coisas do meu próprio jeito.”

Eu estava me sentindo quente e achei que ia desmaiar. “Mas você ainda acredita em Deus, não acredita?”

O Pai deu uma risadinha bem pequena. “Não sei mais no que acredito.” Ele se levantou. “Mas, se você quiser ir amanhã, levo você.”

Balancei a cabeça.

“Você não quer ir?”

Balancei a cabeça.

“Está bem.” Ele saiu em direção à porta. Parou e disse: “Ah”. Remexeu nos bolsos. “Stan pediu para entregar isso aqui.” Abri o pedaço de papel. Nele estava escrito:

*D. S. Michaels
The Old Fire Station
Milton Keynes
MK2 3PB*

Caro Irmão Michaels,

Aqui é Judith McPherson, a menina com quem você conversou depois da sua fala sobre a semente de mostarda. Você me deu algumas sementes, lembra? Espero que você esteja bem.

Estou escrevendo para agradecer por você ter vindo até a nossa congregação. Sua fala mudou minha vida. Quando cheguei em casa, fiz um milagre acontecer, e muitos outros depois, mas o primeiro foi naquela noite, depois que você nos falou sobre fé. Eu fiz nevar colocando neve na minha maquete de mundo. Há um mundo no meu quarto, feito de sucata. Fiz neve nesse mundo e aí nevou de verdade, você se lembra?

Depois disso fiz nevar de novo e aí fiz parar de nevar. Depois trouxe de volta o gato da nossa vizinha e depois castiguei um menino da escola. Mas agora ele está batendo na porta da nossa casa o tempo todo e ontem o pai dele ameaçou o Pai na Cooperativa e o chamou de “fura-greve”.

A polícia não está ajudando muito. Ninguém acredita que eu fiz milagre algum. O negócio é o seguinte: tento fazer mais milagres agora ou não? Ter poder não é tão fácil quanto parece.

Você disse que tudo o que precisávamos fazer era dar o primeiro passo, mas agora parece que não posso mais voltar para o início. Acho que teria sido melhor para mim se eu nunca tivesse descoberto meu poder. Agora estou confusa sobre um monte de coisas e o Pai também está.

Irmão Michaels, aconteceu uma coisa terrível. Eu fiz os meninos virem até a nossa casa e o Pai começou a ter problemas com os mais

velhos porque ficou com raiva. Eu deveria ter imaginado que ele ficaria, mas não imaginei, e, como Deus diz, fazer coisas é fácil, difícil é desfazer. O Pai não é mais ele mesmo. Acho que ele pode estar com Depressão.

Irmão Michaels, amanhã o Pai será Removido da congregação.

Eu sei que o Pai vai voltar a andar na linha, mas tenho certeza de que ajudaria muito se você viesse conversar com ele. Você também poderia rezar por nós. Você se importaria em rezar agora mesmo? Porque o Fim já está bem perto.

Já faz um bom tempo que não venho me sentindo eu mesma e acho que estou ficando doente. Espero que não seja a Depressão, pois ouvi dizer que ela é contagiosa. Irmão Michaels, quando você passou pelas portas do salão naquela manhã, achei que você era um anjo ou alguma coisa do tipo, e foi por isso que ninguém conseguiu escutar de onde você vinha. Tenho certeza de que, se tem alguém que pode nos ajudar, esse alguém é você.

Falando nisso, as sementes de mostarda não cresceram nem um pouco. Se você pudesse me dizer onde posso conseguir mais algumas, ficaria muito agradecida. Espero que você não tenha conseguido as sementes nas terras da Bíblia, porque, se foi assim, vai demorar muito para conseguir mais.

Sua Irmã,

Judith McPherson

O último dia do ano

Era o último dia do ano. Era um domingo, mas muito diferente de qualquer outro domingo que eu já tinha visto. Não tinha cordeiro, e não tinha ervas amargas, e não tinha encontro nem pregação. A casa estava tão fria que as coisas pareciam molhadas e ficou escuro logo depois do almoço. Fiquei sentada diante da janela da cozinha pensando que antes eu odiava os domingos, mas que este era mil vezes pior. A única coisa boa era que eu não tinha que usar o poncho da Josie, mas, quanto mais pensava, até mesmo isso me parecia ruim agora.

“O que eu posso fazer para ajudar o Pai?”, perguntei a Deus.

“Ele perdeu a fé”, Deus falou. “Não há nada que você possa fazer.”

“Ele não perdeu a fé”, rebati. “Ele só está confuso.” Mas olhei para o Pai, para seu pescoço caído, suas mãos espalmadas sobre o braço da cadeira, a caneca de chá esfriando, o colchão no chão, as cortinas meio fechadas e não tive muita certeza.

Subi para o meu quarto e me sentei diante da janela, encolhi as pernas e fiquei vendo o céu mudar do azul para o preto, pensando em como, não muito tempo antes, eu o tinha visto ficar branco e cheio de neve. As ruas e sarjetas brilhavam uma luz amarela. Tinha uma música vindo de algum lugar e, de

vez em quando, eu via pessoas passando, algumas de mãos dadas, outras rindo, algumas outras balançavam e cantavam. Depois de um tempo, soltaram fogos de artifício e, nas explosões de luz, dava para ver por quilômetros e quilômetros. Os fogos de artifício ficavam parados por um segundo antes de cair. Eu tentava abrir e fechar os olhos para ver somente o raio de luz, mas nunca dava certo.

À meia-noite, as pessoas começaram a cantar em algum lugar, aquela música sobre dinheiro no bolso e saúde para dar e vender que sempre cantam no fim do ano, e então não consegui mais ficar sentada ali e me levantei.

“Eu escolhi a pedra”, falei bem alto. Respirei fundo. “Escolhi ser poderosa.” Engoli em seco. “Se eu pensar bastante por um bom tempo, vou ser capaz de pensar em alguma coisa que vai melhorar tudo. Mas não estou fazendo nada porque sempre dá errado.” Mas eu não conseguia pensar em nada para fazer. Apertei bem forte a cabeça com as minhas mãos e revirei os olhos. Mas não consegui pensar em absolutamente nada.

Eu disse: “Volte para o começo”, e fiquei me perguntando quando as coisas tinham começado a ficar ruins e concluí que, na verdade, havia sido mais ou menos no início da greve.

Eu tinha feito uma fábrica na Terra Gloriosa muito tempo atrás. Não era o tipo de coisa que costumava fazer, mas eu tinha visto as chaminés no centro da cidade e pensado em como elas pareciam rolos de papel higiênico, então fiz as chaminés e botei a escadinha de um carro de bombeiros de brinquedo subindo em um dos lados. Fiz a fábrica com uma caixa de sapatos, as chaminés de argila, janelas de papel-celofane e canudinhos no lugar dos canos. Tinha uma escada de incêndio de Lego e um estacionamento com alambrado feito da rede onde vem embaladas as laranjas. Fui até a fábrica agora, fiquei virando a caixa nas mãos. As chaminés balançaram, mas não ouvi nenhum barulho porque não tinha nada dentro. Eu havia tirado as pessoas porque precisava delas para fazer outras coisas. Aí me perguntei o que aconteceria se eu enchesse a fábrica, se fizesse

um interior.

“Pode ser que funcione”, pensei — e era um pensamento tão gigantesco que não me atrevi a falar em voz alta.

E, então, eu disse: “Mas eu falei que não ia fazer mais nada”.

E, *então*, eu disse: “Mas o que poderia acontecer de ruim?”. Não era como fazer uma pessoa. A situação na fábrica não podia ficar pior. Mas pensei que poderia estar me enganando. Fiquei dando voltas no quarto, pensando que talvez sim, que talvez não, e tentando pensar no que mais eu poderia fazer, mas não consegui pensar em mais nada.

Fiquei muito empolgada e depois senti muito medo e aí fiquei cansada de ficar empolgada e de sentir medo e só quis que tudo acabasse logo. “Deus”, eu disse, “é possível?”

“Tudo é possível quase o tempo todo”, Deus falou.

“Mas será que consigo fazer as coisas melhorarem de verdade?”

“Sim”, Deus respondeu, “você consegue.”

“Está bem”, falei. E, pela última vez, fui até o baú e ergui a tampa.

Eu nunca tinha visto o interior da fábrica, então logo entendi que essa seria a coisa mais difícil que já tinha feito. Tudo o que eu podia fazer era imaginar como as coisas eram e torcer para dar certo.

Trabalhei a noite inteira, até ver a luz saindo de trás da montanha. Nunca tinha me sentido tão cansada e oca, que nem um bambu, apaguei a luz e fui para a cama. “Por favor, Deus”, eu disse, “faça isso dar certo.”

O campo de novo

E, quando dormi, tive meu sonho favorito, aquele com as duas primeiras pessoas que fiz, a boneca de pano com as flores e o boneco de limpador de cachimbo com pulôver verde, que eram eu e o Pai.

O Pai estava segurando minha mão e nós caminhávamos por um campo, deixando uma trilha na grama. Às vezes íamos para a direita e às vezes para a esquerda. Às vezes eu ia na frente, outras vezes, o Pai. Eu estava perguntando sobre a Terra Gloriosa, sobre como seria lá, e ele disse: “Nós já estamos aqui, Judith. Você não precisa mais perguntar”, e olhei ao redor e vi que ele estava certo. Pela primeira vez, não era o mundo de mentira, era de verdade, com grama de verdade e céu de verdade e árvores de verdade, e então abaixei a cabeça e vi que não éramos bonecos, éramos nós mesmos, e era maravilhoso.

O sol ficou cor-de-rosa nas nossas bochechas e nossas sombras foram crescendo. Eu falava e o Pai ouvia, olhava para mim, e isso também era maravilhoso. Mas, depois de um tempo, ele começou a falar antes que eu tivesse terminado e suas respostas não faziam sentido, e, afinal de contas, percebi que ele não estava falando comigo. Aí olhei mais de perto e vi que não era eu, fiquei me perguntando quem eu era e onde eu

estava, se não estava ali mesmo, porque eu ainda podia ver e ouvir tudo perfeitamente.

Fiquei vendo as duas pessoinhas caminhando pela grama alta. Elas foram ficando cada vez menores, depois deram as mãos e começaram a correr. Chamei pelos dois bonecos, mas não me ouviram. Eu era grande e eles eram pequenos, fugiam correndo de mim. Mais que tudo no mundo eu queria ser pequena, mas vi que não era e que nunca seria.

Eles correram até o rio, onde o sol se punha e as andorinhas cavavam, e ali, entre a água e a luz fraca, eu os perdi.

LIVRO V
O FIM DO MUNDO

O penúltimo milagre

No dia 8 de janeiro, o Pai subiu a escada até meu quarto. Estava com uma cara diferente, então logo entendi que tinha acontecido alguma coisa. Ele disse: “A greve acabou. Mike acabou de ligar”.

Fiquei tão abismada que não consegui pensar em nada para dizer. Ele foi embora de novo e continuei olhando para o lugar de onde ele tinha aparecido. Aí ergui a tábua solta e peguei meu diário.

Escrevi: “O último milagre aconteceu”. Depois escrevi: “E AQUI ACABAM OS MILAGRES”.

As aulas começaram. A fábrica abriu. Quando desci para o café da manhã na primeira segunda-feira, o Pai estava fritando salsichas.

“Salsichas!”, falei.

Ele disse: “Estou comemorando o retorno ao galpão”.

Arrumei dois lugares na mesa. Um solzinho ralo entrava pela janela da cozinha e caía em nossas mãos. O Pai comeu três salsichas e eu comi duas.

Na sala de aula, a sra. Pierce estava colocando flores belas da neve em um vaso. Ela disse: “Judith! Tudo bem com você?”.

“Tudo bem, senhora Pierce.”

Ela falou: “Você parece melhor mesmo!”.

“Estou melhor, sim”, respondi. “Suas férias foram boas?”

“Ótimas. E a greve acabou! Seu pai deve estar muito aliviado. Acho que todo mundo está. A cidade ficou bem diferente durante a greve.”

Não dissemos nada por um minuto e podíamos ouvir os pingos de água no balde. A sra. Pierce deu risada. “Mas se a gente pudesse dar um jeito nesse teto, hein?”

Foi aí que falei: “A senhora sabe se o Neil vai voltar?”.

“Vai, sim”, a sra. Pierce respondeu. “Ele está bem melhor.”

“Ah, que bom”, rebati.

Um pouco depois, todo mundo entrou na sala. Meu estômago se revirou quando vi Neil. Ele estava de muletas. Parecia muito pálido, ainda mais branco que o normal, e tomava cuidado para olhar onde pôr os pés, então não consegui ver seu rosto. E, então, consegui. Uma cicatriz saía de seu olho e desenhava uma longa linha.

Ele me viu olhando, mas sua expressão estava bem diferente do que era. Estava vazia; não triste; vazia. Não dava nem para saber se ele tinha me reconhecido. Era como se ele estivesse olhando através de mim.

A sra. Pierce disse: “Classe oito, tenho algumas notícias para vocês. O senhor Davies nos escreveu para saber se estamos todos nos comportando direitinho. A filha dele acabou de ter um nenê e ele está ajudando”.

Gemma perguntou: “Ele vai voltar?”, e a sra. Pierce respondeu: “Não, ele decidiu se aposentar mais cedo”. E fiquei muito feliz, porque isso significava que a sra. Pierce ficaria para sempre.

Quando cheguei em casa naquela tarde, estendi uma toalha

e pus uma garrafa no centro da mesa. Saí para o jardim. Estava escuro e garoando, o ar cortava. Pelos galhos nus da cerejeira dava para ver a montanha e um restinho de luz brilhando que nem cinzas. Colhi algumas bolas da neve, como a sra. Pierce tinha feito, voltei para dentro e coloquei-as na garrafa sobre a mesa.

A luz não queria ir embora naquela tarde. Dava para ouvir as criancinhas andando de bicicleta na ruela de trás, como se já fosse primavera. Quando o Pai chegou, ele estava branco, mas sorriu, um sorriso adequado. Perguntei como tinha ido no trabalho e ele falou que tudo tinha ido bem. Disse que estava feliz porque nunca mais iria entrar naquele ônibus.

Enquanto estávamos comendo o lanche, falei: “Doug Lewis estava lá?”.

O Pai disse: “Não, não estava. Não sei onde ele está”.

Não falamos nada por um tempo. Aí, perguntei: “As batatas estão boas?”.

“Perfeitas”, ele disse.

Depois do lanche, o Pai falou: “Olha só”. Ele tirou um folheto do bolso. Era vermelho e azul, tinha uma foto de um balão e dizia: *O Passeio da Sua Vida! Veja o mundo como você nunca viu!* Ele perguntou: “Você quer ir?”.

“Quero!”

“Tá certo”, ele disse. “Então é isso aí.”

Ele acendeu a lareira na sala da frente e eu fiquei sentada a seus pés enquanto ele tomava cerveja e as chamas reluziam sobre todas as coisas. Pensei que fazia muito tempo que as coisas não ficavam tão bem — o Pai nunca tinha me convidado para dar um passeio de balão e, se ele voltasse a frequentar os encontros, as coisas ficariam perfeitas.

As coisas continuaram boas: na noite seguinte, fiz macarrão com queijo e, apesar de ter sido de caixinha, o Pai gostou e, depois, acendeu a lareira da sala da frente de novo. O dia

seguinte foi ensolarado. Gemma, Rhian e Keri estavam pulando corda no parquinho e, quando Neil chegou perto, Gemma fingiu que não o viu, mas me deixaram pular um pouquinho de corda.

E, naquela tarde, o Pai e eu demos uma volta no jardim e o Pai disse que logo, logo ficaria mais bonito, a cerejeira voltaria a crescer e a palmeira e as rosas de natal também. Falou que, na verdade, o fogo era até bom para o solo.

Na quinta-feira, eu me forcei a falar com o Neil, embora meu coração estivesse tão devagar que achei que fosse parar de bater (mas não precisava me preocupar, porque depois da conversa ele estava batendo duas vezes mais rápido). Fui até sua mesa e fiquei parada ali até que ele levantou os olhos, então eu disse: “Que bom que você está bem”; não era uma coisa muito legal de se dizer, mas não consegui pensar em nada melhor.

Em todo caso, acho que ele nem me ouviu. Olhou através de mim e voltou para seu livro. Fiquei ali mais um minuto, depois fui para o meu lugar.

Naquela tarde, o Pai fez uma coisa que vinha adiando: começou a arrancar a cerca. Arrancou com um pé de cabra, forçando a alavanca para a frente e para trás, com a ajuda do Mike. A madeira esganiçava e se partia, o jardim logo ficou cheio de vidro, concreto e tábuas quebradas. O Pai pegou a maçaneta de metal e colocou-a sobre a lareira, onde ela começou a brilhar, triste. Parecia saber que não seria mais necessária.

Fiz espaguete à bolonhesa no jantar, fritei as cebolas e a carne moída e fervei o espaguete e tudo que o Pai fez foi mexer. Perguntei se a gente podia fingir que o molho não era de lata e ele falou que sim, e, enquanto comíamos, o Mike perguntou: “Posso pegar a cozinheira emprestada?”, e o Pai disse que iria pensar no assunto, e eu não me lembrava de ter ficado tão feliz na vida.

Mais tarde, quando o Mike já tinha ido embora e nós estávamos lavando a louça, perguntei: “A gente pode convidar a May e a Elsie e o Gordon?”.

“Agora não”, o Pai disse.

Esperei um minuto e falei: “Você vai voltar para os encontros de novo?”.

E ele disse: “Judith, eu não quero falar nisso”. Então nós não falamos.

Mas, um pouco depois, quando eu estava no meu quarto, falei para Deus: “Por favor, ajude o Pai”.

Deus disse: “Eu não posso ajudar. É ele que tem que se ajudar”.

“Ele está tentando.”

“Então fala para ele tentar mais.”

Levei meu diário para a cama comigo, virei três páginas e escrevi: “O Pai já está melhor?”. Depois, virei mais três e escrevi: “E agora?”. Continuei virando páginas e escrevendo e caí no sono com o diário nas mãos.

O último dia em que escrevi foi uma quarta-feira. Mas, do jeito como as coisas foram, nem chegamos tão longe assim, porque, exatamente na noite seguinte, aconteceu uma coisa que acabou com tudo aquilo. Na verdade, acabou com quase tudo, e eu nem vi que estava para acontecer.

Onde conseguir sementes de mostarda

D. S. Michaels
The Old Fire Station
Milton Keynes
MK2 3PB

Cara Judith,

Que bom ter notícias suas! É claro que me lembro de você e da nossa conversa naquele domingo. Sinto muito em saber que as coisas têm sido tão difíceis para você e seu pai. Conforme esse mundo se aproxima do fim, devemos estar atentos, pois Satanás tentará nossa integridade. Tenho certeza de que, independentemente do que aconteça, Deus não se esquecerá do amor que seu pai demonstrou em Seu nome e o aceitará no rebanho de braços abertos, quando ele estiver pronto para voltar. Tenho certeza de que seu próprio exemplo de fé é fonte de coragem para seu pai. Temo dizer que estou muito ocupado e que não poderei comparecer à sua congregação por um tempo, mas rezarei por vocês dois.

Quanto às sementes de mostarda, eu não sabia que seu desejo era cultivá-las. Não sei ao certo o que você pode fazer a respeito. Acho que a

maioria das pessoas se limita a moer as sementes. Se você quiser tentar mais uma vez, eu as consegui numa loja Tesco. Se você não encontrar lá, pode tentar em uma loja de produtos naturais ou de jardinagem.

Espero ansiosamente reencontrá-la na próxima visita à sua congregação.

*Amor em Cristo,
Seu Irmão,
Derek Michaels*

Uma descoberta

Cheguei em casa na sexta-feira e virei a chave na porta da frente, mas não senti o clique. Pensei que tinha me esquecido de trancar quando saí para a escola naquela manhã e fiquei muito feliz que o Pai ainda estivesse no trabalho e não ficasse sabendo. Fui para a cozinha, fiz um sanduíche e um suco, subi a escada.

Passei pelo patamar concentrada em equilibrar o sanduíche e o suco, pensando no passeio de balão que o Pai e eu iríamos fazer, então não vi que a porta do meu quarto não estava fechada. Quando vi, meu estômago deu um nó. Empurrei a porta e vi duas coisas.

A primeira coisa era o Pai sentado na cama. Ele não levantou os olhos e sua cara estava vermelha e amarrotada, como se tivesse acabado de acordar, e ele cheirava a cerveja. A segunda coisa era que ele estava com meu diário nas mãos. Então o quarto se lançou para trás e o Pai e o diário se lançaram para a frente. Ouvi minha voz dizer: “Por que você não está no trabalho?”.

“Não tem trabalho nenhum”, ele disse e, quando levantou a cabeça, vi que seus olhos estavam turvos e meio fechados. “Dois mil demitidos.”

“O quê?”

“A fábrica fechou”, ele disse.

Pisquei forte os olhos. “Mas vocês acabaram de voltar.”

“A greve foi o fim. Perdemos metade dos clientes.”

“Vai abrir de novo?”

“Eu não sei!”, o Pai disse. “Você é que pode me falar, não é? Afinal, é você que tem poderes mágicos aqui, não é?”

Fiquei tonta.

Ele deu risada. “Eu até achei que você já sabia! Talvez *you* é que tenha fechado a fábrica! Não é isso que você fica fazendo? Você faz as coisas acontecerem. *E depois você escreve nesse maldito diário!*” Ele disse essas últimas palavras e se levantou, batendo a cabeça na luminária de balão, o quarto rodou para lá e para cá.

“*E eu lá, achando que Doug queria me pegar porque eu estava trabalhando!*”, ele berrou. “*Que o problema com a casa era por causa da greve! Que era só coisa de moleque! Você me falou que ia parar com esse negócio de milagre, Judith! VOCÊ ME DEU A SUA PALAVRA!*”

Ele chegou mais perto e eu vi as veias de seus olhos.

Coloquei o prato e o copo de lado, não conseguia olhar para ele, ficava olhando para o meu sanduíche.

Ele disse: “Eu *falei* pra você, Judith! Eu *falei*, eu *falei pra você...* pra parar com essas coisas...”. Aí sua voz falhou, ele se sentou na cama e seus ombros começaram a chacoalhar.

Falei: “Tudo que fiz foi ter fé”, e minha voz era só um arzinho. “Foi Deus quem fez o resto.”

“*MALDITO DEUS!*”, ele berrou.

“Eu só estava tentando ajudar”, falei.

Ele se levantou. Parecia um louco. Ele disse: “Quer saber o que eu acho da sua ajuda?”. Pegou meu diário e rasgou a capa. Tentou rasgar o miolo também, mas a lombada era forte demais e só ficou se torcendo para um lado e para outro. Isso o deixou ainda mais furioso. Ele começou a rasgar punhados de páginas e suas mãos tremiam e se agitavam. Quando restavam apenas algumas folhas, ele jogou o diário no chão e olhou ao redor.

Vi o que iria acontecer um segundo antes, mas eu ainda

estava muito lenta. Gritei e corri na direção dele, mas ele já tinha puxado um campo da Terra Gloriosa, e as casas, as árvores e o gado choveram sobre nós. Agarrei seu braço, mas ele me empurrou e começou a varrer rios, castelos, palácios e cidades para os céus. Desenterrou árvores, achatou montanhas, esmagou casas sob os sapatos.

Eu me pendurei em seus braços, eu me pendurei em suas pernas, nós caímos, ele se levantou de novo, jogou as estrelas no chão, quebrou a lua, derrubou os planetas. Rasgou o sol e a gaiola se partiu. O mar rachou com um barulho de louça caindo e os barcos viraram. O céu caiu na terra e a terra se despedaçou. Camas e cadeiras, bules e arbustos, roseiras e varais, moinhos de vento, forcados, tortas de ameixa e castiçais foram chovendo a nossa volta. Cachorros de feltro uivavam, peixes se debatiam, zebras relinchavam, leões rugiam, dragões cuspidores de fogo cuspiam fogo, escorpiões corriam em círculos. Eu tentava salvar todos eles, mas pegava um e deixava o outro cair, e todo o ar estava cheio de penas e barro e fios e contas e cabeças e braços e pernas e cabelos e plumas e pedras e areia e asas. E, em muito pouco tempo, não restava mais nada além de um monte de tranqueiras velhas.

O Pai ficou de pé, ofegante, balançando. Olhou ao redor e depois se lançou para a porta. Ela bateu logo atrás dele e eu o ouvi tropeçar escada abaixo. Aí eu também caí, mas não sabia onde, porque já não havia lugar, e não sabia por quanto tempo, porque já não havia tempo. O escuro encheu meus olhos porque já não havia luz e não fazia sentido levantar de novo porque o que havia sido feito nunca mais poderia ser consertado.

O fim do mundo

Eu estava no escuro quando ouvi uma voz. A voz estava dizendo: “Acorde”.

“Me deixe em paz”, falei.

“Acorde”, a voz repetiu.

“Vá embora.”

“Você tem que acordar”, a voz falou.

“Por quê?”

“Você tem que acordar”, a voz disse. “Porque o mundo está acabando.”

Abri um olho.

Na minha frente, o que parecia uma floresta. Fibras apontando para cima, e as fibras eram verdes.

Abri os dois olhos.

Minha bochecha estava apertada contra um pedaço de carpete verde. O carpete tinha pertencido à Terra Gloriosa.

Eu me sentei.

O cobertor que me cobria caiu. O luar entrava pela janela.

Olhei ao redor. Depois encostei a cabeça na parede e não quis mais olhar.

“Levante!”, a voz disse.

“Vá embora”, sussurrei.

“Você não pode perder nem mais um segundo!”

“Vá embora.”

“Você não sabe o que isso significa?”

“*Por favor*, vá embora”, falei.

Mas a voz não ia embora. “O que você está vendo?”, ela perguntou.

“Está tudo quebrado”, respondi, enfim, e fechei os olhos.

Deus disse: “Exatamente!”. Ele suspirou. “Judith, estou tentando ajudar você, mas o tempo está acabando.”

“Como assim acabando?”, falei.

“Pense um pouco.”

Abri os olhos e, dessa vez, eu disse: “Não”.

“Sim”, Deus falou.

“Não. Você não quer dizer que...”

“Quero, sim.”

Balancei a cabeça. “É impossível.”

“Como é que é a palavra mesmo?”

“Impossível”, repeti.

“Todas as outras coisas não aconteceram?”

“Sim, mas... Isso significaria que...”

“Armagedom”, Deus falou. E deu risada. “Você queria que o mundo acabasse. Você Me pediu isso várias vezes.”

Eu precisava ir ao banheiro. Fiquei de joelhos. “Quando?”, perguntei.

“Iminente.”

“Quanto tempo tenho?”

“Umas duas horas”, Deus disse.

“Ah, meu Deus.” Eu me apoiei na parede. Aí falei: “Preciso contar para as pessoas”.

“Você já contou para as pessoas”, Deus disse. “Faz anos que você vem contando.”

“Eles teriam ouvido se soubessem que era hoje à noite.”

Deus deu risada. “Você acha mesmo?”

“Teriam, sim, se soubessem que iria acontecer de verdade.”

“Então seria pela razão errada”, Deus falou. “Em todo caso, como você convenceria as pessoas?”

“Não sei”, eu disse. “Tenho que tentar.”

“Judith”, Deus falou, “são quatro e meia da manhã. O que você vai fazer? Gritar no telhado?”

Tudo estava rodando. Pensei em como os Irmãos ficariam felizes: as frieiras da May iriam melhorar, e as juntas da Elsie também. Nel andaria de novo. O cabelo do Alf cresceria. A úlcera do tio Stan iria sumir. E Gordon nunca mais ficaria deprimido. E Josie poderia fazer roupas para as pessoas por toda a eternidade. E o Pai iria ver a Mãe. E eu também!

“Mas”, falei, “e as outras pessoas?”

Deus não respondeu nada por um tempo. Depois, Ele disse: “Você sabe o que vai acontecer com as outras pessoas”.

E Ele estava certo: eu sempre soube, mas agora que estava para acontecer era diferente. “Não tem nada que Você possa fazer?”, perguntei. “Talvez o mundo ainda não esteja pronto para ser destruído! Talvez ainda existam coisas boas nele.”

“Por exemplo?”, Deus perguntou.

Tentei pensar. “A senhora Pew!”, falei de repente.

“A *senhora Pew?*”, Deus repetiu. Parecia que Ele não tinha gostado muito da minha sugestão.

“É!”, eu disse. “E o Oscar!... e a *tia Jo!*... e o Mike! E o Joe e o Watson e a Sue Lollipop... e a *senhora Pierce!*”

“Eles não acreditam em Mim”, Deus disse.

“Mas...”, falei. “Você não pode simplesmente matar todos eles!”

“Você sabia que isso iria acontecer.”

“E as crianças — as pessoas que nunca ouviram falar de Você —, as pessoas que não escutaram quando tocamos a campainha porque estavam no telefone, ou porque o bebê estava doente, ou porque tinham ouvido coisas ruins sobre nós, ou porque estava chovendo?”

“Lamento muito”, Deus disse, “não posso fazer nada. Não

posso ficar por aí eternamente. Sempre existirão aqueles que não sabem, que não ouvem, que estão muito ocupados. Não é culpa Minha.”

“E também não é culpa deles!”, rebati. Eu estava começando a achar que iria passar mal e ir ao banheiro, ao mesmo tempo. “Você não pode simplesmente *perdoar* todos eles?”, perguntei.

Deus deu risada. “Olha só quem está falando em perdão! Olha aqui, Eu estou esperando por isso desde o Jardim do Éden. Agora você não acha que vou adiar mais umas semanas, acha?”

“Então, no fim das contas, não foi o Pai quem fez o fim do mundo, foi?”, eu quis saber.

“Bom, sim e não. Na verdade, não faz a menor diferença. Aconteceu. E Eu faria acontecer de um jeito ou de outro.”

“E agora já era”, eu disse e olhei em volta. “Se eu pudesse consertar as coisas! Mas não vou conseguir. Demoraria muito.”

Mas, na verdade, eu já não estava pensando na Terra Gloriosa. Estava pensando na sra. Pew e no Oscar, em Sue Lollipop e sua viagem para as Bahamas, na sra. Pierce e no Mike. Estava pensando em tantas outras coisas que parecia que elas lotavam minha cabeça, porque podia ser a última vez que eram lembradas — pensando no que a neve fazia com o mundo e em como seria na primavera, em como a cerejeira iria voltar à vida, nas rosas de natal da Mãe, em como a montanha ficaria verde no verão, e o Pai e eu iríamos subir no balão de ar quente e ver todo o vale. Eu estava tentando imaginar tudo isso se acabando, era muito difícil.

“Então eu não posso salvar ninguém?”

“Não.”

Eu me deixei cair, preendi as mãos, tentei fazer com que elas parassem de tremer. Disse: “Como vai ser?”.

“Vai ser a coisa mais grandiosa que o mundo já viu.”

“E, então, o novo mundo”, falei.

Deus disse: “É o que você quer, não é?”.

Não falei nada porque era o que eu mais tinha desejado desde sempre.

Fechei os olhos. “Sem doença, sem morte?”, perguntei.

“É isso aí.”

“E Você vai enxugar as lágrimas dos olhos das pessoas?”

“Vou.”

“E o Pai e eu vamos viver lá, e vamos ver a Mãe, e vai ser como era no início?”

Deus disse: “Como é que é?”.

“E vamos ver a Mãe de novo.”

“Não essa parte”, Deus falou. “A outra.”

“E vai ser como era no início.”

“Não, não, a primeira parte”, Deus disse.

“E... o Pai e eu vamos viver lá...”, falei.

“Essa mesmo”, Deus falou. “Veja bem, é sobre essa parte que não tenho muita certeza.”

“O *quê?*”, rebati.

“Bom”, Deus começou, “seu Pai. O que quero dizer é: será que você realmente pode chamar seu Pai de crente? Já faz um tempo que as atitudes dele não são muito boas.”

Pisquei forte mais uma vez. “O Pai acredita em Você!” Eu disse. E dei risada. “Você sabe que ele acredita! Ele só andou um pouco cansado nos últimos tempos, as coisas ficaram complicadas para ele...”

Mas Deus estava dizendo: “Não. Não tenho certeza de que ele acredite em Mim, não”.

“Você não está me *ouvindo?*”, falei. Levantei em um pulo. “Você tem que salvar o Pai!”

“Nada disso muda o fato de que ele perdeu a fé em Mim.”

“Não!”, berrei. “Ele não perdeu a fé! Você não pode fazer nada?”

E, então, Deus olhou para mim. Senti seu olhar, tudo ficou quieto e minha pele se arrepiou. Ele disse: “Se eu fosse você, estaria me fazendo essa mesma pergunta”.

“*Eu?*”, falei. “O que *eu* posso fazer?”

Deus deu risada. “Judith, olhe para o que você já fez!”

Pisquei forte. Apoiei a cabeça nas mãos. Quando a ergui de

novo, eu disse: “Fiz um monte de coisas, não fiz?”. E, então, com uma voz mais baixa, uma voz tão pequenina que somente Deus poderia escutar, falei: “Se alguém tem que morrer, esse alguém tem que ser eu”.

“Garota esperta”, Deus disse, suavemente.

“O quê?”, falei.

“Bom”, Deus continuou. “É claro que você tem razão: se não fosse por você, nada disso teria acontecido. Você é a única pessoa que pode salvar seu pai. Ele pecou, Judith. Ele perdeu a fé — o maior de todos os pecados. Ele merece morrer. Ele *vai* morrer. A menos que alguém o salve...”

“Quem?”, perguntei. “Como?”

Deus suspirou. “Você não se lembra? Olho por olho, dente por dente...”

“Vida por vida”, eu disse.

“Se alguém viesse Me entregar a vida em troca...”

“Ah”, falei, e minha voz saiu silenciosa, como uma brisa de passagem para outro lugar.

“Não tem outro jeito”, Deus falou. “É a Lei Fundamental. Lembra?”

Senti o vento dar um tapa na minha cara, como se eu estivesse na beira de um abismo, senti o chão se mexendo sob meus pés.

“Você ama seu pai, não ama?”, Deus perguntou.

“Amo.” Mas eu já não estava pensando no Pai. Não estava pensando em nada.

Deus disse: “E agora, você vai salvar seu pai? Ande logo e decida, senão você não vai precisar nem se incomodar em decidir”.

“Sim”, falei, porque, na verdade, não tinha nenhuma decisão a ser feita. Houve um momento em que eu me perguntava se, no fim, chegaria a ver a Terra Gloriosa, mas isso também já não tinha mais importância.

Mas eu precisava ter certeza de uma coisa. “Se eu fizer isso”, falei de repente, “Você vai ter que me prometer, Você vai ter

que me *prometer* que o Pai não vai morrer.”

“Cadê a sua fé?”, Deus perguntou.

“*Eu quero que Você prometa!*”, berrei.

“Está bem!”, Deus falou. “Que coisa! Você tem a Minha palavra.”

Engoli em seco e olhei para meus pés. Eu disse: “Será que posso ver o Pai?”.

“Bem rápido.”

Fui até a porta. Queria ir rápido, mas meu corpo se movia como se estivesse ficando sem bateria.

De frente para a porta, pus a mão na maçaneta. “Deus”, eu disse, “eu posso mesmo salvar o Pai?”

“Pode”, Deus falou, “pode sim.”

O maior milagre de todos

Fechei a porta do quarto e percorri o patamar e nada era real. Desci a escada, degrau por degrau, segurando no corrimão, e eles também não eram muito reais. No pé da escada, uma luz passava pela vidraça da porta da cozinha. Atravessei o corredor e virei a maçaneta.

O Pai estava sentado à mesa, de costas para mim. Ele era a única coisa que parecia de verdade. Fechei a porta.

Dava para ver sua camisa subir e descer. Dava para ver a luz refletindo nos seus cabelos. Dava para sentir seu cheiro e escutar sua respiração. Fiquei ali por uma eternidade, só ouvindo e olhando para ele.

De repente, ele se virou. Pôs a mão no peito e disse: “Você quase me mata de susto”.

“Desculpe.”

“Achei que você estava dormindo.”

Sua voz já não estava grossa e seus olhos não estavam mais turvos e sua cara tinha ficado cinza, em vez de vermelha. Ele disse: “Subi para botar um cobertor em cima de você. Não queria acordar você...”. Ele parecia muito triste.

O Pai parou de falar e fiquei feliz porque eu tinha muito que dizer a ele e não me restava muito tempo. Respirei fundo e

disse: “Pai, me desculpe por ter criado problemas para você com os mais velhos e me desculpe por não ter ouvido o que você disse sobre os milagres”.

Ele balançou a cabeça e passou a mão nos cabelos. “Ah, Judith, não é culpa sua. Realmente você não ajudou muito, mas ia dar problema de qualquer jeito, com a greve e tudo o mais.”

“Não!”, falei, e meu coração batia forte. “Fui eu! Se você soubesse metade das coisas que fiz!”

O Pai disse: “Está bem. Não vamos falar nisso agora”.

Baixei a cabeça e disse: “Eu fiz tudo”.

Aí o Pai falou: “Judith!”, então eu fiquei quieta.

Ele pôs o indicador e o dedão nos cantos dos olhos, como se eles estivessem ferindo seu rosto. Quando tirou os dedos, seu rosto parecia ainda mais cinza que antes e seus olhos estavam mais vermelhos e cansados do que nunca. Ele disse: “Me desculpe pelo seu quarto”.

“Está tudo bem.”

Ele pôs a cabeça nas mãos. “Não está tudo bem, não, mas agora já foi. Eu estava bêbado.” Tirou a cabeça das mãos e disse: “Você sabe que eu amo muito você, não sabe?”.

As palavras saíram muito estranhas. Rolaram para o meio da cozinha e ficaram se agitando ali entre nós, ficamos ouvindo até elas sossegarem e depois se fez um grande silêncio.

Eu estava tentando pensar rápido, estava tentando pensar no que dizer, mas era complicado porque meu coração doía e estava difícil de respirar. O Pai voltou a se virar para a mesa. Ele disse: “Eu amo você mais do que você sabe”.

Então meu coração começou a doer mais do que tinha doído em toda a minha vida e achei até que ele tinha se partido, mas pelo menos soube o que dizer. Eu disse: “Eu sei, sim”. E, de repente, sabia mesmo.

Eu me lembrei de que ele tinha cuidado de mim esse tempo todo, apesar de eu ter feito a Mãe morrer, tinha me levado ao médico quando eu era pequena e lido a Bíblia para me ajudar a falar, ele tinha me alertado sobre os milagres para

me proteger, não tinha falado nada sobre a greve para não me deixar preocupada, tinha corrido atrás dos garotos para me proteger, pegado minha mão para eu não ficar com medo quando andamos no meio das bicicletas, me perdoado quando menti, construído a cerca para me manter segura, fingido que o bilhete passado pela porta não era sobre mim, sentado na minha cama depois do acidente e me dito que tudo ficaria bem, tinha se oferecido para me levar ao encontro, apesar de ele não poder participar, comprado peixe frito com batatinha e caminhado de mãos dadas comigo por dezessete quilômetros naquele dia, e ainda iria me levar para dar uma volta de balão.

Ele estava dizendo. “Não fui um pai muito bom para você, mas eu tentei. Tem umas coisas que nunca consegui falar para você, coisas sobre o tempo logo depois que sua mãe morreu, você de repente estava lá, pedindo atenção, pedindo cuidado, pedindo tantas coisas, e eu não tinha nada — droga, eu mal podia cuidar de mim mesmo. Às vezes não consigo nem olhar para você, porque você me lembra muito a sua mãe.” Ele suspirou. “Isso não deve estar fazendo muito sentido...”

Ele estava dizendo outras coisas também, mas falava muito rápido e eu ainda estava pensando na primeira coisa que ele tinha dito, aquele negócio de me amar. O que ele falou depois não tinha muita importância. Finalmente ele parou de falar, mas não olhou para mim, e eu fiquei feliz, porque ele não gostava de ver gente chorando. Ele disse: “Bom. A gente tem que olhar para o futuro agora”, e eu falei: “É”, mas sem pensar direito.

Aí ele falou, suavemente: “Já é quase amanhã. É melhor você subir”. E me lembrei de que era tarde demais, muito mais tarde do que ele ou qualquer outra pessoa podia imaginar, e que eu só tinha descido para dar adeus, mas ainda não conseguia partir.

Ele disse: “A gente conversa melhor amanhã”.

“Tá bom.”

“Boa noite, Judith.”

“Boa noite.”

Como não me mexi, ele se virou, e fui até a porta. “Pai?”

“Sim?”

“Não se preocupe com nada! Vai ficar tudo bem. Vai ser melhor do que você imagina.”

Ele deu risada, um som seco que se partiu ao meio, fez que sim com a cabeça, mas não se virou de novo.

Ele disse: “Vá para a cama, Judith”.

Não consegui pensar em mais nada a dizer, então olhei para ele pela última vez e abri a porta. Fechei a porta atrás de mim e enxuguei o rosto. Subi a escada, passo a passo, segurando no corrimão.

O espaço onde os milagres acontecem

E foi assim que aprendi que tudo é possível, em todos os tempos e em todos os lugares e para todos os tipos de gente. Se você acha que não, é só porque não consegue ver como está perto, como só precisa fazer uma coisinha que tudo vai começar a acontecer para você. A fé é um salto: você está aqui, a coisa que você quer está lá. Há um espaço entre você e ela. Você só tem que saltar. Andar sobre as águas, mover montanhas e trazer os mortos de volta à vida não é difícil. Você dá o primeiro passo e o pior já passou, você dá o segundo e já está na metade do caminho.

Os milagres não têm que ser coisas grandes e podem acontecer nos lugares mais improváveis. Podem acontecer no céu ou em um campo de batalha ou em uma cozinha no meio da noite. Você não precisa nem acreditar que milagres são possíveis para eles acontecerem, mas você vai saber quando acontecer porque alguma coisa muito simples, que você nunca achou que poderia ser algo, no fim é um montão. É por isso que os milagres dão mais certo com as coisas simples, quanto mais simples, melhor. Quanto mais miúdas, maior o milagre.

Vida por vida

Meu quarto estava escuro. Eu disse: “Você está aí?”, mas ninguém respondeu. Fui até a janela e abri as cortinas, a lua entrou. Ela estava deixando a fábrica e os postes prateados, fazia os trilhos do trem brilharem como a gosma deixada por uma lesma.

Fiquei olhando para a cidade, para as antenas de televisão, os telhados e as chaminés, os cabos do telégrafo subindo e descendo o vale, e, acima de tudo isso, a montanha escura, ainda mais escura contra o branco da lua, e era engraçado, mas, pela primeira vez, tudo parecia muito bonito, como o Irmão Michaels tinha dito, e, em mais alguns minutos, tudo iria se acabar.

Eu me virei para dentro do quarto. Botei de lado mastros, garfos e cercas de jardim, folhas e galhos, fitas de arco-íris, fios onde pousavam os pássaros, as cristas brancas das ondas, tufo de nuvens. A mágica tinha acabado, o sol era só uma gaiola; o mar, um espelho; os campos pareciam apenas pedaços de pano e as montanhas, papel machê e cascas de árvore.

Fiquei me perguntando o que o Pai iria fazer com a Terra Gloriosa. Provavelmente só a jogaria em sacos pretos para os lixeiros. As colinas de caixa de ovo virariam papel, a casa de

pote de balas de caramelos seria um novo pote de caramelos ou um copinho, as casas de caixa de leite seriam caixas de leite e mais outras coisas quando estivessem vazias outra vez, as penas e palhas poderiam ser novamente ninhos de pássaros de verdade, a madeira e as cercas vivas seriam novas árvores e cercas vivas, as pedras um dia voltariam a ser montanhas, as conchas virariam areia, a areia, vidro, e o vidro, talvez, um espelho novo.

Quase tudo mudaria, mas uma ou duas coisas continuariam iguais ao que eu tinha feito. Talvez o barco a vela, talvez ele finalmente encontrasse seu caminho até o mar e, então, os pequeninos pescadores veriam pássaros de verdade, provariam jorros d'água de verdade em suas bocas e brisas de verdade deixariam seus rostos vermelhos. Talvez alguns pedaços bem pequenos de tecido, um pouco de purpurina ou a menor das contas coloridas pudessem ficar aqui nesse quarto, embaixo das tábuas do assoalho, nos cantos e nas frestas, com as aranhas e os ratos.

Aí me lembrei de que não seria mais um quarto e que o Pai não iria fazer nada com a Terra Gloriosa e que a Terra Gloriosa não estaria em lugar nenhum — ou melhor, estaria em todos os lugares, porque seria de verdade.

Puxei uma cadeira e a coloquei no espaço que eu tinha aberto. Subi na cadeira. “Trinta e um minutos”, uma voz disse.

“Ah, Você está aí”, falei. E parei. “É Você mesmo, não é?”

Deus disse: “E quem mais poderia ser?”.

“Não sei”, respondi. “Você fez uma voz estranha.”

“Estranha como?”

“Diferente”, falei. “Bom... meio parecida com a *minha*.”

“Não seja boba”, Deus disse. “Você é você e Eu sou Eu.”

“É”, falei. “Me desculpe. É que aconteceu muita coisa hoje à noite.”

Eu me equilibrei nas pontas dos pés e desatarraxeï a lâmpada.

“Vinte e nove minutos e meio”, Deus disse. “E contando.”

Pus a lâmpada na cadeira e ela rolou para a frente e para trás.

“Silêncio!”, Deus falou. “Nós não queremos interrupções.”

Desatarraxei a luminária de balão de ar quente e também a coloquei sobre a cadeira, mas ela caiu no chão.

“Ótimo”, Deus disse. “Maravilha.”

Testei o cabo de luz. Desci e peguei a gravata do meu uniforme da escola. Subi de novo e amarrei uma ponta da gravata no cabo de luz acima do bocal e dei um puxão. Fiz um laço na outra ponta da minha gravata e o deixei bem aberto. Passei minha cabeça dentro do laço. O tecido era macio sobre minha pele. Pensei que a gravata devia estar se perguntando onde estava o colarinho.

O quarto era estranho visto do teto: apenas uma caixa, bem menor do que sempre pareceu. Eu me perguntei se já não teria dado um passo para fora da cadeira, porque meus braços e pernas pareciam estar caindo, mas não estavam, eu não estava caindo, falei para mim mesma. Tinha algo zunindo nos meus ouvidos, como se a gravata estivesse se apertando. Mas não estava, falei para mim mesma. Ainda não.

Olhei para a Terra Gloriosa. “Era tão boa no princípio”, eu disse. “Agora acho que teria sido muito melhor se nunca tivesse feito nada disso.”

“Todos nós cometemos erros”, Deus disse.

“O que Você falou?”

“Eu disse: todos nós cometemos erros”, Deus disse.

“Nós?” Afrouxei o nó da gravata.

“Você, Eu — todo mundo.”

Eu estava começando a passar mal. “Você tem certeza disso?”, perguntei.

“Ah, sim, claro”, Deus respondeu. “Cem por cento de certeza. Vinte e três minutos e meio.”

Tinha um ruído no quarto, alguma criatura respirando com dificuldade. “Que barulho é esse?”, perguntei.

“É você”, Deus falou. “Não pode respirar mais baixo?”

“Não”, eu disse.

Meus joelhos estavam esquisitos agora, como se quisessem cair para a frente, embora eu estivesse com muito medo disso, e minha perna esquerda não parava de bater na cadeira.

Tirei um pé da cadeira e me segurei na gravata. Fechei os olhos e levantei o outro pé. A escuridão latejou e me invadiu. Luzes coloridas e sons sibilantes tomaram minha cabeça. Pus os dois pés na cadeira e me segurei na gravata, meu corpo estava molhado, como se eu tivesse acabado de correr, e meus dentes rangiam.

“Dezenove minutos e nove segundos.”

Meu pé escorregou. Algo quente escorreu pelas minhas pernas. Engoli em seco, tentava segurar o choro com todas as minhas forças.

“Dezenove minutos e dois segundos”, Deus disse.

E, então, falei: “Você sabe o que eu queria?”.

Deus deu risada. “Se Eu fosse você, pensaria com cuidado antes de fazer mais algum pedido. Os últimos não deram muito certo.”

“Eu queria que Você fosse embora e não voltasse nunca mais.”

“O quê?”, Deus falou.

Eu me segurava na gravata. “Eu não quero falar com você nunca mais.”

Deus disse: “Você não está falando sério”.

“Estou”, rebati. “Estou, sim.”

“Cuidado com o que você fala.”

“Não interessa”, falei. “Você não pode fazer mais nada comigo agora.”

Deus disse: “Você vai lamentar”.

“Não”, falei, tirando as mãos da gravata. “Eu já lamento.”

Um pensamento bom

Meu quarto ficou em silêncio. Respirei fundo, mas não consegui chutar a cadeira.

Tentei pensar no que o Pai faria se fosse eu e concluí que ele tentaria pensar um pensamento bom. Então, tentei. Pensei em como era bom agora que Deus tinha ido embora, era como no princípio. Mas, pensando bem, não era como no princípio, porque agora eu sabia que nada do que eu tinha feito era bom.

Tentei de novo. Pensei que o Armagedom chegaria de verdade dentro de poucos minutos e todas as coisas ruins sumiriam e o mundo seria como sempre deveria ter sido. Mas aí me lembrei de todas as pessoas que Deus iria destruir e logo em seguida já não consegui pensar nisso também.

Olhei para baixo e vi uma das pessoinhas que tinha feito no princípio. Um braço tinha caído do corpo, mas a cara continuava a mesma. E foi aí que tive o melhor pensamento de toda a minha vida. Pensei no Pai indo para a Terra Gloriosa e reencontrando minha mãe.

O Pai veria a Mãe de pé um pouco adiante. Alguma coisa nela iria fazer com que ele se aproximasse. Aí ela iria se virar e ele não conseguiria acreditar no que estava vendo. Mas teria que acreditar porque seria verdade. Eles sairiam caminhando juntos,

deixando uma trilha na grama, às vezes a mão da minha mãe ficaria dentro da do Pai, e outras vezes o braço dele ficaria sobre os ombros dela. E todas as ruas e todos os rios e todos os nomes e lugares desse mundo, todas as pessoas que existiram, existem e existirão não seriam nada nesse momento.

Eu sabia que era possível, sabia que eles realmente poderiam ficar juntos se eu desse um passo à frente. Mas, ainda assim, eu não conseguia. E, então, percebi que não era porque o Pai não me amava, mas porque eu não amava o Pai o suficiente. E, quando pensei nisso, o mundo ruiu.

Desfiz o nó, pulei da cadeira e comecei a chorar, mas não era exatamente chorar, era mais passar mal, como se estivesse me revirando de dentro para fora.

Não sei por quanto tempo estava chorando quando ouvi alguém dizer: “Judith”. O Pai estava ali.

Seu rosto estava branco. E aí ele já estava ao meu lado, no chão, me puxando com força e me segurando muito apertado, falando sem parar: “Me desculpe” — e era tudo muito estranho, como se eu estivesse em um sonho.

Não sei por quanto tempo ficamos ali, mas não estávamos em lugar nenhum e já não havia tempo. Fomos puxados para cima, estávamos queimando, eu não sabia que uma pessoa podia fazer aquilo comigo e talvez eu estivesse fazendo o mesmo com ele.

E, então, aconteceu uma coisa. O relógio da sala começou a badalar, e eu parei de respirar e olhei para ele. Fiquei de pé, o meu peito subia e descia.

Ele disse: “Qual é o problema?”. Ele disse: “Judith! Mas o que...”.

Eu ouvia aquelas pancadas e, a cada uma delas, uma pequena parte de mim passava para a inexistência e, a cada nova pancada, vinha uma nova parte de mim e tomava seu lugar.

Aí as pancadas terminaram e eu olhei para ele. Falei: “Ainda estamos aqui”.

Ele piscou. “Onde você queria que estivéssemos?”

“Não sei.”

“Judith, do que você está falando?”

Comecei a chorar de novo. Eu disse: “Estamos vivos, não estamos?”. Eu me agarrava à manga da sua camisa, aos seus ombros. Minhas mãos estavam agitadas.

Ele disse: “Judith”, e aí começou a chorar também.

Falei: “Eu tentei salvar você. Achei que o mundo ia acabar”, e não dissemos mais nada por um tempo. Depois ele deu risada, fungou e disse: “Bom, parece que o mundo ainda está aqui, acho”.

Balancei a cabeça. Fiquei olhando para ele. “O que a gente vai fazer agora?”, perguntei, porque realmente não conseguia pensar em nada. Não conseguia ver como seria de agora em diante.

O Pai enxugou os olhos. Ele disse: “Bom, sempre dá para tomar um café da manhã”.

“E depois?”

“Eu não sei... a gente pode dar uma volta.”

“Onde?”

Ele pensou um pouco. “Lá na montanha. No Silent Valley, talvez. A gente pode ver o sol nascer.”

Enxuguei os olhos. Olhei ao redor. “E a Terra Gloriosa?”

“A gente cuida disso quando voltar.”

Bati os olhos no cartão da tia Jo e puxei a manga da camisa do Pai. “Vamos visitar a tia”, eu disse, de repente.

Ele olhou para mim e, depois, para o cartão. Continuei puxando sua manga. Puxava bem forte. Ele disse: “Está bem”. Ele se levantou, como se estivesse muito cansado, e me ajudou a ficar em pé.

Estávamos passando pela porta quando parei. “Que foi?”, ele perguntou.

“Acho que ouvi uma coisa”, falei.

Ele me olhou. “Está tudo bem?”

“Está, sim”, respondi. “Acho que foi só minha imaginação.”

Como fazer um balão de ar quente

E agora vou mostrar para você como se faz um balão de ar quente, um que voa de verdade mesmo. Não é muito difícil, se você fizer tudo direitinho.

Você vai precisar de:

fio

uma bexiga de hélio

cola que cola tudo

barbante

tesoura

tinta acrílica

um cesto pequeno

saquinhos

uma agulha

fio de algodão

papel de seda

rede onde vêm as laranjas

cartolina (tem que ser mais fina que a usada em caixas de cereal)

fita adesiva de forte fixação

um lápis bem apontado

arroz

1. Pegue uma bexiga de hélio com formato de pera. Não as do tipo achatado, não as perfeitamente redondas, nem das mais novas. Apare a costura das bordas.

2. Corte um retângulo de cartolina e o enrole em volta da parte de baixo da bexiga, para que fique com o formato de um pequeno cilindro, e esconda a ponta. Cole por dentro e grude-o à bexiga com a fita adesiva.

3. Pinte o cilindro e o balão com listras largas, brilhantes e bem coloridas.

4. Pegue a rede de laranja e corte o rótulo. Coloque-a sobre o balão e junte as pontas na parte de baixo. Costure as pontas da rede com o fio de algodão. Vire de dentro para fora e recorte as pontas da rede. Vire para o lado de dentro e prenda no cilindro em vários pontos.

5. Passe o barbante pelo cilindro fazendo furos nele com a ponta do lápis. Pegue o cesto (do tipo que vem com sabonetinhos e que é bem leve) e passe quatro barbantes nele, um em cada canto.

6. Enfie a haste da bexiga no centro do cesto, corte a ponta da haste em quatro. Abra as pontas, dobre-as no lado de baixo do cesto. Grude com a fita adesiva.

7. Desfie papéis de seda amarelo, alaranjado e vermelho e junte-os em uma língua de fogo, grudando a chama em um fio dentro do cilindro.

8. Pegue algumas pessoinhas e coloque-as no cesto do balão.

9. Acenda a chama sobre a cabeça delas.

10. Faça quatro saquinhos com arroz e amarre-os ao fundo do cesto, com muitos barbantes. Se você quiser que o balão levante voo, deixe os sacos no chão.

Você não precisa fazer os saquinhos, mas, se eu fosse você, deixaria pelo menos um amarrado. Do contrário, o balão vai subir até o teto, ficar batendo lá por muitos dias e furar quando

você não estiver por perto para pegar o balão, e muitas pessoinhas vão morrer. Ou o balão poderá cair em uma cidade ou em uma escola ou em um shopping e vão morrer muito mais pessoinhas. Ou, se você estiver em um espaço aberto, e não em um quarto, o balão vai subir de verdade, e nunca mais teremos notícias das pessoinhas.

É claro que elas vão se divertir muito porque a vista será maravilhosa; o difícil mesmo é descer. Então sempre deixe alguma coisa amarrada. Se você quiser ir mais alto, é só dar um pouco mais de corda.

Agradecimentos

Obrigada, Clare, por descobrir uma pessoa e um livro, e por salvar os dois.

Obrigada, Clara — companheira no amor às pequenas coisas —, e obrigada, Sarah, pelos conselhos editoriais tão sensíveis e transformadores.

Obrigada, Anthony, Val e Mike, pelo tempo que dedicaram à leitura do primeiro esboço e pelos comentários valiosos.

Obrigada, Mark, Sos, Richard e Karen, por acreditarem que eu poderia fazer alguma coisa muito antes de eu mesma acreditar.

Acima de tudo, obrigada, mãe, ser humano extraordinário, por não desistir jamais.



GRACE McCLEEN estudou literatura inglesa na Universidade de Oxford e realizou um mestrado em York antes de se mudar para Londres e se dedicar integralmente à escrita e à música. *A menina que fazia nevar* é seu primeiro romance.

Copyright © 2012 by Grace McCleen

Proibida a venda em Portugal

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Land of Decoration

CAPA Joana Figueiredo

PREPARAÇÃO Juliane Kaori

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-583-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br